

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO - CAC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA LITERÁRIA

A CIDADE DAS DAMAS:
*a construção da memória feminina no
imaginário utópico de Christine de Pizan.*

Estudo e tradução

Aluna: Luciana Eleonora de Freitas Calado
Orientadora: Prof.Dra. Luzilá Gonçalves Licari
Co-orientador: Prof. Dr.Claude Roussel

Recife, maio de 2006

LUCIANA ELEONORA DE FREITAS CALADO

A CIDADE DAS DAMAS:
*a construção da memória feminina no
imaginário utópico de Christine de Pizan.*

Estudo e tradução

*Trabalho apresentado ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco para a obtenção do grau de doutor em
Teoria da Literatura*

Recife, maio de 2006

C141c Calado, Luciana Eleonora de Freitas.
A cidade das damas: a construção da
memória feminina no imaginário utópico de
Christine de Pizan / Luciana Eleonora de Freitas
Calado. [Tese de Doutorado] Recife, 2006.
368 p.
Inclui bibliografia.

1. Literatura Medieval

CDU: 82

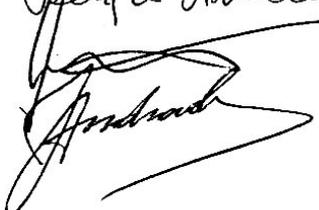


PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS / UFPE

ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO EXAMINADORA PARA JULGAR TESE DE DOUTORADO INTITULADA: “**A CIDADE DAS DAMAS: A Construção da Memória Feminina no Imaginário Utópico de Chistine de Pizan**”, DE AUTORIA DE: Luciana Eleonora de Freitas Calado, ALUNA DESTE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS.

O julgamento ocorreu às 14 horas do dia 31 de maio de 2006, no Centro de Artes e Comunicação/UFPE. Para julgar a Tese de Doutorado intitulada: “**A CIDADE DAS DAMAS: A Construção da Memória Feminina no Imaginário Utópico de Chistine de Pizan**”, de autoria de: Luciana Eleonora de Freitas, aluna deste Programa de Pós-Graduação em Letras. Estavam presentes os membros da comissão examinadora: Prof^ª. Dr^ª. Luzilá Gonçalves Licari (Orientadora), Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola, Prof. Dr. Janilto Rodrigues de Andrade, Prof^ª. Dr^ª. Beliza Áurea de Arruda Mello, Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Coutinho de Sales; sob a presidência da primeira, realizou-se a arguição da candidata. Cumpridas as disposições regulamentares, foram lidos os conceitos atribuídos à candidata: Prof^ª. **Luzilá Gonçalves Licari: APROVADA**, Prof. **Alfredo A. Cordiviola: APROVADA**, Prof. **Janilto Rodrigues de Andrade: APROVADA**, Prof^ª. **Beliza Áurea de Arruda Mello: APROVADA**, Prof^ª. **Ana M^ª Coutinho de Sales: APROVADA**. Em seguida, a prof^ª. Luzilá Gonçalves Licari, proclamou a candidata Luciana Eleonora de Freitas Calado, **Doutor em Teoria da Literatura**, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. E, nada mais havendo a tratar eu, Jozaiás Ferreira dos Santos, Auxiliar em Administração, encerrei a presente ata que assino com os demais membros da comissão examinadora.

Recife, 1 de junho de 2006.


- Luzilá Gonçalves Licari
- Ana Maria Coutinho de Sales
- Beliza Áurea de Arruda Mello
- 

SUMÁRIO

| | |
|-------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
|-------------------|-----------|

PARTE I

CAPÍTULO I

| | |
|---|-----------|
| DAMA CHRISTINE DE PIZAN: TRAÇOS BIOBLOGRÁFICOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA | 15 |
|---|-----------|

| | |
|---|----|
| I. 1 - Escrever a história das mulheres | 18 |
| I. 2 - Biografema de uma dama: seu devir escritora. | 24 |
| I. 3 - Cronologia das obras de Christine de Pizan | 33 |

CAPÍTULO II

| | |
|---|-----------|
| DAMA HISTÓRIA E LITERATURA: os alicerces da obra christiniana e seu contexto histórico | 37 |
|---|-----------|

| | |
|--|----|
| II.1- Discurso do sonho | 39 |
| II.2 – Alegoria como discurso literário | 45 |
| II.4 - Literatura da utopia: o discurso de todos os tempos | 48 |

CAPÍTULO III

| | |
|---|-----------|
| DAMA LINGUAGEM: o processo da escrita christiniana e sua representação de gênero | 58 |
|---|-----------|

| | |
|--|----|
| III.1 - Christine de Pizan e a arte de contar histórias | 58 |
| III.3- “ <i>Querelle des Dames</i> ” | 63 |
| III.2.- Espaço feminizante no campo estrutural da escrita christiniana | 65 |

PARTE II

CAPÍTULO I

| | |
|---|-----------|
| DESCONSTRUÇÃO DA <i>CITÉ DES DAMES</i> | 71 |
|---|-----------|

| | |
|---|----|
| I.1 - O discurso polêmico em <i>La Cité des Dames</i> : a querela de gênero entre Christine de Pizan e a literatura antifeminista | 71 |
| I.2 - Metáfora da construção de <i>La Cité des Dames</i> | 77 |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO II | |
| O LUGAR DA UTOPIA EM <i>LA CITE DES DAMES</i> | 83 |
| II.1 - Utopia e o mito da Idade de Ouro | 83 |
| II.2 - A importância concedida à educação | 86 |
| II.3 - A insularidade: clausura e autonomia | 91 |
| II.4 - O respeito às leis | 93 |
| | |
| CAPÍTULO III | |
| O SONHO DIURNO DE CHRISTINE DE PIZAN: A UTOPIA DE UMA CIDADE DE MULHERES | 96 |
| III.1 - O sonho diurno | 97 |
| III.2 - Consciência antecipante | 98 |
| III.3 - A esperança | 104 |
| | |
| PARTE III | |
| | |
| APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS DE <i>LA CITE DES DAMES</i> | 107 |
| | |
| LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS | 113 |
| | |
| SUMÁRIO | 114 |
| Livro Primeiro | 118 |
| Livro Segundo | 209 |
| Livro Terceiro | 318 |
| | |
| CONCLUSÃO | 359 |
| BIBLIOGRAFIA | 362 |

« L'homme n'existe que dans la mesure où il se réalise, il n'est donc rien d'autre que l'ensemble de ses actes, rien d'autres que sa vie. »
Sartre

AGRADECIMENTOS. Folha . iii.

A TODAS AS DAMAS QUE CONTRIBUÍRAM DIRETO OU INDIRETAMENTE PARA A REALIZAÇÃO DESSE TRABALHO.

A CAPES QUE VIABILIZOU MINHA PESQUISA NO BRASIL E NA FRANÇA. À MINHA ORIENTADORA LUZILÁ QUE DESPERTOU EM MIM O INTERESSE PELA QUESTÃO FEMININA. À AMIGA ANA COUTINHO, QUEM GENTILMENTE ME APRESENTOU AO PPGL DA UFPB. À PROFESSORA ZULEIDE DUARTE, PELAS SUGESTÕES FEITAS NA QUALIFICAÇÃO. ÀS QUERIDAS MULHERES DA MINHA FAMÍLIA: MINHA MÃE ELENA; POR TANTO AMOR E CUIDADOS AO LONGO DA MINHA VIDA, MINHA SEGUNDA MÃE FIRMINA, POR SEU CARINHO E DEDICAÇÃO, MINHA IRMÃ ADRIANA, QUE ME ACOLHEU COM TANTO CARINHO NA FRANÇA, MINHA IRMÃ ELIANA, COMPANHEIRA DE TODAS AS HORAS, COM QUEM APRENDO A CADA DIA; E A TODAS ELAS, PELO CARINHO, AMOR E DEDICAÇÃO, COM QUE, NA MINHA AUSÊNCIA, DESEMPENHARAM O PAPEL DE MÃE DE MEUS FILHOS. À AMIGA ANA DOURADO, PELA CONVIVÊNCIA DE AMIZADE E COMPANHEIRISMO EM CLERMONT-FERRAND. ÀS AMIGAS DE SEMPRE PETRA, IRANICE, PELA AMIZADE E APOIO MORAL DURANTE ESSES QUATRO ANOS. A ANA TÁLIA, PELA COLABORAÇÃO NA INFORMÁTICA, À MINHA FILHA HELOÍSE, POR SUA DOÇURA E COMPREENSÃO DE TANTOS FINAIS DE SEMANA SEM PASSEIOS.

A TODOS OS HOMENS QUE CONTRIBUÍRAM DIRETO OU INDIRETAMENTE PARA A ELABORAÇÃO DESSE TRABALHO.

AO CO-ORIENTADOR CLAUDE ROUSSEL, PELAS ORIENTAÇÕES DE PESQUISA NA UNIVERSITÉ BLAISE-PASCAL, EM CLERMONT-FERRAND. AO PROFESSOR E AMIGO ALFREDO CORDIVIOLA, PELO EXEMPLO DE SENSIBILIDADE, TERNURA, E COMPETÊNCIA NA ARTE DE LECIONAR. AO PROFESSOR SÉBASTIEN JOACHIM, PELA DISPONIBILIDADE E APOIO NESSES QUATRO ANOS. AO AMIGO E MESTRE ANDREA CIACCHI, PELA PRESENÇA AMIGA E INCENTIVADORA E PELOS PRECIOSOS MATERIAIS DE PESQUISA OFERECIDOS. AO MEU PAI E ETERNO MESTRE ALDER, COM QUEM APRENDI O VALOR DA UTOPIA, PELO ESTÍMULO E CONFIANÇA, E PELAS AULAS DE LATIM. AO PROFESSOR MAURICE VAN WOENSEL, QUE DESPERTOU EM MIM O INTERESSE PELA LITERATURA MEDIEVAL. AO CASAL AMIGO LULA E ROBERTA, PELA AMIZADE ETERNA. AO CASAL AMIGO ALEXANDRE E ADRIANA FIÚZA, QUE ME PRESENTEARAM COM UMA BELÍSSIMA OBRA DE CHRISTINE DE PIZAN EM PORTUGUÊS. A FRANÇOIS DEPLAGNE, PELO AMOR SINCERO, PELA CUMPLICIDADE E COMPANHEIRISMO CONSTRUIDORES DA NA NOSSA RELAÇÃO DE GÊNERO. A MEU FILHO GABRIEL LUAR, PELO SEU CARINHO E HUMOR, MESMO TENDO SIDO PRIVADO DE COMPUTADOR POR TANTO TEMPO.

RESUMO

Esta tese tem como objeto de pesquisa o estudo da obra *La Cité des Dames*, escrita em 1405, pela escritora Christine de Pizan, e sua tradução em língua portuguesa. A contribuição central dessa obra medieval consiste em apreender/compreender as relações sociais de gênero ao longo do tempo, através do resgate da memória feminina, esquecida pela História oficial; assim como a reivindicação do justo lugar para a mulher na sociedade e na literatura profundamente marcadas por traços misóginos. A escritora Christine elabora então uma cidade utópica, uma fortaleza, na qual, com a ajuda de três damas alegóricas: Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça, as mulheres serão protegidas das injustiças e hostilidade masculinas. Concebida como uma reação à produção literária da época, a obra será analisada como a utopia feminina do século XV.

A tese está dividida em três partes: a primeira diz respeito ao estudo da biografia de Christine de Pizan e a análise da construção de sua identidade feminina através de seus escritos. Em seguida, buscou-se identificar as fontes literárias e históricas que serviram de fundamento para a construção de suas obras. A segunda parte trata do estudo dos elementos utópicos na obra de Christine de Pizan. E, por último, na terceira parte, encontra-se a tradução portuguesa da *Cité des Dames*, a partir do “*Manuscrito do Duque*”.

Palavras-chave: Christine de Pizan, Literatura Medieval, Utopia, Gênero

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour but d'analyser l'oeuvre *La Cité des Dames*, écrite par Christine de Pizan, en 1405, ainsi que de la traduire en Portugais. L'apport fondamental de cette oeuvre s'annonce d'un double caractère: celui de saisir les rapports sociaux de genre des siècles durant, par l'intermédiaire de la récupération de la mémoire féminine, oubliée par l'historiographie officielle, et celui de révéndiquer la juste place des femmes dans la société et dans la littérature alors marquées de profondes traces misogynes. L'écrivaine Christine de Pizan se livre donc à l'élaboration d'une cité utopique, d'une forteresse, dans laquelle, avec l'aide de trois dames – Dame Raison, Dame Droiture et Dame Justice –, les femmes seront protégées des injustices et de l'hostilité masculines. Conçue comme une réaction à la production littéraire de cette époque-là, l'oeuvre est analysée comme l'utopie féminine du XVe siècle.

La thèse se présente en trois parties: la première concerne la biographie de Christine de Pizan et l'analyse de la construction de son identité féminine, au travers de ses écrits. En suite, on tâche de saisir les sources littéraires et historiques que l'on a prises comme fondements de la construction de ses oeuvres. La deuxième partie s'applique à l'étude des éléments utopiques dans l'oeuvre de Christine de Pizan. Enfin, dans la troisième partie, on trouve la traduction proposée en Portugais de *La Cité des Dames*, d'après *Le Manuscrit du Duc*.

Mots-clé : Christine de Pizan, Littérature Médiévale, Utopie, Genre.

ABSTRACT

This thesis has as an aim of research the work *La Cité des Dames*, written by Christine de Pizan, in 1405, as well as its translation in Portuguese. The axial element of this medieval work consists in a double character: to show the social relationships of gender, throughout the history, by means of the recovery of the women memory, forgotten by the official historiography, and to fight for the right place of the women in the society and in literature then marked of a deep character of mysoginy. Christine de Pizan, as a writer-woman, aims to elaborate a utopian city, a fortress, in which, with the assistance of three «Ladies» -Lady Reason, Lady Uprightness and Lady Justice -, the women will be protected from the male injustices and hostility. Conceived like a reaction to the literary production of that time, I analyse her work as the woman Utopia of the XVth. century.

The thesis is divided into three parts: the first relates to Christine de Pizan's biography and concerns to the analysis of the construction of the woman's identity, throughout her writings. In continuation, one tries to seize the literary and historical sources which I have taken as bases of the construction of its works. The second part deals with the study of the utopian elements in the work of Christine de Pizan. Lastly, in the third part, one finds the translation proposed into Portuguese of *La Cité des Dames*, according to *Manuscrit du Duc*.

Key words : Christine de Pizan, Medieval Literature, Utopian, Gender

LUCIANA ELEONORA DE FREITAS CALADO

A CIDADE DAS DAMAS :
*a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine
de Pizan.*

BANCA EXAMINADORA

PROF.^a DR.^a LUZILÁ GOLÇALVES FERREIRA
(ORIENTADORA)

PROF.DR.ALFREDO ADOLFO CORDIVIOLA

PROF.DR.ALFREDO ADOLFO CORDIVIOLA

PROF.^aDR.^a BELIZA ÁUREA DE A. MELLO

PROF. DR. JANILTON RODRIGUES DE ANDRADE

APROVADA EM 31 DE MAIO DE 2006.

INTRODUÇÃO

Um dia, estava eu, como de hábito, e com a mesma disciplina que rege o curso da minha vida, recolhida em meu gabinete de leitura, cercada de livros, tratando dos mais diversos assuntos. Com a mente cansada por ter passado um bom tempo estudando sentenças complexas de tantos autores, levantei a vista do texto, decidindo deixar, por um momento, os livros mais sutis para deleitar-me com a leitura de alguma poesia. Foi neste estado de espírito que caiu entre minhas mãos um certo opúsculo que não me pertencia, mas que alguém havia deixado ali por empréstimo. Abri-o, afinal, e observei que tinha como título *As lamentações de Mateolo* [...] Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável – , aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias –, e sem contribuir em nada à edificação moral e à virtude, considerando ainda a linguagem e os temas desonestos por ele tratados, folheei-o aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e mais úteis. Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente.[...]¹

Christine expõe assim, no início de *La Cité des Dames*, a origem da sua inspiração que resultou na criação daquela obra. Depois de algumas reflexões dou-me conta de que situação semelhante poderia descrever a minha própria fonte de inspiração e de questionamentos que resultaram na elaboração da presente pesquisa de doutorado. Vejo-me nessa cena, cercada de livros, a buscar uma leitura leve que pudesse abrandar meu cansaço, depois de horas de leituras teóricas. Dentre os livros que compõem a minha biblioteca, os de literatura medieval encontram-se em maior destaque, incluindo antologias poéticas, livros de história, manuais de literatura, cópias e mais cópias de livros raros, herdados de um professor belga, muito querido, o professor Maurice Van Woensel, falecido em 2001, quem me introduziu nas pesquisas acadêmicas sobre a literatura medieval. Folheando uma dessas antologias de poemas trovadorescos - que sempre me fascinaram, desde a época do Lycée Montaigne, em Paris, quando Mme. Le Bourdais fazia-nos decorar e recitar aquelas poesias com a pronúncia curiosa, para nós, do francês arcaico- intrigou-me a escassa presença de textos de autoria feminina. Recorri, então, a

¹ PIZAN, Christine de. *La Cité des Dames*. Texte traduit et présenté par Thérèse Moreau et Eric Hicks. 4^a.ed. Paris: Stock, 2000, p.14.

outros gêneros: contos, romances de cavalarias, crônicas, tratados, todos, com minguadas exceções, escritos por homens. Comecei então a interessar-me por essas exceções. Entre elas, havia as composições lírico-narrativas, conhecidas como “*lais*”, de Marie de France; e alguns poemas de *trobairitz*, as poetisas occitanas, catalãs, e italianas, do século XII e início do século XIII, como Comdessa de Dia (Beatriz de Dia), Maria de Ventadours, Clara d’Andouza, que escreviam poemas de amor, com um estilo mais livre do código do amor cortês do que aqueles escritos pelos seus colegas trovadores e *trouvères*. Esses textos, vale assinalar, correspondem a um diminuto número no universo da literatura medieval, e a poucos que aparecem publicados. Depois desses dois séculos de auge feminino - os séculos XII e XIII -, as referências a textos escritos por mulheres eram ainda mais raras. Aparecia o nome de apenas uma poetisa: Christine de Pizan. Além de três poemas, nada de sua vasta obra narrativa. Indignada, resolvi mudar meu projeto de pesquisa inicial – uma continuação do estudo comparativo entre os gêneros medievais e as composições de Chico Buarque, trabalhado no mestrado – e, conservando a era medieval, voltar-me-ia, agora, aos textos escritos por mulheres.

A partir de então, passei a me envolver profundamente com tais textos, e a intensificar minhas buscas em outras bibliotecas do país. Buscas infrutíferas. Apesar de fascinantes, elas me levavam a um desafio duplamente penoso: de um lado, o limite das pesquisas sobre esse período da história aqui no Brasil, e do outro, a dificuldade de acesso aos textos de autoria feminina no período medieval.

Recorri à pesquisa na internet, dando-me conta da limitação do meu foco de investigação. Encontrei, no entanto, muitas referências para aprofundar a pesquisa. Mais as buscas se intensificavam, mais me interessava pela obra daquelas mulheres, em particular pela extensa obra de Christine de Pizan. Percebi que além de vasta e diversificada, encontrava-se em uma dimensão diferenciada das outras obras de autoria feminina, por

abordar explicitamente a questão de gênero. Pasma e encantada, tomava conhecimento de textos de grande valor, pelo seu pioneirismo em tratar a questão feminina, e pela ousadia da autora, no misógino contexto do final da Idade Média. Aquela poetisa melancólica como nos era apresentada nos manuais e antologias de Literatura Medieval, através do seu mais célebre poema, *Seulette suy et seulette veuille estre*, foi se revelando aos poucos mais do que uma poetisa, ou mesmo do que uma escritora da Idade Média; Christine merecia uma atenção especial entre as outras mulheres das Letras. Ela seria a primeira mulher a exercer o ofício de escritora, como profissão e fonte de renda. E não só: a sua obra intitulada *La Cité des Dames*, escrita em 1405, permitiu distingui-la como precursora do feminismo moderno.

A obra trata de temas como educação, igualdade e diferença entre os sexos, estupro, e introduz um tema novo no século XV: a importância de um espaço próprio para abrigar o processo da escrita, o “quarto só seu” de que nos fala Virgínia Woolf, cinco séculos mais tarde, em *A room of one's own*².

A admiração pelo pioneirismo dessa escritora levou-me a pleitear uma bolsa de doutorado sanduíche na França, como meio de viabilizar tal pesquisa, considerada a inexistência de material sobre Christine de Pizan e sua obra aqui no Brasil. E é lá que começa uma encantadora aventura no país de adoção de Christine.

Disporia de um ano para vasculhar a vida e obra dessa italiana que viveu desde os quatro anos na França. Percorri, então, várias bibliotecas e museus em busca de Christine. Ao longo do texto, contarei cada percurso, registrando o conhecimento adquirido através dos diálogos que tive com algumas damas nobres: Dama Autora, Dama História, Dama Literatura, Dama Linguagem. Na primeira parte da tese, tais damas ajudaram-me a sistematizar o exercício da crítica literária, também com a contribuição de uma outra dama,

² WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. London & New York: Harcourt, 1989.

através de fragmentos de sua voz. Trata-se da voz presente na ausência da Dama Teoria que, em forma de ecos, emite seus ensinamentos repercutindo-os ao longo da tese.

A primeira Dama aparece-me: a própria Autora, Christine de Pizan. Dediquei então o primeiro capítulo da tese à sua biobibliografia e ao contexto histórico em que viveu, identificando a representação de gênero nos seus escritos e a construção da sua identidade feminina. Para melhor situar seus escritos, aos quais faço referência em várias partes do texto, considere importante inserir uma cronologia da obra de Christine de Pizan.

Em seguida, apareceram-me juntas Dama Literatura e Dama História, cujos ensinamentos foram sistematizados na segunda parte da tese, a fim de reunir e analisar os pressupostos literários empregados pela autora, em particular o “discurso do sonho”, enquanto modalidade literária, e situar sua obra dentro de um contexto histórico-literário. Em seguida, alguns fenômenos e formas de representações sociais que equacionam a essência das grandes questões e anseios da sociedade. Tais questões, exteriorizadas no imaginário de um povo através da tríade mito-utopia-ideologia, serão discutidas e definidas dentro do processo literário. No terceiro capítulo, inicia-se a discussão com a Dama Linguagem sobre o processo narrativo da escrita christiniana, abrangendo dois pontos específicos: a arte de narrar de Christine de Pizan, analisada sob a figura benjaminiana do “narrador”; em seguida, o espaço feminizante no campo estrutural da sua escrita.

Vem então a segunda parte da tese. Nela resolvi assumir minha condição de leitora, escolhendo *La Cité des Dames*, a pedra angular da obra de Christine de Pizan, para interagir agora com o próprio texto. Nasce assim uma leitura em dois capítulos, a partir dos pontos de indeterminação deixados nos próprios sinais textuais da obra, em contigüidade com meu “eu” subjetivo, inseparável de minhas emoções, conhecimentos, identificações. No primeiro capítulo, analisando os recursos literários utilizados na construção dos três “Livros” que compõem *La Cité des Dames*, proponho uma leitura de gênero polemizada

com o discurso misógino dos cânones da época. Como procedimento de análise de discurso, recorreremos a categorias desenvolvidas pelo lingüista Maingueneau, na sua semântica da polêmica.

No segundo capítulo, proponho uma sistemização da leitura da *Cité des Dames*, a partir de algumas categorias da noção de Utopia, estabelecidas pelo filósofo Ernst Bloch, notadamente a categoria da “esperança”; “consciência antecipante”, “sonho diurno”. A análise compreende a motivação e a idealização de uma cidade utópica feminina como um ato de resistência e desvelamento da realidade misógina dominante; assim como a articulação entre a idéia imaginada e a prática efetivada.

Ao fim da minha aventura, a Dama Christine reapareceu-me na divisão ocidental da sala dos manuscritos, da Biblioteca Nacional da França, a fim de incentivar-me a dar continuidade ao proceso de divulgação da sua obra já iniciado em outros países através das diversas traduções da sua obra principal, *La Cité des Dames*. Aceitei o desafio e no prédio mesmo Richelieu Louvois da *Bibliothèque Nationale*, entre várias damas, de idade e sabedoria avançadas - filólogas e conhecedoras da Codologia, que com suas reguinhas e canetas-pluma, faziam anotações sobre os materiais empregados na confecção e elaboração daqueles manuscritos, os códices – iniciei a terceira e última parte da tese: a tradução em português da *Cité des Dames*.

Assim começa meu “*chemin de long étude*” em busca de descoberta acerca da história de vida e da obra dessa Dama Christine do século XIV. E, nas próximas páginas, gostaria de dividir com você, leitora, leitor, tal experiência ao lado dessas damas mencionadas que permitiu o estudo e a tradução do livro *La Cité des Dames*.

PARTE I

DAMA CHRISTINE DE PIZAN: TRAÇOS BIOBLOGRÁFICOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

Ao chegar na França, uma das primeiras bibliotecas que procurei visitar, mesmo antes da Biblioteca Nacional de Paris, foi a *Bibliothèque Margerite Durand*. A própria jornalista, criadora também do jornal *La Fronde*, que era redigido, composto e dirigido por mulheres, foi quem fundou a biblioteca com os documentos e arquivos relativos à história das mulheres, coletados e conservados por ela, ao longo dos anos. A biblioteca Marguerite Durand, atualmente em um moderno prédio da rua Nationale, vizinho à Universidade Paris I, reúne um acervo considerável de livros de autoria feminina, e constitui o maior centro, no país, especializado em estudos de gênero.

Para entrar, nenhuma burocracia. Senti-me em casa. Logo preenchi meu cadastro de leitura como pesquisadora brasileira à procura da escritora medieval, Christine de Pizan. Tudo ali, parecia-me tão familiar: as damas guardiãs, naquele arsenal de livros sobre a questão feminina, que tão bem me acolheram; o próprio *XIII ème arrondissement* onde está situada a biblioteca, há poucos metros de onde morei na adolescência, e por onde passava diversas vezes a caminho da mediateca.

Nesse ambiente estimulante, cercada da memória feminina, consegui encontrar muitos documentos sobre Christine de Pizan que aos poucos foram me apresentando uma obra e uma história de vida, tão ricas, e no entanto, tão pouco conhecidas. Percebia também como sua vida estava presente na sua obra. Não é de se estranhar que a principal fonte documental para elaboração de suas bibliografias³ tenha sido seus próprios escritos. A propósito, examinando outros textos femininos percebe-se que tal característica é um

³ Ver na Bibliografia final as indicações bibliográficas e biográficas sobre Christine de Pizan:

traço marcante dessa escrita. Através de uma espécie de discurso biográfico, as escritoras encontraram um caminho de representar o “eu” feminino silenciado ao longo da história. O retratar-se, próprio à escrita feminina é mais do que um simples estilo literário, mas a própria substância de que o texto é nutrido. Pois, a representação do mundo é feita a partir de uma outra perspectiva dentro da estética androcêntrica dos cânones literários. Assim como a voz do dono é condicionada ao dono da voz, a condição de alteridade dos textos femininos implica na forma diferente de representar o mundo na sua escrita.

Ao observar, entre aquelas obras escritas por mulheres, um inegável contorno dessa *écriture féminine*, pus-me a lembrar-me do célebre artigo de Barthes, “*La mort de l’auteur*”, onde ele destitui o autor da codição que lhe foi atribuída, a de paternidade do texto. Diante da intrínseca relação da enunciação com o eu enunciador, seria possível fazer a leitura daqueles textos femininos, como sendo textos órfãos? Poderia se pensar a escrita feminina apenas como linguagem desprovida de uma autoria? Acredito que seria inútil tentar afastar o sujeito feminino de suas crias, como se o corpo do texto não fosse o mesmo constituído do sujeito. Barthes poderia até estar certo, ao se referir à morte do “autor”, mas não o seria referindo-se a autoras, ou a outra autoria marginalizada: étnica, homosexual, colonizada, na medida em que, como salienta Edward Said⁴,

Os estudos feministas, assim como os estudos étnicos ou imperialistas, promovem um deslocamento radical de perspectiva ao assumirem como ponto de partida de suas análises o direito dos grupos marginalizados de falar e representar-se nos domínios políticos e intelectuais que normalmente os excluem, usurpam suas funções de significação e representação e falseiam suas realidades históricas.

Importante no seu contexto de efervescência do maio 68 na França, a proposta de Barthes de “morte do autor” marca a passagem do estruturalismo sistemático ao pós-

⁴ SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990 Apud. : HOLLANDA, Heloisa Buarque.(org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro : Rocco, 1994, p.08.

estruturalismo da desconstrução, que propõe o descentramento da noção de sujeito, e intruz as idéias de alteridade, da diferença, da marginalidade.

Os pós-estruturalistas Derrida, Foucault, Deleuze, Khristeva tiveram papel inegável na desconstrução da soberania falocêntrica como identidade subjetiva. Seria preciso desconfiar desse primado masculino da palavra e abrir espaço à questão da “alteridade”, conceito que influenciou de forma marcante grande parte das teorias feministas.

No entanto, como ressalta Heloísa Buarque de Holanda, o pensamento pós-estruturalista e as teorias feministas se distinguem pelo “compromisso feminista com a articulação da crítica da hegemonia do idêntico e da legitimidade dos sentidos absolutos e universais com os processos históricos de construção e representação da categoria ‘mulher’”⁵. Outro ponto de distinção entre os discursos pós-estruturalistas e os da crítica feminista é que “se os primeiros falam de uma crise da representação e da morte do social, o segundo fala exatamente da necessidade de uma luta pela significação.”⁶

A busca por esse espaço significante na História constitui a essência da escrita feminina como meio de libertação através da autonomia de expressão. A questão da autonomia apresenta-se como o desafio feminino enquanto sujeito coletivo de construir uma outra verdade livre das estruturas de poder e dominação características do discurso androcêntrico. Segundo Oberti⁷,

O patriarcado, ou como queiramos denominar o sistema de dominação, não é um sistema fechado [...], mas sim formas hegemônicas de poder – masculino – que revelam suas próprias falhas [...] a tarefa estratégica do feminismo é explorar essas brechas onde houver e também ajudar a produzi-las.

Entre tais brechas, o olhar feminino foi focalizando a sua própria representação de mundo e expressando-a a duras penas através da escrita. E, o resultado dessa

⁵ Holanda, Heloisa Buarque. Tendências e impasses : o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro : Rocco, 1994, p..9.

⁶ *Idem*, p.10

⁷ OBERTI, Alejandra. O labirinto da diversidade. *Folha Feminista*. N.o. 15. São Paulo : SOF, p.01-03, 2000. p.03.

autoconsciência estava ali naquelas estantes da biblioteca Marguerite Durand: um grande monumento da memória feminina.

I. 1 - Escrever a história das mulheres

Escrever a história das mulheres continua ainda em nossos dias uma tarefa intrincada. Malgrado o reconhecimento da escrita das mulheres, enquanto objeto e sujeito, proclamada em especial nos anos 70, com o movimento de libertação das mulheres, a questão atual continua emaranhada de interrogações, de prejulgamentos, de buscas, reivindicações, como sempre aconteceu nas tentativas femininas de escrever sua própria história, de romper com o olhar androcêntrico da história no masculino. Se figuras femininas, a partir do fenômeno literário e cultural da *Querelle des femmes*⁸ (estendido por quatro séculos, entre o século XIV e o XVII), sempre mantiveram sua participação no processo de elaboração e desenvolvimento de grandes debates políticos e intelectuais do momento, tiveram que resistir a vários obstáculos, percorrendo um caminho muito mais longo e espinhoso do que aquele dos homens. As portas fechadas das universidades, a concepção reinante de uma «natural» inferioridade intelectual, os preconceitos morais da profissionalização feminina e todas as estratégias possíveis de torná-las excluídas do saber e da construção política e mental da sociedade, são testemunhos, de um lado, da dificuldade enfrentada pelas mulheres do saber, e de outro, da impossibilidade de nulificar o saber feminino, ao tentar condenar suas idéias ao esquecimento. Essa ascensão referente à participação feminina à « coisa intelectual », seja, enquanto mulheres eruditas, moralistas, teólogas, poetas, remancistas, doutas, filósofas, confirma um surpreendente poder de resistência e de várias vitórias, nas querelas de gênero, travadas ao longo dos séculos, ora no campo literário, ora no jurídico, ora no domínio da sexualidade, mas,

⁸ Tópico desenvolvido no capítulo III dessa primeira parte.

sempre sem busca, ao mesmo tempo, da igualdade entre os sexos e do direito à diferença. Eis a essência do paradigma das relações sociais entre os sexos, que sempre foi a chave das questões de gênero. As vitoriosas “intelectuais”, tendo a pena como instrumento, e portando um interesse específico sobre a questão feminina de cada época, transformaram o debate puramente literário em uma discussão política, iniciando com a teoria aristotélica da “polaridade dos sexos”, no final da Idade Média. Entre elas, vale ressaltar a escritora Christine de Pizan, que inicia no século XV a “*querelle des femmes*”, através do polêmico debate epistolar chamado “*Querelle du Roman de la Rose*”; travado entre a escritora e alguns intelectuais: Jean de Montreuil, Pierre Col, e Jean Gerson, acerca da misoginia expressa na obra *Le Roman de la Rose*, uma das mais célebres da idade Média. Junta-se às vitoriosas intelectuais, Marie de Gournay que, em 1626, discute em *De l'égalité des hommes et des femmes* e *Le Grief des dames* (1626), a problemática da mulher intelectual em termos “feministas”⁹. Também a romancista Riccoboni de Lambert que, cujos personagens femininos são levados pelo desejo de escapar à tutela masculina, como *l'Histoire de miss Jenny* (1764) ou *l'Histoire d'Ernestine* (1765)”¹⁰, tem seus méritos de escritora, reconhecidos pelas enciclopedistas Diderot e Choderlos. No século XIX, o feminismo político-jurídico de George Sand e Marguerite Durand se inscrevia na linguagem da imprensa e teve um papel de grande importância na cena política da época. E, por fim, no século XX, a grande figura de destaque fica sendo a filósofa Simone de Beauvoir, de contribuição indiscutível nas lutas pelo reconhecimento da mulher no espaço público, através de sua filosofia Existencialista. Todas essas mulheres, entretanto, cujos escritos são objeto de discussões em vários domínios do conhecimento, são levadas a enfrentarem atualmente um outro desafio: o de serem lidas, analisadas, interpretadas como

⁹ Ver os trabalhos de Danielle Haase-Dubosc. « Intellectuelles, femmes d'esprit et femmes savantes ». In : RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel.(dir.). *Intellectuelles : du genre en Histoire des intellectuels*. Bruxelles : Editions Complexes, 2004, p. 61

¹⁰ BROUARD-ARENDS, Isabelle. “De l’auteur à l’auteure ». In: RACINE,N, TEBITSCH, M. (dir.) *op. cit.*, p. 79.

personagens pertencentes a um contexto histórico e literário particular. O eco de suas vozes, de seu pensamento retorna muitas vezes de forma destorcida e iníqua, na medida em que lhes é reclamado um olhar de gênero fora de seus contextos. Uma das preocupações dos estudos de gênero no presente consiste, justamente, em não repetir os exemplos de críticas anteriores, como a do início do século XX, que - sobretudo por ter sido palco de um período particularmente importante de reivindicações feministas, uma espécie de ‘idade de ouro’ do feminismo que precede o dos anos 70-80, como lembra Michelle Perrot - apresetavam, em muitos casos, considerações anacrônicas, e julgamentos injustos nas análises de textos de séculos anteriores de autoria feminina.

Tais considerações, pude observar, por exemplo, na primeira fase da recepção das obras de Christine de Pizan, no início do século XX. Bastante influenciada pelo movimento feminista emergente da época, a leitura da obra da escritora foi bastante estruturada em um controverso questionamento do seu feminismo. Ao lado da redescoberta dos escritos de Christine de Pizan, com a publicação das edições do *Livre des fais et bonnes mœurs du Sage Roy Charles V*, o *Livre du Chemin de Long Estude*, e suas *Oeuvres poétiques*, editadas por Maurice Roy, assiste-se, simultaneamente, a uma utilização de suas obras pelos conservadores Théodore Joran, Gustave Gröber, como uma «arma contra as aderentes dos movimentos de emancipação contemporâneos», ou ainda, à divulgação de uma visão de Christine açucarada, cor-de-rosa, também classificada de «feminista de direita», como atesta Margarete Zimmermann, em seu artigo “Christine de Pizan et les féminismes autour de 1900”¹¹, fazendo referência à tese de Rose Rigaud, *Les idées féministes de Christine de Pizan*¹². Zimmermann conclui seu artigo com uma lúcida reflexão transcrita abaixo, uma espécie de apelo à nossa auto-reflexão :

¹¹ RIBEMONT, B.(éd.) *Sur le chemin de longue étude*. Actes du colloque d’Orléans, juillet 995. Paris : Champion (Études christiniennes, 3), 1998, p.196.

¹²RIGAUD, Rose. *Les idées féministes de Christine de Pisan*. Tese apresentada à Faculté des Lettres de l’Université de Neuchâtel, Slatkine Reprints, 1973.

L'historisation des débats des années 1900-1940 ainsi que l'historisation de nos propres positions constituent un premier pas essentiel. En même temps, il s'agit de démontrer jusqu'à quel point toute approche de Christine renvoie toujours aux rapports entre les sexes de l'époque en question. Il me paraît capital de reconnaître ce fait et d'en faire une partie intégrante de nos lectures christiniennes qui, elles aussi, sont loin d'être tout à fait 'innocentes' »¹³.

De complexidade, pluridisciplinaridade, diversidade estão formadas as várias abordagens que englobam os estudos atuais sobre Christine de Pizan. A investigação das relações de gênero, no entanto, encabeçam o conjunto dos estudos, sobretudo depois das traduções em várias línguas do livro *La Cité des Dames*, a partir dos anos 80¹⁴, considerado a pedra angular de seu feminismo. A onda de seminários, e colóquios internacionais exclusivamente sobre Christine de Pizan, cujas atas são publicadas a partir de 1984¹⁵ dão prova de um esforço cada vez mais vivo em difundir e diversificar os temas de abordagens da obra dessa escritora, até tão pouco tempo desconhecida, inclusive na Itália e na França, seus países de origem e de adoção.

Entre essas novas pesquisas, encontrei um pequeno ramo que centraliza o interesse na questão utópica, freqüentemente imbricado com a questão feminina. Deve-se tal entrecruzamento à concepção de que toda teoria feminista é sim uma forma de pensamento utópico, uma vez que a igualdade social entre os sexos nunca existiu. No caso específico

¹³ « A historicidade dos debates dos anos 1900-1940 assim como a historicidade de nossas próprias posições constituem um primeiro passo essencial. Ao mesmo tempo, trata-se de demonstrar até que ponto toda abordagem de Christine remete sempre às relações entre os sexos da época em questão. Parece-me capital reconhecer tal fato e fazer dele parte integrante das nossas leituras christinianas que, também elas, estão longe de serem 'inocentes' »

¹⁴ *La Cité des Dames*, foi traduzida para o inglês atual em 1982, - uma nova edição elaborada por Earl Jeffrey Richards - a primeira datando de 1521. Em 1986, temos a tradução de Thérèse Moreau et Eric Hicks para o francês atual, e a tradução para o alemão de Margarete Zimmermann; em 1990, a tradução catalã de Mercè Otero i Vidal; em 1995, em espanhol por Marie-José Lemarchand; e a última tradução em 1997 para o italiano por Patrizia Caraffi.

¹⁵ -Ver DE RENTIIS, D., ZIMMERMANN, M. (éd.) *The city of scholars. New approaches to Christine de Pizan*. New York : De Gruyter, 1994; RIBEMONT, Bernard. (org.) *Sur le chemin de longue étude. Actes du colloque d'Orléans- juillet 1995*; Paris: Champion, 1998; HIKS, Éric (org.) *Au Champs Des Escriptions - Actes Du 3e Colloque International De La Societe Des Amis De Christine De Pizan*. Paris: Champion, 2000. *Contexts and continuities: proceedings of the IVth International Colloquium on Christine de Pizan* (Glasgow 21-27 July 2000), published in honour of Liliane Dulac, edited by Angus J. Kennedy, with Rosalind Brown-Grant[et al.] Publisher: Glasgow : University of Glasgow Press, 2002. O mais recente colóquio foi realizado em Liège, na Bélgica, em janeiro de 2005, e teve como tema central: *Christine de Pizan: femme de Lettres, femme de Science*.

do laço entre a escrita feminina medieval e o gênero utópico, as pesquisas são ainda muito lacunares. Entretanto, alguns especialistas de Christine de Pizan já empregaram a categoria da utopia para falar da obra *La Cité des Dames*, em especial, Maria-Milagros Rivera Garretas, em seu artigo “*Christine de Pizan: la utopia de un espacio separado*”¹⁶(1990); ou ainda Margarete Zimmermann, em seu elucidante artigo “*Utopie et lieu de la mémoire féminine*”(2000). Sua linha de pesquisas afasta-se das definições muito universalistas ou muito limitadas historicamente do termo utopia, e nos traz preciosos instrumentos de investigação, permitindo ter uma visão panorâmica das pesquisas nessa área. Uma das pesquisas mencionadas no artigo sobre o assunto é o trabalho de tese de Bernadette WAN-YING TCHEN, *Christine de Pizan's Allegories: a dialectic of hope and utopia as means of social and individual transformation*, cuja base de estudo é um dos princípios da utopia, na concepção do filósofo Ernest Bloch, o “princípio esperança”.

Todavia, o desenvolvimento desses estudos é ainda muito restrito e à margem inclusive dos próprios estudos históricos e literários medievais. Analisando a situação atual do resgate da produção feminina Françoise Thébaud¹⁷ reflete que, no caso da França, país de adoção de Christine de Pizan, onde se encontra a maior parte de seus manuscritos, tal lacuna deve-se à falta de espaço nas instituições universitárias para os estudos de gênero. Se, há dez anos, o estado dos estudos christinianos não foi descrito com muita satisfação por seus especialistas, como Liliane Dulac e Bernard Ribémont enfatizam no prefácio de “*Une femme de Lettres au Moyen Age*”¹⁸: «*Alors que les grands éditeurs se battent pour offrir, après tant d'autres, une nouvelle édition de la Chanson de Rolland ou des œuvres de Chrétien de Troyes, une grande partie des textes de Christine reste confinée dans*

¹⁶ RIVERA GARRETAS, M. « Christine de Pizan : la utopia de un espacio separado ». In : *Textos y espacios de mujeres (Europa siglos IV-XV)*. Barcelona : Icaria, 1990, p.196

¹⁷ Em conferência intitulada « *Écrire l'histoire des femmes : du XV siècle à nos jours* », realizada em 04 de abril de 2004, na Biblioteca Intermunicipal de Clermont-Ferrand.

¹⁸ RIBÉMONT, B., DULAC, L. *Une femme de lettres au Moyen Âge; études autour de Christine de Pizan*. Orléans : Paradigme, 1995.

*l'obscurité de thèses non éditées, au mieux dans des éditions anciennes difficilement accessibles, souvent ignorées et seulement connues d'un public qui pourrait être bien plus large qu'il n'est.»*¹⁹, as queixas continuam vivas no início deste século XXI, na medida em que muitas obras da escritora permanecem sem edição, o que limita consideravelmente o acesso às obras da escritora, impedindo-lhe de ocupar o lugar merecido na literatura:

*L'œuvre de l'écrivaine reste encore largement inconnue. Car, si peu de ses manuscrits restent à éditer, peu ont eu les honneurs de la traduction. Or, la langue de Christine est difficile et mal connue. Et s'il existe des projets pour éditer les œuvres de Christine, il n'y a toujours pas de projet monumental. Chacune, à l'exception d'un petit cercle d'initiées, ne connaît donc qu'une infime partie des écrits de Christine et fonde son jugement sur sa propre vision du rôle des femmes en littérature plutôt que de se faire l'avocate du texte. En effet, célèbre mais méconnue, illustre mais méprisée, c'est Christine la femme qu'on juge et non l'auteure.*²⁰

Este quadro revelador da situação dos estudos christinianos levantado por Moreau apresenta extensão variável de acordo com o país. Nos Estados Unidos, a explosão dos *Women's Studies* a partir dos anos 80 favoreceu os estudos atuais e as traduções da obra de Christine, de modo que, “hoje, por exemplo, é mais fácil, para quem fala inglês, de abordar a obra de Christine que para s francófonos”, lamenta Thérère Moreau (*idem*, p.14).

Em língua portuguesa, em particular, no Brasil, o conhecimento sobre a vasta obra de Christine de Pizan, é muito escasso. O mais recente catálogo sobre os estudos medievais no Brasil em áreas diversas, surgido em 2001, indicou apenas uma dissertação de mestrado sobre a escritora. Há ainda a lacuna em relação à acessibilidade da sua obra. *La Cité de*

¹⁹ - “Enquanto que as grandes editoras brigam para oferecer, depois de tantas outras, uma nova edição da Canção de Rolando ou das obras de Chrétien de Troyes, uma grande parte dos textos de Christine fica confinada na obscuridade de teses não editadas, e quando muito, em edições antigas dificilmente acessíveis, frequentemente ignoradas e apenas conhecidas de um público que poderia ser bem amplo que o atual.”

²⁰ « A obra da escritora permanece ainda bastante desconhecida. Pois, se poucos de seus manuscritos faltam ser editados, poucos tiveram a honra de serem traduzidos. Ora, a língua de Christine é difícil e pouco conhecida. E se existe projetos para editar as obras de Christine, continua não havendo projetos monumentais. Cada uma, com exceção de um pequeno círculo de iniciadas, conhece apenas um infima parte dos escritos de Christine e funda seu julgamento sobre sua própria visão do papel das mulheres na literatura, mais do que ser a advogada do texto. Efetivamente, famosa, mas desconhecida, ilustre, mas desprezada, é Christine mulher que é julgada, e não Christine autora » MOREAU, Thérère. Promenade en Féminie : « Christine de Pizan, un imaginaire au féminin » In. : *Nouvelles questions féministes. Féminisme et littérature*. Vol.22, n.o. 2, 2003, p.14-27, p.14.

Dames, a obra mais conhecida da escritora, traduzida em sete línguas diferentes (flamengo, o inglês, o francês atual, o alemão, o catalão, o espanhol e o italiano)²¹, até o presente não conta com nenhuma tradução para o português.

Esse distanciamento entre o pesquisador e seu objeto, colocou-me em um lugar paradoxal: ora em um contexto de significativa carência, indo mesmo à impossibilidade em abordar os estudos christinianos, considerando-se a inexistência de trabalhos bibliográficos, seja de ordem literária, historiográfica, ou inserido nos estudos feministas; ora, em um contexto de otimismo, ao tentar encontrar nessa situação lacunar uma possibilidade favorável, fazendo revertê-la ao meu benefício no plano metodológico, uma vez que a análise se encontraria distanciada de quaisquer tradição e tendência, como acontece com as críticas literárias nos países onde a obra christiniana é abordada, seja em uma corrente histórica, corrente lingüística, filosófica, ou ainda voltada especialmente à área de estudos de gênero. Longe de buscar a neutralidade, ao contrário, minha leitura da obra de Christine empenha-se em contemplar o cruzamento de tendências, seguindo uma abordagem pluridisciplinar. Recorrendo ao espírito de Christine de Pizan que, em resposta às calúnias misóginas nos aconselha: “*Que des vices puissent devenir vertus*”, conto contribuir com o surgimento de uma visão geograficamente nova dos estudos christinianos a partir da divulgação da obra *La Cité des Dames*, ainda desconhecida no nosso país. Abrirei, assim, um caminho, acredito, que terá longo percurso e novas veredas em breve, a partir dessa leitura, na qual interessou-me difundir a obra da escritora Christine de Pizan, enquanto pioneira de um projeto utópico na defesa do sexo feminino, de um espaço imaginado e colocado em prática pela catarse da escrita feminina.

²¹ A primeira tradução, em flamengo, foi encomendada em 1475, por um *bourgmestre* (espécie de prefeito) belga, Louis de Bainster (British museum, Add. Ms. 20698). No século seguinte, apareceu a tradução inglesa *The boke of the Cyte of the Ladies*, por Brian Anslay. E, apenas no século XX, o livro é traduzido para outras línguas e as traduções inglesa e holandesa são atualizadas: a inglesa, em 1982; holandesa, em 1984; as traduções francesa e alemã, em 1986; e nos anos 90, *La Cité* foi traduzida para o catalão, em 1990, espanhol, em 1995; e em italiano, 1997.

I.2 - Biografema de uma dama: seu devir escritora

Para melhor compreender a trajetória de Christine na construção de sua identidade feminina, busco aqui percorrer sua vida, registrando fatos marcantes de seu devir escritora. Meu registro biográfico abandona a descrição linear, identificando-se mais com o conceito barthiniano de “biografema”. O semiólogo assim o descreve:

Se eu fosse um escritor, já morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão.”²²

Sem pretensão de biografá-la, apenas tentando ser fiel a tal pacto de amizade do que fala Barthes, identifico, a seguir, alguns caminhos que levaram à existência da Christine escritora:

Os trinta e cinco anos da escritora Christine de Pizan, em 1399 podem ser considerados como o ponto culminante, gerador de uma nova inclinação literária, o ano da primeira obra da escritora, *Epistre au Dieu d'Amour* (Epístola ao Deus do Amor), que sucedeu as peças líricas independentes, suas famosas baladas e outras modalidades poéticas. Esse novo direcionamento da relação com o mundo e com a escrita culminou em uma *Vita Nova* para Christine de Pizan, fazendo-a vivenciar a experiência tríplice de ser escritora na Idade Média, a primeira mulher a sobreviver da sua escrita, e mais singular ainda, viver de uma escrita “feminista” em defesa da mulher, como uma doce voz na amarga misoginia da época. Tal experiência, qual voz contida durante dez anos de trabalho de luto pela morte do marido, foi movida pela consciência do seu poder de transformação, de autonomia feminina, conseguida face a esse longo processo de deslocamento da libido relacionada àquele objeto perdido, em direção a um novo posicionamento de luta pela

²²- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo : Brasiliense, 1990

sobrevivência - tornada viúva com três filhos aos vinte e cinco anos²³ - e de uma sensibilização maior em relação ao mundo exterior.

Do luto à luta: duelo entre o instinto de morte e o apego à vida.

O início da atividade literária de Christine de Pizan é marcado por uma escrita de teor melancólico, expressando sua dor individual: a perda do seu marido e seu declínio financeiro. 1394 é o início de seu primeiro ciclo de escritura, no qual o lirismo melancólico é o ponto mais evidente de uma produção que focaliza e funde-se com um longo processo de luto, como bem se apresenta na seguinte estrofe da Balada IX, das cem baladas que ela iria publicar em 1402:

*“Il y a cinq ans que je t’ay regraittée
Souventes fois, a très pleureux visage,
Depuis le jour que me fu joye ostée,
Et que je cheus de franchise en servage.
Quant tu m’ostas le bel et bon et sage,
Laquelle mort a tel tourment me livre
Quel moult souvent souhait, pleine de rage,
Que mes griefs maux soyent par toy delivre.
aliviados.*

Há cinco anos tenho te lamentado
Diversas vezes, com rosto choroso,
Desde o dia em que a alegria me foi retirada
E que me tornei sinceramente serva.
Quando me levaste o belo e bom e sábio,
A morte abandonou-me em tormento tal
Que muitas vezes desejo, furiosa,
Que meus males queixosos sejam por ti
aliviados.

Nesses versos como em vários outros dessa antologia de baladas, percebe-se recorrentemente a manifestação do desejo de morrer, assim como traços comportamentais constituintes do luto, que encontramos na descrição e correlação que Freud(1917) faz desses dois estados da alma: luto e melancolia:

A perturbação da auto-estima está ausente no luto; afora isso, porém, as características são as mesmas. O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e

²³ - Em relação à problemática da mulher viúva na Idade Média, a historiadora Christiane Klapisch-Auper assinala: “Mesmo nas classes abastadas da sociedade medieval, a viuvez ameaça as mulheres de um rápido declínio de classe e de um mergulho na pobreza...” (tradução nossa).
LE GOFF, Jacques(org.). *L’homme medieval*. Paris: Éditions du Seuil, 1989, p. 341-342.

o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele.²⁴

Essa inscrição em uma exclusiva devoção ao luto atravessa seus poemas como a pulsão que alimenta seu ofício. Eis outros versos das baladas, onde o eu-lírico expressa insistentemente as marcas desse estado de espírito penoso, próprias ao trabalho de luto:

Desânimo profundamente penoso:

| | |
|---|---|
| <p><i>Se de douloureux sentement Sont tous mes dis, n'est pas merveille, Car ne peut avoir pensement Joyeux, cuer qui en deuil travaille. Car, si je dors ou se veille. Si suis je en tristour a toute heure, Si est fort que joye recueille Cuer qui en tel tristour demeure."</i></p> <p style="text-align: right;">(Balade XVII – v.1-8)</p> | <p>Se de sentimento doloroso É todo o meu dizer, não é surpreendente, Pois não se pode ter pensamento Alegre, tendo o coração em trabalho de luto. Pois, se durmo ou se velo Estou a qualquer hora triste. E a alegria é vigorosamente retraída Se o coração reside em tristeza tal."</p> |
|---|---|

| | |
|---|---|
| <p><i>Dueil engoisseux, rage desmesurée, Grief desespoir, plein de forsennement, Langour sans fin, vie maleürée Pleine de pour, d'engoisse et de tourment, Cuer dolooureux qui vit obscurément, Tenebreux corps sus le point de perir, Ay, sanz cesser, continuellement; Et si ne puis ne garir ne morir.</i></p> <p style="text-align: right;">(Balada VI- v. 1-8)</p> | <p>Luto angustiado, fúria desmedida, Desespero lamentoso, cheio de ira, Langor sem fim, vida infeliz, Cheia de medo, de angústia e de tormento. Coração doloroso que vive obscuramente. Corpo tenebroso a ponto de desaparecer. Ai, sem cessar, continuamente; Assim não posso nem me curar nem morrer.</p> |
|---|---|

Desejo de morrer:

| | |
|---|--|
| <p><i>L'aure maudi que ma vie tant dure, Car d'autre riens nulle je n'ay envie Fors de morir; de plus vivre n'ay cure, Quant cil est mort qui me tenoit en vie.</i></p> <p style="text-align: right;">(Balada V – v. 5-8)</p> | <p>Maldita vida que dura tanto, Pois, nada mais me apetece, Apenas morrer, continuar vivendo não tem mais sentido Depois que morreu aquele que me deixava em vida.</p> |
|---|--|

| | |
|--|---|
| <p><i>"Et se mes las dolens jours fussent brief, Au moins cessat la douleur que j'endure;</i></p> <p style="text-align: right;">(Balada V – v.16-24)</p> | <p>E se meus dias lassos e dolentes fossem breves, Ao menos cessaria a dor que sinto;</p> |
|--|---|

| | |
|---|---|
| <p><i>"Et toy Mort, pri, escry moy en ton livre, Et fay que tost je voye tel message, Que mes griefs maulx soyent par toy delivre."</i></p> <p style="text-align: right;">(Balada IX – v.26-28)</p> | <p><i>E tu, Morte, eu te peço, escreve-me em teu livro E faz com que eu veja em breve tal mensagem, Que meus males queixosos sejam por ti aliviados</i></p> |
|---|---|

Cessaçãõ de interesse pelo mundo externo e inibiçãõ de toda e qualquer atividade:

| | |
|--|--|
| <p><i>Ne je ne puis de nul costé virer, Que je voye riens qui me puist valoir.</i></p> | <p>Para qualquer lado que me vire, Não vejo nada que me pareça importante.</p> |
|--|--|

²⁴ FREUD. S, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago: 1980, p:276 .

C'est bien raison que me doye doloir. Eis a razão das minhas lamentações.
(Balade VIII –v.12-14)

Incapacidade de adotar um novo objeto de amor:

| | |
|---|---|
| <i>Mon doulz ami, n'aiez malencolie</i> | <i>Meu doce amigo, não seja melancólico</i> |
| <i>Se j'ay en moy si joyeuse maniere;</i> | <i>Se manifesto comportamento de alegria;</i> |
| <i>Et se je fais en tous lieux chiere lie</i> | <i>E se em todos os lugares faço laços,</i> |
| <i>Et de parler a maint suis cooustmiere.</i> | <i>E costume falar com muitas pessoas,</i> |
| <i>Ne croiyz par pour ce, que plus legiere</i> | <i>Não penseis que por isso eu esteja mais insensível</i> |
| <i>Soye envers vous, car c'est pour decepvoir</i> | <i>Em relação a vós, pois é para decepcionar</i> |
| <i>Les mesdisans qui tout veulhent savoir.</i> | <i>Os maldizentes que tudo querem saber.</i> |
| <i>Balade XXVI –v.1-8)</i> | |

Ao trabalho de luto que encerra os versos acima segue um outro elemento: sua submissão à vida social. Observa-se uma inibição da exposição pública da sua dor, devido à condenação sob o olhar social, que pretende ter o poder de conduzir o caminho e o comportamento do enlutado a ser seguido. Para a viúva no período medieval pareciam restar-lhe dois caminhos: a vida religiosa ou um outro casamento. Caminhos rejeitados pela escritora Christine de Pizan, que preferiu a dedicação à sua atividade literária e à defesa das mulheres como objetivo de vida, escolhendo uma vida independente, sozinha.

| | |
|--|--|
| <i>“Seulete suy et seulete vueil estre,</i> | <i>“Sozinha sou e sozinha quero estar,</i> |
| <i>Seulete m'a mon doulz ami laissiee,</i> | <i>Sozinha deixou-me meu doce amigo,</i> |
| <i>Seulete suy, sanz compaignon ne maistre,</i> | <i>Sozinha sou, sem companheiro nem mestre,</i> |
| <i>Seulete suy, dolente et courrouciee (...)</i> | <i>Sozinha sou, queixosa e exasperada.(...)”</i> |

Seus sentimentos e comportamentos são, muitas vezes, velados para desviar do olhar de estranhamento e censura sociais, tal como acontece ainda hoje na nossa sociedade ocidental, na reação social do luto:

O luto como expressão social é encoberto por uma espessa malha que delimita contornos e o expulsa para dentro da pessoa. A solidão, o isolamento ministram o compasso dessa interiorização. A dor, o processo de introjeção do morto em si, que compõe o trabalho de luto, nostalgicamente processa o ritual interior.²⁵

Tal interferência da sociedade foi reiteradamente respondido por Christine de Pizan em diversas passagens da sua obra ao reivindicar seu direito de permanecer sem

²⁵ KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1996). "Cultura e subjetividade: questões sobre a relação luto e sociedade". In: KOURY, M.G.P.; LIMA, J.C. & RIFIOTIS, T. (orgs.). *Cultura & subjetividade*. João Pessoa: Editora Universitária, pp. 29-46 ; p.34.

companheiro, preservando para sempre seu primeiro amor, e critica duramente a atitude das pessoas que vigiam sua vida:

| | |
|---|--|
| <p><i>“Car se je suis gaye, cointe et jolie, C’est tout pour vous que j’aim d’amor entiere, Si ne prenez nul soing qui contralie Vostre bon cuer, car pour nulle priere Je n’ameray autre qui m’em requiere; Mais on doit moult doubter, a dire voir, Les mesdisans qui tout veulent savoir.”</i></p> | <p>Pois se estou alegre, jovem e bonita, É tudo por você, a quem eu amo de corpo e alma. Então, não tenha nenhuma preocupação que possa contrariar seu bom coração, pois por nenhuma prece amarei outro que me quiser; Na verdade, deve-se, no entanto, duvidar, Dos maldizentes que tudo querem saber.”</p> |
|---|--|

(Balada XXVI – v. 8-14)

Observa-se, porém, que todos esses sentimentos descritos em tais baladas são tão conscientemente expressos, explicados pelo eu-lírico que não se constituem, portanto, uma manifestação patológica da melancolia. Suas marcas do luto não tornaram a escrita de Christine de Pizan melancólica, pois apesar de profundas, tais marcas foram superadas e transformadas em outros elementos de busca, em outros objetos de contemplação e envolvimento na sua escritora. A melancolia exhibe ainda, segundo Freud (*Idem*, p. 278), “uma diminuição extraordinária de sua auto-estima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego”. Tal perda não se observa na obra de Christine de Pizan. Ao contrário, uma revisitação na sua obra salta aos olhos uma evidente auto-estima, que a faz, por exemplo, ser reconhecida entre as mais ilustres figuras alegóricas como a Razão, a Retidão, a Justiça, e ser escolhida por elas como parceira no grandioso empreendimento de construir uma fortaleza para as mulheres.

Cinco anos depois, germina, como término desse período de desorganização na sua vida, uma intensa e variada produção literária que, em qualquer gênero empregado, sempre deixa transparecer os rastros dos acontecimentos interiores e exteriores ao seu mundo, na complexa via da atividade literária. Eis o próprio duelo (Objetividade versus Subjetividade) em que se depara toda expressão artística, em sentido amplo:

[...]a realidade exótica da arte que, não sendo mais objetiva, não se refere a nossa interioridade, aparece por sua vez como o invólucro de uma interioridade. Uma natureza morta, uma paisagem – e com mais razão ainda um retrato – têm uma vida interior própria que seu invólucro material exprime. Uma paisagem, disseram, é um estado d’alma. Independentemente dessa alma dos objetos, a obra de arte, em seu conjunto, expressa o que se chama de mundo do artista. Existe um mundo de Delacroix como existe um mundo de Victor Hugo. A realidade artística é o meio de expressão de uma alma²⁶

Tal invólucro está na base de uma escrita que funde, em uma síntese, elementos autobiográficos e elementos históricos, de acordo com essa atitude dual do ser humano, que provém das palavras-princípio: EU - TU e EU - ISSO. Esse constante diálogo concretiza-se através da linguagem, que fundamenta a relação do homem, e favorece ao entendimento do trabalho artístico enquanto ficção, simulacro da percepção interior e exterior do artista. Tal essência da linguagem define o devir da escrita de Christine de Pizan: a transformação da expressão do seu trabalho de luto em um diálogo mais amplo da sua relação com o mundo.

Resolução do processo de luto: a construção de uma escrita feminista

1399, portanto, constitui o ano de sua virada literária, transformando o lirismo de suas baladas, que expressam as dores de amor, em ousadas obras de reflexão sobre a condição humana, sob as mais variadas formas discursivas: ora a filosófica, ora a historiográfica, ora a moralista. A mesma variedade de abordagens encontra-se também na temática. Christine discute e domina desde temas então monopolizados pelo universo masculino, como a arte da guerra, da administração real, nas obras “*Livre des Fais d’armes et de chevalerie*”, e “*Livre du Corps de Police*”, representando a valorização da força como ideal necessário de uma época, a temas que a apresentam como grande pacifista, nos

²⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1998, 64-65.

livros “*Lamentation sur la guerre civile*”, “*Livre de la paix*”, “*Epistre de la Prison de vie humaine*”, “*Epistre à la Reine*”.

É, no entanto, a defesa da mulher que constitui o traço indicador da sua obra, com maior evidência na caracterização de seu conjunto. A luta contra a cultura misógina está presente desde *Epistre au Dieu d’Amour*, ao seu último livro, *Le Ditié de Jeanne d’Arc*, escrito em 1429, um ano antes de sua morte. Obra louvável pela coragem em homenagear uma mulher, que venceu os limites da sua condição feminina, lutando contra as injustiças do seu tempo e que, por sua ousadia, foi acusada de bruxaria e jogada viva à fogueira, dois anos depois de receber a homenagem de Christine de Pizan. Sua obra foi a primeira e única feita a Jeanne d’Arc enquanto viva. A voz de Pizan coloca-se à disposição de toda uma “classe”. Suas obras se tornam não apenas escrituras sobre as mulheres, mas antes, escrituras das mulheres. Elas representam sua própria história, suas emoções, suas afeições, suas virtudes, sua maior arma. A utopia por um mundo diferente não a faz ausente do mundo real. Eis por que, então, enquanto sonha, ela produz, ela se arma contra os ataques dos inimigos, como fez em “*La Cité des Dames*”. Não se trata de um livro *sobre* a defesa das mulheres, ele pretende ser sua própria arma, sua própria defesa. A utópica cidade construída por Christine de Pizan seria fundada em um campo fértil e rico, no “Campo das Letras”, com o objetivo de ser, não apenas um refúgio para as mulheres, mas uma verdadeira fortaleza contra as injúrias presentes nos grandes clássicos da época.

A suspensão do momento presente manifesta-se recorrentemente na sua obra na imagem do sonho, do estado alucinatório, como via capaz de antecipar o devir utópico naquele repouso fugidivo de inspiração artística. Sobre a atividade do adormecer, reflete Lévinas²⁷:

²⁷ Lévinas. 1998, 85-86

Dormir é suspender a atividade psíquica e física. Mas ao ser abstrato, pairando no ar, falta uma condição essencial dessa suspensão: o lugar. O apelo ao sono se faz no ato de deitar-se. Deitar-se é exatamente limitar a existência ao lugar, à posição.[...]Ela [a posição] é um engajamento no ser que consiste em manter-se precisamente no não-engajamento do sono

O sonho representado na escrita de Christine de Pizan não é o sonho enquanto inconsciente, oriundo do sono profundo, de desligamento do mundo. Mas, um sonho experimentado em momentos de semi-adormecer, sendo, portanto, um “consciente enquanto desordem”²⁸, o revés da realidade, e não a ausência dela. Em o *Livre du chemin de long estude*(1403), a escritora, inspirando-se na *Divina Comédia*, de Dante, narra a sua viagem onírica, em aproximadamente 6000 versos, guiada pela Sibila de Cumes. Christine é a personagem principal, a quem Razão confia a redação dos debates e decisões travados nessa longa viagem. Mas, ao contrário de Dante, que perde o caminho certo, ela, tendo como primeira parada a fonte da Sapiência, segue sempre pelo caminho correto, o caminho de “longo estudo” - reservado exclusivamente aos “letrados”-, que as leva ao céu, ao paraíso-terrestre, conhecendo alguns personagens alegóricos, como A Sabedoria, a Nobreza, a Cavalaria, a Riqueza. Nessa obra, o eu-lírico narrador, na voz de Christine, descreve o desencadear da sua devoção aos estudos, findo seu luto.

Em mais um outro semi-adormecer que, transportando-a as suas alucinações, deixa o corpo presente, no seu quarto de estudo, Christine de cabeça baixa, protegida pelas mãos, percebe um raio de luz que desce ao seu colo, trazendo-lhe à sua frente três virtudes personificadas em Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça, que a ajudarão a construir a já citada cidade das mulheres. A luz vem direto ao seu colo, refletindo o desejo de fertilidade de tais virtudes que, uma vez acolhidas no colo feminino, brotariam na

²⁸ - Expressão utilizada por Roland Barthes, no texto *Durante muito tempo deitei-me cedo*, em ocasião de uma conferência no Colégio de França, em 1978.

consciência de homens e mulheres, através da voz coletiva que ecoa da escritora, escolhida pelo reconhecimento de seu esforço.

Audácia, coragem, feminismo - são os traços de uma escrita movida pela emoção, na qual Christine de Pizan busca seus sonhos, resgatando sua vida como forma de motivação à sua trajetória de força e conquista. Mais do que a representação de sua vida, o “eu” da escrita representa o desejo de escrever, que se desloca do seu próprio “eu”, para em sonhos, alegorias, e na multiplicidade das suas máscaras, construir e perpetuar a existência de uma outra Christine: a Christine escritora, nascida da morte do seu Étienne.

I.3 – Cronologia da obra de Christine de Pizan (1364 – 1430)

1399-1402

Cent ballades
Virelays
Balades d'estrage façon
Ballades de divers propôs (I-XXIX)
Une complainte amoureuse (I)
Lays
Rondeaux
Jeux à vendre.

In.: ROY, Maurice (ed.). *Oeuvres poétiques de Christine de Pizan*. Paris: Didot (Société des Anciens textes Français): 1886-1896, 3 vol. (Volumes e números das páginas: I, 1-100, 101-118, 119-124, 207-241, 281-288; II, 125-145, 147-185, 187-205).
 Outros textos encontram-se na antologia de Jeanine Moulin *Christine de Pisan*. Paris: Seghers, 1962 [Poètes d'hier et d'aujourd'hui] e em VARTY, Kenneth(ed.) *Ballades, rondeaux, and virelais*. Leicester: Leicester University Press, 1965.

1399

Epistre au Dieu d'amours (datada do 1º de maio).

ROY, M.(ed.) p. 1-27.
 FENSTER, T., ERLER, M.C. (ed e trad. inglesa) *Poems of Cupid, God of Love: Chrstitine de Pizan's "Epistre au Dieu d'Amours" and "Dit de la Rose"*, Thomas Hoccleve's *The Letter of Cupid*, Leiden et New York: Brill, 1990.

1400

Le Débat de deux amants
Le Livre des Trois jugements amoureux

- Le Livre du Dit de Poissy* (datado de abril de 1400)
- Ed. Roy, M. II, p. 49-109; III, 57 e 159-222
 BK. Altmann (ed.). *The love debate poems of Christine de Pizan: Le Livre du Debat de Deux Amans*, “*Le Livre des trois jugements*”, “*Le Livre du Dit de Poissy*”. Gainesville: university of Florida, 1998.
- 1400-1401 *L'Epistre Othea*
Les notables moraux ou Enseignements de Christine a son fils
Proverbes moraux
- ROY, M. (ed.) III, 27-44; III, 45-57.
 LOUKOPOULOS, H.(ed.). *Classical mythology in the works of Christine de Pisan, with an edition of 'Epistre othes' from the manuscript harley 4431*, tese de doutorado de Wayne State university, 1997.
 PARUSSA, G. *Epistre Othea*. Genève: Droz, 1999.
- 1401-1402 *Le Livres des Epistres sur Le Roman de la Rose.*
- HICK, E (ed.) Paris: champion (Bibliothèque du XV siècle, XLIII), 1977.[reemprenso em 1996].
- 1402-1403 *Le Livre du Chemin de long estude* (escrito entre 5 de outubro de 1402 e 20 de março de 1403)
- PÜSCHEL, R.(ed). Berlin, 1881.
 TARNOURSKI, Andrea (ed, trad. francesa) Paris : LGF, 2000.
- 1403 *Le Dit de la Pastoure* (Data do mês de maio)
Le Livre de la Mutation de Fortune
Une Epistre a Eustache Mourel (datada do 10 fevereiro)
- ROY, M. (ed.). II, 223-294; II, 295-301
 REESE, Mary V. (ed). A CRITICAL Edition of Christine de Pizan's Dit de la Pastoure, tese uNiversity of Alabama, 1992.
 SOLENTE, Suzanne. Paris: Picard (Société des Anciens Textes français). 4 vol, 1959-1966.
- 1404 *Le Livre des Fais et bonnes meurs du sage roy Charles V* (escrito entre janeiro e novembro)
- SOLENTE, S.(ed.) Paris: Champion. 2 vol, 1936-1940.
- 1404-1405 *Le Livre du Duc des vrais amans*
Le livre de la Cité des Dames (escrito entre 13 de dezembro de 1404 e abril de 1405)

- ROY, M.(ed.). III, 59-208.
 FENSTER, T. MARGOLIS, N. (ed. e trad. iglesa) *The book of the Duke of True Lovers Persea*: New York, 1991.
 CURNOW, M. CHENEY, tese de Doutorado da Vanderbilt University, 3 vol., 1975.
 RICHARDS, Earl J. (ed) e CARAFFI, P. (trad. italiana) *La Città delle Dame*. Milano: Lune, 1998.
- 1405 *Le Livre des Trois Vertus ou Le Tresor de la cite des Dames* (escrito entre da primavera ao outono)
Epistre a Isabelle de Baviere, reine de france (datada do 5 de outubro)
L'Avision Christine
- WILLARD, Charity Cannon, HICKS, E. (ed). Paris: Champion (Bibliothèque du XVe. Siècle, L), 1989.
 LAIGLE, M. *Le Livre des Tríos Vertus de Christine de Pisan et son milieu historque et littéraire*. Paris: Champion (Bibliothèque du XV. Siècle, XVI), 1912.
 KENNEDY. A.J. (ed.) “Christine de Pizan’s Epistre à la reine (1405)”. In. *Revue des Langues Romanes*, XCII, 1988, P.253-264.
 Wisman, legge, M. D. (ed.) *Anglo-norman Letters and Petitions from All Souls Ms. 182*, Oxford (Anglo norman Text Society, II), 1941.
 TOWNER, Sister Mary. L. the catholic university of America, 1932. [reimpresso New York, AMS Press, 1969].
 DULAC, L., RENO, C. Paris: Champion, 2005.
- 1405-1406 *Le Livre de la Prud’homie de l’homme ou Le Livre de Prudence*
- 1406-1407 *Le Livre du Corps de Police*
- LUCAS, R. H. (ed.) Genève: DROZ (T.L.F., 145), 1967.
- 1407 *Autres Ballades ou Ballades de divers propos*, XXX-XLIV, XLVI-L. (Iniciadas em 1402)
- ROY, M.(ed.). I, 241-259, 260-269.
- 1409 *Psaumes allegorisés*
- RAINS, Ringland. (ed.) Washington: The Catolic University of America, 1965.
- 1410 *Autre Ballade, XLV*
Une Complainte amoureuse (II)
Cent Ballades d’Amant et de Dame.
Le Livre des Fais d’armes et de chevalerie.
La Lamentation sur lês maux de la France

ROY, M. (ed.). I, 259-260, 289-295; II, 209-317.

LAENNEC, C. M. Christine “antygrafe”: authorship and SELF In the Prose Works of Christine de Pisan, with an Edition of B.N. 603 *Le Livres d’Armes et de Chevalerie*, tese Yale University, 1988.

KENNEDY, A. (ed.) In. *Mélanges de Langue et littérature françaises du moyen Âge et de la renaissance offerts à Charles Foulon*. Rennes: institut de Français, Université de Haute-Bretagne, I, 1980, p. 177-185.

1412-1413

Le Livre de la Paix

WILLARD, C.C. (ed.). *The Livre de la Paix of Christine de Pizan*. Mouton: The Hague, 1958.

1414-1418

Epistre de la Prison de vie humaine

KENNEDY, A. J. London: Grant and Cutler, 1984.

WISMAN, J. S. (ed e trad. inglesa) *The Epistle of the prison of Human life, with An Epistle to the Quenn of France and Lament on the Evils of the Civil War*. New York: Garland (“The Garland library of Medieval literature”, vol 21, Series A), 1984.

1420

Les heures de contemplacion sur la Passion de Nostre Seigneur.

1429

Le Ditié de Jeanne d’Arc

KENNEDY, A. J., VARTY, K. (ed. E trad. Inglesa). Oxford: Society for the Study of Mediaeval Languages and Literature (“Medium Aevum monographs”, n.s., IX), 1977.

CAPÍTULO II DAMA HISTÓRIA, DAMA LITERATURA: OS ALICERCES LITERÁRIOS DA OBRA CHRISTINIANA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A surpreendente produção literária de Christine de Pizan denuncia o longo caminho de estudo, de pesquisas e aprendizagens que seu olhar curioso percorreu em incansáveis leituras ao longo da sua vida. Muito presentes em sua obra, suas leituras constituem um imenso e variado arquivo de memória adquirido desde a infância privilegiada, em contato com os códices da biblioteca do Louvre, então Palácio real de Carlos V, onde Christine residia.

Perplexa com a grandiosidade do repertório literário da escritora, e sua erudição, fui motivada a fazer uma visita ao museu do Louvre, agora impulsionada por um outro sentimento de curiosidade, o ávido desejo de apreciar aquele museu, por alguns momentos, não pela riqueza das obras de arte guardadas em seu interior, mas pelo valor simbólico de ter sido o espaço onde há sete séculos, o rei Carlos V reunia um rico arsenal de belíssimos manuscritos, disponível a todos os sedentos de saber, como Christine, na sua grandiosa “*Librairie royale du Louvre*”. Carlos V, o chamado “*sage roy*”(rei sábio), fez da vida cultural a marca do seu reinado, desempenhando um papel precioso na divulgação do conhecimento no século XIV, através de seu interesse em fazer traduzir para o francês obras importantes escritas em grego, latim, árabe, por ilustres intelectuais da época como Nicole Oresme, Raoul de Presles.

Durante a visita à torre do museu do Louvre, fui acompanhada por duas ilustríssimas senhoras, Dama História e Dama Literatura, que iniciaram uma interessante discussão a respeito das obras das quais Christine de Pizan faz menção e que compõem o repertório de seus textos.

Dentro em pouco, prosseguia então a visita daquela torre, que segundo Dama História, apresentava a seguinte disposição: no primeiro piso, eram dispostos belos manuscritos da Bíblia, crônicas e traduções encomendadas pelo rei; no segundo piso, encontravam-se os livros pra divertir, romances de cavalarias, e o poema narrativo mais lido no momento, *Le Roman de la Rose*, o terceiro piso, estavam os livros de clérigos em latim e os livros de astronomia e astrologia.

A *Librairie royale du Louvre*, era a terceira biblioteca de toda a cristandade, com mais de 900 volumes, superada apenas pela Biblioteca de Avignon, que continha 2000 códices, e a da Sorbonne com pouco mais de 1000. O rei sábio, como Christine referia-se a ele, transformou sua biblioteca pessoal em um centro de estudos, um pequeno esboço do que seria a *Bibliothèque Nationale* hoje, possibilitando a formação de muitos intelectuais da época, dentre os quais, uma figura feminina, a da escritora Christine de Pizan. Leitora assídua, Christine constrói sua obra com a interpretação de suas leituras, o que lhe permitiu compor novos sentidos a tais textos, como aconteceu particularmente com sua leitura da segunda parte do *Roman de La Rose*, da obra *Mulieribus Claribus* de Boccaccio (1313-1375), da *Divina Comédia* de Dante. Com tais obras, Christine deu novas interpretações, adaptando-as, criticando, citando, utilizando-se da estrutura formal, enfim, reflete suas leituras através de uma posição ativa enquanto leitora, aproveitando-se das brechas deixadas pelos autores, nas entrelinhas de suas obras.

Nesse ponto, ressalta Dama Literatura, Christine aproxima-se da concepção de “leitor implícito” imaginado pelo teórico Iser²⁹, que seria:

uma estrutura textual, prefigurando a presença de um receptor, sem necessariamente defini-lo: esse conceito pré-estrutura o papel a ser assumido pelo receptor, e isso permanece verdadeiro mesmo quando os textos parecem ignorar seu receptor potencial ou excluí-lo como elemento ativo. Assim, o conceito de leitor implícito designa uma rede de estruturas que pedem uma resposta, que obrigam o leitor a captar o texto.

²⁹ ISER, Wolfgang. “L’acte de lecture”. *Théorie de l’effet esthétique*. In. : COMPAGNON, Aantoin. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2001. p.151.

A concepção da própria obra literária, prossegue Dama Literatura, envolve o modo intrínseco da sua representação do mundo, através da ficção, assim como da interpretação de imagens por intermédio de sua realidade. Esses laços de fantasia, de imaginação criativa com a realidade são os constituintes da essência literária.

O poder criativo do imaginário humano sempre esteve presente na história da humanidade como uma forma de evocar o real vivido e, ao mesmo tempo, como elaboração simbólica das aspirações de cada ser e(ou) de cada sociedade, transversalmente a construções de objetos ainda não percebidos. Tal força criadora revela-se de maneiras diversas, através de devaneios, de sonhos acordados ou não, e sob várias expressões de atividades humanas, tendo a arte como representação suprema do processo onírico. As imagens representadas no imaginário são recortes temporais e fugazes do real e da fantasia capazes de evidenciar o processo de fusão do mundo com o sujeito; do presente com o passado e com o futuro, e do passado com o futuro; da memória subjetiva com a memória coletiva, em expressões artísticas capazes de refletir o tal momento onírico em uma busca no real de concretização do objeto sonhado.

Na expressão artística da Literatura, esse momento fugaz do processo onírico esteve continuamente presente em diversas obras desde a Antigüidade até nossos dias, representando as fantasias, as angústias, os anseios de cada época através desses recortes da realidade condicionados ao momento histórico do sujeito artístico. Lembremos a seguir algumas obras representativas desse processo onírico sob forma de narrativas literárias, detendo-nos à Antigüidade, Idade Média e Renascimento, uma vez que pretendemos evidenciar o caráter literário da narrativa do sonho, interessando-nos ao sonho enquanto modalidade literária: o discurso do sonho na literatura ocidental.

II.1 - Literatura do sonho

Nos textos Antigos, o sonho apresenta-se, quase sempre, como uma forma de premonição, através da qual o sujeito eleito obtém o poder de prever o futuro para assim intervir sobre ele. Nos poemas homéricos, escritos entre os séculos VIII a.C. e VII a.C. encontramos diversos relatos de sonhos. Em muitos, um personagem chamado *Oneiros*(ὄνειρος: ôneiros, donde onírico) entra no quarto do sonhador para lhe anunciar uma mensagem. Mais o sonhador é importante, mais tal mensagem terá um valor oracular. Em alguns trechos da *Odisséia*, o fenômeno onírico aparece em forma de visão, necessitando de interpretações para serem compreendidos. No Canto XIX, Penélope descreve seu sonho enigmático, buscando sua interpretação, definindo não mais como um sonho, mas como uma visão premonitória:

Ouvi meu sonho e vede o que significa. Havia vinte grandes gansos que saíram da água para comer. Senti um calor no coração quando os vi. Mas uma águia das montanhas desceu, quebrou-lhes o pescoço com suas garras recurvadas e matou-os. Eles ficaram estendidos no chão enquanto a águia subia ao céu. Eu gritei, no sonho, quero dizer, e uma multidão de mulheres ajuntou-se em torno de mim, enquanto eu chorava amargamente porque a águia matara meus gansos. A águia voltou, pousou numa viga do telhado e falou-me com voz humana: “Toma coragem, filha do famoso Icários! Isto não é sonho, mas uma visão do bem que certamente será cumprido. Os gansos são aqueles que te fazem a corte e eu, que era antes uma águia, sou agora teu próprio marido, e trar-lhes-ei uma morte terrível. Então acordei e vi os gansos, como sempre pastando entre o trigo”³⁰

A explicação do personagem Penélope em um outro trecho retrata a dualidade do fenômeno, e o cuidado em distinguir as ilusões falsas das verdadeiras mensagens trazidas por entidades divinas:

Estrangeiro, os sonhos são na verdade de interpretação difícil, de sentido obscuro; e nem tudo quanto anunciam vêm os homens realizarem-se. Porquanto existem duas portas para os inconscientes sonhos: uma feita de chifre e outra de marfim: Os que vêm pela de marfim serrado enganam-nos com vãs esperanças e suas palavras são ocas; mas os que entram pela porta de polido chifre, esses anunciam ao mortal, que os vir, coisas que hão-de ser realidade.³¹

³⁰ HOMERO. *Odisséia*. Trad. de Jaime Bruma. São Paulo: Cultrix, 1994, Canto XIX, 407-409.

³¹ *Item*.

No século V a.C., uma das principais obras da Antigüidade, *A República* de Platão, o sonho é visto como um momento de revelação dos nossos desejos reprimidos. No Livro IX, o filósofo Sócrates, um dos interlocutores do diálogo com Adimanto, comenta a propósito:

[...] O que queremos saber é o seguinte: que existe em cada um de nós uma espécie de desejos terríveis, selvagens e sem leis, mesmo nos poucos de entre nós que parecem ser comedidos. É nos sonhos que o fato se torna evidente[...].³²

Dentre as obras da Antigüidade, *Da República* de Cícero talvez seja a que maior interesse despertou nos teóricos do fenômeno onírico no início da Idade Média, em especial, o livro sexto da obra, intitulado “O sonho de Cipião”³³.

Nesse livro, Cícero faz aparecer a Cipião, em sonho, o seu avô homônimo, o já falecido Africano, para revelar-lhe as recompensas que receberão em uma outra vida os homens que tiverem rendido serviços a seus concidadãos. Tal aparição onírica, situada em um estado de sono profundo, é descrita da seguinte forma:

Quando nos retiramos para os nossos quartos, achei-me tão fatigado da viagem e de ter velado à noite toda, que caí logo num sono muito mais profundo do que o de ordinário costumava desfrutar. Então (talvez pela impressão do que tínhamos conversado, porque é freqüente que os pensamentos e as palavras da vigília produzam durante o sono efeito análogo ao que de Homero escreve Ênio, que com freqüência costumava falar e pensar nele) Africano se me apresentou sob aquela forma que eu conservava na minha imaginação, mais por ter visto seu retrato do que sua própria figura. Quando o vi, comeci a tremer. Mas ele: -Serena teu ânimo, Cipião – disse-me – e grava na mente minhas palavras.

No início da Idade Média, a desconfiança perante os sonhos, uma vez que as mensagens recebidas nos sonhos podiam ser verdadeiras ou ilusórias, conviveu ao mesmo tempo com uma grande aceitação em meio popular e literário, dando continuidade a esse discurso onírico através de outros elementos com valores teológicos próprios à era. Alguns autores se debruçaram a tentar definir, classificar, interpretar o fenômeno do sonho nas

³² PLATÃO. *A República*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo : Martin Claret, 2003, p.270.

³³ CÍCERO, Marco Túlio. *Da República*. Livro VI. Tradução de Amador Cisneiros. São Paulo: Editora Abril, 1973. (Coleção Os Pensadores).p.185-188.

narrativas dos autores da Antigüidade, situando-o em termos de dualidade, entre o transcendental e o imanente, o divino e o mundano. Dentre os teóricos do discurso do sonho, destacam-se Santo Agostinho (séc.IVd.C.), distinguindo três tipos de “visões”: corporal, espiritual e intelectual, o filósofo e compilador latino, Ambrósio Macróbio³⁴ (séc.Vd.C.), Calcídio (séc.IVd.C). Macróbio, talvez o maior transmissor e analista dos textos que apresentam o sonho enquanto narrativa literária, deixou-nos uma das principais obras tratando dessa dualidade, intitulado *Interpretatio In Somnium Scipionis*, obra bastante divulgada na Idade Média.

Analisando as narrativas clássicas, Macróbio define cinco tipos de sonhos, com base na classificação de Artemidoro, no século II, na qual haveria dois tipos de sonhos: o *óneiros*, que indicaria o futuro, e o *enýpnion*, relacionado ao cotidiano. Os cinco tipos de sonho classificados por Macróbio são os seguintes: o **sonho** (gr. Ονειρος [óneiros], lat. *somnium*, fr. *songe*,) situado entre a revelação e a ilusão, necessita do intermédio da interpretação para que sejam possíveis as revelações nele contidas, uma vez que se apresenta em estilo figurado e cheio de obscuridade; **visão profética** (gr. οραμα [ôrama], lat. *visio*), com caráter premonitório, nos aparece em instantes em que não estamos nem totalmente dormindo, nem perfeitamente acordados; o **oráculo**, (gr.Χρηματισμος [khrematismós], lat. *oraculum*), manifestando-se quando um personagem austero, venerável, uma entidade divina aparece-nos durante o sono para nos anunciar algo que irá nos acontecer, orientando no que deve ser feito; o **sonho**(gr. ενυπνιον [enýpnion], lat. *insomnium*), relacionado ao dia a dia do sonhador; a **aparicção**, (gr.φαντασμα [fantasma], lat. *visum*) na qual temos a sensação de sermos invadidos por figuras fantásticas, por espectros. É o termo de *visum* que o personagem Lélío utiliza no final da narrativa para designar o fenômeno presenciado: “a visão desapareceu, então, e eu despertei”.

³⁴ http://www.ferratermora.org/ency_filosofo_kp_macrobio.html

No entanto, para Macróbio, esses dois últimos tipos de sonho seriam falsos, uma vez que eles não se prestam a adivinhações, enquanto que os últimos três, ligados a revelações Divinas poderiam ser considerados como verdadeiros. No caso de “O Sonho de Cipião”, os três últimos gêneros estariam envolvidos:

hoc ergo quod Scipio uidisse se retulit et tria illa quae sola probabilia sunt genera principalitatis amplectitur et omnes ipsius somnii species attingit. est enim oraculum quia Paulus et Africanus uterque parens, sancti grauesque ambo nec alieni a sacerdotio, quid illi euenturum esset denuntiauerunt; est uisio quia loca ipsa in quibus post corpus uel qualis futurus esset aspexit; est somnium quia rerum quae illi narratae sunt altitudo tecta profunditate prudentiae non potest nobis nisi scientia interpretationis aperiri.³⁵

Trata-se, portanto, de uma autoridade oracular que se apresenta a Cipião Emiliano, o seu avô adotivo, chamado Públio Cornélio Cipião, o Africano, que se distinguiu na segunda guerra púnica e venceu Aníbal, em Zama, e em seguida, seu pai Paulo Emílio³⁶. Ambos atravessam a morte para mostrar ao filho e neto qual o caminho da salvação e profetizar suas conquistas e destruição da cidade de Cartago. As visões premonitórias permitem-no visualizar lugares, situações, pessoas que estarão presentes em momentos do seu futuro. E, um último elemento analisado por Macróbio é a simbologia enigmática desse tipo de sonho, no qual, para que a compreensão seja revelada se faz necessário o uso da interpretação. Observa-se no relato do sonho de Cipião a “evocação aos mortos”, a *nakuia*, com a visão oracular dos antepassados de Cipião, um sentido escatológico, de previsão dos fins dos tempos e da salvação através das boas ações na Terra

A narrativa do sonho, e sua diversidade de forma e sentido, presente, portanto, desde a Antigüidade Clássica, impõe-se na Idade Média, em várias obras importantes, tais como *Le Roman de la Rose* (1268), a primeira parte escrita por Guillaume de Lorris, *Le*

³⁵ Trata-se da sessão III do *Comentário do Sonho de Cipião*, escrito por Macróbio. O texto encontra-se, na íntegra, disponível na web, sob o seguinte endereço:
http://la.wikisource.org/wiki/Commentariorum_in_Somnium_Scipionis

³⁶ Cf: Cícero. “O sonho de Cipião”. In: *Da República*. Trad.: Agostinho da Silva. São Paulo: Editora Atena, 1973, p.185-188.

Songe du Vieil Pelerin (entre 1386-1389), de Philippe de Mézières³⁷, *Le Songe du Vergier* (1378), também a ele atribuído. Esses autores receberam influência considerável da obra de Macróbio.

Vale mencionar, por exemplo, o início da primeira parte do *Roman de la Rose*³⁸, traduzida em forma narrada por Sonia Regina Peixoto e Eliane Ventorim e revisado pelo medievalista Ricardo da Costa:

Alguns dizem que nos sonhos não existem senão engano e mentira³⁹, mas às vezes se podem ter sonhos que não mentem e que, com o passar do tempo, revelam-se verdadeiros. Para demonstrar isso, posso apresentar um autor que se chamava Macróbio: ele não tomou os sonhos como brincadeiras, pelo contrário, escreveu uma obra sobre o sonho que teve o rei Cipião.

Outra influência marcante nessas obras a partir do chamado renascimento medieval do século XII, como o *Roman de la Rose* é a da ciência árabe, introduzida por um corpus de textos de tratados médicos sobre o processo do sonho, traduzidos do árabe, permitindo o desenvolvimento de uma “físio-psicologia” da *imaginatio*, baseada na noção da circulação dos “espíritos” (*spiritus*) no corpo. Segundo a explicação de Jean-Claude Schmitt⁴⁰:

Os espíritos circulam do coração ao cérebro, do cérebro aos olhos, dos olhos aos objetos externos (segundo uma concepção de óptica que, por longo tempo, privilegiou a tese da *extramissio*) e dos olhos voltam para o cérebro, para produzir imagens imateriais ou imagines, que são armazenadas na memória, avaliadas pela mens e podem ocasionalmente reaparecer nos sonhos (*in somnis*).

A imaginação e os objetos oníricos seriam, portanto, gerados a partir da realidade, porém chegada à mente após um processo de transformação. Essa *similitudo corporis*, ou seja o simulacro, que estará presente nos séculos XII ao XV, nas narrativas e poemas da

³⁷ O autor do século XIV, foi conselheiro do rei Charles V, entre 1373 e 1380, com a morte do rei. Sua obra (p. 1144-1145 – Dictionnaire des lettres françaises: Le Moyen Âge. Paris: Fayard, 1964 - La Pachotheque).

³⁸ O primeiro *Roman de la Rose* é um poema de um pouco mais de 4.000 octassílabos, escrito entre 1268 e 1278, por Guillaume de Lorris e a segunda parte foi escrita 40 anos mais tarde por Jean de Meung, e apresenta 18.000 versos. A partir da leitura crítica da segunda parte do poema, escrita por Jean de Meung, desencadeará a célebre “Querelle des Femmes”, provocada por Christine de Pizan, que através de cartas literárias, a escritora denuncia a misoginia marcante presente na sua obra.

³⁹ É comum na Literatura da época a rima de *songe/mensonge* (sonho/mentira).

⁴⁰ SCHMITT, Jean-Claude. “A imaginação eficaz”. *Signum*. Revista da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) n.º:3, São Paulo: USP/ABREM, 2001, p.135

lírica trovadoresca, nos revela, por exemplo, que o objeto amado, não é o ser propriamente dito, mas o fantasma, a imagem do objeto que o amante projeta na sua imaginação. Daí desenvolve os principais elementos das teorias do amor cortês, características daquela literatura.

As traduções das teorias aristotélicas também representaram traços essenciais na evolução das narrativas do sonho. Tais teorias desvinculavam os sonhos de entidades divinas, introduzindo um caráter racionalista, derivados de processos somáticos e psicológicos. Autores medievais cuidaram logo em adaptar tais idéias à linha de percepção medieval, conciliando com o pensamento bíblico e as teorias cristãs.

II.2 - Alegoria como discurso literário

Outro traço evolutivo da narrativa do sonho na Idade Média é o uso das alegorias. Esse procedimento retórico, iniciado desde as interpretações de Homero, fundamentou-se na Antigüidade, para utilização de caráter moralizante, através de personificações de qualidades morais, devendo ser facilmente reconhecíveis. Tal é o caso da obra *Psychomacha*, do poeta latino Prudêncio(início do século V), que apresenta o combate entre Vícios e Virtudes; ou ainda *De Nuptiis Mercurii et Philologiae*, de Martianus Capella (primeira metade do séc. V), em que a figura alegórica da Filologia, cercada pelas sete artes, *trivium* e *quadrivium*, sobe ao céu para casar-se com o deus da eloquência, Mercúrio; ou ainda, *Consolatio de Philosophiae* do célebre Boécio(século VI), traduzido em francês por Jean de Meung. Trata-se do diálogo socrático entre o próprio Boécio e a personificação da *Filosofia*, a respeito de sua lamentável sorte, referindo-se a ela em forma alegórica como a “malévola e enganosa Fortuna”.⁴¹

⁴¹ Interessante lembrar as circunstâncias em que a obra foi escrita. Boécio escreveu tal diálogo na prisão, entre uma seção e outra de tortura. Tal fato é registrado em uma *crônica anônima* de Ravena e na *Historia*

Também na Idade Média, o uso da alegoria era bastante recorrente, no entanto, além de figura retórica e princípio de composição poética, seu emprego era também uma maneira de decifrar o mundo, a alma humana, os sinais deixados por Deus. Herdada tanto das teorias antigas, quanto do princípio da exegese bíblica, as narrativas alegóricas medievais eram carregadas de ensinamentos cristãos, bastante influenciadas pelos exemplos bíblicos da Santa Escritura. As alegorias penetram tanto em obras de pretensão científica, como as enciclopédias, os manuais de ciências naturais (como os bestiários e os lapidários), como naquelas de finalidades mais práticas. Dentre várias obras, lembremos dois: *Livre des Quatre Âges de l'homme* de Philippe de Novarre (~1260), no qual cada fase da vida corresponde a uma virtude moral, ou seja, a infância corresponde à personificação do Sofrimento, (que tem um sentido de paciência), a juventude corresponde ao Serviço, a maturidade ao Valor, e a velhice à personificação da Honra; uma outra obra de finalidade prática e moralizante é *Anticlaudianus* de Alain de Lille (1160-1180). Nela, a figura alegórica de Natureza convoca as Virtudes para trabalhar na formação de um novo homem. Para tanto, entra em cena outras alegorias como a Prudência, a Razão e a Teologia, propondo uma hierarquia das virtudes.

Voltando à narrativa de um sonho, as imagens criadas pela imaginação ganham uma força maior no propósito da formação moralizadora dos autores, na maioria clérigos ou ligados à vida eclesiástica. Na França, a primeira narrativa dessa modalidade, intitula-se *Songe d'Enfer* (Sonho de Inferno), poema de 682 octossílabos de Raoul de Houdenc (~1210), na qual o autor viaja em sonho à Cidade do Inferno, e pelo caminho dialoga com vários Vícios em forma de alegorias, como a Inveja, a Avareza, a Vergonha.

Nesse mesmo século surge a principal obra do gênero, o já citado *Roman de la Rose*. Através do sonho, o narrador em primeira pessoa, identificado como o Amante, chega em um maravilhoso pomar, povoado de alegorias tanto de conotações positivas, como o Desejo, a Beleza, a Cortesia, a Juventude, etc, tanto de valor negativo, como o Ódio, a Traição, Pobreza, Tristeza, Velhice, etc. Nesse pomar, o amante é seguido pelo Amor, que chegando na fonte de Narciso, descobre uma rosa, por quem se apaixona. O romance encerra com o pranto desesperado do Amante, que após beijar a rosa, dela é separado pelos muros do castelo de Ciúme construído à sua volta.

No final da Idade Média, duas obras merecem destaque: *Songe du vieil pelerin* [Sonho do velho pelegrino], escrito entre 1388 e 1389, por Philippe de Mézières, e *Songe du vergier* [Sonho do pomar], de 1378, tradução do original latino *Somnium Viridarii* (1376). Segundo Schnerb-Lièvre⁴², a tradução francesa é uma reformulação mais criativa e rebuscada da obra latina, encomendada pelo rei Carlos V. Trata-se de um diálogo entre a Potência espiritual e a Potência temporal, em forma de alegorias, sobre os poderes do papa e do rei no fim do século XIV. O diálogo, atribuído a Évrard de Trémaugon, inicia-se após o adormecer do narrador em um pomar, daí o título. Quanto à obra de Philippe de Mézières, chamada por Sylvie Lefèvre⁴³, de « grande máquina alegórica », o narrador pelegrino atravessa o mundo com as alegorias Ardente desejo e sua irmã Boa Esperança, guiando as virtudes Verdade, Paz, Justiça e Misericórdia, para que estas examinem o estado moral e espiritual dos reinos, mostrando o mal que corrompe todas as camadas da sociedade. A viagem termina na França, onde as virtudes entregam ao rei Carlos VI um tratado de governo, persuadindo-o a reformar seu reino, restabelecendo uma paz durável com a Inglaterra, e propondo a reunião de cristãos em uma cruzada contra os infiéis.

⁴² Ver verbete « *Songe du Vergier* », escrito por Marion Scherb-Lièvre. In. : *Dictionnaires des Lettres : le Moyen Âge*. Édition revue et mise à jour par Michel Zink et Geneviève Hasenohr. Paris : Fayard, 1992. [Pochothèque], p.1402-1403.

⁴³ Verbetes « Philippe de Mézières » do *Dictionnaire des Lettres*. p. 1144-1146

Observa-se que por essas obras perpassa um fio condutor que amarra os ideais, os valores, as angústias, os desejos de uma sociedade em construções literárias, que têm o sonho como modalidade discursiva. Nela, o real e o imaginário, história e mitos se confundem como em um verdadeiro processo onírico.

II.3 - Literatura da Utopia : o discurso de todos os tempos.

A presença de sonhos, de fantasias, de um mundo geral, no imaginário é inerente à toda sociedade humana. A fim de estabelecer uma concepção de sonho utópico, vale ressaltar que, em princípio, cada sociedade humana convive de forma imbricada com duas dimensões : a realidade concreta e o imaginário. De tal imbricação, a história é movida, na medida em que o desencantamento com o real, leva a sociedade a sonhos coletivos em busca de uma realidade desejada, que se projeta na experiência da utopia, próprio ao existir humano. Partindo de tal avaliação, definimos utopia enquanto fenômeno presente em todas as eras humanas, apresentado-se com contornos variados, ora como « eutopia », um lugar ideal, ora como « distopia », uma contra utopia, ou ainda como « ucronia », um tempo nenhum, uma utopia no tempo. Devido a tais variações, o termo utopia se apresenta com uma notável imprecisão entre os analistas, dividindo-os em diferentes correntes de pensamento. Dentre elas poderíamos estabelecer dois grandes pólos de pensamento.

O primeiro, privilegiando o elemento formal da utopia escrita, baseado na obra célebre do inglês Thomas Moore, *De optimo Reipublicae statu, deque nova insula Utopia*, de 1516. Esse pólo corresponde à visão dominante que não considera a existência da utopia anterior ao século XVI, na medida em que ela seria emergida dentro do contexto da descoberta do Novo Mundo, uma vez que « esse novo horizonte geográfico permite a reativação de todo um manacial mítico, caucionando-o e dando-lhe uma dimensão

prospectiva [...]»⁴⁴. Patrick Hubner distingue quatro tipos de utopia na história : A utopia clássica, caracterizada pela descrição de uma cidade ideal ; a utopia da Renascença, a utopia moderna, estabelecida por ucronias, e por fim, a utopia contemporânea. A primeira, referente ao livro *Da República* de Platão, teria sido a origem, o fundamento do gênero literário criado por Moore. Em seguida, a utopia de Moore, geradora de um gênero textual, que seria a prefiguração da utopia moderna. Da Renascença ao século das Luzes, a elaboração de espaços utópicos, como *A Cidade do Sol* (1623) de Tommaso Campanella, e *Nova Atlântida* (1627) de Bacon, se pautava pela descoberta do Novo Mundo, constituindo uma espécie de relatos de viagem. A partir do século XVIII, com a obra de Sébastien Mercier, *O ano de 2440*, uma antecipação de transformações históricas em um lugar conhecido, em um futuro determinado: Paris do século XXV, observa-se a elaboração de « ucronias », ou seja, o deslocamento da utopia do eixo espacial para o temporal, projetando-a para um futuro. Nessa perspectiva, temos « *Looking Back-ward, 200-1887* » de Edward Bellamy, publicado em 1888, e ainda, *When the Sleeper wakes*, obra do inglês H.G. Well, escrita em 1889, que representa Londres no século XXII. Um outro conceito que vem associar-se à noção de Utopia, é o de « contra-utopia », imerso na angústia do homem do século XX. Esse conceito estaria ligado à última forma de utopia analisada por Patrick Hubner, a utopia contemporânea. Na explicação do filósofo alemão(2000 : 927),

A história recente das utopias tende a matar as « eutopias » clássicas, avatares do mito de cidade ideal mais ou menos projetada no tempo, para criar o contramodelo procedente de uma total inversão dos valores da estrutura inicial e reativando o contramito da cidade maldita

Portanto, assim como o mito cria seu próprio contramito, ao inverter seus valores iniciais, a utopia também, estruturada no modelo positivo de « eutopia », acaba cedendo à imposição de contramodelos, sob diversas denominações : « contra-utopia », « anti-utopia », « distopia », « cacotopia ».

⁴⁴ HUBNER, Patrick. “Utopia e mito”. In.: BRUNUEL, Pierre(org.). *Dicionário de mitos*. Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p.925.

O segundo pólo de pensamento parte do princípio de utopia enquanto conceito mais amplo, não reduzido ao modelo estrutural da *Utopia* de Moore, mas constituinte de um quadro situacional independente de épocas históricas, ou mais precisamente, inerente a todas as eras da humanidade. Assim, os autores pertencentes a essa vertente não deixam de incluir a noção de utopia também na época medieval, era que é muitas vezes desprezada pela maior parte dos utopistas. É a partir da segunda metade do século XX que se percebe uma nova crítica releitura da época medieval, assim como, de abordagens inovadoras acerca da história das mentalidades, dos fenômenos sociais, que permaneceram durante tanto tempo submersos no esquecimento da historiografia sobre a Idade Média, como o lugar das minorias, o lugar da ciência, dos movimentos sociais, na sociedade feudal. Dentre esses autores, que acreditam em uma essência atemporal da utopia, inerente à humanidade, vale ressaltar o historiador Hilário Franco Júnior, o sociólogo Karl Mannheim e o filósofo Ernst Bloch.

Segundo o filósofo alemão Ernst Bloch⁴⁵

[...] réduire l'utopie à la définition qu'en a donnée Thomas More, ou simplement, l'orienter dans cette seule direction, équivaut à ramener tout le phénomène de l'électricité à l'ambre jaune qui lui donna son nom, d'origine grecque, et en révéla l'existence. Bien plus l'utopie tout entière coïncide si peu avec le roman politique que c'est à la philosophie dans sa totalité (totalité parfois presque oubliée) qu'il faut faire appel pour rendre justice au contenu de ce qui est qualité d'utopique.

A noção de utopia é colocada, portanto, em termos mais amplos, como a indicação de um espaço ideal, de novos caminhos e mudanças de direção, rumo a uma sociedade idealizada. Como bem sugere Mannheim⁴⁶, «*La pensée à service du désir a toujours eu sa*

⁴⁵ BLOCH, Ernst. *Le Principe Espérance*. Tome I. Trad. Françoise Wuilmart. Paris: Gallimard, 1976, p.25 [Título original : *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt : Surhrkamp Verlag, 1959] “[...]reduzir a utopia à definição dada por Thomas Moore, ou simplesmente, orientá-la nesta única direção equivale a trazer todo o fenômeno da eletricidade à resina transparente fossilizada que deu-lhe o nome, de origem grega, e revelou sua existência. Como a utopia na íntegra coincide tão pouco com o romance político, devemos, assim, apelar para a filosofia em sua totalidade (totalidade às vezes quase esquecida), para que seja feita justiça ao conteúdo do que venha a ser qualidade do utópico.” Tradução nossa.

⁴⁶ MANNHEIM, Karl. *Idéologie et Utopie*. Trad. Pauline Rollet. Paris: librairie Marcel Rivière et Cie, 1956, p. 144. [O pensamento a serviço do desejo sempre teve seu lugar nos assuntos relativos {a humanidade.

place dans les affaires humaines. Quand l'imagination ne trouve pas à se satisfaire dans la réalité existante, elle cherche refuge dans des lieux et des époques que constitue le désir.»

Toda utopia seria, então, uma representação ideológica, no sentido primitivo da palavra, de conjunto de idéias. De acordo com Mannheim, a utopia estaria inserida em uma relação dialética com a ideologia de uma certa ordem existente. Porém, embora buscando a representação da realidade, as duas encontrar-se-iam em direções opostas nessa busca. A ideologia, por um lado, apresenta-se como a aceção conservadora dos valores dominantes, enquanto que a utopia, por outro, estaria em desacordo com o estado de realidade em que se é produzida. Desse modo, explica Mannheim⁴⁷:

Les deux concepts contiennent cet impératif que toute idée doit être jugée par son accord avec la réalité.[...] Tous les groupes et classes antagonistes dans la société cherchent pourtant cette réalité dans leurs pensées et leurs actes: il n'est donc pas surprenant qu'elle apparaisse différente à chacun d'eux.

Um caso notável é a distância observável entre a obra de Christine de Pizan e a literatura de sua época, em especial, sua versão das personagens míticas, na *Cité des Dames* e a a narração masculina das mesmas personagens por Bocaccio, Dante ou anteriormente *La Cité des Dieu* de São Agostinho, autores inspiradores da obra de Christine.

Esse distanciamento se produz, então, na medida em que “*chaque définition des concepts dépend de notre position et de notre point de vue, qui sont, à leur tour influencés par un bon nombre de démarches inconscientes de notre pensée.*”⁴⁸ Desse modo, todas as idéias que não se encaixam na ordem em vigor tornam-se irrealis ou “situacionalmente

Quando a imaginação não consegue se satisfazer na realidade existente, ela procura refúgio em lugares e épocas construídos pelo desejo.]

⁴⁷ item, p.108. « Os dois conceitos contêm este imperativo de que toda idéia deve ser julgada por seu desacordo com a realidade [...] Todos os grupos e classes antagônicas na sociedade procuram , no entanto, esta realidade em seus pensamentos e seus atos : não é de se surpreender que ela apareça diferentemente a cada um deles »

⁴⁸ « na medida em que cada definição dos conceitos depende de nossa posição e de nosso ponto de vista, que são, por sua vez influenciados por um bom número de procedimentos inconscientes de nosso pensamento » [Idem:115]

transcendentes” . As idéias que correspondem à ordem dos fatos concretamente existentes são designadas como adequadas ou “situacionalmente congruentes”. Portanto, em cada período, os representantes de uma ordem dada designarão como utópicas todas as concepções de existência que, no ponto de vista deles, nunca poderão, a princípio, ser realizadas⁴⁹.

Tal uso estaria, assim, na origem da conotação contemporânea do termo “utópico”, a de uma idéia que está em princípio irrealizável. É justamente a desmistificação de tal acepção que pretende o filósofo Ernst Bloch, nas suas reflexões que associam o elemento da “práxis” no imaginário de um espaço idealizado.

Um outro defensor da idéia da utopia na era medieval é o historiador Hilário Franco Júnior. Para ele,

Utopia, pode ser entendida como uma expressão de desejos, perfeição, quase sempre de retorno a uma situação primordial da humanidade. Por isso seus materiais são freqüentemente míticos, ainda que redespertados e organizados em função de um momento histórico. [...] em alguns casos há consciência desse desejo de ultrapassagem; então apresenta-se um conjunto de valores articulados, uma trajetória para concertizá-lo, e aí a utopia se confunde com a ideologia.⁵⁰

Hilário distingue várias utopias na Idade Média: a **utopia da paz**, no claustro; a **utopia alternativa**, através dos movimentos heréticos; a **utopia da simplicidade**, com o bucolismo e a exaltação nostálgica da vida do campo, como se vê em algumas obras, como *Le Roman de la Rose*, a *Divina Comédia* de Dante; a **utopia da igualdade jurídica**, como a defendida pelo célebre personagem do século XIV, Robin Hood; e a **utopia da autonomia**, com lenda em torno de Guilherme Tell, entre os séculos XIII e XIV, e literalmente fixada no século XV.

Além dessas utopias mencionadas pelo historiador, cada capítulo de sua obra *As utopias medievais* é dedicado à análise de uma Utopia: a da **Abundância**, com as lendas

⁴⁹ *Idem.* p.128

⁵⁰ FRANCO, Hilário Jr. *As utopias medievais*. São paulo : Brasiliense, 1992.p. 12-13.

do país da Cocanha ; a **utopia da Justiça**, representado pelo Milênio ; a **utopia-matriz**, o Paraíso ; a **utopia do Sexo**, através da metáfora da Androginia.

No entanto, para a corrente de pensamento referida no início, a idéia de utopia não seria compatível com o teocentrismo da Idade Média, nem com as tentativas de uma construção imaginária presenciada na Antigüidade, como a da ilha *Atlântida* ou a *República* de Platão. Estas, submetidas ao tempo cíclico, seriam conseqüentemente disassociadas do elemento de otimismo, eminente à noção de utopia.

Nessa linha, o filósofo Frédéric Rouvillois⁵¹ estabelece uma associação de utopia com os traços da modernidade. Segundo ele,

À propement parler, en effet, on ne rencontre d'utopie ni auparavant ni en dehors de l'aire culturelle judéo-chrétienne. Ainsi n'exste-t-il pas réellement d'utopies médiévales – même si la pensée de Joachim de Flore ou les courants millénaristes paraissent, à beaucoup d'égards, annoncer directement l'utopisme à venir. Théocentrique et contemplatif, le génie du Moyeb Âge est peu compatible avec le rêve utopique.

Admitindo que a noção de utopia só poderia emergir em um meio intelectual determinado pelos primeiros choques da modernidade - uma vez que os “pressupostos” da utopia correspondem com as idéias, os novos valores que a modernidade emergente impõe pouco a pouco, a partir do século XVI - , ainda assim, considerar o viés utópico da obra de Christine de Pizan seria possível. Contudo, seria conveniente lembrar que o Renascimento apareceu bem mais cedo na Itália do que na França. As idéias de modernidade já puderam ser observadas desde o século XV. Mesmo na França, distingue-se claramente nos costumes, e na literatura francesa, traços marcantes de uma transição, no plano estrutural bem como no plano do conteúdo e das idéias.

⁵¹ ROUVILLOIS, F. *L'utopie*. Paris : Flammarion, 1998, p.35. « Propriamente falando, efetivamente, não se encontra utopia nem antes nem fora da área cultural judeu-cristã. Assim não existe realmente utopias medievais – mesmo se o pensamento de Joaquim de Flore ou as correntes milenaristas parecem, em vários aspectos, anunciar diretamente o utopismo a vir. Teocêntrico e contemplativo, a genialidade da Idade Média é pouco compatível com o sonho utópico. »

Assim, considerando que Christine de Pizan conservou laços estreitos com seu país de origem, deixando transparecer, em vários trechos de sua obra, sua italianidade, mesmo sua obra tendo sido escrita em período anterior ao limiar do Renascimento, não seria *non sense* defender a idéia de uma utopia possível na sua obra, uma vez que ela apresenta traços anunciadores dessa modernidade.

Segundo Rouvillois, esses traços estariam marcantes na concepção do modelo estruturalmente conhecido, o estabelecido a partir da obra de More, propondo a melhor forma de governo. Através dele, entende-se que, a utopia estaria caracterizada por alguns componentes que constitui o cerne de um gênero utópico, tais como peças de encaixe ou formas aplicáveis na construção de toda obra, inserida no gênero.

Primeiramente, a idéia de segurança, de proteção contra os perigos exteriores, graças a seu isolamento. A idéia de insularidade é reproduzida, claro, metaforicamente, a qualquer Ideal imaginado, seja ele uma ilha, uma cidadela, uma cidade. Tal proteção é construída através das indestrutíveis fortificações, fortalezas, que manifestam a clausura necessária para uma autonomia do espaço. Vê-se, em seguida, o aspecto da identidade, ligado à idéia de igualdade e de respeito às regras, às leis, para que a justiça seja mantida. A igualdade tem um sentido político indispensável para o equilíbrio, a unificação e homogeneização da cidade. Todos esses aspectos são o resultado da vontade e do agir humano. Esta dimensão ativista corresponde ao princípio, ou meio, de acceder a tal espaço utópico. O último ponto recorrente do gênero utópico é o projeto racional, um plano preciso do espaço, assim como o número da população e sua repartição nos lugares utópicos. Lembra o filósofo que "l'utopie apparaît, donc, comme une civilisation de (et par) la technique, ou l'artifice se subordonne une nature hostile, et où l'idéal affecte des formes

agressivement géométriques⁵²». Característica bem marcante na descrição da Amarota, capital da ilha *Utopia*, ou na cidade ideal de Campanella, por exemplo.

Henri Desroche, um outro analista contemporâneo do fenômeno utópico, distingue três extensões que acompanham a utopia: da utopia escrita às utopias praticadas ; da emissão utópica à mensagem milenarista ; da utopia eufórica (a eutopia), à distopia.

O primeiro ramo da utopia é representado por esta dialética, a instância da teoria/prática, o elemento da práxis como liame entre a idéia imaginada e sua concretização. Esta filosofia da aplicação é vivenciada em algumas proposições referidas por Hilário Franco, como a “Utopia da igualdade”, ou a “Utopia da autonomia”, saindo das lendas à realidade ou da realidade às fábulas.

Em relação à segunda extensão, Desroches considera a parte utópica em seu fenômeno milenarista. Algumas práticas não-conformistas manifestadas pelos movimentos heréticos na Idade Média, em especial, os cátaros e os valdenses, poderiam ser associadas a uma contestação utópica. Ficaríamos tentados em acrescentar aos movimentos heréticos algumas outras dissidências, como as referidas pelo historiador Hilário Franco, anteriormente.

A última extensão é o recurso ao satírico de uma presença significativa na literatura medieval, em especial, na poesia dos Goliardos, que constitui sobretudo no procedimento de enunciar para denunciar o contrário do que , em um outro lugar longínquo, ou um não – lugar, poderia ser euforicamente atestado. Vejamos, por exemplo, as paródias do *Roman du Renart*, alguns gêneros literários, tais quais o ‘*escarnio d’amor*’ ibérico, as « *sottes chanson* » francesas. Não é desprezível também o número de paródias de textos bíblicos e hinos litúrgicos como *Ave, maris stella, erbum bonum et suave*. Este último foi, a

⁵² « A utopia aparece, assim, como uma civilização de (e pela) técnica, onde o artifício é subordinado a uma natureza hostil, e onde o ideal atinge as formas agressivamente geometricamente ». Rouvillois, 2001, p.48.

propósito, parodiado como *Vinum bonum et suave*. Eis as duas primeiras estrofes desses textos.⁵³:

| Verbum bonum et suave | Vinum bonum |
|---|---|
| Verbum bonum et suave Personemus, illud “Ave”, Per quod Christ fit conclave Virgo, mater, filia; | Vinum bonum et suave bibit abbas cum priore; et conventus de peiore bibit cum tristitia. |
| Per quod “Ave” salutata Mox concepit fecundata Virgo, David stirpe nata, Inter spinas lilia. | Ave, felix creatura, quam produxit vitis pura; omnis mensa fit secura In tua presentia. |

Nessa mesma linha, não podemos esquecer as diversas versões dos países da Cocanha. O elemento utópico toma a forma de eutopia, a aspiração imaginária de uma felicidade absoluta, idealizada, administrada por um bloco « distópico », ou seja, onde a utopia disfunciona. Neste caso, *o país da Cocanha*, e de uma maneira geral, na literatura medieval este bloco distópico não é outro senão o excesso do poder do clero e da nobreza feudal em suas diversas formas.

Frente a elementos subversivos neste imaginário medieval, vê-se ao mesmo tempo, o elemento de inviolabilidade, do irrealizável, próprio à eutopia, o que impede qualquer possibilidade de ação em favor da realização desse ideal. De onde o perigo de ser transformado em quimera, até mesmo, de tornar-se uma anti-utopia.

Essas diferentes dimensões expressivas de um projeto para o futuro não podem dispensar uma âncora no real e também em uma memória coletiva, da imaginação social.

É, pois, esse liame entre a utopia e a memória que une os elementos mitológicos no seio do pensamento utópico. É próprio do homem o desejo de conhecer suas origens, a construção de seu passado. Pois, é conhecendo-o que o homem pode compreender-se no presente e construir seu devir.

⁵³ Estes textos correspondem às canções 42 et 43 (p.116-120) da obra *Carmina Burana*, traduzidas para o português pelo medievista Maurice van Woensel, em 1994.

De um modo geral, a utopia masculina constitui freqüentemente uma distopia para as mulheres. Todas as formas contestatórias, de fundo utópico, da *República* de Platão, passando por Thomas Moore, Campanella, apresentam um quadro demasiadamente injusto e desigual entre os sexos. Citemos o exemplo da República: Platão sugere que assim como os bens de todas as espécies, as mulheres e as crianças devem também ser comuns a todos os habitantes. Percebe-se portanto que um projeto político em defesa da igualdade e união entre os cidadãos, a cidade platônica carrega em seu seio o elemento distópico em relação às mulheres, excluindo-as de sua cidadania, de seus direitos enquanto indivíduo. Apenas os homens aproveitariam, assim, desse projeto comunitário. Assiste-se, podemos dizer, à coisificação feminina:

Se um arrastasse para a sua casa o que pudesse, a fim de o possuir independentemente dos outros, e outro para a dele, visto que habitava noutra; e se tendo mulher e filhos distintos, gozassem prazeres e penas separados. Mas, com uma opinião única acerca do que lhes pertence, tenderão todos para o mesmo e, tanto quanto possível, experimentarão as mesmas penas e prazeres?⁵⁴

Foi contra esta utopia no masculino que se levantou Christine de Pizan, prevendo em sua *Cité des Dames* um lugar mais justo para as mulheres, o primeiro espaço de uma utopia feminina.

⁵⁴ Platão. op. cit., p.160.

CAPÍTULO III

O PROCESSO NARRATIVO DA ESCRITA CHRISTINIANA

II. 1 – Christine de Pizan e a arte de contar história

Sem desprezar contribuições importantes da crítica literária feminista que têm buscado não ressaltar as dicotomias que caracterizam o masculino e o feminino como blocos binários e opostos, por temor da reprodução biologizante ou essencializante das identidades de gênero, não podemos, entretanto, deixar de identificar variações e diferenças de percepção narrativas em espaços de enunciações historicamente e socialmente desiguais. Desse modo, é natural observar que a palavra feminina, excluída durante tanto tempo da história do processo de registro através da escrita, se mostre distinta do discurso androcêntrico, na forma de expressão e na sua abordagem. De tal fato resulta que a escrita feminina, em especial no seu prelúdio, revela uma aproximação visível com a oralidade, uma escrita mais espontânea, mais expressiva, muito ligada à interação com o interlocutor, guardando a forma primitiva da arte de contar história. Através de suas histórias narradas a obra de Christine reflete o intercruzamento de vozes, de visões, de gostos, de sensações, tecido por um eu-narrador marcado de dualidades. Cristine-narradora se divide entre contar uma história das mulheres e contar sua própria história; entre narrativas de personagens e questões pontuais do seu país de adoção, e narrativas universais; entre as histórias apre(e)ndidas pelos livros e os relatos transmitidos oralmente.

As fontes sensoriais no percurso narrativo de Christine de Pizan

As condições históricas confinadas à centralização patriarcal impulsionaram a memória, a fantasia, e a imagem na escrita feminina, que, assim, como ressalta Didier⁵⁵, se mostram

⁵⁵ “l’image dans l’écriture féminine renoue tout spontanément avec la tradition orale et permet au texte écrit de demeurer parlé ou chanté” (DIDIER, B: 1999, 32)

espontaneamente amarradas à tradição oral, permitindo à palavra escrita permanecer falada ou cantada, como no emaranhamento de vozes de que os escritos de Christine de Pizan nos dão testemunho: sua poesia, de tom melancólico, se oferece a uma melodia⁵⁶, e a “História oficial” em documentos e crônicas da época é recontada através das suas histórias em prosas, em um espaço de recriação, seguidas de conselhos, de interpretações, de indignações.

Sua obra reflete ao mesmo tempo o gosto da palavra escrita, registrada, gravada em seus belos livros; e a palavra ouvida, a leitura-escuta de longos séculos, como eco das suas ancestrais que se valeram de Christine para tornarem-se eternas aos ouvidos do mundo. Eis por que sua palavra constitui uma escrita ressoante, que transmite os gritos do passado longínquo de uma ancestralidade ginocêntrica, através de um presente codificado pela linguagem escrita, ao mesmo tempo em que vai abrindo as vias para um espaço de refúgio no futuro.

A recepção das vozes, das visões, dos gostos, das sensações – eis o que faz pulsar as estórias narradas da escritora. Se, como diz Benjamin, “a experiência transmitida oralmente é a fonte na qual todos os narradores beberam”⁵⁷, Cristina-narradora alimentou-se impetuosamente de todas essas experiências sensoriais do ouvir-dizer das estórias e ensinamento de seu pai; do sentir/provar do seio de sua mãe, que, contrariamente ao uso da época, quis tomar o lugar das amas e alimentá-la com seu próprio leite; do tocar das milhares de páginas de manuscritos, no transcurso do seu “*chemin de longue étude*” (caminho de longo estudo); da visão nítida ou ofuscante das divindades alegóricas que a acompanham em quase todas suas histórias em prosa e em verso. Christine concebe, assim,

⁵⁶ Recentemente o mais célebre poema de Christine de Pizan « Seulete sui et seulete vueil estre » foi registrado em CD, com outros poemas de poetisas do Renascimento. Cf. : CD n.o 9806-72. *Poètes et Chansons. Les poétesses de la Renaissance* : chanté et dit par Chantal Grimm.

⁵⁷ BENJAMIN, W. « Le narrateur . Réflexions à propos de l’oeuvre de Nicolas Leskov ». *Écrits français*. Introduction et notices de Jean-Maurice Mooyer. Paris : Gallimard, 1991. p. 266. “l’expérience transmise oralement est la source où tous les narrateurs ont puisé”

uma escrita de suas experiências sensoriais adquiridas também pela vantagem de ter no sangue uma dupla origem, que a põe no provento de ser ao mesmo tempo: francesa, habitante da corte de Charles V, tendo um conhecimento profundo das letras, da história e das urgências de seu país de adoção; e italiana, guardando sua primeira Pátria e língua, como uma espécie de vínculo permissor de suas viagens por outros mundos literários e filosóficos, de seu vanguardismo em relação aos seus contemporâneos franceses e francesas, que a leva a um Renascimento prematuro no início do século XV.

A voz das experiências: entre a memória de um “camponês sedentário” e a de um “marinheiro comerciante”

Essa desterritorialização⁵⁸, física e psicológica, marcante na sua formação insere a escrita cristiniana nas duas linhagens culturais dos tipos de narradores propostas por Walter Benjamin (19914: 266): o “camponês sedentário”, que “ganhando seu pão honestamente ficou no país e conhece suas histórias e tradições”⁵⁹, e o “marinheiro comerciante”, que particularmente na Idade Média, depois de haver rodado o mundo, conhecido muitas paisagens, estabelece-se em seu país natal ou em outro.

A maneira de narrar os fatos históricos, cultivando sua subjetividade, traduz a riqueza de uma memória capaz de acompanhar e de transmitir a História de geração em geração, de acordo com o ciclo de sua existência. Com um grande talento de historiadora, Christine narra esse fim de século XIV, na obra *Livre des Fais et bonnes mœurs du sage Roy Charles V*, e nos deixa uma preciosa biografia de um personagem importante da história da França, o rei Charles V, através do olhar de uma criança.⁶⁰

⁵⁸ Remetemos aos conceitos de **desterritorialização** e **reterritorialização** de Deleuze e Guatarri, em *Kafka*: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

⁵⁹ “gagnant honnêtement son pain est resté au pays et connaît ses histoires et ses traditions”

⁶⁰ Este livro foi encomendado a Christine por Charles VI, o filho de Charles V, em 1410. Ela traça a biografia desse rei a partir das memórias de sua infância na corte. O livro das atitudes e bons costumes do sábio Rei Charles V foi editado várias vezes a partir do século XVII e continua sendo uma fonte preciosa de documento biográfico de Charles V. Ver o artigo de Liliane Dulac « Unité et variations de la sagesse dans le livre des fais et bonnes mœurs du sage roy Charles V. » (1988, p. 306-015)

Mais tarde, aparece em seus relatos o registro de sua opinião sobre as principais discussões políticas de sua época, agora a partir da sua memória enquanto mulher dominada por um sentimento profundo de amor pelo seu marido, o que de certa forma define sua opinião a respeito de uma das grandes polêmicas da época: ser contra ou a favor do casamento. A visão negativa do casamento, oriunda sobretudo da literatura misógina, que aconselhava os sábios a não se casarem, pois as mulheres seriam a fonte das desgraças do homem, generalizava o espírito daquele período, e a resposta de Christine na obra “*La Cité des Dames*” foi a de refutar tal opinião por métodos diferentes daqueles da literatura masculina: os ataques caluniosos e generalizantes cedem lugar à defesa da boa esposa, do bom esposo, enquanto indivíduos, inspirada de sua própria experiência do casamento. No Livro II dessa obra, no diálogo entre Christine-personagem e Dama Retidão, essa última argumenta:

Certes, il y a de mauvais maris, mais il en est aussi d'excellents, honorables et sages; [...] C'était bien ton cas, car celui que tu as eu te convenait si parfaitement que tu n'aurais pu demander mieux; nul, à ton avis, ne put jamais en valoir en bonté, en douceur, en loyauté et tendre amour...” (*La Cité des Dames*, p. 147)⁶¹

Seu sucesso, sua perseverança, seu humanismo, sua fé na possibilidade de mudança que a fizeram ultrapassar os obstáculos infligidos pelos supostos credores fraudulentos e pelos funcionários corruptos, enfim, essas e as mais infinitas adversidades enfrentadas na sua viuvez, fizeram revelar na própria experiência de Christine o vigor e a coragem do sexo feminino. Tal força evidencia-se em uma escrita engajada - expressão também da literatura do século XV-, que tem seu ponto alto na obra utópica *La Cité des Dames*.

Sua última obra *Le Ditié à Jeanne D'Arc*, homenagem prestada à “pucelle” dois anos antes da sua condenação à fogueira como bruxa, expõe bem seu olhar de maturidade e coerência com seus valores. Em tal obra, Christine traça o retrato da velhice ideal,

⁶¹« É certo que há maridos maus, mas há também excelentes, honráveis e sábios [...] Foi o teu caso, pois aquele que tiveste te convinha tão bem que não poderias ter pedido um melhor ; nenhum, ao teu ver, teria o igualaria em bondade, em ternura, lealdade e terno amor... »

distinguindo dois tipos: aquela que segue uma juventude dissoluta, e a que se beneficia da satisfação do dever cumprido. Última obra, um ponto final na sua produção literária e a avaliação de seus atos e de sua existência através dessa última homenagem às mulheres: eis seu dever cumprido como mulher da história que é ao mesmo tempo objeto e sujeito de suas narrações. Ela narra a história, contando-se e enfiando-se na narração, como seu fio condutor, incluindo-se, nesse sentido, entre os sábios e mestres, como a figura do narrador:

Il est de bon conseil non pas comme le proverbe: pour quelques cas, mais comme le sage: pour tous les cas. Car il est en son pouvoir de s'appuyer sur toute une vie. (Et cette vie ne contient pas seulement sa propre expérience, mais aussi une bonne part de l'expérience d'autrui. Le narrateur assimile à sa connaissance la plus intime ce qu'il a appris par ouï-dire). Son talent, c'est de pouvoir narrer sa vie, sa haute fonction de la pouvoir narrer d'un bout à l'autre. Le narrateur, c'est l'homme qui pourrait laisser la mèche de sa vie se consumer tout entière à la douce flamme de sa narration. (Benjamin: item p.298)⁶²

Como o sábio: conselhos para todos os casos...

Pragmáticas, a tendência dos narradores natos é de se orientar em direção à vida prática, característica que parece também essencial na obra em prosa de Christine de Pizan.

Personagem combatente na sua época, seus escritos dão testemunho de um forte sentido crítico e de sua força interventora no cenário político-histórico. A escritora tinha esta consciência da relação, da influência dialética do plano ideológico, dos pensamentos, do discurso e a de sua aplicação no cotidiano, e ressaltava em seus escritos direta ou indiretamente tal utilidade em relação à vida cotidiana, retratando-se sob forma de recomendação prática – como em *L'Épître à la Reine*, carta em forma de conselho dirigida à rainha Isabel a respeito da postura a adotar enquanto governante; também no *Livre de la*

⁶² Ele (o narrador) é de bom conselho não como o provérbio: para alguns casos, mas como o sábio: para todos os casos. Pois, ele tem o poder de apoiar-se em toda uma vida (e essa vida não contém unicamente sua própria experiência, mas também uma boa parte da experiência do outro. O narrador assimila ao seu conhecimento mais íntimo o que ele aprendeu por ouvir dizer). Seu talento é de poder narrar sua vida, sua alta função de podê-la narrar de uma ponta à outra. O narrador é o homem que poderia deixar o pavio de sua vida se consumir inteiramente na chama branda de sua narração” (tradução nossa)

paix, e sobretudo em *L'art des armes et de la chevalerie*, considerado uma verdadeira enciclopédia das ciências marciais, onde se encontram as diretrizes, os objetivos e o comportamento das forças armadas, fato que realmente tinha mudado a partir de Charles V, com uma orientação defensiva e não mais de ataque ao adversário. De acordo com o julgamento de Gauvard (1995:107): “*l’urgence de l’actualité fait de ce traité militaire, jugé souvent insipide et purement théorique, une arme de combat dans la perspective d’une guerre toujours menaçante malgré les trêves*”⁶³.

O sentido da utilidade aparece ainda em termos morais, como no *Livre des trois vertus*, ou em *La Cité des Dames*, sob forma de reivindicações em nome das mulheres, iniciando uma importante manifestação literária e política das relações entre os sexos: *la querelle des femmes*.

III.2. *La Querelle des Femmes*

Originada na última década do século XIV, durando até o final do século XVIII, a “*Querelle des Femmes*” consitiu um debate literário sobre as relações de gênero, cujo conteúdo ultrapassou a ordem do simbólico, para se tornar uma prática política. Assim, a despeito de seu caráter teórico e literário, tal debate sexista lançado por Christine de Pizan, através da obra *Débat sur le Roman de la Rose*, buscava também intervir nas implicações político-administrativas sobre a difamação das mulheres, veiculada e colocada em relevo pelos escritos antigos e medievais mais difundidos no período.

O próprio termo “*querelle*” derivado ao mesmo tempo, do verbo latino “*quereor*”, que evoca protesto, lamento, e do substantivo “*querela*”, significando “*busca*”. Assim, através do protesto contra a discriminação feminina presente nas obras literárias, o debate

⁶³ - PIZAN, Christine. *Le Livre des Fais d’Armes et de Chevalerie*. Manuscrito da Bibliothèque Nationale, fr. 603. « A urgência da atualidade faz desse tratado militar, julgado algumas vezes insípido e puramente teórico, uma arma de combate na perspectiva de uma guerra sempre ameaçadora apesar das trevas »

intentava buscar outros caminhos de representação da mulher e criar um espaço maior dentro do cenário social daquela sociedade.

Foram nas universidades, cortes reais e da aristocracia, que ganhou impulso tal querela, e um de seus primeiros resultados práticos foi a introdução da linguagem jurídica no vocabulário da política feminina.

Tal intervenção, procedida pelo debate de gênero entre Christine de Pizan e os principais autores que encabeçavam o cenário literário, filosófico, teológico e jurídico, ressaltou sobretudo o que concerne à exclusão feminina nos assuntos públicos. Segundo a estudiosa feminista, Maria Milagros Rivera Garretas, do ponto de vista histórico,

*In Europa l'invenzione simbolica della ginetocopia era a novità: che decidono di vivere senza mediazione maschile [...] e posto la potenza sigificante delle relazioni di somiglianza donna con donna. Una città nuova, ben difesa dalle aggressioni degli uomini misogini della Querelles.*⁶⁴

Estes autores e formadores da mentalidade medieval ao longo dos séculos XIV e XV buscavam seus argumentos na diferença entre os sexos dos escritos da antiguidade grega e latina, expondo especialmente a interpretação biológica da imperfeição da mulher, pela inferioridade de seu corpo e de seu espírito em relação ao homem. Desse modo, a leitura de Christine expandiu-se além dos escritos contemporâneos aos que serviram de fonte para a mentalidade de então. Neles ressaltam as obras de Aristóteles e de Ovídio, em especial: *A Metafisica* e *A arte de amar*, respectivamente, que tiveram um papel muitíssimo importante nesse período transitório entre a Idade Média e a Renascença. Das obras mais recentes, já da Baixa Idade Média, destacam-se nas suas leituras os célebres *Roman de la Rose* (1275-1280), de Jean de Meun, e *Les Lamentations de Matheolus*, obra

⁶⁴ MILAGROS RIVERA, M. « La querelle des femmes nella città delle dame ». In. : CARAFFI, P. *Christine de Pizan : una città per se*. Roma : Carocci, 2003, p. 88- 97. “Na Europa a invenção simbólica da « ginetocopia » era uma novidade ; o espaço e a roupa de cinto da moada, habitate das mulheres de experiência diversas que decidiram viver sem a mediação masculina e posto o poder sigificante das relações de semelhança mulher com mulher. Uma cidade nova, bem defendida das agressões dos homens misóginos da « Querelle», p.95.

latina de 1298, traduzida em 1370 por Jehan Le Fèvre. De modo geral, como observa Sarah Hanley, Christine de Pizan, com sua audácia desafia,

*l'alliance qu'elle avait découverte entre la morale et la politique, la première rabaisant les femmes pour mieux permettre à la seconde de les écarter du pouvoir: le défi lancé publiquement par son discours allait tourmenter les défenseurs de la loi salique et les partisans de la coutume française pendant plus d'un siècle*⁶⁵

Claude Gauvard, Gilbert Ouy e outros escritores já estudaram os efeitos da escrita engajada, da escrita do “eu”, incidente na vida política nesse período da história. Alguns efeitos muitas vezes interpretados como um fenômeno que conduz aos primeiros balbucios do patriotismo, considerado um dos critérios do primeiro humanismo italiano e francês. Christine de Pizan faz parte, assim, desta classe de intelectuais do início do século XV que anuncia o humanismo na França (GAUVARD, 1995:106).

III. 3 - Espaço feminizante no campo estrutural da escrita cristiniana

A valor patente do “eu”, no caso característico da escrita feminina, é indicador de uma forma de resistência de emudecer ao qual as mulheres foram condenadas. E, mais a sociedade quis impedi-las de falar esse “eu”, mais ele foi aparecendo em suas escritas. Tal necessidade de auto-representação certamente implicou a escolha dos gêneros literários que pudessem ser mais convenientes a tal expressão. Eis por quê os gêneros literários mais representativos da literatura feminina são “incontestavelmente aqueles do “eu”: poesia, diário, romance [...] Tais gêneros por serem mais livres têm a capacidade de dar uma forma

⁶⁵ - Ver na íntegra o texto de Sarah Hanley, « La loi salique », onde ela aborda a questão da interpretação da lei sálica (Lex salica karolina de 802-803) no século XV, nos debates da *querelle de femmes*: De um lado, a interpretação beneficiava a corrente moral, que caluniava as mulheres, como o escritor Jean de Montreuil, que falsificou a ordem jurídica da lei, na tentativa de encontrar base para vencer os vigorosos argumentos de Christine de Pizan, na *Cité des Dames*; do outro, a interpretação ia apoiar-se nas provas jurídicas existentes e nos precedentes históricos para legitimar o direito da mulher de governar. –*Encyclopédie politique et historique des femmes : Europe, Amérique du Nord*. Publié sous la direction de Christine Fauré ; Paris : Presses Universitaires de France, 1997, p.12-30. « A aliança que ela havia descoberto entre a moral e a política, a primeira rebaixando as mulheres para dar mais possibilidades à segunda de afastá-las do poder: o desafio lançado publicamente pelo seu discurso ia atormentar os defensores da lei sálica e os partidários do costume francês durante mais de um século. »

mais conveniente à expressão feminina, talvez pela plasticidade dessas formas e uma abertura para suas representações. (Didier: 1999, 18).

Revisitando a escrita feminina ao longo do século, constata-se outras especificidades reconhecidas no nível do estilo, mais espontâneo, um tempo freqüentemente não processual, e em geral a inscrição de uma autodefesa. Mesmo empregando a mesma linguagem, o mesmo gênero literário, as mulheres os utilizam de uma outra maneira, mais livremente, e sob uma outra perspectiva em relação à valorização dos sexos. As cartas de Abelardo e Heloísa; dois séculos mais tarde, os escritos políticos e pessoais, em forma de epístola, lamentações, pranto (*épître, lamentation, complainte*) de Christine de Pizan et Eustache Deschamps, e também no século XX, os escritos humanistas do casal Simone de Beauvoir e Sartre; em suma, tais registros, pertencentes a um mesmo período e a orientações ideológicas semelhantes, no entanto, mais do que dar prova do engajamento do escritor e da escritora no seio da sua vida político-social, são reveladores dessa distinção de gênero a qual me refiro. Ao ressaltar o “eu” em seus escritos, seja de caráter lírico, moralista ou político, as mulheres põem em evidência a importância paralela da sua querela de gênero, como um acréscimo em seu engajamento feminino, enquanto escritora e intelectual. O espaço da escrita desempenha, assim, um duplo papel para as mulheres na construção de sua identidade, o intelectual e o de gênero. Esse espaço da escrita enquanto sistema de língua constitui uma questão central na teoria feminista francesa. Para muitas teóricas, como Carolyn Burke, Annie Leclerc, Xavière Gauthier, Chantal Chawaf, defender uma linguagem própria às mulheres é um gesto político de “*prise de conscience*”, através do qual, não apenas, elas se tornam parte do processo histórico, mas sobretudo rompem com o monopólio do discurso falocêntrico. Como salienta Shoshana Felman o desafio que enfrenta a mulher é o de “ ‘reinventar’ a linguagem, (...) falar não somente contra, mas fora da estrutura falocêntrica especular,

estabelecer um discurso cujo status não seria mais definido pela facilidade do pensamento masculino”.⁶⁶

Tal peso da escrita leva o espaço da palavra feminina a ser analisado em sua integralidade: enquanto forma e conteúdo. No caso de Christine, alguns estudos já apontaram para uma inovadora prática lingüística no seu período literário. Através de uma feminização da língua, muitas de suas obras já vêm implicitamente adornadas de reivindicações no âmbito de gênero. Vale lembrar os trabalhos de Rosalind Brown-Grant, Nadia Margolis, Suzanne Solente e recentemente a comunicação de Fabienne Baidier no último colóquio internacional sobre a autora: *Christine de Pizan: une femme de lettres, une femme de science*⁶⁷, que atentam para o emprego dos sufixos *esse*, como em « *clergesse* », ou o emprego dos diminutivos como « *seulette* », « *pucelette* », « *femmelette* »; que diferentemente do uso tradicional –empregados para diminuir as mulheres –, nos seus escritos Christine os emprega, ao contrário, sobretudo num sentido eufêmico, uma vez que eles são empregados para mostrar a grandeza, o poder de algumas mulheres, como é o caso da representação de Joana D’Arc e, inclusive, sua própria representação. Rosalind Brown-Grant atenta ainda para o emprego de alguns substantivos tais como “damas” em substituição a “mulheres”. De uso mais corrente, e neutro esse último foi utilizado, por exemplo, na tradução de Boccaccio para o francês, *Les Cleres femmes*.⁶⁸, uma das principais fontes da obra de Christine, *La Cité des Dames*. No entanto, a escritora prefere o primeiro termo, “damas”, por apresentar-se com um grau valorativo maior.

Uma análise sobre a vida e obra de Christine de Pizan salta aos olhos tal emaranhamento de percursos identitários na construção de gênero. Sua escrita, como uma

⁶⁶ SHOWALTER, Elaine. « A crítica feminista no território selvagem ». In. : BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro : Rocco, p.37

⁶⁷ Colloque International *Christine de Pizan, une femme de science, une femme de lettres*, promovido pela Université de Liège, na Bélgica no período de 11 a 15 de janeiro de 2005.

⁶⁸ Para uma análise mais precisa recorrer ao texto de Rosalind Brown-Grant « Christine de Pizan : Feminist linguist avant la lettre ? » (2000: p. 65-75).

espécie de metonímia de seu tornar-se mulher, ao mesmo tempo em que deixa ver uma trajetória coerente, nos dá prova também de uma evolução, como se cada livro fosse uma pedra posta na construção do gênero feminino. Desse modo, *La Cité des Dames*, como uma obra de maturidade, retoma igualmente as idéias anteriores presentes na polêmica da querela do *Roman de la Rose* e constrói uma obra "*definitiva que ofereixi a les dones una alternativa a la seva situacio. Reivindica una genealogia feminina i proposa una utopia d'espai segregat per a les dones. Sorprén la seguretat i la fermesa en l'exposicio del su programa, que reflecteix una personalitat madura i lluitadora*", assim como descreve Vidal, na introdução da sua tradução para o catalão da *La Ciutat de les Dames* (1990).

No conjunto de sua obra, Christine mostra-se de “bom conselho para seu público”, como a figura benjaminiana do narrador. Efetivamente, escreve Benjamin, um conselho “*est peut-être moins réponse à une question que suggestion à propos de la continuation d'une histoire (qui est en train d'être développée). Pour qu'on nous le donne, ce conseil, il faut que nous commençons par nous raconter.*” (*Idem*, p.269).⁶⁹

A essência dos conselhos de Christine está ligada à sua própria trajetória. Seus conselhos encontram-se no fundo desse entrecruzamento dialético do seu pensamento e sua prática. No seio da narração, ensina-nos Benjamin, encontra-se o fio capaz de tecer uma pequena estória pessoal, entre as histórias contadas. O fio de Ariadne capaz de nos levar ao coração do narrador que transmite informações, nunca como uma coisa-em-si, mas como uma coisa-com, relacionada às angústias, aos sonhos, às amarguras, às alegrias de sua experiência pessoal: “o fio da narração capaz de assimilar a coisa à própria vida daquele que a conta para findar-se novamente nele”⁷⁰

⁶⁹ Um conselho é menos a resposta a uma questão do que uma sugestão em relação à continuação de uma história (que está sendo desenvolvida). Para que nos seja dado, tal conselho, é preciso que comecemos a nos contar.” (*Idem*, p. 269).

⁷⁰« Le fil de la narration capable d'assimiler la chose à la vie même de celui qui la raconte pour la puiser de nouveau en lui”. Le fil de la narration capable d'assimiler “la chose à la vie même de celui qui la raconte pour la puiser de nouveau en lui”. (*Idem*, p.275)

O potencial transgressor da linguagem de Christine de Pizan, o modo de engendramento do ato de narrar, o lugar do eco no resgate das ancestrais na sua leitura-escuta, a preocupação moralizante de sua escrita oferecendo-se como conselho para a vida pragmática, revelam um saber consciente de desvio da forma de narrar androcêntrica em um local de subjetividade no processo de sua identidade feminina.

Autora, narradora, protagonista, fonte de sua própria obra : Christine inscreve sua história de vida entre as várias histórias, em especial, de mulheres, que ela resgata em suas narrativas, e através dessa fala-escrita, ela nos fez transportarmos seis séculos atrás na busca por essa precursora história das mulheres.

O recorte das mulheres integrantes de sua enciclopédia de mulheres ilustres, como no caso da *Cité des Dames*, recebeu influência marcante da obra de Boccaccio, *De mulieribus claribus*. Tal influência, apesar de notória, não limitou a obra de Christine em simples empréstimos ou cópias, como pretendiam alguns críticos, mas ao contrário, soube guardar sua independência e originalidade, em relação à autoridade e ao gênero. O leitmotiv das “*Neuf Preuses*” (“nove mulheres bravas”), sucesso na França como tema iconográfico naquela virada de século, é retomado na obra de Christine, *La Cité des Dames*, apenas com sete das *neuf preuses*, figuras oriundas da mitologia e da Antigüidade pagã, são elas: Semiramis, Sinope, Hipólita, Menalipe, Lampeto, Pentesileia, Tomiris, Teuca et Deifile. Um outro ponto a ressaltar é que se assiste, no século XV, a múltiplas variações desse tema, procurando evidenciar outras heroínas, substituindo as nove pagãs da mitologia clássica, por três judias (Ester, Judite e Jael), três cristãs (santa Helena, santa Brigitte e santa Elisabete), e outras pagãs (Lucrécia, Veturia, Virgínia). Este ideal de *castia*, *virtus* e *sanctitas*, que seduziu a Itália humanista, explica Cassagnes-Brouquet⁷¹, se opõe

⁷¹ Para um maior aprofundamento do tema, ver o artigo de Sohie Cassagne-Brouquet. “Les neuf preuses, l’invention d’un nouveau theme iconographique dans le contexte de la Guerre de Cent Ans.” In.: CAPDEVILA, L., CASSAGNES-BROUQUET, S. et alli.(dir.) *Le genre face aux mutations: masculin et féminin, du Moyen Âge à nos jours*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. p. 279 – 290.

ao modelo cortês e cavalesco, preferido na França. Os laços fortes com as duas culturas explicam a liberdade de Christine, ao utilizar-se dos dois modelos, para redefini-los, modificá-los a partir de sua necessidade de afirmação, de criar sua própria voz, seu próprio caminho de escritora, enquanto defensora do sexo feminino. Desse modo,

Having suppressed the violence, titillation and misogyny in the masculine voice of Boccaccio's *De mulieribus claris*, those presumed to be among the favorite (masculine) features of pleasure and entertainment in storytelling, Christine orients her histories.⁷²

Seja como forma de identificação de sua italianidade, seja como estratégia para evidenciar sua obra, como ela já havia feito ao se utilizar o peso da autoridade do Pai da igreja, Santo Agostinho, referindo-se a ele na *Cité des Dames*, Christine retoma quase integralmente o esquema da obra de Boccaccio, em *De mulieribus claris*, sobretudo como estratégia discursiva, uma vez que as modificações permitem uma escritura autônoma da história das mulheres através do olhar de uma mulher.

Eis, assim, a explicação das suas freqüentes autocitações, que mais do que um efeito de intertextualidade, o emprego de tal recurso aspira a que suas obras sejam conhecidas pelo seu leitor, além de dar um peso a seu discurso de escritora, assegurando a autoridade de sua obra.

⁷² CLARK-EVANS, Ch. "Christine de Pizan's feminist strategies: the defense of the african and asian ladies in the 'Book of the city of the ladies'". In: *Une femme de lettres au Moyen Âge: études autour de Christine de Pizan*. Orléans: Paradigme: 1995. p. 179 "Christine orienta suas histórias, com a supressão da violência, de elogios e da misoginia na voz masculina de Boccaccio em seu *De mulieribus claris*, que presume-se estar entre as características favoritas (masculinas) de prazer e entretenimento daquelas estórias."

PARTE II

DESCONSTRUINDO A CITÉ DES DAMES

As reflexões dessas cinco damas levaram-me a buscar, a partir de agora sozinha, um caminho próprio para tecer com esse emaranhado de fios, como substâncias essenciais do tecido teórico, um bordado textual a partir de vários espaços vazios, que me convidam a propor uma leitura feminina-feminista da obra.

CAPÍTULO L.I. discurso polêmico em la *Cité des Dames* : a querela de gênero entre Christine de Pizan e a literatura antifeminista.

Observamos, nas três partes que compõem *La Cité des Dames*, a repetição de vários semas integrantes do discurso teológico: /Evangelho/, /Jesus Cristo/, /Nosso Senhor/, /Todo-Poderoso/, /Apóstolos/, /Sagrada Escritura/, /Bíblia/, /Testamento/, /Virgem Maria/, e muitos fragmentos do Evangelho que irão dar base ao discurso da autora. Tal escolha revela que, além da divergência entre o discurso cristiniano e os discursos do canône literário do momento, existia um certo acordo em relação a um conjunto ideológico. A polêmica entre os dois discursos – de ordem de gênero- sustenta-se pelo reconhecimento de um código que transcende seus antagonismos, tendo o papel de árbitro na decisão do justo e do injusto, ou seja, a palavra de Deus. O discurso cristão para onde convergem, então, essas duas formações discursivas é submetido a uma espécie de triagem nos dois lados, onde cada um seleciona as passagens que melhor convêm às suas argumentações, ou empregando as mesmas citações, porém acompanhadas de interpretações distintas. Trata-se, então, de uma tradução do Evangelho, não no sentido interligüístico, de um idioma a outro, mas no sentido de compreensão de um enunciado a partir de sua formação discursiva. Desse modo, cada leitura fica elaborada através da identificação de semas « positivos » e « negativos », onde se está inserida a reavaliação de características que

supostamente fazem parte da essência masculina ou feminina, como: /força/, /lealdade/, /inteligência/, /autonomia/, /conversa/, /volúpia/, /infidelidade/, / vaidade/.

Na primeira parte do livro *La Cité des Dames*, Christine de Pizan analisa um trecho do livro em latim *Dos secretos das mulheres*, obra atribuída a Aristóteles. Trata o livro, dentre outras coisas, da imperfeição do corpo feminino: sustenta-se a idéia de que é por debilidade e fraqueza que o corpo que se forma no ventre da mãe torna-se o de uma mulher, e também que a própria natureza tem vergonha de ter feito uma obra tão imperfeita. Através de sua leitura, Christine de Pizan utiliza fragmentos do discurso bíblico a fim de fundar sua argumentação contra o discurso misógino. O comentário da alegoria Razão a propósito do texto do Evangelho sobre a Criação, sugere que o fato de Deus ter criado a mulher a partir da costela do homem corresponde à vontade divina que ela deveria « ficar ao seu lado como uma companheira, e não a seus pés como uma escrava – e que ele deveria amá-la como se fosse sua própria carne » (*La Cité des Dames*⁷³, p.54).

Ainda na primeira parte da obra, Dama Razão contra-ataca o discurso de Catão, característico das qualidades romanas da austeridade e da virtude, o grande orador, quando, fazendo alusão ao pecado que se atribui a Eva, ele afirma que se o mundo tivesse sido criado sem as mulheres : “*Je répondrais qu’il gagna un rang bien plus haut par Marie que celui qu’il avait perdu par Eve*” (*La Cité des Dames*, p. 55)⁷⁴. Do discurso da defesa, passa-se ao discurso de ataque pela voz da Dama Razão, que em sua « querela de gênero » desempenha o papel da autoridade, da credibilidade, reagindo de forma irônica à reflexão do orador :

Quant à fréquenter les dieux si la femme n’existait pas, comme l’affirme ce Caton, il ne croyait pas si bien dire! Car c’était un païen, et ceux de cette religion croyaient que les dieux se trouvaient aussi bien en enfer qu’au ciel

⁷³ Todas as referências citadas na minha leitura da obra *La Cité des Dames* correspondem à tradução de Thérèse Moreau e Eric Hicks para o francês atual (Ver Bibliografia). Optamos pela tradução por razão de maior acessibilidade em relação ao original em francês arcaico.

⁷⁴ “Responderia que através de Maria ele ganhou um plano muito mais elevado do que aquele que havia perdido, por culpa de Eva”

(il s'agit des diables qu'ils appelaient les dieux de l'enfer). Et ce n'est pas une erreur de dire que les hommes fréquenteraient ces dieux-là si Marie n'avait pas existé!" (La Cité des Dames, p.56)⁷⁵

Tal jogo de ataque e defesa entre as duas formações discursivas diferentes faz aparecer representações dissonantes da imagem feminina e seu papel social na sociedade, uma « dissemetria » radical, na medida em que cada formação discursiva tem sua própria maneira de interpretar, definindo seu próprio objeto do discurso assim que a prática do outro. Então, da ideologia androcêntrica dominante no final da Idade Média aparece o discurso antagônico de Christine de Pizan que emprega os mesmos códigos literários dos textos oficiais a fim de manifestar um novo discurso de uma minoria oprimida pelas normas do discurso integracionista do macho, reivindicando um espaço através das vozes das mulheres autoras.

Mais do que pensar um espaço ideal, Christine de Pizan pensou também o presente imediato, aquele que a sociedade androcêntrica acordava às mulheres. Assim, como defendeu Thérèse Moreau e Éric Hicks, o não encorajamento, de certa forma, às mulheres a empreenderem uma aventura de completa ruptura em relação ao seu lugar e atividades habituais, justifica-se pela tentativa de preservá-las de um convicto insucesso. Buscando ainda, chegaríamos à discussão clássica sobre a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, abordada por Christine, enquanto reivindicações de igualdade de valoração para com qualquer atividade, rompendo assim com a diferença de valor existente entre as tarefas consideradas femininas e aquelas ditas masculinas. Tal reivindicação, algumas vezes, interpretada como um apelo à submissão, à resignação, considero, contrariamente a uma atitude conservadora, como um meio de valorizar as mulheres pelo que elas exercem.

Através de um pensamento inovador de tentar demistificar a explicação aristotélica da

⁷⁵ Quanto a freqüentar os deuses se a mulher não existisse, como o afirma este Caton, ele não sabia que dizia coisa tão correta! Pois, como era pagão, e esses dessa religião acreditavam que os deuses se encontravam tanto no inferno quanto no céu (trata-se de diabos o que eles chamavam de deuses do inferno). Assim, não seria um erro dizer que os homens freqüentariam tais deuses se Maria não tivesse existido!"

divisão de trabalho entre gênero, Christine evidencia a capacidade feminina em desempenhar uma diversidade de trabalhos:

Dieu, qui ne fait rien sans raison, a voulu montrer aux hommes qu'il n'a pas moins estimé le sexe féminin que le leur. En effet, il lui a plu d'accorder à l'intelligence des femmes de si vives lumières qu'elles peuvent non seulement apprendre et assimiler des sciences, mais en inventer des nouvelles, et qui plus est, des sciences si utiles et si profitables à l'humanité qu'on en trouverait difficilement de plus nécessaires. (La Cité, p.106)⁷⁶

No livro III de *La Cité des Dames*, cada capítulo evidencia a castidade e as virtudes morais das mulheres através de um conjunto de breves histórias, sobretudo relacionadas às santas virgens. Christine retoma aqui um gênero bastante utilizado no século XIV, chamado “*miracle*” (milagre). Foram conservados 38 *Miracles*, ou *Vitae sanctorum* (Vida de santos) e 41 *Miracles de Nossa Senhora*. Estes últimos, compostos entre 1339 et 1382, formaram uma antologia que serviam de base para o teatro do século XIV, e eram representados todos os anos em Paris, na sala da “*Confrérie Saint Éloi des Orfèvres*”. O tema das “Vidas e Milagres dos Santos” era o martírio do herói, com insistência na crueldade do seu suplício, e a estrutura narrativa apresentava uma seqüência que servia de base para variadas histórias: geralmente composta de um erro, o arrependimento, e a intervenção milagrosa da Virgem que reconcilia o pecador, estabelecendo a ordem moral⁷⁷.

Em *La Cité des Dames*, cada pequeno relato sobre a vida das virgens santas faz apelo a diversos tipos de retomada nominal, através de recursos anafóricos, como a repetição, a pronominalização (a “anáfora fiel”) e a substituição lexical (a “anáfora

⁷⁶ “Deus, que não faz nada sem uma justificativa, quis mostrar aos homens que não subestimou o sexo feminino em relação ao deles. Diga-se a propósito, ele achou por bem de conceder às mulheres uma inteligência tão brilhante que elas podem não somente aprender e assimilar ciências, mas também inventar novas ciências de maior utilidade e benefício à humanidade, que dificilmente poderíamos encontrar mais necessárias.”

⁷⁷ A respeito do gênero « *Miracles* », ver OURY, Dom Guy. *Miracle*. In. : *Dictionnaire des Lettres françaises : Le Moyen Âge*. Paris : FAYARD, 1964, p.1015-1017.

infiel”)⁷⁸. O valor das anáforas parece ter duas justificativas: a primeira seria ligada ao desejo proposital de mostrar as mulheres em forma qualitativa, como também, em quantidade representativa, a fim de alcançar uma persuasão mais marcante de seu discurso. A segunda estratégia de Christine seria sublinhar a repetição do sofrimento das mulheres, submetidas a sucessivos sofrimentos corporais e morais, como ressalta Vidal (op.cit.p.15,16):

Precisament en la lectura d'aquesta part, la narració repetitiva, quasi monota, dels martiris i, sobretot, de comhi arribaven les dones, pot fer pensar que, de fet, potser en molts casos els martiris no eren res més que pràctiques sàdiques de violació de les verges cobejades que es negaven a rendir-se als desigs dels seus torturadors. I també aquests episodis poden suggerer la persecució de bruixes i la propera presència de la Inquisició. No podem saber mai si foren aquests o uns altres els mecanismes inconscients que portaren Christine de Pizan a narrar la història de les martirs d'una manera determinada.

Simone Pagot, em sua análise sobre o uso da compilação didática em Christine de Pizan, aponta para algumas estratégias utilizadas pela escritora na construção estética de seu discurso, ressaltando o emprego da repetição:

Christine de Pizan, dans son écriture, a souvent répété, s'est souvent répétée. C'est que la répétition est celle des figures de style qui se relie le plus au temps, et donc à l'espérance de son efficacité. C'est un choix esthétique qui nous déconcerte, mais Christine avait le droit de le faire. (PAGOT, 1985, 48)⁷⁹

A querela das mulheres na obra de Christine de Pizan, como pudemos observar, particularmente em *La Cité des Dames*, não representa uma querela das mulheres contra os homens como se vê frequentemente na literatura masculina. Trata-se, mais precisamente, da querela das virtudes, da justiça, contra os vícios da humanidade, colocando em evidência as qualidades do sexo feminino, não de maneira arbitrária, a partir de uma divisão biológica de gênero, mas, indo além, em uma representação da questão de gênero

⁷⁸ -Para a classificação das anáforas, ver *Eléments de Linguistique pour le texte littéraire*, de Maingueneau. Paris: Bordas, 1986.

⁷⁹ “Christine de Pizan, em sua escrita, sempre repetiu, sempre se repetiu. É que a repetição é a figura de estilo que mais é ligada ao tempo, e, então, à esperança de sua eficácia. É uma escolha estética que nos desconcerta, mas Christine tinha o direito de fazê-lo.”

como fator existencial. Dessa forma, são consideradas também as contribuições do outro sexo que manifestaram solidariedade em relação ao “segundo sexo”, sofrendo o desprezo de uma sociedade que se tornava cada vez mais androcêntrica no prelúdio do Renascimento. Enquanto que os intelectuais de seu tempo, e em sentido amplo, de uma maneira atemporal mesmo – desprezaram as mulheres, especialmente, suas congêneres, trabalhando para que elas fossem ofuscadas, e suas vozes abafadas, Christine de Pizan, enquanto mulher intelectual, obstinou-se em assegurar às figuras femininas, esquecidas pela história oficial, a imortalidade. Também encontramos um espaço cedido a algumas figuras masculinas, que se tornaram imortalizadas em sua obra, através da valorização de suas virtudes, o elemento-chave da concepção de gênero do seu singular “feminismo”. No conjunto de sua obra, portanto, Christine retrata algumas personagens masculinas pertencentes à sua história pessoal e afetiva, em especial, seu pai, o astrólogo Thomas Pizanno, seu marido, Etienne Castel, e o rei Charles V, que acolheu sua família na corte.

A construção de sua identidade feminina se consolidou, no entanto, através desses dois alicerces: uma participação do masculino: constituída de elementos sentimentais, pessoais, pertencentes às lembranças de sua infância e juventude; e o tributo feminino, constituído de elementos de solidariedade e de justiça presentes na formação de sua “consciência de gênero”.

CAPÍTULO II O LUGAR DA UTOPIA NA *CITE DES DAMES*

Sans plus attendre, partons au Champs des Lettres: c'est en ce pays riche et fertile que sera fondée la Cité des Dames, là où l'on trouve tant de fruits et de douces rivières, là où la terre abonde en toutes bonnes choses[...]

La Cité des dames é uma obra no âmbito da literatura alegórica, tradição, como foi visto, bastante difundida na Idade Média. Paul Zumthor(1972 :370) define o discurso alegórico como um «discurso narrativo no qual o maior número, senão a totalidade dos agentes e pacientes são produzidos por uma figura de personificação».

Na Idade Média distinguem-se, preponderantemente, duas formas comportamentais que representam um pouco o descontentamento da realidade vivida, através desse discurso alegórico. Primeiramente, o pensamento escatológico: a idéia pessimista do fim dos tempos do homem e do mundo, da queda e do pecado original que marcou profundamente o imaginário cristão do Ocidente medieval, através do movimento milenarista. Este pensamento dominante na Idade Média sonhava com um paraíso, a « Idade de ouro », em um outro tempo e espaço, irremediavelmente perdidos em uma história longínqua e irrecuperável.

Em seguida, temos o pensamento de ordem eutópico, em que se prevalece o princípio onírico do prazer, em representações de países imaginários onde reinam a abundância, a ociosidade, a juventude e a liberdade. Tais ideais são analisados pelo historiador Hilário Franco Júnior, como uma utopia de evasão, nas quais se buscam as satisfações mais instintivas do homem. A eutopia, pelo seu aspecto ilusionista,

quimérico, que projeta seu sonho de mudança em um lugar existente apenas na fantasia, tende a transformar-se em distopia.

Todavia, mesmo que de forma mais rara, um outro caminho de representação do imaginário pode ser observado. Trata-se do pensamento de caráter utópico : a esperança em um futuro idealizado, que contrariamente ao precedente, vem associado ao princípio da realidade, valorizando a ordem e a regulamentação necessárias para a manutenção da sociedade, introduzindo também o elemento da *praxis*, da ação, como meio possível para alcançar uma finalidade, o « não-ainda », o “não-lugar”, concretizável em o plano futuro. O pensamento utópico distingue-se também do pessimismo do tratado sobre os fins últimos do homem, uma vez que o elemento impulsionador da utopia é justamente o otimismo.

Entre tais formas de manifestação contra o momento presente, atentamos para a forma utópica como sendo aquela de maior conformidade com a obra *La cité des Dames* de Christine de Pizan.

A linguagem alegórica, que tem um caráter fundamentalmente didático busca, ao mesmo tempo, dar uma certa ilusão do real, travestindo-o, assim como pôr à vista o mundo real, através de valorização simbólica dos elementos alegóricos. É no seio mesmo dessa ambigüidade da figura alegórica que se encontra sua significação, ressalta Jeannine Quillet (2001 :246) :

*Elle est à la fois modèle du transcendant et affabulation d'un réel considéré à la fois comme insuffisant ou à reformer. Même ambiguïté pour le songe lui-même, et pour le songeur, qui est souvent mi-rêvant, mi-éveillé, et qui narre le songe dont il est témoin en n'établissant pas de frontière définie entre le mensonge et la vérité qu'il véhicule.*⁸⁰

⁸⁰ “Ela é ao mesmo tempo modelo do transcendente e fabulação de um real considerado ao mesmo tempo insuficiente ou a reformar. Mesma ambigüidade também para o sonho, e para o sonhador, que é muitas vezes meio-adormecido, meio-acordado, e que narra o sonho do qual ele está testemunhando, sem estabelecer fronteira definida entre a mentira e a verdade que ele veicula.”

Tal modalidade literária se estrutura a partir de um modo de produção específica, na qual o narrador, que é ao mesmo tempo o herói, o autor da narração, o protagonista e o glosador, encontra-se no início do relato, sempre em conflito, vivendo uma situação limite, e encontra no universo onírico do devaneio um meio de se refugiar da realidade. O sonhador tem sempre um mediador, que se encarrega de encontrar-lhe uma saída, solução para a situação de conflito. « *Le songe se présente ainsi comme un moyen pour l'âme de percer des secrets qui lui échappent à l'état de veille.* »⁸¹ (Quillet, 2001: 251).

La Cité des dames representa, nesse sentido, uma estrutura narrativa característica desse tipo de discurso. A obra se abre em uma situação de conflito da personagem narradora Christine, indignada com a leitura que acabara de fazer do livro *Lamentations de Mathéole*⁸². A solução vem em seguida pela visão das três damas alegóricas :Razão, Retidão e Justiça, que vieram oferecer-lhe sua ajuda para a realização de uma missão que lhe foi confiada : a construção de uma cidade, uma espécie de cidadela, pra defender as mulheres dos ataques misóginos.

O sonho de Christine toma o caráter de uma revelação do futuro, a expressão de um modelo de organização social diferente daquele espaço real, que encontra uma analogia com a categoria do « sonho acordado », pensada pelo filósofo Ernst Bloch, que será objeto da última parte deste capítulo.

Como um reflexo das aspirações, dos desejos, das preocupações mais próximas, da véspera, o sonho de Christine se projeta para um futuro em direção ao objeto esboçado, imaginado por ela: a construção metafórica dessa cidade protetora.

⁸¹ “O sonho se apresenta assim como um meio para o espírito de transpassar segredos que lhes escapam ao estado de vigília »

⁸² *Les lamentations de Matheolus* é uma obra latina do século XII, muito difundida na França no final do século XIV, graças à tradução francesa de Jean Le Fèvre. Ver a edição bilingüe de VAN HAMELA, G. *Les Lamentations de Matheolus; textes français et latins des lamentations*. Paris: Émile Bouillon éditeur, 1892.

A obra de Pizan está construída, no que diz respeito à metáfora da construção⁸³, a partir de dois campos temáticos: a edificação da obra literária, e a construção da cidade das damas. No campo semântico da construção, os exemplos e argumentos correspondem, na obra, a um canteiro de pedras. Vê-se o cuidado de Dama Razão em encontrar bons argumentos para a construção do *logos* retórico: “Rejette donc de ce chantier ces sales pierres noires et mal dégrossies, car jamais on ne s’en servira dans la construction de ta belle Cité”, ordena dama Razão a Christine⁸⁴

As questões de Christine simbolicamente representam a ação de cavar a terra e os argumentos das respostas das três Damas são metamorfoseados em pedras. Cada exemplificação é assim comparada a uma pedra levantada na fundação da obra.: “*Voici posée la première pierre des fondations de notre Cité. Il nous faut maintenant, pour faire avancer nos constructions, poser les unes sur les autres maintes pierres encore.*” (Cité p.70)⁸⁵, diz dama Razão referindo-se ao seu primeiro exemplo, a rainha Semíramis, de uma série de mulheres bravas como as Amazonas e outras guerreiras da Mitologia grega e romana para testemunhar a força, a coragem e audácia femininas, qualidades necessárias para o sustentáculo dos muros da fortaleza. O primeiro Livro será, pois, constituído dessa orientação da dama Razão que dará a base à obra de Christine, seja na ficção, seja na realidade, na elaboração do seu livro:

Je t’ai donc préparé des fondations larges et profondes, et j’en ai retiré la terre en l’emportant en Grandes hottées sur mes épaules. Il est maintenant temps pour toi d’asseoir les grandes et belles pierres des soubassements des murs de la Cité des Dames. Prends donc la truelle de ta plume et hâte-toi de bien

⁸³ Sobre esse tema, ver artigo de Patrizia Caraffi « Il libro e la Vittà : metafore architettoniche e costruzione di una genealogia femminile ». In : CARAFFI (dir). Christine de Pizan ; Una città per sé. Roma : Carocci editore, 2003, p. 13-18.

⁸⁴ “ Joga fora desse canteiro essas sujas pedras negras e engorduradas, pois jamais iremos nos servir delas para a construção de tua bela Cidade”

⁸⁵ “Eis aqui posta a primeira pedra da fundação de nossa Cidade. Precisaremos agora, a fim de avançar nossa construção, colocar umas sobre as outras tantas pedras ainda.”

maçonner et d'œuvrer avec ardeur. Voici cette grande et belle pierre qui doit être la première assise aux soubassements de ta Cité... (Cité, p.68)⁸⁶

No segundo Livro da *Cité*, já acabadas as fundações, prontas para “*lever les hauts murs de l'enceinte*”, Christine e Dama Retidão, as duas protagonistas dessa parte, centram a atenção em outras virtudes femininas, como a honestidade, a fidelidade, o equilíbrio, o amor, nas relações humanas do cotidiano. Cada exemplo trazido ajuda a levantar a auto-estima das mulheres, na medida em que os muros de sua cidade vão sendo cuidadosamente levantados, de maneira alinhada e perfeita, com a ajuda de Dama Retidão. .

“Prends tes outils et viens donc avec moi... Trempe mon mortier dans l'encre de ton cornet et maçonne à grands traits, car je t'en fournirai en quantité, et avec l'aide de Dieu nous achèverons rapidement la construction des hauts palais royaux et des nobles hôtes...” (Cité, p.127)⁸⁷

“Les belles pierres brillantes, plus précieuses que toutes autres, que je t'ai trouvées et apprêtées pour être liées dans ton ouvrage de maçonnerie... Alors, aligne-les en suivant l'ordre de mon discours, sur le trait que je t'ai tracé.” (Cité, p.128)⁸⁸

A metáfora da construção mostra também o *processus*, uma filosofia da ação, necessária para a construção do projeto sonhado, imaginado, o meio de alcançar suas aspirações.

No caso feminino, o descontentamento com uma realidade demasiadamente injusta e desigual entre os sexos, torna mais fértil e mais propícia, a capacidade delas de sonhar, de imaginar um lugar – seja uma ilha, uma cidadela, uma cidade-, onde possam

⁸⁶ “[...]agora que te preparei as grandes e profundas escavações, cavando toda a terra, e carregando-a sobre meus próprios ombros, é hora de assentar as grandes e fortes pedras dos alicerces para construir as muralhas da Cidade das Damas. Pegue então a pá de tua pluma e prepara-te para construir e trabalhar com grande empenho. Aqui está uma grande pedra que gostaria que fosse a primeira a ser assentada na fundação da tua Cidade.”

⁸⁷“ Pegue as tuas ferramentas e venha comigo. Não hesite; misture a tinta no cartucho e, com a tua pluma, comece a construir, pois fornecerei-te material suficiente para, em poucas horas, e com a ajuda divina, termos edificado os altos palácios reais e nobres mansões.”

⁸⁸ “[...]as belas pedras reluzentes, mais preciosas do que todas as outras, que encontrei e preparei para utilizar nessa construção[...] Agora arrume-as de acordo com a linha que tracei aqui e seguindo a ordem que te direi.”

ser reconhecidas como seres humanos e em igualdade com os homens, nas várias instâncias da vida cotidiana. Tal sonho é representado por Christine de Pizan na sua cidade metafórica.

Observa-se, nessa construção metafórica, um elemento essencial, determinante como o motor para a concretização da obra: o elemento utópico. Tal reflexão levou-me a questionar sobre o sentido dessa categoria; e em que medida pode-se chamar a obra a *Cité des Dames* uma utopia ; de que pressupostos poderia partir para a definição do conceito de utopia na obra; e qual seria o objeto utópico concernente na obra de Christine de Pizan. Tais reflexões serão, portanto, o ponto de partida do próximo capítulo, nessa análise da construção imaginária feminina que representa a *Cité des Dames* no prelúdio do humanismo na França.

Inspirado por tais pontos de vista, nosso interesse, como visto, está voltado para o lugar da questão de gênero naquele período, que nesse ponto parece-nos indiscutível a contribuição da nossa feminista « *avant la lettre* », Christine de Pizan. Encadeando, assim, a visão do medievista brasileiro, nosso estudo propõe uma outra forma utópica : a utopia do feminino, encontrada no *Livro de La Cité des Dames*, um lugar em que se reconhece a igualdade entre os sexos e onde as mulheres estarão protegidas de várias formas da misoginia.

Não serão desprezados, no entanto, a utilidade de certos conceitos descritivos e estruturalistas, para a utilização como referências, visando uma melhor compreensão de elementos da história.

CAPÍTULO II ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DA UTOPIA EM *LA CITE DES DAMES*

II.1 - Utopia e o mito da idade de ouro.

O elemento central da *Cité des Dames* é a busca das relações de gênero ao longo dos tempos, através do resgate da memória feminina, esquecida pela história. Recorrendo às origens, Christine redefine alguns mitos⁸⁹, e transforma a sua obra em uma verdadeira enciclopédia de mitos femininos, criando uma versão diferente para alguns mitos construtores da imagem deformadora da mulher. Assim, mitos históricos, mitos cristãos – em particular, o mito da origem, o mito do pecado original – e figuras míticas, legendárias da mitologia clássica e da Bíblia, encontraram nova roupagem nas versões narradas por Christine em la *Cité des Dames*.

Distinguem-se, na sua revisitação dos mitos, dois objetivos: de um lado, uma busca da identidade feminina, a construção de um devir mulher, de que trata Simone de Beauvoir, e de um outro lado, observa-se a reivindicação de um lugar para as mulheres, uma vez que, até então ainda não foi encontrado esse espaço.

Em relação à primeira finalidade, é notório o interesse em fazer aparecerem os arquétipos de uma genealogia do feminino, ao mesmo tempo que se distinguem uma natureza e características próprias ao gênero feminino.

Em *La Cité de Dames*, o exemplo de uma mulher que amamentou sua mãe na prisão, seguido do comentário de dama Retidão : « *La fille lui rendait donc en sa*

⁸⁹ A concepção de Mito corresponde aqui à descrição proposta por Hilário Franco (op.cit, p. 11-12) : « um relato cujos objetos são as origens e/ou características de fenômeno naturais e sociais importantes para uma dada sociedade, levada por isso a especular sobre elas. O mito é, portanto, uma forma de conhecimento que equaciona as grandes questões espirituais e materiais da sociedade, sem pretender solucioná-las. É a exteriorização das grandes dúvidas, ansiedades, medos, expectativas e sonhos coletivos de cada comunidade ».

vieillesse ce qu'elle lui avait pris en son enfance » (Cité, p.143)⁹⁰, recorre à idéia do eterno retorno, a memória feminina como espaço utópico, ideal de preservar o feminino e dele se alimentar para a construção de sua própria escrita, em uma espécie de *continuum*. No « *Champs de lettres fertiles* », sua obra foi inserida, como na natureza materna da matéria terrestre e sua incansável atividade criadora.

Cada pequeno capítulo, cada exemplo narrado de mulheres vistuosas, faz parte ora da esfera privada, ora da pública, transportando-nos a um espaço – a cidade das damas- que é, ao mesmo tempo, interno e externo; ventral, uterino, cardíaco e cutâneo, tátil, palpável. Essa pulsação descontínua é vista em sua escritura do « eu » - escritura que contempla sua vida, suas dores e também o contexto do mundo exterior –como uma realidade textual que se prolonga em direção ao extratextual.

A existência de uma tradição literária feminina e das táticas de sobrevivência que a acompanham, comentada por numerosos críticas, em particular Annis Pratt, Hélène Cixous, Frances Bartkowski, asseguraria assim uma certa continuidade na produção das mulheres escritoras, alimentando sua própria formação da leitura de outras escritoras que teriam o papel de iniciadoras, reveladoras, em uma espécie de espelho do « eu ».

Mas, se é verdade que esta busca de suas origens enquanto mulher pode ser observada na obra de Christine, também, é verdade, que, contrariamente a toda uma tradição literária da época, ela nega a existência de uma idade de ouro⁹¹, daquele tempo não datado, imensurável, não contabilizável, situado no começo da aventura humana, correspondendo a uma época de inocência e de felicidade.

A idéia do declínio, do pecado original marcou profundamente o imaginário cristão. Os escritos medievais, em sua quase integralidade, atestam esse consenso da

⁹⁰ “A filha devolve então na sua velhice o que havia recebido na infância.”

⁹¹ Ver o importante artigo de Rosalind Brown-Grant “Décadence ou progrès? Christine de Pizan, Boccace et la question de l’âge d’or”. In: *Revue des Langues Romanes* XCII, 1988. p: 295-306.

existência de um paraíso perdido em um lugar e um outrora irremediavelmente irrecuperáveis. A voz de Christine de Pizan mostra-se particularmente contra esse mito da idade de ouro e portanto, contra o pessimismo escatológico dominante presente no pensamento de vários de seus contemporâneos.

« *Regretter l'âge d'or, selon elle, ce n'est pas reconnaître les dons qu'ont faits les femmes à l'humanité en général* »⁹². Tal recusa está, sem dúvida, ligada à opinião que outrora, assim, como no seu presente, nunca existiu uma idade de ouro para as mulheres. Elas nunca haveriam conhecido seu justo espaço na história. Esse espaço está, assim, em nenhum lugar, em um não-lugar, que apenas poderá ser conhecido no futuro. Aí, então, reside a diferença identificada na *Cité des Dames*, entre a idade de ouro e a utopia.

Em relação ao progresso, Christine tem uma visão otimista do avanço da humanidade, da ciência, e das conquistas de cada civilização, uma idéia de uma aprendizagem do *continuum* :

Il est vrai que certains auteurs, et notamment le poète Boccaccio dont nous tenons notre récit, estiment que c'étaient un âge plus heureux que le nôtre quand on vivait de baies et de glands et que l'on allait vêtu simplement de peaux de bêtes, ignorant toutes ces techniques qui nous permettent de vivre plus confortablement... (*Cité, p.110*)⁹³.

Para Christine, « *il est bon, en effet, de profiter et de faire un honnête usage de ces choses qui sont en elles-mêmes excellentes et salutaires* » (*La Cité, p.110*)⁹⁴. Esta idéia humanista da consciência aparece como antecipação de idéias modernas de um

⁹² « Segundo ela, lastimar-se da Idade de Ouro seria não reconhecer os dons feitos pelas mulheres à humanidade em geral » (Brow-Grant, 1988 : 300).

⁹³ -« É verdade que alguns autores, especialmente o poeta Boccaccio, de onde essas histórias foram tiradas, diziam que o mundo era melhor quando se vivia de glandes e outras frutas selvagens, e vestia-se com peles de animais, ignorando todas essas técnicas que nos permitem viver mais confortavelmente.»

⁹⁴ “E se a humanidade faz mal uso dos bens que Deus prometeu-lhe e acordou-lhe para conveniência e benefício dos homens e das mulheres, transformando em maldade e perversidade, não é porque a coisa em si não seja vantajosa e excelente, se usada de maneira lícita.”

Voltaire, por exemplo, ou de um Rabelais, que ele resume na sua célebre frase : « *Science sans conscience, n'est que ruine de l'âme* ».

Pelas questões levantadas por Christine, observa-se, ao mesmo tempo esse retorno em relação aos costumes, às injustiças, os benefícios da humanidade, e a abertura desse ciclo de conquistas, para que cada era da humanidade possa acrescentar suas contribuições, e poder progredir em diferentes dimensões.

A contribuição que foi reservada a Christine é o papel de proteger as mulheres das injustiças de todos os tempos, aquelas do passado, as do seu presente e as que virão. Nesta perspectiva, a autora tem uma visão linear do tempo, como a visão utópica, de acreditar na melhoria futuro de seu presente.

Os filósofos, os homens de ciências trouxeram muitos benefícios à humanidade, mas não avançaram na dimensão de gênero. Não teria havido, de acordo com Christine, o reconhecimento das contribuições femininas pela história. E, no entanto,

Il me semble que la philosophie d'Aristote, qui a pourtant été si utile à l'esprit humain et dont on fait si grand cas - à juste titre d'ailleurs-, pas plus que tous les autres philosophes qui aient existé, n'a apporté ni n'apportera jamais autant d'avantages à l'humanité que les inventions dues au génie de ces femmes. (*Cité*, p.109)⁹⁵.

Qu'ils se taisent donc ! Qu'ils se taisent dorénavant, ces clercs qui médisent des femmes (*Cité*, p.108)⁹⁶.

Pensar os arquétipos, reescrever os mitos para essa escritora, é a oportunidade de dar às mulheres a capacidade da lembrança, eliminando, assim, a amnésia da mutilação que reduziu as mulheres ao silêncio.

É conveniente, agora, distinguir o esquema que nos torna capazes, segundo o filósofo Frédéric Rouvillois, de reconhecer o « gênero utópico », tentando discernir

⁹⁵ “Sem dúvida, Dama, me parece que nem a Doutrina de Aristóteles, que muito foi proveitosa ao pensamento humano, e de que se faz tanto caso – a justo título aliás- não mais do que todos os outros filósofos que existiram, não trouxeram mais à humanidade do que as obras feitas pela sabedoria dessas damas.”

⁹⁶ “Que calem-se a partir de agora, os clérigos que maldizem as mulheres”

alguns traços ou características indissociáveis do pensamento utópico na obra *La Cité de Dames* : a educação, o isolamento, a lei.

II.2 - A importância acordada à educação

A educação é um dos mais importantes pressupostos do gênero utópico, para a criação a sustentação deste espaço idealizado. Sem ela «... *tout retombe dans la barbarie, grâce à elle en revanche, l'homme peut opérer sa propre rédemption, il peut, sans secours divin ni baguette magique devenir l'homme nouveau qui convient à la Cité parfaite...* »⁹⁷ Rouvillois (1998: 23).

Em Christine de Pizan, observa-se também esse sentido humanista da crença em si para se operar sua própria redenção. Mas a educação ganha um sentido talvez mais largo do que aquele do ensino, abordado por Rouvillois. Em *La Cité des Dames*, assim como no conjunto da obra de Christine, o sentido de educação é mais próximo de sua acepção latina *e-ducere* (conduzir fora de). Ele vai além do saber adquirido pelo ensino, designando a própria formação do seu, o fato de guiar um indivíduo, a partir de um estado inicial julgado insuficiente em direção a um outro considerado melhor.

É próprio do pensamento grego, especialmente em Platão, de ver na educação mais do que uma instrução, conhecimentos, a própria formação. Em sua *República*, Platão põe em funcionamento um sistema de educação que se confunde com o político, estabelecendo duas formas de educação : a educação do filósofo e aquela do não-filósofo. A educação do filósofo deve seguir, além das aulas obrigatórias de arte e ciências, uma orientação moral, organizada através de virtudes – coragem, temperança, sabedoria e justiça-. A partir de tal aprendizagem, cada um deve encontrar, através de

⁹⁷ “...tudo volta à barbárie, graças a ela, ao contrário, o homem pode operacionalizar sua própria redenção, podendo, sem socorro divino, nem varinha mágica, tornar o novo homem que convém à Cidade perfeita...”

seu próprio espírito, o caminho em direção ao saber supremo e o « savoir-faire ». É esse saber supremo, de elevação da alma até a idéia do Bem, que levaria o filósofo a voltar à Caverna para guiar os homens condenados a viverem aprisionados na mentira, na ilusão, através da luz do conhecimento.⁹⁸

É esta educação que nos é apresentada em Christine de Pisan. Encontramos claramente na sua obra esse papel de condutora, de intermediária do saber, desempenhado por alguns personagens como : a Sibila de Cumes, em *Sur le chemin de longue étude* ; as alegorias Razão, Retidão e Justiça, que aparecem na mesma obra, assim como em *Le Livre des trois vertus*, e *La Cité des Dames*. « Mais leur but n'est pas de guider Christine pour lui montrer des choses qu'elle ignore ; elles viennent, au contraire, pour faire réfléchir leur protégée à ce qu'elle sait déjà. »⁹⁹, ressalta Andrea Tarnowski no prefácio de sua edição bilíngue, para o francês atual, de *Le chemin de longue étude* (2000 : 36).

O autor continua, mais adiante, tocando em um outro ponto importante da pedagogia cristiniana; seu empirismo:

*La Cité fait s'éclorre pleinement l'importance de l'expérience chez Christine. Elle raisonne par elle-même, fait valoir les connaissances qu'elle possède. Rien ne lui est donné, excepté le prétexte de s'exprimer. L'ouvrage précise avec culture livresque, que le chagrin de Christine, qui procède d'un livre, sera dans un premier temps, atténué par un examen de sa propre expérience, puis guéri par la multiplication d'exemple de dames historiques ou légendaires illustrant les vertus féminines attestées dans des textes. L'écrit trompe d'abord, avant de confirmer ; c'est l'expérience qui permet de faire la différence entre le vrai et le faux.*¹⁰⁰

⁹⁸ Ver o artigo de Alexis Philonenko sobre Educação no *Dictionnaire de philosophie politique*, sob a direção de Philippe Raynaud et Stéphane Rials. Paris: Presses Universitaires de France, 1996. P.184-189.

⁹⁹ «Mas, o objetivo não é guiar Christine para mostrar-lhe coisas que ela ignora ; elas vêm, ao contrário, para com que sua protegida reflita sobre o que ela já sabe »

¹⁰⁰ «A *Citée* faz desabrochar plenamente a importância da experiência em Christine. Ela mesma raciocina, torna válidos os conhecimentos que possui. Nada lhe é dado, exceto o pretexto de se expressar. A obra deixa claro que a cultura livresca, que o pranto de Christine, procedido de um livro, será em um primeiro tempo, atenuado pelo exame de sua própria experiência, em seguida, curado pela multiplicação de exemplo de damas históricas ou legendárias ilustrando as virtudes femininas comprovadas nos textos. O escrito engana primeiramente, antes de confirmar: é a experiência que permite fazer a diferença entre o verdadeiro e o falso. «

Em *La Cité*, então, percebe-se o papel pedagógico da escritora na relação estabelecida entre a aprendiz e a mestre, desempenhado pela personagem de Christine e as três damas. Christine aprendiz tem uma forte participação no diálogo educador. Ela as interpela, questiona, pede mais exemplos. As damas alegóricas, por sua vez, mostram-se sempre atentas a suas dúvidas: « *Chère Christine, demande tout ce qu'il te plaira, car le maître ne doit pas reprendre l'élève avide de savoir, s'il lui pose une multitude de questions.* » (*La Cité*, p. 211)¹⁰¹, responde uma delas. Também incitam-lhe a resolver suas questões, baseando-se não apenas pelas leituras dos livros, mas também pela leitura de mundo, ou seja, por sua própria experiência, seu saber empírico, obtendo seus próprios julgamentos « *Ma chère enfant, qu'est devenu ton jugement* » chama atenção de Christina, a Dama Razão. A alegoria ensina ainda a não acreditar em um saber absoluto da parte das grandes autoridades, pois a falha, o erro faz parte do humano:

Ne voit-tu pas que même les plus grands philosophes, ceux que tu allègues contre ton propre sexe n'ont pu déterminer le vrai du faux, mais se reprennent les uns les autres et se disputent sans fin ? Tu l'as appris toi-même dans la Métaphysique d'Aristote, qui critique et réfute pareillement les opinions de Platon et d'autres docteurs de l'église ont fait de même pour certains passages d'Aristote, que l'on appelle pourtant le Prince des philosophes, et à qui l'on doit les plus hautes doctrines de la philosophie naturelle et morale. (La Cité, p. 39)¹⁰²

O papel dialético da aprendizagem é um outro traço ressaltado na obra, e aparece no discurso do mestre, ao citar o pensamento de seu aprendiz para servir de exemplos a seus próprios argumentos. Eis um dos trechos, em que a alegoria Razão faz uso de tal

¹⁰¹ “Amiga, fale daquilo que mais te agrada, porque o discípulo que, para aprender, pergunta ao mestre, não deve ser repreendido, nem tampouco saber de tudo”

¹⁰² “...percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta igualmente as opiniões de Platão e de outros filósofos citando-os. E presta atenção ainda que santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerado o Príncipe dos filósofos, e a quem devemos-lo as mais altas doutrinas da filosofia natural e moral.”

recurso: « *Comme tu l'as dit toi-même, le jugement est la faculté de peser les choses que l'on veut entreprendre et la manière de les mener à bien.* » (*La Cité*, p.119)¹⁰³.

Se o acesso ao saber continua ainda hoje desigual entre os sexos, na Idade Média, tal diferença era mais acentuada, e é evidente, que esse acesso não era tão propenso para o sexo feminino, levando-as a percorrerem um longo caminho para acceder a esta via preciosa do poder. Christine de Pizan escreveu em um período em que a situação das mulheres se via em declínio. As escolas mixtas que a população havia conhecido durante um meio século atrás, a partir de meados do século XIV, elas voltaram a ser separadas. Apesar de raras, encontravam-se assim mesmo algumas professoras de escola. Todavia, é bom observar que se tratava da realidade de Paris, cidade muito aberta à educação em relação a tantas outras cidades europeias, e também, que se tratava de escolas primárias para meninas¹⁰⁴. Esta separação implica, claro, uma distância entre o saber masculino e o saber feminino, que muitas vezes era considerada em relação a natureza de gênero, no pensamento literário e científico predominante da época. Em *La Cité des Dames*, Christine de Pizan manifesta seu inteiro desacordo sobre essa questão, em várias passagens, pela voz da autoridade das alegorias. Em um deles, dama Razão, argumenta :

Si c'était la coutume d'envoyer les petites filles à l'école et de leur enseigner méthodiquement les sciences, comme on le fait pour les garçons, elles apprendraient et comprendraient les difficultés de tous les arts et de toutes les sciences tout aussi bien qu'eux. (*La Cité*, p. 91)¹⁰⁵.

Il (Dieu) lui a plu d'accorder à l'intelligence des femmes de si vives lumières qu'elles peuvent non seulement apprendre et assimiler des sciences, mais en inventer des nouvelles, et qui plus est, des sciences si utiles et si profitables à

¹⁰³ “Prudência, como tu mesma já havia dito, consiste em ter um julgamento e saber pesar as coisas as coisas que pretendemos empreender e saber levá-las a cabo”

¹⁰⁴ Em relação à educação feminina no século XV, ver OPITZ, Claudia. “Contraintes et libertés” In: DUBY, G., PERROT, M.(org.) *Histoire des Femmes en Occident*. II. Le Moyen Âge. Sob a direção de Christiane Klapisch-Zuber. Paris: Perrin, 2002, p.343-417 .

¹⁰⁵“ se fosse um hábito mandar as meninas à escola e de ensiná-las as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles.”

*l'humanité qu'on en trouverait difficilement de plus nécessaires. (La Cité, p.106)*¹⁰⁶

Além da falta de oportunidades, as mulheres, como foi oportunamente expressa por Thérèse Moreau em seu prefácio da edição francesa de *La Cité des Dames* (2000:17), « *les femmes ne peuvent qu'avoir des sentiments d'ambivalences face à ce qui demeure pour elles une source non seulement d'enrichissement mais aussi d'aliénation permanente* »¹⁰⁷. Essa aquisição de saber, ao pertencer ao universo masculino, apresenta uma produção de conhecimento favorável *a priori* ao pensamento androcêntrico, que coloca à margem as mulheres e toda a produção feminina.

A importância de tal educação ganha assim um lugar ainda mais urgente no caso de uma utopia feminina. Às mulheres cabe, na época de Christine, assim como nos dias atuais, o desempenho dessa tarefa: encontrar um espaço em que elas possam ser reconhecidas, não apenas possam ter acesso ao saber, mas também, que possam ser donas de um saber outro daquele existente, um espaço em que elas possam ser ao mesmo tempo produtoras e objeto de seus conhecimentos.

II.3 - A insularidade: clausura e autonomia

O claustro, do latim *claustrum*, designava a clausura, um recinto fechado, que na Idade Média representava o lugar de orações, de retraimento, longe do barulho e da agitação das multidões, utilizado pelos religiosos para meditação. Decorado por uma variedade de elementos, ora emprestados do Antigo e Novo Testamento, ora de significações simbólicas dos bestiários e, principalmente nos claustros cistercienses, dos

¹⁰⁶... concedendo ao cérebro das mulheres muita inteligência, para que fossem não apenas hábeis para aprender e assimilar bem as ciências, mas também capazes de inventar novas, em particular, as ciências de maior utilidade e benefício à humanidade”

¹⁰⁷ “As mulheres só podem ter sentimentos de ambivalências face ao que reside para elas uma fonte não apenas de enriquecimento, mas também de alienação permanente.”

herbóreos,¹⁰⁸ os claustros tinham um papel importante na mentalidade medieval, como espaço de encontro e aproximação com o divino

Esse lugar de clausura encontra um duplo simbolismo em *Cité des Dames*, representando o retraimento necessário e voluntário de Christine para a produção da sua obra literária, e para o seu devir escritora; assim como o isolamento em si da *Cité*, a fim de alcançar duas metas nessa construção utópica : ser protegida e conseguir autonomia. Tal constatação clareia no restante a função metafórica da « insularidade », que seria a de « *manifestar à la fois la clôture et l'autonomie de la Cité (...) L'utopie se veut hors d'atteinte et sans dépendance à l'égard del'extérieur, elle prétend s'assurer de la maîtrise complète de son destin, non s'enfermer dans une prison - ce qui serait d'ailleurs en contradiction avec son principe même* » (Rouvillois, 1998 :28)¹⁰⁹.

O primeiro sentido da insularidade, ao qual fizemos referência, nos remonta mais uma vez à metáfora da construção, ou à comparação entre a realização de uma fortaleza para as mulheres e a criação da *Cité des Dames* enquanto obra literária, uma vez que a clausura seria o isolamento necessário ao processus de criação do escritor. Esse aprisionamento voluntário, do qual Christine nos fala freqüentemente em suas obras, serve então de condicionamento e meio que a pulsionam à literatura. Christine tem necessidade desse isolamento do mundo exterior para criar sua própria leitura de mundo, para se proteger das opiniões misóginas dos clérigos e da maior parte das obras literárias. O enclausuramento representa, pois, uma maneira encontrada de ter autonomia de suas idéias, de seus pensamentos, em um meio impregnado do pensamento masculino.

¹⁰⁸ Ver SOURIAU, Étienne. Vocabulaire d'esthétique. Paris: Presses Universitaires de France, 1990, p. 408.

¹⁰⁹ “...manifestar ao mesmo tempo a clausura e a autonomia da Cidade (...) A Utopia pretende estar fora de expectativas sem dependência em relação ao exterior. Ela pretende assegurar-se do domínio completo de seu destino, e não se fechar em uma prisão – o que seria contrário mesmo ao seu princípio.”

A clausura como proteção, contra o mal que vem do exterior, é da mesma forma, essencial para a cidade imaginária de Christine, para proteção dos ataques difamadores da literatura misógina dominante. Sua obra, metaforizada em cidadela, pretende ser « *non seulement un refuge, mais un rempart pour vous défendre des attaques de vos ennemis* », explica Dama Justiça (*La Cité*, p.275)¹¹⁰.

O ideal de autonomia que consiste na instauração do Ser enquanto sujeito, transcende, nessa visão, sua singularidade, ao ser inserido como membro de um mundo comum a todos os cidadãos que possuem, assim como ele, a estrutura da subjetividade.

Este enclausuramento cultural o qual as mulheres vivenciavam no mundo exterior justifica o desejo de isolamento voluntário na *Cité des Dames* em um universo exclusivamente feminino. A insularidade se faz, assim, imperativamente necessária, na medida em que as mulheres precisaram buscar tal espaço para se fazerem escutar em meio da intensidade das vozes masculinas que ensurdeciam seus gritos.

III.4 - O respeito às leis.

O conjunto das normas regulamentando a organização da sociedade, a importância das leis explica-se na necessidade de se ter um bom funcionamento do espaço planejado

O conceito medieval de lei está fundamentalmente em relação àquele de justiça. Tal ligação é justificada por duas formas distintas de autoridade, de moral ou seja, de leis: a lei natural e a lei humana. A primeira sendo o que o Evangelho prescreveu, a lei divina, aquela responsável em proibir de fazer a outrem o que não se gostaria que fosse feito a si próprio. A segunda lei, a lei humana é fundada, ao contrário, nos costumes e

¹¹⁰ «...não apenas um refúgio, mas uma fortaleza para defender-vos dos ataques de vossos inimigos.»

deve estar em acordo coma expressão da justiça. Apesar de termos uma hierarquia jurídica entre as duas, as duas formas de lei devem ser regidas pela razão, e o poder de comando, e vontade do legislador devem encerrar-se no bem comum. Esta doutrina fixada por São Tomaz, de acordo com o naturalismo aristotélico encontrará sua fromação na virada do século XIV com Marsílio de Pádua, que vai insisir fortemente no caráter coercitivo da lei humana.

Em o *Defensor da paz*, Marsílio a define como a « ciência do justo e do útil na cidade ». A lei procede da vontade e da inteligência humanas ; ela é o laço que une todo cidadão á comunidade política de onde ele é membro. A lei cívica, expõe Jeannine Quillet (2000 : 113) "*garantit l'état de droit et satisfait aussi, quand elle est parfaite, aux exigences de la justice, à celles de la finalité de l'homme vivant dans la cité pour y bien vivre, quant à son contenu; pour ce qui est de sa forme, la coercivité est le signe même de l'unité et de la légitimité du pouvoir politique, dont le détenteur est lui-même, soumis à la loi qu'il est chargé de faire respecter.*"¹¹¹

Christine se dirige a todas as mulheres de sua cidade, lembrando-lhes da importância de viver de acordo com algumas regras, que representam sobretudo o ideal de conduta feminina ligado às virtudes necessárias. São, portanto, as virtudes, a base do projeto ideal imaginado por Christine. Ela lembra, no final do livro, o que o anjo de Deus dizia a Esdras, que « *ceux qui s'en étaient remis à leur libre arbitre tombèrent dans le pêché, se soulevèrent contre Notre-Seigneur et piétinèrent les justes, ce qui les entraîna dans la destruction* » (*La Cité*, p.276)¹¹².

¹¹¹ “...garante o estado de direito, satisfazendo também, quando ela é perfeita, às exigências da justiça, àquela da finalidade do homem vivendo na cidade para ali viver, isso em relação ao seu conteúdo; em relação à forma, a força coerciva é o próprio sinal da ligitimidade do poder político, cujo detentor é, ele mesmo, submetido à lei que ele próprio é encarregado de fazer respeitar.”

¹¹² que aqueles que abusaram de seu livre arbítrio, caíram em pecado, desprezaram Nosso Senhor e desrespeitaram os justos, levando-os à destruição

A harmonia, o estado de felicidade, o ideal apenas seria possível a partir de uma vigilância, de um compromisso para com as virtudes da parte de cada indivíduo para o bem de toda comunidade feminina. A lei da Cidade seria, assim, a obrigação de viver de maneira honrada, virtuosamente e modestamente.

Virtude é então o elemento-chave da *Cité* : não apenas a conduta exigida pela lei da cidade imaginada, mas também a tática de confrontação entre os dois mundos, o interior e o exterior, a arma das mulheres contra o ataque difamador masculino. « *Démasquez leur imposture par l'éclat de votre vertu; en faisant le bien, convainquez de mensonge tous ceux qui vous calomnient. Ainsi pourriez-vous dire avec le Psalmiste: 'L'iniquité du méchant retombera sur sa tête.'* » (*La Cité*, p .227)¹¹³

A igualdade e a hierarquia, problemas permanentes para a filosofia, que percorre também toda a obra cristiniana. No que tange a educação, como vimos, essa crença no homem superior, essa tomada de consciência pelo viés de um ser condutor, predestinado, com um laço como divino, nos mostra esse traço hierárquico. No conjunto de sua obra, Christine de Pizan apresenta constantemente o personagem Christine como esse ser condutor, superior, o salvador, como mostra particularmente várias passagens do discurso das três damas alegóricas em *La Cité des Dames*.

C'est à toi entre toutes les femmes que revient le privilège de faire et de bâtir da Cité des Dames (*La Cité*, p. 43)¹¹⁴

C'est toi qui a été choisie pour construire et fermer, avec notre aide et conseil, cette citadelle hautement fortifiée. Seules y habiteront les femmes illustres de bonne renommée, car les murs de notre Cité seront interdits à toutes celles qui seront dépourvues de vertus. (*La Cité*, p.42)¹¹⁵

¹¹³ Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas essas calúnias são mentiras. Assim, poderei dizer com o Psalmista: “A culpa dos maus cairá sobre suas cabeças!

¹¹⁴ é seu o privilégio de fazer e construir a Cidade das Damas

¹¹⁵ Foste tu a escolhida para construir e fechar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção que será habitada por todas as damas de renome, e mulheres dignas de luz, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes.

No que diz respeito à igualdade, vemos sobretudo na terceira parte do livro *de la Cité des Dames*, se tratando do diálogo travado entre a personagem Christine e Dama Justiça. Já na apresentação da alegoria, vê-se a idéia de igualdade expressa na concepção de justiça. « *Aux hommes et femmes saints d'esprit qui veulent me croire, j'apprends à se corriger, à se reconnaître et à se reprendre en premier, à faire à autrui ce qu'ils voudraient qu'on leur fasse, distribuer les biens sans favoritisme, à dire la vérité, à fuir et à haïr le mensonge, à rejeter tout vice.* » (*La Cité*, p. 45)¹¹⁶

Apesar do elemento utópico da *Cité des Dames* não oferecer uma solução de ordem administrativa, política como nos testemunha a maioria dos espaços imaginários, como *República* de Platão, a *Cidade do Sol* de Campanella, a ilha Utopia de Tomas More, percebe-se claramente a necessidade de normas para a preservação de uma harmonia para todas as habitantes da cidade.

¹¹⁶ Aos homens e mulheres de almas sãs que querem crer em mim, ensino a se corrigirem, a se reconhecerem e a primeiro se ressarcirem, a fazer com os outros o que eles gostariam que fizessem com eles, a distribuir o bem sem favoritismo, a dizer a verdade, a fugir da mentira e a odiá-la, a rejeitar qualquer vício

CAPÍTULO III

O SONHO DIURNO DE CHRISTINE DE PIZAN : A UTOPIA DE UMA CIDADE DE MULHERES

[..].voici notre Cité bâtie et parachevée. Vous toutes qui aimez la vertu, la gloire et la renommée y serez accueillies dans les plus grands honneurs, (...) si vous en prenez soin, sera pour vous toutes (c'est-à-dire les femmes de bien) non seulement un refuge, mais un rempart pour vous défendre des attaques de vos ennemis[...]

A esperança, se ela se conserva forte, se ela se purifica sem se desviar, é capaz de tornar o ser humano indestrutível, pois, a alma humana abraça tudo, inclusive o « além de » que ainda não existe (Bloch, 1977 : 331). Eis três elementos que estão na origem de toda idéia utópica, presentes no pensamento do filósofo Ernest Bloch: o além de, ou o futuro idealizado; a esperança, com a força que torna possível a chegada desse lugar ainda inexistente e a fé no ser humano, na alma humana.

Tais elementos nos levam à reflexão sobre a importância da esperança, da crença na possibilidade de um lugar outro, imaginado e idealizado a partir do forte desejo de mudança que nos impulsiona a uma outra realidade, contrária à que nos foi imposta. Este « lugar-álter », este « não-lugar » é o objeto de sonho que habita o imaginário do homem medieval aquele que se encontra à margem, distante dos privilégios feudais de algumas camadas da sociedade. As mulheres, por exemplo, são sem dúvida, uma das categorias que, independente da camada social, encontra-se em desvantagem em relação ao poder androcêntrico.

Como último ponto de abordagem, focalizaremos a noção de utopia na *Cité des Dames* a partir de algumas categorias, suas funções e principais características da essência utópica, refletidas na filosofia de Ernst Bloch.

Ao lado de sua aceção habitual e depreciativa, a categoria da utopia será retomada no seu segundo sentido, aquele da superação da marcha natural dos acontecimentos. Tal percurso se produz a partir de alguns elementos apontadores do pensamento blochiano: a concepção do sonho acordado, como impulso de si adiante, a consciência antecipante, na qual o sonhador se utiliza para retirar a máscara da situação presente e a dimensão filosófica da esperança, o otimismo necessário para orientar o processo do devenir e a esperança no futuro desejado.

O sonho diurno

O sonho noturno, objeto da psicanálise, é o guardião do sono e a forma escondida de realização dos desejos. Nesses sonhos da psicanálise, só através do inconsciente é que os desejos se revelam e são concebidos, quando o Eu adulto – o eu censor- está adormecido e não se percebe mais o mundo. Aí, então, repousa a diferença essencial entre os sonhos noturnos e os sonhos diurnos, pertencentes da filosofia de Ernst Bloch. Para que as expectativas dos devaneios sejam realizadas, apela-se, ao contrário do sonho noturno, ao consciente, para que a imagem do objeto desejado seja esboçada na cabeça do sonhador.

A influência do ego, tímida nos sonhos noturnos, fica, ao contrário, evidenciada no devaneador de olhos abertos. O apelo à infância, à regressão pelo inconsciente, proposto pela psicanálise, é substituído pela antecipação de um futuro, de um « não-ainda » que não pode ser alcançado por via da consciência do sonhador diurno.

Em tal perspectiva, podemos estabelecer, por analogia, a relação do sonho noturno com a idéia da « idade de ouro », da volta a um passado outrora conhecido para fugir da insatisfação do presente ; da mesma forma que a relação do sonho diurno com a

idéia de um “ainda-não-ser”, representando assim o prelúdio de um futuro possível pelo sopro utópico.

O estado de embriaguez, própria ao cochilo ou à alucinação, que difere do sono profundo dos sonhos noturnos, apresenta-se por uma visão livremente escolhida, a partir da agitação e da tensão provocadas por um vazio a preencher, por uma privação, que é o ponto de partida dos sonhos acordados.

A busca para preencher esse vazio se produz pela integração de dois movimentos do sonho diurno: o reconhecimento do objeto não desejado no estado de realidade, ao mesmo tempo que a elaboração de um projeto utópico capaz de preencher o vazio do presente.

Consciência antecipante

O desmascaramento da realidade existente pode ser visto na obra de Christine de Pizan como um dos seus principais aspectos, na medida em que ela se constitui basicamente de um jogo de indagações e respostas entre a personagem-narradora Christine e as três damas alegóricas: Razão, Retidão e Justiça, a respeito das características e concepções de feminino que habitam o pensamento daquela sociedade. Os questionamentos podem ser lidos como denúncias da situação feminina na época, levantando problemas graves como a violação da mulher, a dominação masculina, as acusações misóginas da inferioridade feminina em três níveis: intelectual, físico e moral, na tentativa de justificar e perpetuar tal dominação.

Estas acusações são desmascaradas através de um criterioso levantamento histórico de exemplos femininos de conduta e atuação, desde a Antiguidade clássica, destacando as virtudes das Amazonas, das Deusas da Mitologia grega, até a sua

contemporaneidade. Dando prova de uma grande erudição, Christine de Pizan inclui-se também nos exemplos, a fim de demonstrar metalingüisticamente a igualdade intelectual entre os sexos. Em uma fala da Senhora Razão,¹¹⁷ respondendo-lhe sobre a pretensa inferioridade dos conhecimentos femininos, Christine trata de socializar que o saber é uma questão de oportunidade, não de sexo:

C'est sans aucun doute qu'elles n'ont pas l'expérience de tant de choses différentes, mais, s'en tenant aux soins du ménage, elles restent chez elles, et rien n'est aussi stimulant pour un être doué de raison qu'une expérience riche et variée [...] pense donc aux habitants des campagnes reculées ou des hauts plateaux; tu m'accorderas que dans plusieurs pays ils sont si simples qu'on les prendrait pour des bêtes. Et pourtant il est incontestable que Nature les a pourvus de tous les dons physiques et intellectuels qu'elle offre aux hommes les plus sages et les plus érudits que l'on puisse trouver dans nos capitales et grandes villes.¹¹⁸

A tal falta de oportunidade, a inacessibilidade das mulheres às Universidades – eis o que faz gerar uma literatura quase que exclusivamente masculina: feita por homens, para homens e contra mulheres. Dentre as obras citadas, Christine de Pizan chama a atenção para cânones da Antigüidade e da Idade Média que, a despeito do seu valor estético, apresentam uma imagem feminina deformadora e preconceituosa. Vejamos a indignação da narradora face à notável presença de idéias misóginas em grandes clássicos da literatura ocidental, como *A arte de amar*, de Ovídio, e a segunda parte de *Le Roman de la Rose*, de Jean de Meun:

¹¹⁷ Convém lembrar, a propósito desse estranho tratamento “senhorial” dispensado às virtudes, que não era propriamente atípico na literatura da época. Antes de Pizan, já no século XII, os escritos de Francisco de Assis se acham repletos de reverência ao “Senhor” Sol, à “Senhora” Lua, à “Senhora” Pobreza, etc. Também a alegoria era uma constante naquela literatura.

¹¹⁸ É sem dúvida alguma que elas não têm experiência de tantas coisas diferentes, mas, se aplicando às tarefas domésticas, ficam em casa, e nada é mais estimulante para um ser dotado de razão do que uma experiência rica e variada [...] pense, pois, nos habitantes de sítios afastados ou de serras altas; você concordará comigo que em muitos países eles são tão simples que passariam por animais. E, no entanto, é incontestável que Natureza os proveu de todos os dons físicos e intelectuais oferecidos aos homens mais sábios e eruditos que se possa encontrar nas nossas capitais e cidades grandes (Pizan, 2000:92. Todas as traduções do francês são de minha autoria.).

Ma Dame, comment Ovide- que l'on dit pourtant Prince des poètes, bien que certains, dont je suis, estiment que la palme revient –plutôt à Virgile (sauf correction de votre part)-, a-t-il pu dire tant de mal des femmes dans ses poèmes: dans l'ouvrage intitulé 'L'Art d'aimer', par exemple, ou bien encore dans "Les Remèdes d'amour", ou bien d'autres ouvrages encore?¹¹⁹

[...] je m'étonne tant de cette opinion -assez répandue parmi les hommes (Jean de Meun en particulier le clame bien haut dans son *Roman de la Rose*, et il est loin d'être le Seul auteur à le faire) – que les maris doivent se garder de confier leurs secrets à leurs épouses, car les femmes sont incapables de se taire.¹²⁰

A responsabilidade pela difusão dessa cultura misógina na literatura é explicada pelo fato de os escritos pertencerem ao império masculino na sua quase totalidade. Assim, suas obras refletem uma ideologia, obviamente, masculina. Pois, na medida em que a classe dominante é a dos homens, a mentalidade que reina, conseqüentemente, será também a patriarcal.

Esse império masculino estaria na origem de injustiças frente à mulher, denunciadas lucidamente em várias passagens do texto, onde a autora, na voz da senhora Retidão, faz apelo ao saber empírico, ao cotidiano, à própria experiência das mulheres para resumir o quadro da realidade feminina:

Ah! chère Christine! Tu sais toi-même combien de femmes on peut voir, par la faute d'un mari cruel, user leur malheureuse vie dans les chaînes d'un mariage où elles sont encore plus maltraitées que les esclaves des Sarrasins. Ah! Seigneur! [...] Oh! Les indignités, les infamies, les injures, offenses et outrages qu'endurent tant de bonnes et valeureuses femmes, sans la moindre protestation. Et combien d'autres, encore, chargées d'une nombreuse progéniture, ne voit-on pas creuser la faim et la misère, alors que leurs maris traînent dans les lieux de débauche et font la noce dans toutes les tavernes de la ville! [...]. Dis-moi si je mens, et si tel n'est pas le lot de plusieurs de tes voisines?¹²¹

¹¹⁹ Minha Dama, como Ovídio – que dizem ser o Príncipe dos poetas [...] - pôde falar tão mal das mulheres em seus poemas: na obra intitulada 'A Arte de amar', por exemplo, ou ainda em 'Os Remédios de amar', ou em tantas outras obras ainda? (*idem*, p.52)

¹²⁰ [...] surpreende-me esta opinião – bastante difundida entre os homens (Jean de Meun em particular a clama bem alto em seu 'Roman de la Rose', e está longe de ser o único a fazê-lo) – que os maridos devam se resguardar de confiar seus segredos a suas esposas, pois as mulheres são incapazes de calarem-se. (*idem*, p.161)

¹²¹ Ah! Cara Cristina! Você mesma sabe quantas mulheres podemos ver, por conta de um marido cruel, estragarem sua vida infeliz num casamento de prisão, onde elas são ainda mais maltratadas do que os escravos dos sarracenos. Ah! Senhor! Oh! As indignidades, as infâmias, as injúrias, ofensas e afrontas às quais tantas mulheres boas e de valor são submetidas, sem o menor protesto. E, quantas outras, ainda, carregadas de uma numerosa prole, vivem com fome e na miséria, enquanto seus maridos vagueiam em

Essa relação de poder, do dominador versus dominado, se fortalece e se mantém viva através do domínio do saber, numa concepção foucaultiana em que o poder se equipare ao saber (cf. Foucault, 1993), o que vai justificar a necessidade de se privar o acesso da mulher ao saber como ameaça ao império masculino:

C'est un fait que tous les hommes, et en particulier ceux parmi eux qui sont les plus instruits, ne partagent pas l'opinion évoqué plus haut [que la connaissance ne corrompt pas les femmes], et qui voudrait que l'éducation des femmes soit un mal. Il est bien vrai cependant que parmi les moins instruits bon nombre y souscrivent, car il leur déplairait que des femmes soient plus savantes qu'eux.¹²²

A conjuntura social à qual recorre a autora marca o primeiro passo na busca de uma realidade idealizada na busca de uma Utopia, evocando na obra, discussões, questionamentos que se contrapõem àquela realidade imposta.

O livro *La Cité des Dames* é acima de tudo uma verdadeira enciclopédia das mulheres, um resgate de várias personagens femininas, da história à mitologia, da Antiguidade à Idade Média, das letras às ciências, destacando nelas, ora suas qualidades pretensamente masculinas, como a coragem, a ousadia, a bravura, seus feitos históricos, ora suas qualidades reconhecidas como femininas, como a sensibilidade, a dedicação, a solidariedade. O texto tem ainda o poder de transformar em virtudes características que muitas vezes lhes serviram de motivos para ataques irônicos, como: a facilidade do choro, ou ainda a fragilidade de seus corpos (que, numa visão Aristotélica, as tornaria mais debilitadas, mais imperfeitas em relação aos homens) e, dentre outras, a semelhança, em termos de ignorância, às crianças. Face à indignação da personagem

lugares depravados, levando essa vida de promiscuidade em todas as tabernas da cidade! [...] Diga-me se estou mentindo, e se tal não é a sorte de várias de suas vizinhas? (*idem*, p. 146)

¹²² É fato que todos os homens, e em particular os que dentre eles são mais instruídos, não dividem a opinião evocada acima [de que o conhecimento não corrompe as mulheres], e que pretendem que a educação das mulheres seja um mal. É bem verdade no entanto que entre os mais instruídos um bom número assina embaixo, pois desagradaria que as mulheres fossem mais sábias do que eles (*idem*, p. 106).

Christine diante do provérbio latino “*C’est pour pleurer, parler et filer, que Dieu créa la femme*”¹²³, a Senhora Razão lhe responde surpreendentemente, dando-lhe legitimidade: “*ce dicton est vrai. Mais, quoi que l’on pense ou dise, il n’y a là aucun motif de reproche. C’est une excellente chose que Dieu les ait donné une telle vocation, car beaucoup ont été sauvées par pleurs, quenouilles et paroles.*”¹²⁴

Os considerados defeitos tornam-se, então, virtudes, nos argumentos da escritora. Nessa medida, o choro, de fraqueza torna-se arma, como nos muitos exemplos em que a salvação de pessoas pelas lágrimas é mostrada, como Maria Madalena, perdoada de seus pecados e aceita no reino dos céus pelo seu choro; o seu irmão Lázaro, cuja ressurreição se deu pela compaixão de Jesus pelas lágrimas das irmãs Marta e Maria Madalena. Quanto à fala das mulheres, a Senhora Razão avalia que, “*si parole de femme eût été si condamnable et de si peu d’autorité que le prétendent certains, Notre-Seigneur Jésus-Christ n’eût jamais daigné qu’une femme annonçât la première le mystère si glorieux de sa Réssurrection*”¹²⁵.

Uma outra questão que pretende contrariar o senso comum em relação às características femininas é o da referida aproximação das mulheres com as crianças, dada a equiparável leviandade e ignorância, que as levariam, na prática, a um plano inferior e negligenciável em relação aos homens.

Sobre a ligação das mulheres com as crianças, Senhora Razão traz o seguinte argumento:

Ah! Voyez la perversité de ces gens diaboliques qui veulent faire de Douceur, ce bien et cette vertu que Nature accorde aux femmes, un vice et un reproche! Ce n’est pas parce que les femmes sont ignorantes qu’elles aiment les enfants; cela provient, au contraire, de leur bonté naturelle. Et si, comme les enfants,

¹²³ "Deus criou a mulher para chorar, falar e tecer"

¹²⁴ "Esse ditado é verdadeiro. Mas, apesar do que se pensa ou se diga, não há nenhum motivo para reprová-lo. Foi excelente Deus ter lhes dado tal vocação, pois quantos não foram salvos pelas palavras, pelo chorar e pelo tecer dessas mulheres. (*Idem*, p.58)"

¹²⁵ "Se a fala da mulher fosse tão reprovável e de tão pouca autoridade como sustentam alguns, Nosso Senhor Jesus Cristo não teria consentido que fosse uma mulher a primeira pessoa a anunciar o tão grande mistério como o da sua gloriosa Ressurreição. (*Idem*, p.60)"

*elles sont douces, il faut admettre qu'elles en sont parfaitement bien avisées. L'Évangile nous rappelle que lorsque les apôtres se disputaient pour savoir qui d'entre eux serait le plus grand, Notre-Seigneur prit un enfant et, posant la main sur la tête de celui-ci, leur dit: 'Je vous le dis, quiconque restera humble et petit comme cet enfant, sera le plus exalté. Car quiconque s'élève sera abaissé, et celui qui s'abaisse sera élevé.'*¹²⁶

Ainda que com a carga impregnada de fundamentação bíblica na construção do *logos* em seu processo retórico, o livro *La Cité des Dames* levanta uma questão não usual para a época, reivindicando uma outra postura em relação à situação das crianças, que só será objeto de discussão no século XIX, com as conseqüências trazidas pela Revolução Industrial para o seio familiar.

Se, de um lado, a autora refuta, com todos os seus processos retóricos, aquela imagem feminina, criada e em expansão naquela sociedade misógina, por outro lado, e, simultaneamente, ela vai dando contornos a uma nova concepção do feminino, e desconstruindo a imagem sagrada do masculino.

Para tanto, a autora, num primeiro momento, revida os ataques misóginos difundidos nas obras da época, justificando com a citação de uma série de homens da História que dão prova de covardia, fraqueza, ao mesmo tempo em que resgata as mulheres de força, coragem, inteligência. Em seguida ela abre espaço para uma outra discussão, a questão do feminino/masculino como condição do ser humano. Nesse caminho, são levantados vários exemplos de falhas e virtudes recíprocas, prova da complexidade e imperfeição da própria condição humana. Num tom irônico, a voz da

¹²⁶ Ah! Vejam a perversidade dessas pessoas diabólicas que querem fazer da Doçura, este bem e virtude que a Natureza acordou às mulheres, um vício e uma repreensão! Não é porque as mulheres são ignorantes que elas gostam das crianças; isso provem, ao contrário, de sua natural bondade. E se, como as crianças, elas são doces, é preciso admitir que agem perfeitamente com muita reflexão. O Evangelho nos ensina que enquanto os apóstolos disputavam entre si para saber quem dentre eles seria o maior, Nosso-Senhor tomou uma criança, e colocando a mão sobre sua cabeça, disse-lhes: 'Vos digo: Aquele que ficará humilde e pequeno como essa criança será o mais exaltado. Pois aquele que se exalta será rebaixado, e aquele que se rebaixa será elevado'. (*idem*, p.60)

Senhora Retidão traz a seguinte reflexão: “Quand les hommes seront parfaits, alors les femmes les imiteront!”¹²⁷”

A esperança

Essa transformação de pontos de vista, esse deslocamento de ângulo de percepção culminam com a idéia de construção de uma nova realidade, a construção de uma cidade, de uma fortaleza que teria o objetivo de defender as mulheres dessa sociedade misógina. Tal fortaleza, escolhida para ser fixada em um lugar rico e fértil, no “Campo das Letras”, confunde-se metaforicamente com o próprio livro, que pretendia ter esse mesmo objetivo, o de proteger as mulheres das injustiças das quais eram vítimas.

A construção de uma cidade utópica para as mulheres representa o símbolo de recusa ao conformismo, e a expressão da vontade de mudança, rumo a uma nova era: “Voici donc que s’ouvre l’ère d’un nouveau royaume de Féminie.”¹²⁸ Um desejo que se funde com o pensar utópico, o qual o filósofo E. Bloch associa à atividade da “consciência antecipadora”. Essa tal consciência é que levaria, em oposição ao sentimento negativo de temor (relacionado a um *malum futurum*), à esperança e à crença em um *bonum futurum*.¹²⁹

A obra *La Cité des Dames* é também uma recusa ao passado, às tentativas masculinas, para Christine de Pizan, mal sucedidas de mundos utópicos, como a cidade de Tróia, fundada com a ajuda de Apolo, Minerva e Netuno, a cidade de Thebas, fundada por Cadmus sob a injunção divina, cidades, que, com o tempo desmoronaram,

¹²⁷ "Quando os homens forem perfeitos, então as mulheres os imitarão" (*Idem*, p. 210)

¹²⁸ "Eis, que inicia-se o novo reinado feminino" (*Idem*, p. 144)

¹²⁹ MÜNSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

tombadas em ruínas, como também construções femininas, como o reino das Amazonas, que apesar de toda força e ousadia terminou por terra.

Contrariamente aos edifícios anteriores,¹³⁰ a *Cité des Dames* pretende ser “*bien plus parfait que celui de jadis*,” uma obra que, graças ao material com o qual ela foi alicerçada, dá mais durabilidade, nobreza, e beleza, possibilitando-lhe permanência eterna neste mundo.

A ênfase na durabilidade desta obra, o desejo de divulgação e utilidade para as mulheres, parece nascer de uma idéia visionária que tal situação vigente permaneceria ainda por tempos indeterminados, como realmente aconteceu. A prova é que várias reivindicações levantadas no livro, como o acesso da mulher ao saber, a igualdade entre os sexos, a questão da violência física contra a mulher, continuam válidas, sete séculos depois, apesar do grande avanço do movimento feminista, nas nossas pautas de discussões em uma decepcionante atualidade.

¹³⁰ Curioso observar que Pizan, embora tendo citado a poetisa grega, Safo, como “uma mulher de grande genialidade, poetisa e filósofa”, não faz nenhuma referência à capital da ilha de Lesbos, Mitilene, onde Safo fundou a *Residência das Discípulas das Musas*, uma espécie de confraria, universidade, academia, conservatório feminino de arte, dedicado às Musas e à deusa Afrodite, onde se ensinavam dança, música instrumental, canto, poesia e o culto do físico. Analisando a importância de tal construção, Junito Brandão (1989:19) faz o seguinte comentário: “Para um “país” como a Grécia, em que a mulher, semi-analfabeta, passava o tempo no gineceu ocupando-se do tear e da roça, a *Residência das Discípulas das Musas* foi uma iniciativa corajosa e arrojada.” A ausência dessa iniciativa na obra de Pizan, como exemplo de espaço idealizado, pode ser interpretada como consequência da sua pouca valorização aos rituais mundanos, de culto ao corpo, deixando explícita em várias passagens sua preferência pelas qualidades morais, pelo espírito. Na obra de Christine de Pizan, como em qualquer obra humana, encontra-se o seu fator ideológico, reafirmando a máxima: “Quem escreve, inscreve-se”.

PARTE III

A TRADUÇÃO EM PORTUGÊS DO LIVRO *LA CITÉ DES DAMES*

As teorias feministas se interessam cada vez mais aos textos de autoria feminina apresentados ao longo do tempo, como instrumento indispensável à recuperação da memória da mulher. Durante muito tempo esquecidos pela história androcêntrica, os escritos femininos representam para as críticas literárias do século XX uma via importante de reconhecimento da mulher enquanto produtora e não apenas como objeto da literatura masculina. Entre os primeiros textos escritos por mulheres, os de Christine de Pizan ocupam um lugar distinto, tanto pela diversidade de gêneros literários trabalhados, que pelo fato que não eram apenas escritos femininos mas, além disso, escritos cujos principais propósitos tocavam à questão feminina face à diferença de gênero.

Christine de Pizan, pelo que se observa nessa pesquisa, foi uma das figuras femininas de maior destaque na Idade Média. Sua importância vem crescendo a cada década, a partir dos anos 80 do século passado, depois das numerosas traduções da *Cité des Dames*, a mais conhecida de suas obras. É surpreendente o fato desse livro ainda não ter tido sua tradução para o português, considerando que, já no século XVI, Christine de Pizan era conhecida em Portugal, graças à tradução da obra *Le Livre des trois vertues*, encomendado pela rainha Isabel, esposa de Alfonso V, entre 1447 e 1455, e imprimée em 1518, sob o título de: *O espelho de Cristina ouquel falla dos tres estados das mulheres*¹³¹.

¹³¹ Ver a nova edição da obra portuguesa: Maria de Lourdes Crispim, *Christine de Pizan. O Livro das Três Vertudes ou O Espelho de Cristina. Edição Crítica da Tradução Quatrocentista de Le Livre des Trois Vertus e Estudo Linguístico de algumas Construções Nominais da Versão Manuscrit*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1995.

A importância de *La Cité des Dames* para os estudos christinianos e para a história da escrita feminina, como a própria Christine insiste ali naquela sala repleta de manuscritos, levou-me a pensar em colocar à disposição dos leitores lusófonos uma tradução portuguesa de tal obra. Com isso, estarei tornando possível uma descoberta dessa obra, essencial, ao meu ver, à nossa cultura literária ocidental, aos leitores brasileiros, contribuindo com os estudos sobre a Idade Média, emergentes nos anos 80 e em contínuo desenvolvimento no Brasil. Cada tradução representa aos estudos christinianos uma fonte considerável de análise e um meio de alcançar um número mais amplo de conhecedores e admiradores de suas obras, tal foi o desejo da autora, manifestado no último capítulo do *Livre des Trois Vertus*¹³²:

[...]Je me résolus d'en multiplier les copies de par le monde, quel qu'en fût le coût, afin qu'elle soit connue en différents endroits par les reines, les princesses et hautes dames, pour qu'elle reçoive les honneurs et louanges qu'elle mérite, et qu'elles la fassent connaître à d'autres femmes. Et lorsque sera réalisé ce projet auquel j'aspire - et qui est en bonne voie -, elle sera diffusée, répandue et publiée dans tous les pays du monde, bien qu'elle soit rédigée en langue française. Toutefois, parce que cette langue est plus connue que n'importe quelle autre dans l'univers, notre dite œuvre ne restera pas vaine pour autant, mais copiée en maints exemplaires, demeurera sans dépérir. Et ainsi les plus excellentes dames et femmes d'autorité, tant du présent que de l'avenir, pourront la voir et la lire, et prieront dieu pour leur servante Christine, regrettant qu'elle n'ait pas vécu en leur temps

Nas linhas que seguem, proponho uma breve apresentação da tradução portuguesa, feita a partir do manuscrito 607, conservado na Biblioteca Nacional de Paris (o « manuscrito do Duque »), consultado por mim, assim como sua edição crítica

¹³² WILLARD, Charity Cannon, HICKS, Eric. (éd.) *Le Livre des Trois Vertus*. Paris: Champion, 1989. Transcrevo a seguir o trecho do último capítulo da edição fac-similada da tradução portuguesa “*O Espelho de Cristina*” (CRUZEIRO, Maria Manuela (ed.). *O Espelho de Cristina*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987): “[...] desejo pois multiplicar essa obra pelo mundo para que elas sejam ofertadas a Rainhas e princesas e grandes senhoras para que a obra seja por elas honrada e louvada e que elas apresentem às outras mulheres. O desejo assim concebido para publicar a obra por todo o mundo em linguagem francesa, por essa ser comum a todas. E por isso não será nossa obra em vão: até haverá muitas grandes senhoras e mulheres de autoridade de nosso tempo, e as que depois viverão, que poderão vê-la e enquanto ela durar seja em suas graça e lembrança rogada aos que por sua piedade fará favorável seu entendimento [...]”

elaborada por Maureen Curnow em 1979. Como manuscrito de controle foi também consultada a edição de Earl Jeffrey Richards, baseado no manuscrito Harley 4431, da British Library, conhecido como “Manuscrito da Rainha”, por ter sido oferecido à rainha Isabeau de Bavière. Os dois manuscritos são praticamente idênticos, e considerados, juntamente com o manuscrito Arsenal 2686, de redação mais antiga, as versões mais completas, dentre os mais de vinte exemplares (vinte e sete com os fragmentos) existentes de *La Cité des Dames*. Um outro dado importante, levado em consideração para a escolha do manuscrito, é por tratarem-se, segundo alguns especialistas, de cópias supervisionadas e corrigidas pela própria Christine. Para uma maior correção, fui orientada a consultar a tradução francesa de Éric Hicks e Thérèse Moreau, assim como a tradução italiana de Patrizia Carrafi, e a catalã de Merce i Vidal.

Quanto ao título, deparei-me com dois termos a traduzir : « *cité* » e « *dames* ». Em relação ao primeiro, a dúvida era : deveria traduzi-lo como « cidade », ou como “fortaleza”, na medida em que o vocábulo em francês apresentava os dois sentidos no francês arcaico : cidade e fortaleza, aparecendo na obra, ora em um sentido, ora no outro, de acordo com o contexto. No entanto, minha decisão foi tomada levando em consideração dois entendimentos. O primeiro fio condutor de minha escolha diz respeito à própria essência do pensamento cristiniano. Como observa Rosalind Brown-Grant¹³³,

Christine met en lumière le rôle civilisateur des femmes dans l'histoire de l'humanité[...] Christine accumule les exemples de femmes ayant apporté les lois et les lettres, indispensables à l'évolution des sociétés, symbole de la cité, complexe urbain et forteresse, qui représente surtout le monde des femmes, à une conception champêtre et idyllique de l'existence, [...]

¹³³ “Christine lança luz sobre o papel civilizador das mulheres na história da humanidade [...] Christine acumula exemplos de mulheres que trouxeram leis e letras, indispensáveis à evolução das sociedades, símbolo da cidade, complexo urbano e fortaleza, representando principalmente o mundo das mulheres, em relação a uma concepção campestre e idílica da existência [...]” BROWN-GRANT, Rosalind. “Des hommes et des femmes illustres: modalités narratives et transformations génériques chez pétrarque, boccace et Christine de Pizan”. In.: DULAC, L. Ribémont, B. (éd.) *Une femme de Lettres au Moyen Âge: études autour de Christine de Pizan*. Orléans: Paradigme, 1995.

O termo « cidade » aparece assim como um elemento de suma importância, na medida em que ele introduz na obra de Christine de Pizan uma nova concepção do mundo em contraste com a visão reinante na Idade Média : o prenúncio do humanismo renascentista. Ao avaliar as utopias medievais, Hilário Franco¹³⁴ conclui:

Enquanto as utopias posteriores ao século XV foram frequentemente urbanas, com as da Idade Média ocorreu o inverso, fato compreensível numa sociedade fundamentalmente agrária. As utopias modernas e contemporâneas geralmente preocuparam-se com o espatbecimento de um Estado feliz, vindo a felicidade dos indivíduos como decorrência disso. Ao contrário, a concepção antiga e medieval da Idade de Ouro centrava-se em primeiro lugar no homem, derivando de sua felicidade dos indivíduos como decorrência disso. Ao contrário, a concepção antiga e medieval da Idade de ouro centrava-se em primeiro lugar no homem, derivando de sua felicidade o bem-estar da coletividade. Como observou Alexander Cioranescu, o mito da Idade de Ouro conta com a colaboração da natureza, a utopia renascentista com o trabalho dos homens (119 :92)

O outro fator de decisão definiu-se por achar conveniente manter a coerência e conformidade com as outras traduções de *La Cité des Dames*. Mesmo se os termos traduzidos não apresentam sempre o mesmo sentido polissêmico empregado na Idade Média, guardamos o termo de origem latina « cidade » , que em catalão originou *ciutat*, em espanhol, *ciudad*, em italiano, *città*, e em português « cidade ».

A segunda palavra do título, as « dames », também foi objeto de dúvida : deveria traduzir por « mulheres » ? e assim ampliar o sentido da palavra « dames », uma vez que a intenção de Christine era esse, ao se dirigir na obra a « toutes les femmes –soient grandes, moyennes ou petites » ?; Ou seria preferível guardar o termo do original, a fim, justamente, de marcar esta distinção, também querida pelo autor, que está presente no vocábulo « damas » ? Utilizado principalmente como sinal de nobreza, ele também pode designar em algumas regiões do Brasil, segundo o dicionário Aurélio: « meretriz ». Neste caso, o termo « senhora » representaria melhor o sentido de « dames », empregado por Chrsitine. Todavia, optei pela segunda opção, traduzindo por « damas »,

¹³⁴ FRANCO, Hilário Jr. *As Utopias Medievais*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1992, p.143-144.

conservando o termo do original, uma vez que, ao longo da obra, Christine evidencia o caráter distintivo desse vocábulo feminino, referindo-se em particular às mulheres nobres, santas, virtuosas, de grandes qualidades. Não basta ser mulher, biologicamente falando, para Christine. O povoamento da « Cidade » foi concebido a partir justamente desta distinção de valores, como explica a própria autora no último capítulo :« ...vous toutes, celles qui aimez gloire, vertu et loz, povez estre hebergees, tant les passees dames, comme les presentes et celles a avenir, car pour toute dame honorable est faicte et fondee.¹³⁵ »

Em relação ao estilo, pareceu-me importante permanecer o mais fiel possível ao original, a fim de conservar o gosto da escrita medieval, mesmo se aos olhos do leitor contemporâneo algumas passagens apareçam um pouco enfadonho e repetitivo. Todavia, algumas mudanças a nível estrutural pareceram-me necessárias em certas ocasiões para uma melhor compreensão do sentido. Segui a mesma disposição dos parágrafos do original, e conservei os vocativos empregados nos diálogos entre Christine e as três damas, tais como: « *fille* » « *belle fille* », « *chere fille* », « *amie* », « *chiere amie* », « *doulce amie* ». Dado que pareceu-me importante, na medida em que pude observar uma progressão intencional dos vocativos pronunciados pelas três damas no livro. No primeiro « Livro », as Damas empregam quase que exclusivamente o termo « *fille* » (filha) ao dirigir-se a Christine, marcando bem a relação de mestre e discípulo. No segundo « Livro » Dama Retidão dirigiu-se a Christine ora como filha, ora como « *amie* » (amiga) – termo mencionado com maior frequência; e na última parte do Livro, Dama Justiça a chama quase sempre pelo seu próprio nome. Nota-se, com isso, uma nítida evolução da estima das três damas em relação a Christine, que sai de uma

¹³⁵ RICHARDS, E.J. *Livre de la Cité des Dames*. In.: CARAFFI, Patrizia. *La Cita delle Dame*. Traduction bilingue. Roma: 1997, p. 496. “... vós todas, que apreciáis glória, virtude e lei, podereis ser hospedadas, tanto as damas do passado, como as do presente e as do futuro, pois para toda mulher honrável foi feita e fundada”

condição de « ignorante écolière » e ao longo do texto, sua erudição e dedicação será recompensada, ao ponto de esgotar os argumentos das três alegorias : « *Je ne scay que plus t'en diroie, Christine.* » (não sei o que dizer-te mais, Christine), réplica das damas a Christine, torna uma constante, ao longo do texto. Nossa protagonista conquista assim a autoridade merecida por sua avidez de saber.

Pouco a pouco, pedra sobre pedra, como para a própria edificação da Cidade, a riqueza de sua obra acabará sendo conhecida, através das traduções dos vários outros escritos de Christine. Que essa tradução, ora apresentada, possa ser uma das pedras levantadas para a construção de um urgente resgate e difusão dos escritos femininos. O conhecimento de suas obras, em particular, aquelas escritas por precursoras feministas como foi Christine de Pizan, constituem o único meio de colocar abaixo representações errôneas e nocivas, que às quais, ao longo das história a escrita feminina foi exposta. Christine, que tanto reivindicou a igualdade de oportunidade para os dois sexos, a fim de evitar a dominação de um sobre o outro, como nos deu testemunho a misoginia habitual de nossa tradição literária, quis mostrar a importância da palavra feminina como meio das mulheres participarem do processo histórico, manifestando sua visão de mundo; em uma sociedade androcêntrica. Tal consciência, Christine já havia registrado no início de sua carreira como escritora, em « *L'Épître au Dieu d'Amours* »¹³⁶ :

*« ...se femmes eussent les livres fait
Je sçay de vray qu'autrement fust du fait,
Car bien scevent qu'a tort sont encoulpées,
Si ne sont pas a droit les pars coupées,
Car les plus fors prenent la plus grant part
Et lemeilleur pour soy qui pieces part » (v. 417-422)*

¹³⁶ PIZAN, Christine. *L'Épître au Dieu d'Amours*. In.: ROY, Maurice (éd.) *Œuvres poétiques de Christine de Pizan*. Tome II. Paris: Firmin-Didot, 1896 p.14 “...se as mulheres tivessem escrito os livros, os fatos teriam sido diferentes, eu sei. Pois, elas sabem que são acusadas injustamente, uma vez que, enquanto não se cortam as partes de maneira igualitária, os mais fortes ficam sempre com a parte maior e melhor para si”.

TRADUÇÃO DO **LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS**
A PARTIR DO “MANUSCRITO DO DUQUE”

SUMÁRIO

LIVRO PRIMEIRO

| | | |
|---------|---|-----|
| I. | AQUI COMEÇA O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS, CUJO PRIMEIRO CAPÍTULO NARRA COMO E COM QUAL PROPÓSITO ESTE LIVRO FOI ESCRITO. | 118 |
| II. | AQUI CRISTINA CONTA COMO TRÊS DAMAS APARECERAM E COMO A QUE ESTAVA NA FRENTE DIRIGIU-SE A ELA PARA CONSOLAR SEU PRANTO. | 121 |
| III. | AQUI CRISTINA CONTA COMO AQUELA QUE SE DIRIGIA A CRISTINA EXPLICOU-LHE QUEM ERA, A SUA NATUREZA E SEU PAPEL, E DEPOIS ANUNCIOU-LHE QUE IRIA CONSTRUIR UMA CIDADE COM A AJUDA DAS TRÊS DAMAS. | 123 |
| IV. | AQUI SE FALA AINDA DE COMO A DAMA EXPLICOU A CRISTINA SOBRE A CIDADE QUE ELA ERA DESTINADA A CONSTRUIR, E QUE ELA TINHA TAREFA DE AJUDÁ-LA A CONSTRUIR A MURALHA E OS FECHOS, E DEPOIS REVELOU SEU NOME. | 126 |
| V. | COMO A SEGUNDA DAMA REVELOU A CHRISTINE SEU NOME, SEU PAPEL, E COMO IRIA AJUDAR NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE DAS DAMAS. | 127 |
| VI. | CRISTINA CONTA COMO A TERCEIRA DAMA REVELOU QUEM ERA, QUAL ERA SEU PAPEL, COMO ELA A AJUDARIA A FAZER AS LAJES E OS TETOS DAS TORRES E PALÁCIOS, E COMO ELA IRIA TRAZER A RAINHA ACOMPANHADA DAS MAIS NOBRES MULHERES. | 128 |
| VII. | COMO CRISTINA RESPONDEU ÀS TRÊS DAMAS | 130 |
| VIII. | AQUI CRISTINA CONTA COMO INICIOU, COM A ORDEM E AJUDA DE RAZÃO, A CAVAR A TERRA PARA FAZER AS FUNDAÇÕES. | 131 |
| IX. | AQUI TRATA DE COMO CRISTINA CAVOU A TERRA, QUER DIZER, AS QUESTÕES QUE ELA FEZ A RAZÃO, E AS RESPOSTAS DESSA ÚLTIMA | 135 |
| X. | PROPÓSITOS E PALAVRAS TROCADAS SOBRE O MESMO ASSUNTO | 140 |
| XI. | CHRISTINE PERGUNTA A RAZÃO POR QUE AS MULHERES SÃO EXCLUÍDAS DO JUDICIÁRIO DE RAZÃO. | 146 |
| XII. | ONDE SE FALA DA IMPERATRIZ NICOLE | 147 |
| XIII. | ONDE TRATA DE UMA RAINHA DA FRANÇA QUE SE NOMEOU FREDEGUNDA (E EM SEGUIDA ALGUMAS RAINHAS E PRINCESAS DA FRANÇA) | 148 |
| XIV. | MAIS DEBATES E ARGUMENTOS ENTRE CRISTINA E RAZÃO | 151 |
| XV. | SOBRE A RAINHA SEMÍRAMIS | 153 |
| XVI. | AS AMAZONAS | 155 |
| XVII. | SOBRE TOMIRIS, RAINHA DAS AMAZONAS | 157 |
| XVIII. | COMO O FORTE HÉRCULES E TESEU SEU COMPANHEIRO VIERAM DA GRÉCIA EM GRANDES NAVIOS PARA ATACAR AS AMAZONAS, E COMO EM UM MONTE, AS DUAS VIRGENS MANALIPA E HIPÓLITA ENFRENTARAM-NOS, COM CAVALOS E TUDO, E COMO NO FINAL OS DOIS CAVALEIROS CONSEGUIRAM LEVAR VITÓRIA SOBRE AS DUAS JOVENS, APESAR DA FORÇA ENORME QUE ELAS TINHAM. | 158 |
| XIX. | SOBRE A RAINHA PENTISILÉIA E COMO ELA AJUDOU A CIDADE DE TRÓIA | 161 |
| XX. | SOBRE ZENÓBIA, RAINHA DE PALMIRA | 165 |
| XXI. | SOBRE A NOBRE RAINHA ARTEMISA | 168 |
| XXII. | SOBRE LILI, MÃE DO VALENTE CAVALEIRO TEODORICO. | 171 |
| XXIII. | SOBRE A RAINHA FREDEGUNDA | 172 |
| XXIV. | SOBRE A VIRGEM CAMILA | 173 |
| XXV. | SOBRE BERENICE, RAINHA DE CAPADOCE | 174 |
| XXVI. | SOBRE A INTRÉPIDA CLÉLIA. | 175 |
| XXVII. | CRISTINA PERGUNTA À RAZÃO SE DEUS JÁ DEU A HONRA À INTELIGÊNCIA FEMININA DE ALCANÇAR AS ALTAS CIÊNCIAS. RESPOSTA DE RAZÃO | 175 |
| XXVIII. | AQUI COMEÇA A FALAR DE ALGUMAS DAMAS QUE FORAM ILUMIDADAS DE GRANDE CIÊNCIA. A PRIMEIRA ENTRE TODAS A NOBRE VIRGEM CORNIFÍCIA | 177 |
| XXIX. | SOBRE A ROMANA PROBA | 178 |
| XXX. | SOBRE SAFO, MULHER DE GRANDE INTELIGÊNCIA, POETISA E FILÓSOFA | 179 |
| XXXI. | HISTÓRIA DA VIRGEM MANTOA | 181 |
| XXXII. | SOBRE MEDEIA E UMA OUTRA RAINHA CHAMADA CIRCE | 182 |

| | |
|--|------------|
| XXXIII. CRISTINA PERGUNTA À RAZÃO SE ELA JÁ VIU ALGUMA MULHER QUE TIVESSE DESCOBERTO UMA CIÊNCIA ATÉ ENTÃO DESCONHECIDA | 183 |
| XXXIV. SOBRE MINERVA, QUE DESCOBRIU MUITAS CIÊNCIAS, ASSIM COMO A ARTE DE FABRICAR ARMADURAS DE FERRO E DE AÇO. | 185 |
| XXXV. SOBRE A RAINHA CERES, QUE INVENTOU A ARTE DE LABORAR A TERRA E OUTRAS ARTES MAIS | 188 |
| XXXVI. SOBRE ÍSIS QUE INVENTOU A ARTE DA JARDINAGEM E DO CULTIVO DAS PLANTAS | 188 |
| XXXVII. SOBRE TODOS OS BENEFÍCIOS QUE ESSAS MULHERES TROUXERAM AO MUNDO | 189 |
| XXXVIII. AINDA SOBRE O MESMO ASSUNTO | 191 |
| XXXIX. HISTÓRIA DA VIRGEM ARACNE, QUE DESCOBIRU A ARTE DE TINGIR A LÃ E TECER AS ESTOFAS DE ALTA LINHA, E TAMBÉM DESCOBRIU A ARTE DE CULTIVAR O LINHO E FAZER A SUA TESSITURA. | 193 |
| XL. SOBRE PANFILA QUE DESCOLBRIU A ARTE DE RETIRAR A SEDA DOS BICHOS DE SEDA, TINGI-LA E FAZER LENÇÓIS DE SEDA | 194 |
| XLI. SOBRE TÂMARA, QUE FOI INEXCEDÍVEL MESTRA NA ARTE DA PINTURA, E AS TAMBÉM PINTORAS IRENE E MÁRCIA, A ROMANA | 195 |
| XLII. HISTÓRIA DE SEMPRÔNIA DE ROMA | 197 |
| XLIII. PERGUNTA CHRISTINA A RAZÃO SE EM SEU NATURAL A MULHER É DOTADA DE BOM SENSO; E A RESPOSTA DE RAZÃO. | 197 198 |
| XLIV. A EPÍSTOLA DE SALOMÃO NO LIVRO DOS PROVÉRBIOS | 200 |
| XLV. SOBRE GAYE CYRILLA | 201 |
| XLVI. SOBRE A PRUDÊNCIA E BOM SENSO DA RAINHA DIDO | 202 |
| XLVII. SOBRE OPIS, RAINHA DE CRETA | 205 |
| XLVIII. SOBRE LAVÍNIA, FILHA DO REI LATINUS | 207 |

LIVRO SEGUNDO

| | |
|---|-----|
| I. O PRIMEIRO CAPÍTULO FALA DAS DEZ SIBILAS | 209 |
| II. SOBRE A SIBILA ERITRÉIA | 211 |
| III. SOBRE A SIBILA AMALTÉIA | 212 |
| IV. SOBRE VÁRIAS OUTRAS PROFESTISAS | 214 |
| V. SOBRE NICOSTRATE, CASSANDRA E A RAINHA BASINA | 216 |
| VI. HISTÓRIA DE ANTONIA, QUE TORNOU-SE IMPERATRIZ | 218 |
| VII. CRISTINA CONVERSA COM RETIDÃO | 220 |
| VIII. AQUI COMEÇA A FALAR DAS MOÇAS QUE AMARAM SEUS PAIS :PRIMEIRAMENTE A HISTÓRIA DE DRIPERTUA | 222 |
| IX. HISTORIA DE ISIFILE | 223 |
| X. HISTORIA DA VIRGEM CLAUDIA | 223 |
| XI. HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE AMAMENTAVA SUA MÃE NA PRISÃO | 224 |
| XII. RETIDÃO AFIRMA TER ACABADO A CONSTRUÇÃO DOS EDIFÍCIOS E QUE É TEMPO DE POVOAR A CIDADE | 225 |
| XIII. CRISTINA PERGUNTA À RETIDÃO SE É VERDADE O QUE OS LIVROS E OS HOMENS DIZEM QUE A VIDA DE CASADO SEJA TÃO DURA DE SUPORTAR POR CAUSA DAS MULHERES E SEUS ERROS. RESPONDE RRETIDÃO E COMEÇA A FALAR DO GRANDE AMOR DA MULHER COMSEUS AMIGOS. | 226 |
| XIV. SOBRE A RAINHA HYPsicRATEA | 229 |
| XV. HISTÓRIA DA IMPERATRIZ TRIARIA | 230 |
| XVI. AINDA A PROPÓSITO DE ARTEMÍSIA | 231 |
| XVII. SOBRE ARGINA, FILHA DO REI ADRASTUS | 233 |
| XVIII. SOBRE ARGINA, FILHA DO REI ADRASTUS | 234 |
| XIX. CRISTINA TOMA A PALAVRA E RETIDÃO RESPONDE, DANDO-LHE EXEMPLOS, CITANDO A EXCELENTE JÚLIA, FILHA DE JÚLIO CEZAR E ESPOSA DE POMPEU | 235 |
| XX. SOBRE A NOBRE TÉRCIA EMÍLIA | 237 |
| XXI. SOBRE XANTIFE, MULHER DO FILÓSOFO SÓCRATES | 238 |
| XXII. SOBRE PAULINA, MULHER DE SÊNECA | 238 |
| XXIII. HISTÓRIA DA NOBRE SULPICIA | 239 |
| XXIV. SOBRE UM GRUPO DE DAMAS QUE JUNTAS SALVARAM SEUS MARIDOS DA MORTE. | 241 |
| XXV. CRISTINA SE INSURGE, DIANTE DE DAMA RETIDÃO, CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE AS MULHERES NÃO SABEM GUARDAR SEGREDO. RETIDÃO RESPONDE, CITANDO O EXEMPLO DE PÓCIA, FILHA DE CATÃO | 241 |

| | |
|---|------------|
| XXVI. SOBRE O MESMO TEMA, CONTA-SE A HISTÓRIA DA NOBRE CÚRIA. | 243 |
| XXVII. AINDA SOBRE O MESMO TEMA. | 244 |
| XXVIII. PROVAS CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE O HOMEM QUE ESCUTA SUA MULHER E SEGUE SEUS CONSELHOS É UM SER DESPREZÍVEL. CRISTINA PERGUNTA E RETIDÃO RESPONDE | 245 |
| XXIX. ALGUNS EXEMPLOS DE HOMENS QUE SE DERAM BEM POR SEGUIR OS CONSELHOS DE SUAS MULHERES | 247 |
| XXX. CRISTINA FALA SOBRE O GRANDE BEM QUE AS MULHERES TROUXERAM AO MUNDO E AINDA TRAZEM TODOS OS DIAS. | 249 |
| XXXI. SOBRE JUDITH, A NOBRE VIVÚVA QUE SAUVOU SEU POVO. | 250 |
| XXXII. SOBRE A RAINHA ESTER QUE SALVOU O SEU POVO. | 251 |
| XXXIII. SOBRE AS SABINAS QUE LEVARAM A PAZ A SEUS PRÓXIMOS. | 252 |
| XXXIV. SOBRE A NOBRE VETÚRIA QUE IMPEDIU SEU FILHO DE DESTRUIR ROMA. | 253 |
| XXXV. HISTÓRIA DA RAINHA DA FRANÇA, CLOTILDE, QUE CONVERTEU A FÉ DE SEU MARIDO, O REI CLODOVIL. | 256 |
| XXXVI. CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE NÃO É BOM QUE AS MULHERES APRENDAM A LER. | 257 |
| XXXVII. CRISTINA DIRIGE-SE À RETIDÃO, QUE RESPONDE CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE SÃO POUCAS AS MULHERES CASTAS, DANDO O EXEMPLO DE SUZANA | 259 |
| XXXVIII. HISTÓRIA DE SARA | 261 |
| XXXIX. HISTÓRIA DE REBECA | 262 |
| XL. HISTÓRIA DE RUTH | 262 |
| XLI. HISTÓRIA DE PENÉLOPE, MULHER DE ULISSES. | 263 |
| XLII. EXEMPLO DE MARIANA. | 263 |
| XLIII. HISTÓRIA DE ANTÔNIA, MULHER DE DRUZIO TIBÉRIO, ILUSTRANDO ESSE MESMO PROPÓSITO. | 263 |
| XLIV. CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE MULHERES QUEREM SER VIOLENTADAS, SÃO DADOS DIVERSOS EXEMPLOS, PRIMEIRAMENTE, O DE LUCRECIA | 264 265 |
| XLV. AINDA SOBRE O MESMO ASSUNTO, A HISTÓRIA DA RAINHA DOS GÁLATAS. | 266 |
| XLVI. AINDA A ESSE PROPÓSITO: HISTÓRIA DOS SICAMBROS E ALGUMAS VIRGENS | 268 |
| XLVII. PROVAS CONTRA AQUELES QUE FALAM SOBRE A INCONSTÂNCIA DAS MULHERES; FALOU CRISTINA, EM SEGUIDA RETIDÃO LHE RESPONDEU, CONTANDO SOBRE A INCONSTÂNCIA E FRAGILIDADE DE ALGUNS IMPERADORES. | 268 270 |
| XLVIII. HISTÓRIA DE NERO | 272 |
| XLIX. SOBRE GALBA E OUTROS IMPERADORES | 273 |
| L. HISTÓRIA DE GRISELDA, MARQUESA DE SALUCES, MULHER FORTE EM VIRTUDE. | 276 |
| LI. SOBRE FLORENÇA, A ROMANA | 281 |
| LII. SOBRE A HISTÓRIA DA MULHER DE BERNABÓ O GENOVÊS. | 283 |
| LIII. APÓS O QUE RETIDÃO CONTOU SOBRE AS DAMAS CONSTANTES, CHRISTINE PERGUNTA-LHE POR QUE TANTAS MULHERES NOBRES DO PASSADO NÃO CONTRADISSERAM OS LIVROS E OS HOMENS QUE AS CALUNIAVAM, RETIDÃO RESPONDE. | 289 |
| LIV. CRISTINA PERGUNTA À RETIDÃO SE É VERDADE O QUE OS HOMENS AFIRMAM: QUE POUCAS DAMAS SÃO FIÉIS NA VIDA AMOROSA. RESPOSTA DE RETIDÃO. | 290 |
| LV. SOBRE DIDO, RAINHA DE CARTAGO, A PROPÓSITO DA FIDELIDADE EM AMOR DAS MULHERES | 292 |
| LVI. SOBRE MEDÉIA AMANTE. | 294 |
| LVII. SOBRE TISBE. | 294 |
| LVIII. SOBRE ERO. | 296 |
| LIX. SOBRE SIGISMUNDA, FILHA DO PRÍNCIPE DE SALERNE. | 297 |
| LX. SOBRE ELIZABETTA E OUTRAS AMANTES | 303 |
| LXI. SOBRE JUNO E TANTAS MULHERES FAMOSA | 306 |
| LXII. CRISTINA FALA E RETIDÃO RESPONDE CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE AS MULHERES ATRAEM OS HOMENS PELA SUA BELEZA. | 308 |
| LXIII. SOBRE CLÁUDIA, MULHER ROMANA | 309 |
| LXIV. RETIDÃO FALA DE NUMEROSAS MULHERES QUE SÃO MAIS APRECIADAS PELAS SUAS VIRTUDES DO QUE PELA BELEZA. | 310 |
| LXV. SOBRE A RAINHA BRANCA, MÃE DE SÃO LUIS E OUTRAS MULHERES SÁBIAS E BOAS, APRECIADAS POR SUAS VIRTUDES. | 311 |

| | | |
|-----------------------|--|------------|
| LXVI. | CRISTINA FALA E RETIDÃO RESPONDE CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE AS MULHERES SÃO AVARAS POR NATUREZA. | |
| LXVII. | SOBRE A RICA DAMA GENEROSA, CHAMADA BUSA. | |
| LXVIII. | SOBRE OS PRÍNCIPES E DAMAS DA FRANÇA. | 312 |
| LXIX. | CRISTINA FALA A TODAS AS PRINCESAS E A TODAS AS DAMAS. | 313 |
| LIVRO TERCEIRO | | 314 |
| | | 316 |
| I. | O PRIMEIRO CAPITULO RELATA COMO JUSTIÇA TROUXE A RAINHA DOS CÉUS PARA RESIDIR NA CIDADE DAS DAMAS. | |
| II. | AS IRMÃS DE NOSSA SENHORA E MARIA-MADALENA | |
| III. | SANTA CATARINA | 318 |
| IV. | SOBRE SANTA MARGARIDA | |
| V. | SANTA LÚCIA | 320 |
| VI. | A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARTINA | 320 |
| VII. | HISTÓRIA DE UMA OUTRA SANTA LÚCIA E OUTRAS VIRGENS MÁRTIRES. | 323 |
| VIII. | HISTÓRIA DE SANTA JUSTINA E OUTRAS VIRGENS. | 324 |
| IX. | HISTÓRIA DA VIRGEM TEODÓSIA, DE SANTA BÁRBARA E SANTA DOROTÉIA | 325 |
| X. | SOBRE A VIDA DE SANTA CRISTINA | 327 |
| XI. | SOBRE VÁRIAS MULHERES QUE VIRAM O MARTÍRIO DE SEUS FILHOS. | 330 |
| XII. | SOBRE A VIRGEM SANTA MARINA. | 332 |
| XIII. | SOBRE A BEM-AVENTURADA VIRGEM EUFROSINA. | 335 |
| XIV. | SOBRE A SANTA MULHER ANASTÁCIA | 342 |
| XV. | A RESPEITO DA BEM-AVENTURADA TEODOTA. | 343 |
| XVI. | A RESPEITO DA NOBRE E SANTA NATALI. | 345 |
| XVII. | SOBRE A SANTA AFRA, PROSTITUTA QUE SE CONVERTEU A DEUS. | 347 |
| XVIII. | JUSTIÇA EVOCA VÁRIAS MULHERES NOBRES QUE SERVIRAM E HOSPEDARAM OS APÓSTOLOS OU OUTROS SANTOS | 349 |
| XIX. | FIM DO LIVRO. CRISTINA FALA ÀS DAMAS | 351 |
| | | 352 |
| | | 353 |
| | | 355 |

O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS

LIVRO PRIMEIRO

I. AQUI COMEÇA O LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS, CUJO PRIMEIRO CAPÍTULO NARRA COMO E COM QUAL PROPÓSITO ESTE LIVRO FOI ESCRITO.

Um dia, estava eu, como de hábito, e com a mesma disciplina que rege o curso da minha vida, recolhida em meu gabinete de leitura, cercada de vários volumes, tratando dos mais diversos assuntos. Com a mente cansada por ter passado um bom tempo estudando sentenças complexas de tantos autores, levantei a vista do texto, decidindo deixar, por um momento, assuntos mais sutis para deleitar-me com a leitura de alguma poesia. E, com esse intuito, procurando à minha volta algum livrete, caiu entre minhas mãos um certo opúsculo que não me pertencia, mas que alguém havia deixado ali, com outros volumes, por empréstimo. Abri-o, então, e observei no título que se tratava de *Mateolo*¹³⁷. Pus-me, então, a rir, pois não o havia lido antes mas sabia que, entre outros livros, esse tinha a reputação de falar bem das mulheres! Pensei, então, que para me divertir um pouco, poderia percorrê-lo. Mas, a leitura mal tinha começado, minha mãe chamou-me à mesa. Chegara a hora do jantar. Comprometi-me assim a retomar a leitura no dia seguinte, abandonando-a por hora. Na manhã seguinte, retornando como de costume ao meu gabinete, não esqueci de colocar em prática minha decisão de retornar à leitura do livro de Mateolo. Pus-me a lê-lo. Avancei um pouco a leitura. Mas, o assunto parecendo-me tão pouco agradável – , aliás, para qualquer um que não se deleita com calúnias -, e sem contribuir em nada à edificação moral nem à virtude, considerando ainda a desonestidade da linguagem e dos temas por ele tratados, folheei-o

¹³⁷ *Les lamentations de Matheolus*: obra latina, traduzida em francês por Jean Le Fevre de Resson, em 1274. A edição mais recente da obra data de 1992, publicada pela editora Champion-Honoré.

aqui, ali, li o final, e, em seguida, abandonei-o para voltar a outros estudos mais sérios e de maior utilidade. Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente. Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizerem as mulheres e a condenarem suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, a quem não situaria entre os sábios, pois seu livro não passa de gozação; pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralista, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar na minha alma e consciência se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres. Mesmo assim, continuei pensando mal das mulheres, dizendo-me que seria muito grave que tantos homens ilustres, tantos doutores importantes, do mais alto e profundo entendimento, com tanto esclarecimento – pois acredito que todos tenham sido assim - pudessem ter falado de maneira tão enganosa, e em tantas obras. Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que antes de terminar a leitura não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas esta razão, breve e simples, me fazia concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do

meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres. Deste modo, eu estava me baseando mais no julgamento de outrem do que no que eu mesma acreditava e conhecia. Estava tão profunda e intensamente mergulhada naqueles sombrios pensamentos que parecia estar como alguém em estado de letargia. À mente, vinha-me um número considerável de autores, e, como uma fonte jorrando, ia reexaminando-os um a um. No final, cheguei à conclusão de que, criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil. Espantava-me, assim, que um artesão tão digno pudesse ter realizado uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores, reside todos os males e vícios. Completamente absorta por essas reflexões, fui inundada pelo desgosto e a consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo o sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza. Lamentava-me assim:

“Ah! Deus, como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? Não é verdade que criaste a mulher com um deliberado propósito? E desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, eis tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão. E, se é verdade, meu Deus, que tantas abominações abundam entre as mulheres, como muitos o afirmam - e, como tu mesmo dizes que o testemunho de vários garante a credibilidade, por que não deveria pensar que tudo isso seja verdade?. Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Mas, como tu não quiseste, como não estendeste tua bondade

até mim, perdoe minha negligência ao te servir, Senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe de seu senhor, menos é obrigado a servi-lo”.

Com essas palavras e outras mais, propaguei minhas lamentações a Deus, tristemente aflita, na medida em que em minha loucura desesperava-me o fato de Deus ter me posto em um corpo feminino.

II. AQUI CRISTINA CONTA COMO TRÊS DAMAS APARECERAM E COMO A QUE ESTAVA NA FRENTE DIRIGIU-SE A ELA PARA CONSOLAR SEU PRANTO.

Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, a face na mão, apoiava-me no braço da poltrona, quando repentinamente vi descer no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção. O esplendor, que de suas faces emanava, arrojava-se sobre mim, iluminando todo o compartimento. Inútil perguntar se fiquei deslumbrada, sobretudo porque as três damas conseguiram entrar, apesar das portas estarem fechadas. Temendo que fosse alguma visão tentadora, fiz o sinal da cruz na testa, tão grande era meu medo.

Foi então que a primeira das três damas, sorrindo, dirigiu-se a mim nestes termos: “Cara filha, não tenhas medo, não viemos aqui para te fazer mal, ou te prejudicar, mas para te consolar. Ficamos muito comovidas com teu desespero, e queremos retirar-te desta alienação; ela te cega a tal ponto de rejeitares o que tens convicção de saber, para acreditar em algo que só conheces através da pluralidade de opiniões alheias. Pareces com aquele parvo, cuja história é bem conhecida, que tendo

adormecido no moinho, foi adornado com roupas de mulher e que, ao acordar, deu crédito às mentiras daqueles que lhe caçoavam, afirmando que ele havia se transformado em mulher, ao invés de recorrer a sua própria experiência. Mas, bela filha, o que aconteceu com teu bom senso? Esqueceste que o ouro é refinado na fornalha; e ele não se altera, nem muda suas características; pelo contrário, quanto mais ele é trabalhado, mais fica purificado. Não sabes que são as melhores coisas que são discutidas e debatidas? Se considerares a questão suprema, que são as idéias, quer dizer, as coisas celestiais, percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta igualmente as opiniões de Platão e de outros filósofos citando-os. E presta atenção ainda que santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerado o Príncipe dos filósofos, e a quem devemos as mais altas doutrinas da filosofia natural e moral. Ora, pareces acreditar que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé e que eles não podem se enganar. Quanto aos poetas aos quais te referes, não sabes que utilizam frequentemente a linguagem figurada, e que muitas vezes deve-se compreender justamente o contrário do sentido literal? Pode-se, a propósito, atribuir-lhes a figura de retórica chamada antífrase, dizendo por exemplo – como bem sabes – que fulano é mau, deixando entender que ele é bom, ou igualmente o contrário. Recomendo-te, então, que tires proveito de tais escritos que recriminam as mulheres, voltando-os ao teu favor, quaisquer que fossem a intenção deles. É possível que aquele Mateolo em seu livro tivesse essa intenção, porque são várias as coisas que, se tomadas ao pé da letra, seriam pura heresia. Quanto à diatribe contra o casamento –que, no entanto, é um estado digno, santo e de acordo com as leis de Deus -, a experiência demonstra claramente que a

verdade é completamente o contrário do que o afirmam, procurando atribuir à mulher todos os males. Não se trata apenas desse Mateolo, mas de tantos outros mais, em particular do *Roman de la Rose*, que goza de um crédito maior em razão da autoridade maior de seu autor. Ora, onde encontrar um marido que tolere que sua mulher tenha um império tal, a ponto de poder descarregar sobre ele as ofensas e injúrias que todas as mulheres estão acostumadas a ouvir? Mesmo tendo lido nesses livros, duvido que tenhas visto com teus próprios olhos, pois não passam de propósitos vergonhosos e mentiras patentes. Concluindo, minha cara Cristina, digo-te: foi a tua ingenuidade que te levou a esta presente opinião. Concentra-te, retoma tua consciência e não te preocupas mais com essas tolices; sabe que uma difamação categórica das mulheres não conseguiria atingi-las, mas, sempre volta contra os seus autores.”

III. AQUI CRISTINA CONTA COMO AQUELA QUE SE DIRIGIA A CRISTINA EXPLICOU-LHE QUEM ERA, A SUA NATUREZA E SEU PAPEL, E DEPOIS ANUNCIOU-LHE QUE IRIA CONSTRUIR UMA CIDADE COM A AJUDA DAS TRÊS DAMAS.

Foi assim o discurso proferido por esta elevada dama. Não sei qual dos meus sentidos foi mais solicitado por sua presença: minha audição, escutando sua fala digna, ou minha vista, contemplando sua tão grande beleza, seus adornos, a distinção de suas maneiras e a nobreza de sua face. Como poderia se dizer o mesmo de cada uma delas, não sabia para qual olhar; por sinal, elas se pareciam tanto que se tinha dificuldade em diferenciá-las. Só a terceira, que não era menor em autoridade, tinha a mais o semblante tão altero que ninguém poderia olhá-la nos olhos, qual era sua intrepidez, sem medo de agir mal, parecendo ameaçar até os criminosos. Punha-me de pé diante delas em sinal de respeito, olhando-as em silêncio, como cativa, sem conseguir dizer uma palavra. Meu ser perplexo se surpreendia, e eu ficava me perguntando quem seriam. Se tivesse coragem, teria prontamente perguntado o nome delas, a maneira de ser de cada uma, a

razão da vinda delas.e o significado daqueles diferentes bastões que cada uma tinha na mão direita, pois todos três eram suntuosos. Como me estimava indigna de fazer essas perguntas a damas, a meu ver, tão distintas, permanecia ali a contemplá-las, sem ousar dizer nada, e continuava fixando-lhes os olhos, metade apavorada, metade tranqüila devido as palavras que acabara de escutar, ao despertar daquele amargo devaneio. Mas a tão erudita dama, que acabara de falar-me, lia meu pensamento, como todas as coisas, sendo naturalmente lúcida, respondeu-me assim:

“Prezada filha, debes saber que a providência divina, que não faz nada ao acaso, encarregou-nos de morar entre as pessoas desse mundo de baixo, apesar de nossa essência celeste, para zelarmos na manutenção e na boa ordem das leis convenientes aos diversos estados, e que fizemos segundo a vontade de Deus, pois somos, todas as três, filhas de Deus e de nascimento divino. Quanto a mim, é da minha competência corrigir os homens e as mulheres quando se desviam, reencaminhando-os ao bom caminho. Se eles se desgarram, e têm a capacidade de reconhecerem e me mostrarem, venho secretamente em suas almas, os advirto e os aconselho, mostrando-lhes seus erros; mostro-lhes seus pecados, explico-lhes as causas; em seguida ensino-lhes como fazer o bem e evitar o mal. E, como meu papel é mostrar claramente na consciência de cada um e de cada uma seus defeitos e suas qualidades, vês-me carregar como emblema esse espelho resplandecente, que seguro na mão direita, em lugar de um bastão. Precisas saber que, na verdade, quem quer que nele se olhe - qualquer que seja sua natureza – verá o fundo de sua alma. Oh! Qual não é a virtude do meu espelho! Não é sem motivo que o vês constelado de pedrarias, pois através dele se conhecem as essências, as qualidades, as relações e medidas de todas as coisas, e nada se conduzirá bem sem ele. Mas, como desejás conhecer igualmente a tarefa das minhas irmãs aqui presentes, cada uma dará seu próprio depoimento, seu nome e sua qualidade, a fim de que a narrativa

seja mais correta. Todavia, devo revelar-te sem demora os motivos de nossa vinda. Certifico-te que nossa aparição nesses lugares não é gratuita, pois nada fazemos sem razão; não freqüentamos qualquer lugar, e não aparecemos a qualquer pessoa. Porém tu, pelo grande amor que dedicaste em busca da verdade em este longo e assíduo estudo, que tem te retirado do mundo e te deixado tão solitária, mereceste nossa amizade, mostraste digna de nossa visita, como uma cara amiga, para ser consolada por esse tormento e tristeza; e para iluminar aquilo que perturba e estorva tua alma, obscurecendo teu pensamento.

“Há uma razão ainda mais particular e mais importante para nossa vinda, que saberás através do nosso diálogo: deves saber que foi para afugentar do mundo este erro no qual caíste, para que as damas e outras mulheres merecedoras possam a partir de agora ter uma fortaleza aonde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores. As mulheres foram por tanto tempo abandonadas sem defesa, como um campo sem cercado, sem que nenhum herói viesse socorrê-las; e no entanto, segundo a justiça, os homens nobres deveriam tomar a defesa delas. Mas, por negligência ou indiferença aceitou-se que elas fossem maltratadas. Não é de se espantar que seus inimigos invejosos -e os insultos desses caluniadores que por diversas formas lhes atacaram - terminaram levando a vitória em uma guerra desamparada, sem defesa. Pois, a maior fortaleza cairia rapidamente se não fosse defendida, a causa mais injusta seria ganha se deixada correr à revelia, uma vez defendida sem a outra parte. Na ingênuas”. bondade delas, seguindo nisso o preceito divino, as mulheres sofreram paciente e educadamente os grandes insultos que lhes fizeram, para erro e prejuízo delas, tanto por palavras, quanto por escrito, fazendo referência a Deus da legitimidade do seu direito. Mas, é chegada a hora de retirar essa causa justa das mãos dos Faraós, e é por isso que nos vês aqui, nós, as três damas, que, movidas pela piedade, viemos anunciar-te a

construção de um edifício, construído como uma cidade fortificada, com excelentes fundamentos. Foste tu a escolhida para realizar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as damas de renome, e mulheres louváveis, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes.

IV. AQUI SE FALA AINDA DE COMO A DAMA EXPLICOU A CRISTINA SOBRE A CIDADE QUE ELA ERA DESTINADA A CONSTRUIR, E QUE ELA TINHA TAREFA DE AJUDÁ-LA A CONSTRUIR A MURALHA E OS FECHOS, E DEPOIS REVELOU SEU NOME.

“Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E, para realizar esta obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que mármore fixado com cimento. Assim tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo”.

“Não leste como o rei Tros fundou a grande cidade de Tróia, com a ajuda de Apolo, de Minerva e de Netuno que os povos de outrora consideravam como deuses, e também como Cadmus fundou a cidade de Tebas sob a injunção divina? Todavia, com o tempo, aquelas cidades se desmoronaram e caíram em ruína. Mas eu te profetizo, como uma verdadeira sibila, que a Cidade que tu fundarás com a nossa ajuda nunca findar-se-á na inexistência. Ela será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida.

“A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa das numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas. Elas o mantiveram durante muito tempo sob o império sucessivo de diferentes rainhas: eram damas muito ilustres, eleitas por elas e que as governavam sabiamente, conservando o Estado em toda sua potência. No tempo do seu reinado, elas

conquistaram uma grande parte do Oriente e semearam pânico nas terras vizinhas, fazendo tremer até os habitantes da Grécia, que era então a flor das nações. E, no entanto, apesar dessa força e desse império, seu reino – como acontece com qualquer potência – acabou desmoronando, de maneira que hoje só o nome sobrevive. Mas, anuncio-te como uma verdadeira Sibila, que o edifício da Cidade que tens a tarefa de construir, e que edificarás, será bem mais forte. De comum acordo, decidimos todas três que eu te fornecerei uma argamassa resistente e incorruptível, para que possas fazer fundações sólidas, e que possas levantar em torno grandes muros altos e espessos, com suas altas torres largas, os bastiões e baluarte, como convém a uma cidade que deverá defender bem e por muito tempo. Como aconselharemos, lançarás com bastante profundidade as fundações, para que fiquem bem seguras, e levantarás em seguida os muros a uma altura tal que não temerão nenhum adversário. Filha, expliquei-te as razões de nossa vinda, e para que minhas palavras tenham mais peso, quero agora revelar meu nome. Só em escutá-lo saberás que tens em mim, se quiseres escutar realmente meus conselhos, um guia e uma diretriz para acabar tua obra sem nunca cometer erros. Chamo-me Dama Razão; agora sabes que estás em boas mãos. No momento, não acrescentarei mais nada.

V. COMO A SEGUNDA DAMA REVELOU A CHRISTINE SEU NOME, SEU PAPEL, E COMO IRIA AJUDAR NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE DAS DAMAS.

Aquela dama tinha acabado de proferir seu discurso, quando a segunda, sem que eu pudesse intervir, o encadeou da seguinte forma:

“Chamo-me Retidão. Moro mais no céu do que na terra, e a luz divina resplandece em mim que sou a mensageira da bondade. Frequento os justos e os encorajo a fazer o Bem, a dar a cada um aquilo que o pertence no melhor de seu poder,

a dizer e a defender a verdade, a defender o direito dos pobres e dos inocentes, a nunca se apossar do bem do outro, a provar a inocência dos caluniados. Eu sou o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. Faço obstáculo à força e à potência dos perversos. É através de mim que Deus revela seus segredos àqueles que ele ama; sou sua advogada no céu. Faço recompensar as penas e os benefícios. Seguro na minha mão direita essa espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto: quem a segue nunca se desviará. Os justos se unem a esse bastão da paz e se apóiam nele; já os perversos com ele levam pancadas e surras. Que tenho mais a dizer? Traçam-se os limites de todas as coisas com esta régua, pois suas virtudes são abundantes. Saiba que ela te será útil para medir as construções da Cidade que deves levantar: terás muita necessidade dela nos prédios, para erguer os grandes templos; construir e desenhar os palácios, as casas e todas os empórios, as ruas e as praças, e para te ajudar em tudo que for necessário para o povoamento de uma cidade. Vim para ajudar-te, e tal será meu papel. Se o diâmetro e circunferência das paredes dos portões te parecem grandes, não te assustes; com a ajuda de Deus e a nossa, tu o concluirás, preenchendo, enfim, o espaço de belas residências e magníficas mansões, sem deixar o menor espaço vazio”.

VI. CCRISTINA CONTA COMO A TERCEIRA DAMA REVELOU QUEM ERA, QUAL ERA SEU PAPEL, COMO ELA A AJUDARIA A FAZER AS LAJES E OS TETOS DAS TORRES E PALÁCIOS, E COMO ELA IRIA TRAZER A RAINHA ACOMPANHADA DAS MAIS NOBRES MULHERES.

A terceira dama tomou, em seguida, a palavra, nos seguintes termos: “Amiga Cristina, eu sou Justiça, a filha predileta de Deus, e minha essência procede diretamente da sua pessoa. Minha morada é tanto no céu, como na terra ou no inferno: no céu para glória dos santos e das almas bem-aventuradas; na terra para distribuir a cada um a parte

de bem e de mal que ele merece; no inferno para punir os indivíduos de má índole. Não pendo para nenhum lado, porque não tenho nem amigo nem inimigo e minha vontade é inatingível; a piedade não pode me vencer, a crueldade não me comove. Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. Estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa. Quem me seguir não conseguirá pecar; meu caminho é certo. Aos homens e mulheres de almas sãs que querem crer em mim, ensino a se corrigirem, a se reconhecerem e a primeiro se ressarcirem, a fazer com os outros o que eles gostariam que fizessem com eles, a distribuir o bem sem favoritismo, a dizer a verdade, a fugir da mentira e a odiá-la, a rejeitar qualquer vício. Vês em minha mão direita uma taça de ouro fino que parece uma medida de bom tamanho. Deus, meu pai, deu m'a. Ela serve para que eu dê a cada um o que ele merece. Ela é gravada com a flor-de-lis da Trindade e ajusta-se a qualquer porção, e ninguém poderá reclamar daquilo que é acordado por mim. Os homens daqui de baixo têm outra medida, que eles dizem ser no mesmo modelo que a minha, mas eles se enganam. De vez em eles fazem menção a mim em seus julgamentos, mas a medida deles, para uns generosa demais e para os outros demasiadamente magra, nunca é justa. Poderia ficar conversando por muito tempo sobre as particularidades do meu dever, mas para resumir, tenho um status especial entre as virtudes. Todas, aliás, referem-se a mim. E nós três, que aqui estamos, somos, digamos assim, uma só, na medida em que não conseguimos nada uma sem a outra. O que a primeira propõe, a segunda organiza e aplica, e eu, a terceira, dou o acabamento e concluo. Foi para isso que todas três puseram-se de acordo: para que eu viesse em tua ajuda para dar o acabamento e terminar tua Cidade. Ficará sob minha responsabilidade fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todos de ouro fino e brilhante. Enfim, eu a povoarei de mulheres

ilustres para ti e trarei-te uma altiva rainha; a quem as outras damas, mesmo as mais nobres, render-lhe-ão homenagem e obediência. Assim, com tua ajuda, tua cidade será concluída, fortificada, e fechada com portas pesadas, que irei buscar no céu para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos.”

VII. COMO CRISTINA RESPONDEU ÀS TRÊS DAMAS

Havia bem atentamente escutado às três damas e estava completamente refeita daquele abatimento no qual encontrava-me antes da vinda delas. Tão logo seus discursos findos, joguei-me a seus pés, não ajoelhada, mas completamente estendida no chão diante delas, em sinal de vassalagem à tanta grandeza. Beije a terra perto dos seus pés, adorando-as como deusas gloriosas. Em seguida, dirigi-me a elas suplicando: “Oh! Damas de dignidade soberana, esplendor celestial e luz terrena, fontes de paraíso e alegria dos bem-aventurados! Como Vossas Altezas consentis descer de vossos assentos pontifícios e de vossos tronos resplandecentes para vir a este tabernáculo turvo e obscuro, de uma simples e ignorante estudante? Como vos agradecer por tamanha caridade? A chuva e o orvalho de vossas doces palavras caíram sobre mim; penetrando e umedecendo a secura da minha alma. A partir de agora, ela já sente germinando as primeiras mudas de plantas novas, que darão frutos, de força benéfica e deleitável sabor. Como posso, no entanto, merecer esta honra que me anunciais de construir e fazer germinar no mundo uma Cidade nova e eterna? Não sou São Tomás, o apóstolo que fez pela graça divina um rico palácio para o rei das Índias. Com minha mente fraca, não aprendi e não conheço a arte e as medidas, e ignoro o estudo teórico e a prática de construir. Mesmo admitindo que consiga estudar e aprender todas essas coisas, como encontrar nesse corpo frágil de mulher a força de empreender uma tal obra? Todavia, minhas veneradas Damas, apesar de ainda sob o choque diante de uma aparição tão singular, sei que para Deus nada é

impossível, e devo acreditar com firmeza que tudo que empreenderei com vossa ajuda e conselho será concluído. Rendo, então, glória a Deus com todas as minhas forças, e a vós, minhas Damas, que me concedeis tanta hora ao confiar-me uma tarefa tão nobre, que aceito com tamanha alegria. Eis aqui vossa serva pronta a seguir-vos. Comandai, eu obedecerei. E que eu faça o que dizem vossas palavras”.

VIII. AQUI CRISTINA CONTA COMO INICIOU, COM A ORDEM E AJUDA DE RAZÃO, A CAVAR A TERRA PARA FAZER AS FUNDAÇÕES.

A esse respeito, Dama Razão retomou nesses termos: “Levante-te, filha! Sem mais demora, partamos ao Campo das Letras; é nessa terra rica e fértil que será fundada a Cidade das Damas, lá onde se encontram tantos frutos e doces rios, lá onde a terra abunda em tantas coisas boas. Pega a enxada de tua inteligência e cava bem. Em todo lugar em que verás as marcas da minha régua, faça um buraco profundo. Quanto a mim, ajudar-te-ei carregando os sacos de terra sobre meus próprios ombros.”

Então, para obedecer às suas ordens, levantei-me prestamente, pois graças à virtude delas estava mais forte e mais leve do que antes. Então, ela na frente e eu em seguida, chegamos no campo referido, e, seguindo sua indicação, pus-me a cavar o buraco com minha enxada da indagação. E meu primeiro trabalho foi o seguinte: “Dama, lembro-me do que dissestes agora a pouco, acerca de todos aqueles homens que maldisseram tão severamente os costumes das mulheres, condenando-as em massa: mais o ouro demora na fusão mais ele fica fino. Deve-se entender com isso que quanto mais elas são condenadas sem motivo, maior é o mérito da sua glória. Dizei-me, vos peço, por que tantos autores as maldizem em suas obras? O que os motiva? Pois, vós já me fizestes entender que eles estão errados. Será que é a Natureza que os leva a isso ou será que o fazem por ódio? Como isso acontece?”

Ela respondeu-me assim: “Filha, para te encorajar a cavar mais profundamente, a primeira escavação será minha. Saiba que isso não vem de Natureza, ao contrário, pois, não existe nenhum laço terrestre mais forte do que esse amor que ela criou, por vontade divina, entre o homem e a mulher. Os motivos que levaram – e ainda levam – os homens a condenarem as mulheres, como os autores que leste, são diversas e múltiplas: Alguns tiveram boas intenções: eles o faziam para trazer ao caminho certo os homens que pudessem ter ficado impressionado por mulheres luxuriosas ou da vida, ou então para os impedir que eles se desviem, as freqüentando. Para que todo mundo fuja de uma vida luxuriosa, de depravação, eles caluniaram as mulheres em massa, na intenção de torná-las todas abomináveis.

“- Dama, disse-lhe, então, desculpai-me de vos interromper. Fizeram bem, então, já que suas intenções eram boas, pois, como dizem, é pela intenção que se julga o homem?”

“Enganas-te, bela filha, disse-me, pois a ignorância total não desculpa de nada. Se te matassem com boas intenções e por asneira, teria sido bem feito? Fazendo assim, eles usaram mal seus direitos. Pois, não seria justiça causar danos e prejuízos a uma parte sob pretexto de estar ajudando outra, como eles fizeram, condenando, contrariamente aos fatos, a conduta de todas as mulheres. Posso te demonstrar por experiência. Admitamos que eles fizeram na intenção de tirar os loucos da loucura; seria como se condenasse o fogo – elemento, porém, bom e necessário – sob pretexto que alguns se queimam, ou então a água, por alguns se afogarem. Poder-se-ia dizer o mesmo de todas as coisas boas, já que se pode usar tanto para o bem quanto para o mal. Todavia, não são as mulheres que devem ser condenadas se os loucos abusam disso; por sinal, tu mesma já trataste disso em teus escritos. Aqueles que se permitiram usar propósitos tão desmedidos, qualquer que tenham sido suas intenções, usaram meios

deturpadores, apenas para chegar a seus fins, como aquele que confeccionou uma roupa longa e larga, porque não lhe custaria nada a estopa, e ninguém iria se opor, consentindo assim com a apropriação de um bem alheio. Mas, como bem disseste outrora, se eles tivessem procurado como levar os homens à razão, impedindo-os de cair na luxúria, censurando a vida e os modos de todas as mulheres cuja depravação fosse patente, então eu admitiria espontaneamente a excelência e a distinção de suas obras. Não há, aliás, nada nesse mundo daqui de baixo que se deva fugir mais, para dizer a estrita verdade, do que a mulher de vida depravada e perversa. É uma coisa monstruosa, uma fraude, pois a própria natureza da mulher consiste em ser simples, comportada e honesta. Mas, posso te certificar de que não sou eu quem os leva a condenar todas as mulheres dessa maneira. Pois, como há muitas dignas, eles enganam-se redondamente, como também todos aqueles que fazem menção a eles. Agora, pode rejeitar essas pedras sujas e grosseiras desse canteiro de obras, pois não terá serventia na construção da tua bela Cidade.

“Outros homens condenaram as mulheres por outras razões: uns por causa de seus próprios vícios, outros devido a enfermidade de seu próprio corpo, outros por pura inveja, outros ainda porque adoram maldizer. Outros, ainda, para mostrar que leram bastante, baseiam-se mais naquilo que encontraram nos livros e fazem apenas citar os autores, repetindo o que já se foi dito. Aqueles que fazem devido seus próprios vícios, considero os que perderam sua juventude na depravação, abandonando-se à promiscuidade. O considerável número de suas aventuras os fez tornarem-se hipócritas. Eles envelheceram, então, no pecado sem se arrependem e passam o tempo deles lembrando-se das suas loucuras perdidas e a vida depravada de sua juventude. Mas, a Natureza que congelou seus sentidos, impediram-nos de realizar seus desejos de impotentes. E eis por quê eles ficam amargurados quando vêem que acabou para eles a

época que chamavam de bons tempos, e que os jovens, que são hoje o que eles eram ontem, estão na farra – ao menos é o que lhes parecem. O único meio de se preocuparem é difamando as mulheres, pois eles acreditam que assim estão repugnando os outros. A linguagem desses velhotes é geralmente lúbrica e devassa, como podes constatar nesse Mateolo que ele próprio se diz velhote cheio de concupiscência, mas impotente; seu exemplo te mostra bem a verdade do que estou dizendo, e posso te assegurar que o mesmo acontece com muitos outros.

“Esses velhos, assim depravados, são como leprosos incuráveis, e se distanciam muito dos anciãos honrados que com o tempo tornam-se perfeitos em virtude e sabedoria. Pois, seria uma pena se todos os velhos fossem assim corrompidos. Das bocas dos bons velhinhos escutam-se apenas palavras doces e honestas, de discrição e bom exemplo. Como eles odeiam o pecado e a calúnia, não condenam nem difamam homens nem mulheres, mas detestam os vícios em geral, e os condenam em massa. Sem responsabilizar ou culpabilizar ninguém em particular, recomendam fugir do mal, seguir a virtude, e ficar no bom caminho. Aqueles que são motivados pela debilidade de seus próprios corpos são impotentes e com membros deformados. Eles têm o espírito agudo e malicioso, e não encontram outro meio de vingar-se da desgraça que é sua impotência senão difamando aquelas que levam alegria a vários. Eles acreditam assim privar os outros do prazer que seu próprio corpo lhes recusa”.

“Aqueles que disseram injúrias às mulheres por inveja são homens indignos que, tendo conhecido e encontrado um grande número de mulheres mais inteligentes e de conduta mais nobre do que a deles, tornaram-se amargos e rancorosos. Eis porquê sua inveja os leva a difamar todas as mulheres, esperando sufocar e reduzir de tal maneira seu renome e valor, a exemplo de não sei que infeliz que, em um tratado pomposamente intitulado *Da Filosofia*, esforça-se para demonstrar que é inconveniente aos homens

terem consideração por uma mulher, qualquer que seja ela. Ele afirma que aqueles que mostram alguma estima pelas mulheres pervertem o próprio nome de seu livro, quer dizer que da *filosofia* eles fazem uma “*filoloucura*”¹³⁸. Mas, posso te certificar e te prometer que é ele mesmo que faz de seu livro uma verdadeira “*filoloucura*” pelas argúcias e propósitos falaciosos que ele defende.

“Quanto àqueles que são maldizentes por natureza, não é de se espantar se eles maldizem as mulheres, já que criticam todos! E, no entanto, eu te asseguro que todo homem que tem prazer em falar mal das mulheres tem uma alma bem abjeta, pois age contra razão e contra natureza: contra razão, porque é ingrato e não considera o bem que as mulheres o fazem, benefícios tantos e tão grandes que não se saberia retribuí-los, dos quais se tem uma incessante necessidade; contra natureza, já que ele não é nem animal, nem ave que não procura naturalmente sua metade, quer dizer, sua fêmea; é, portanto, algo contra a natureza se um homem dotado de razão faz o contrário”.

“E por mais digna que seja a obra e feita por bom mestre, sempre alguém tenta e tentará deformá-la. Muitos são aqueles que querem intervir no assunto. Eles acham que se outros escrevem o que eles queriam dizer, então, eles não podem estar enganados. É assim que eles se põem a difamar. É uma espécie que conheço bem. Alguns se metem no assunto, compondo versos insípidos, ou baladas sem sentimentos, falando da conduta das mulheres ou dos príncipes ou de outras pessoas; falando dos costumes dos príncipes, das mulheres ou de outras pessoas, mas são incapazes de reconhecer e corrigir as baixas inclinações de sua própria conduta. No entanto, as pessoas simples, e ignorantes como eles, dizem que são as maiores maravilhas do mundo.”

IX. AQUI TRATA DE COMO CRISTINA CAVOU A TERRA, QUER DIZER, AS QUESTÕES QUE ELA FEZ A RAZÃO, E AS RESPOSTAS DESSA ÚLTIMA.

¹³⁸ - No original: “philofolie”, palavra assonântica à “philosophie”, recurso literário que se perde com a tradução para o português.

“Eis aqui organizada a grandiosa obra que para ti preparei. Aplica-te então a cavar a terra seguindo a linha que tracei com minha régua”.

Então, para obedecer a suas ordens, empenhei-me a escavar com todas as minhas forças, falando dessa maneira: “Dama, como Ovídio – que dizem, porém, ser o príncipe dos poetas, apesar de alguns, eu inclusive, concederem a palma a Virgílio (salvo vossa correção) -, pôde falar tão mal das mulheres em seus poemas: na obra intitulada *A arte de amar*, por exemplo, ou ainda em *Os remédios de amor*, ou em outras mais?”

Resposta: “Sim, Ovídio demonstrava bastante sutileza na arte da poesia e mente consideravelmente viva e engenhosa para realizar seus poemas. Perdeu-se, todavia, nas vaidades corpóreas e nos prazeres da carne. Ele não se contentava com uma única mulher, entregando-se a quantas mulheres suas forças lhe permitissem, sem ponderação, lealdade, nem apego a nenhuma delas. Ele levou essa vida enquanto foi jovem e recebeu, em contrapartida, aquilo que se merece em tal circunstância: perda de reputação, de bens e de membros. Pois ele foi condenado ao exílio por suas depravações, tanto em atos como em palavras, aconselhando os outros a levar a vida que ele escolheu. Da mesma forma, quando ele saiu do exílio, graças à intervenção de seus parceiros, jovens e potentes Romanos, e apressou-se para retomar as desordens pelas quais já havia sido condenado, terminou sendo castrado e punido na pele, pela sua má conduta. Isto se refere ao que te dizia mais em cima: Quando se deu conta que não poderia mais levar aquela vida a qual tinha tido tanto prazer, começou a caluniar as mulheres com seus hábeis raciocínios, na intenção de torná-las desprezíveis para os outros.

“Dama, digamos que seja verdade, mas conheço um livro de outro autor italiano, cujo nome é Cecco d’Ascoli; originário, creio eu, da região da Toscana. Nele, há um

capítulo em que ele fala coisas incrivelmente abomináveis; propósitos que ultrapassam qualquer um outro, e que nenhuma pessoa sensata iria repetir.”

Resposta: “Filha, não te espante se Cecco d’Ascoli fala mal de todas as mulheres, pois ele as abominava, odiava e desprezava todas. E sua hostilidade monstruosa o levava a querer compartilhar com todos os homens seu ódio e repulsa. Todavia, ele teve a recompensa justa, pois pagou suas injúrias criminosas morrendo desprezivelmente na fogueira.

“Conheço um outro livrinho em latim, intitulado *Do segredo das mulheres*, que sustenta que elas são acometidas de grandes defeitos em suas funções corporais.”

Resposta: “Tu podes conhecer por ti mesma, dispensando qualquer outra prova. Aliás, esse livro nos revela ser da mais alta fantasia; um verdadeiro amontoado de mentiras, e para quem o leu, está explícito que não há nada de verdade neste tratado. E apesar de dizerem que é de Aristóteles, não dá para acreditar que um filósofo tão importante tenha se permitido dizer tamanha asneira. Mas como as mulheres podem saber por experiência que algumas coisas neste livro não fazem parte da realidade e que são puras tolices, elas podem deduzir que os outros pontos expostos são da mesma forma mentiras patentes. E não te lembras que no início do livro ele afirma que um certo papa havia excomungado todo homem que tivesse a audácia de o ler para uma mulher, ou de colocá-lo entre as mãos de uma mulher?”

“Lembro-me muito bem, minha Dama”.

“Sabes qual foi o a intenção maliciosa com que tal estupidez foi posta no início do texto para que os homens parvos e limitados pudessem acreditar?”

“Não, Dama, se não me disserdes”.

“Foi para que as mulheres não tomassem conhecimento desse livro e para que elas ignorassem seu conteúdo. Pois, bem sabia aquele que o escreveu que se elas lessem

ou o escutassem, saberiam que se tratava de propósitos absurdos; e o colocariam em questão, com desprezo. Foi por essa estratégia que o autor acreditava poder abusar e enganar os homens que o leriam”.

“Dama, lembro-me que, entre outras coisas, depois de ter insistido durante bastante tempo que era por debilidade e fraqueza que o corpo que se forma no ventre da mãe tornar-se o de uma mulher, o autor diz que mesmo Natureza tem vergonha de ter feito uma obra tão imperfeita quanto esse corpo”.

“Ah! Veja que loucura, doce amiga: é a cegueira insana que o levou a dizer tais coisas! Como a Natureza, que é dama de companhia de Deus, teria então mais poder do que seu mestre, se é dele que vem sua autoridade? Deus todo-poderoso, na essência de seu pensamento divino, tinha desde sempre a idéia do homem e da mulher. E quando foi da sua santa vontade criar Adão do limo da terra, na cidade de Damasco, ele o fez, levando-o então ao paraíso terrestre, que era e permanece o lugar mais digno nesse mundo de baixo. Nele, fez Adão adormecer e, com uma de suas costelas, formou o corpo da mulher, significando com isso que ela devia estar ao seu lado como uma companheira, e de maneira alguma aos seus pés como uma escrava, devendo amá-la como sua própria carne. Será que o Criador Soberano teria vergonha de criar e formar o corpo feminino e Natureza se envergonharia disso? Eis o cúmulo da tolice dizer isso. E além do que, de que maneira ela foi formada? Não sei se percebes; ela foi formada à imagem de Deus. Oh! Como é possível haver bocas para maldizer uma prova tão nobre? Mas há loucos que acreditam que quando eles escutam dizer que Deus fez o homem a sua imagem, que se trata do corpo físico. Isto está errado, pois Deus ainda não havia tomado forma humana. Trata-se, ao contrário, da alma, a qual é consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus. E, esta alma, Deus a criou tão boa, tão nobre, idêntica no corpo da mulher como no corpo do homem. Mas, voltando sobre a criação

do corpo, a mulher foi feita pelo criador soberano. E em que lugar ela foi feita? No paraíso terrestre! E foi feita com que? Terá sido de matéria vil? Não, pelo contrário, da matéria mais nobre que havia sido criada! Pois, foi do corpo do homem que Deus a criou.”

“Dama, de acordo com o que me dizeis, a mulher é uma criação muito nobre. No entanto, Cícero disse que o homem não deve nunca servir a uma mulher, pois seria se rebaixar, pôr-se a serviço de alguém menos nobre que si”.

“Resposta: “O maior é aquele ou aquela que tem mais méritos. A excelência ou a inferioridade das pessoas não reside no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes. E bem-aventurado aquele que serve à Virgem, ela que está acima de todos os anjos”.

“Disse ainda, um dos Catão¹³⁹, aquele que foi um grande orador, que se o mundo fosse sem mulheres, poderíamos conversar com os deuses.”

Ela respondeu-me: “Ora, podes ver a insanidade daquele que é tido como sábio, pois foi por intermédio da mulher que o homem pôde reinar junto a Deus. E, se alguém me disser que ele foi banido por uma mulher, por causa da dama Eva, responderei que, graças a Maria, ele ganhou grau muito mais alto do aquele que havia perdido por causa de Eva. Pois, a humanidade não teria se unido à divindade se não fosse o pecado de Eva. Homens e mulheres devem louvar essa falta, que através da qual uma honra tão grande lhes adveio, pois, quanto maior tenha sido o rebaixamento da natureza humana por uma criatura, mais alta foi sua elevação por outra criatura. Quanto a conversar com os deuses se a mulher não existisse, como afirma este Catão, ele estava mais certo do que pensava, pois era um pagão, e aqueles dessa religião acreditavam que os deuses encontravam-se

¹³⁹ -Christine se refere a Catão de Útica ou Marcus Porcius Cato, chamado o Jovem (95 aC - 46 aC), para se distinguir do seu bisavô Marcus Porcius Cato (243a.C –149a.C), chamado o Censor, ou o Antigo. Catão de Útica é citado no Canto I do segundo livro da Divina Comédia: é o primeiro personagem encontrado por Dante e Virgílio no Purgatório.

tanto no inferno quanto no céu – eram os demônios que eles chamavam de deuses do inferno. E não é um erro dizer que os homens conversariam com esses deuses aí se não fosse Maria.”

X. PROPÓSITOS E PALAVRAS TROCADAS SOBRE O MESMO ASSUNTO.

“Esse Catão de Útica disse ainda que a mulher que agrada naturalmente ao homem assemelha-se a uma rosa: agradável à vista, mas com espinhos que foram escondidos”.

Resposta: “Também nesse ponto, este Catão não sabe o que está dizendo. De fato, não há nada mais agradável de se ver do que uma mulher excelente, honesta e de conduta irrepreensível; mas é o espinho de medo de agir mal e de contrição que está cravado para sempre na alma de uma mulher assim; dado seu comportamento, recato e a temperança que lhe são próprios, e que a protegem.”

“Dama, devemos acreditar no depoimento desses autores que defendem que as mulheres são, por natureza, gulosas e levadas pela gula?”

“Filha, muitas vezes escutaste o provérbio que diz: “Expulsa natureza com um forçado e ela voltará.”¹⁴⁰ Seria realmente muito espantoso que diante de tais inclinações não se encontrasse nunca – ou pelo menos bem raramente- mulheres nesses lugares onde se vendem guloseimas e boas comidas, ou seja, nas tavernas e outros lugares do gênero, pois é muito raro encontrá-las por lá. E se quiserem responder que é a vergonha as impede, eu contestaria, dizendo que elas não são retidas por outra coisa que não seja a disposição natural de seu caráter. E digamos que fossem tentadas a ir lá, mas a vergonha lhes fizesse vencer suas inclinações naturais, tal constância deveria ser vista como uma louvável virtude. A esse respeito, não lembras de que, há pouco tempo, em

¹⁴⁰ No original: “Ce que Nature donne, nul ne peut tolir”. Em latim: “*Naturam expellas furc, tamen usque recurret*”. Ver *Dicionário de sentenças latinas e gregas* de Renzo Tosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.49 sentença n.109.

um dia de festa, estavas no batente da tua porta, conversando com tua vizinha, senhorita bastante respeitável, e viste um homem sair da taverna, conversando com um outro: “Gastei tanto na taverna, dizia, que minha mulher não beberá vinho hoje.” Sobre isso tu o interpelaste perguntando-lhe por que ela não iria beber. Ele te respondeu: “Por isso, Dama: minha mulher tem o hábito de perguntar-me, toda vez que volto da taverna, quanto gastei. Se tiver sido mais de doze contos¹⁴¹, então ela compensa minha despesa com uma maior sobriedade da parte dela. Diz-me ainda que nosso emprego não nos permite ter tantas despesas.”

“Dama, disse eu então, lembro-me bem disso.”

E ela retomou: “Exemplos não faltam ara demonstrar que as mulheres são naturalmente sóbrias, e aquelas que não o são pervertem sua natureza. Pois, não há nenhum vício mais feio do que a gula, porque ele atrai muitos outros naqueles que se entregam. Mas, poderás ver, com bem mais freqüência, mulheres freqüentando as igrejas, com terços e livros de oração na mão, onde se reúnem em multidão, nos sermões e nas confissões, recitando o Pai Nosso e a oração das Horas.”

-É verdade, minha Dama, respondi então, mas os homens dizem que elas vão com seus mais belos trajes, se arrumam para expor seus charmes e atrair o amor dos galanteadores.”

Resposta: “poder-se-ia acreditar nisso, cara amiga, se lá se visse apenas mulheres jovens e belas, mas olhando bem, para cada jovem que verás freqüentando lugares de culto, encontrarás vinte ou trinta velhas vestidas de maneira simples e honesta. Mas, se as mulheres já dão prova de devoção, de caridade é que nem precisa mencionar. Veja bem: quem faz visita aos doentes?, quem os reconforta? quem presta

¹⁴¹ No original *Denier*: Antiga moeda romana e antiga moeda francesa.

socorro aos pobres? quem vai aos hospitais? quem enterra os mortos? Parece-me que se trata de obra das mulheres, e a via real que o próprio Deus nos ordena seguir.

-Dama, falais muito bem, mas há um autor fala que as mulheres têm naturalmente um caráter fraco, assemelhando-se às crianças, por isso, então, as crianças gostam apreciam tanto conversar com elas, e elas com as crianças.”

Resposta: “Filha, se observares bem o caráter das crianças, verás que naturalmente elas gostam da doçura e da amabilidade. E o que há de mais doce e mais amável neste mundo do que uma mulher de bem? Ah! Vejam a perversidade dessas pessoas diabólicas que querem fazer do bem e da virtude que a natureza acordou às mulheres, um defeito e reprovação! Não é pelo fato das mulheres serem ignorantes que elas gostam das crianças; isto vem, pelo contrário, de sua doçura natural. E se são como as crianças, em bondade, revelam nisso uma grande sensatez O Evangelho nos lembra que quando os apóstolos se disputavam para saber quem entre eles era o maior, Nosso Senhor chamou uma criança e, pondo a mão sobre sua cabeça, lhes disse: “Digo-vos, aquele que ficará pequeno e humilde como uma criança, será o mais exaltado. Pois, quem se humilha será elevado e quem se eleva será humilhado.”

-Dama, os homens fazem bastante uso de um provérbio latino nas suas críticas às mulheres: “Deus criou a mulher para chorar, falar e tear”.

Resposta: “Certo, doce amiga, este ditado é verdadeiro, seja o que se pense ou diga dele, não se trata de uma crítica. Foi uma excelente coisa Deus ter lhes dado uma tal vocação, pois quantas não foram salvas por choro, fusos e palavras. E àqueles que as criticam por serem derramadas em lágrimas, lembrarei que Nosso Senhor Jesus Cristo, que lê no fundo das almas e de quem nenhum pensamento pode ser escondido, nunca teria condescendido, do alto de sua majestade, em derramar lágrimas de compaixão, lágrimas de seu corpo tão glorioso, ao ver Maria Madalena e sua irmã

chorando pela morte do seu irmão lázaro, que ele o ressuscitou, se ele acreditasse que as mulheres só choram por fraqueza e tolice. Oh! Quantos benefícios foram concedidos por Deus às mulheres graças às suas lágrimas! Ele não desprezou absolutamente aquelas de Maria Madalena; pelo contrário, tanto as aceitou que perdoou seus pecados e pelo mérito de tais lágrimas foi recebida gloriosamente no reino dos céus”.

“Ele também não desprezou as lágrimas da viúva chorando seu único filho que era levado da terra. Nosso Senhor vendo suas lágrimas, fonte de toda piedade, foi comovido e cheio de compaixão, perguntar-lhe: Mulher, por que choras?”, ressuscitando imediatamente seu filho. A Sagrada Escritura conta vários outros milagres, cuja lista seria bastante longa, que Deus fez em favor das lágrimas de muitas mulheres; e o faz a cada dia. Ouso afirmar que muitas dentre elas foram salvas pelas lágrimas de sua devoção, assim como aqueles e aquelas por quem elas clamaram. O glorioso doutor da Igreja, Santo Agostinho, não foi convertido, por sua vez, pelas lágrimas de sua mãe? Aquela mulher excelente chorava sem cessar, rogando a Deus que por favor iluminasse o coração de um filho pagão, insensível às luzes da fé. Santo Ambrósio, junto a quem a santa mulher ia freqüentemente implorar-lhe que pedisse pelo seu filho, disse-lhe a esse respeito: “Mulher, não acho impossível que tantas lágrimas sejam vãs.” Oh! Bem-aventurado Ambrósio! Tu que não consideraste frívolas as lágrimas de mulher! Eis como responder aos homens que as criticam! Pois, foi por causa das lágrimas de uma mulher que esse santo iluminado, o bem-aventurado Santo Agostinho, brilha no altar da santa Igreja, iluminando-o inteiramente com sua claridade! Que os homens calem-se sobre esse assunto!

“Desse mesmo modo, Deus deu a palavra às mulheres. E louvado seja ele por isso! Pois, se ele não o tivesse feito, elas seriam mudas! Contrariamente ao que diz o provérbio – que eu não sei quem o inventou exclusivamente com a intenção de

prejudicá-las -, se palavra de mulher fosse tão condenável e com tão pouca autoridade como dizem alguns, Nosso Senhor Jesus Cristo não teria nunca consentido que uma mulher fosse a primeira a anunciar o mistério tão glorioso de sua Ressurreição. Pois, ele mesmo mandou a bem-aventurada Madalena, a quem ele apareceu no primeiro dia de Páscoa, levar a notícia aos Apóstolos e a Pedro. Bendito e louvado sejas, Ó Deus, por, além dos infinitos dons e graças que fizestes e concedestes ao sexo feminino, terdes querido que uma mulher fosse a portadora de tão grande e digna notícia!

“Todos esses invejosos fariam melhor se calarem, se pelo menos se dessem conta. Dama, disse eu, estou rindo de uma loucura que alguns homens contam, e que me lembro ter ouvido até em sermões, por alguns pregadores estúpidos, que se Deus apareceu primeiramente a uma mulher, foi por ter certeza que ela não se calaria, e que a notícia de sua Ressurreição iria o mais rápido possível espalhar-se.”

Resposta: “Filha, fizeste bem em chamá-los de loucos aqueles que contaram isso, pois eles não se contentam em criticar as mulheres, e conferem a Jesus Cristo tal blasfema, ao dizer que uma tão coisa santa e tão perfeita tenha sido revelada por um vício. Eu não sei como eles ousam sugerir isso, mesmo que seja na brincadeira, pois Deus nunca deve ser um assunto de zombaria. Mas, voltando a nosso primeiro assunto, foi uma benção para aquela mulher Cananéia ser muito falante, e ter seguido Jesus pelas ruas de Jerusalém, gritando e suplicando sem cessar: “Tende piedade de mim, Senhor, pois minha filha está doente!” E o que fez, então, o Deus bendito? Ele, em quem toda misericórdia sempre há de abundar, a quem uma única palavra apenas é suficiente, se é vinda do coração, para acordar uma graça? Parece que ele se deleitou com tantas palavras saídas da boca daquela mulher, que perseverava incansavelmente nas suas orações. Mas, por que fazia isso? Foi para provar sua constância: pois, quando ele a comparou com um cachorro pareceu que foi bastante rude, por ela ser de uma religião

diferente e não da divina. Ela não hesitou em responder-lhe sabiamente e sem constrangimento: “Senhor, isto é verdade, mas os cachorros vivem das migalhas que caem da mesa do dono.” Oh! Digníssima mulher! Quem te ensinou a falar assim? Foi a pureza da tua alma que te inspirou tais sábias palavras, levando a tua causa, viu-se claramente quando Nosso Senhor Jesus Cristo, voltando-se em direção a seus apóstolos, disse que na verdade nunca em todo Israel ele havia encontrado tanta fé, atendendo, em seguida, a sua prece. Ah! Impossível negar tal honra concedida ao sexo feminino, que os invejosos esforçam-se em denegrir, considerando que Deus encontrou no coração de uma pequenina e humilde mulher de raça pagã mais fé do que em todos os bispos, príncipes, padres e todo povo judeu reunido, eles que se dizem o povo eleito de Deus? A mulher de Samaritana que tinha vindo buscar água no poço onde Jesus Cristo estava sentado, cansado, dirigiu-se mais uma vez a ele, rogando a seu favor. Oh! Bendito seja este santo corpo no qual se encarnou a Divindade! Como permitiste abrir tua santa boca para oferecer todas essas palavras de proteção a uma pequena e humilde pecadora que não era nem da tua fé? Demonstraste bem o quanto não tens desprezo pela devoção do sexo feminino! Deus! Por quanto nossos pontificais de hoje dirigiriam a palavra a uma simples e humilde mulher, mesmo para sua salvação?

“E não falou menos sabiamente esta mulher que assistiu a um sermão de Jesus Cristo e inflamou-se com suas santas palavras. Já que dizem que as mulheres não sabem calar-se, foi uma coisa excelente quando ela levantou-se cheia de entusiasmo, para gritar no meio da multidão essa frase, solenemente trazida do Evangelho: “Bendito sejam o ventre que te carregou e as mamas que te alimentaram!”

“Deves, então, ter entendido, bela e doce amiga, que se Deus consentiu a palavra às mulheres, foi na verdade para que elas se sirvam. E, não se deve criticar nelas aquilo

em que residem tantos benefícios e tão poucos males. Pois, raramente observou-se suas palavras provocarem algum dano.

No que diz respeito ao fiar, é verdade que Deus tenha querido que isso fosse de sua vocação, pois é um trabalho necessário ao serviço divino e à manutenção de toda criatura racional, sem o qual o mundo viveria na maior dissolução. E é um cúmulo de perversidade criticar as mulheres por aquilo que elas deveriam ser reconhecidas com muita honra e louvor.

XI. CHRISTINE PERGUNTA A RAZÃO POR QUE AS MULHERES SÃO EXCLUÍDAS DO JUDICIÁRIO, E A RESPOSTA.

“Nobre e honrada Dama, vossas excelentes explicações me satisfazem plenamente. Mas disse-me ainda, se preferi, por quê as mulheres não discutem diante de tribunais, não instrui os processos, nem dão as sentenças? Dizem os homens que teria sido pela má conduta de uma certa mulher em um tribunal.”

“Filha, são coisas ditas de má fé a origem dessa história frívola. Mas, querer perguntar sobre as causas e as razões de tudo, é impossível. Nem mesmo Aristóteles, que explicou tantas coisas no seu livro *Problemas* e ainda em *Categorias*¹⁴², e que traz respostas a tantos fenômenos naturais, foi suficiente. Mas, quanto a essa questão, bela amiga, poderíamos da mesma forma nos perguntar por quê Deus não ordenou que os homens façam os trabalhos das mulheres e elas façam os dos homens. Quanto a isso, deve-se responder que um mestre consciente, que pensa em tudo, sabe dividir bem as tarefas para que cada um tenha uma atividade diferente, e assim, aquilo que um faz, o outro não faz. Deus estabeleceu, então, que o homem e a mulher deveriam servi-lo de modo diferente, ajudando-se e confortando-se mutuamente, cada um no que lhe compete. A cada sexo, ele estabeleceu a natureza e inclinação necessárias para cumprir

¹⁴² *Problemas* (Προβλήματα, Problemata) e *Categorias* (Κατηγοριαι, Categoriae).

seus deveres, mesmo se a espécie humana muitas vezes abusa do que lhe foi confiado. Aos homens, Deus deu a força física e a coragem de ir, de vir, de falar sem temor; e é pela natureza dos homens ser assim, que eles aprendem as leis e devem fazer para manter a justiça no mundo. E, se alguém recusar obedecer à lei estabelecida, promulgada conforme ao Direito, tem que ser detido pela força do corpo e potência das armas; tal execução que as mulheres não poderiam nunca fazer. E mesmo Deus tendo lhes acordado uma inteligência muito viva, não seria conveniente, visto a honestidade que lhes é própria, elas irem procurar discussão diante de juizes, como fazem os homens, pois já existem muitos que agem assim. E para que mandar três homens levar uma carga que dois podem tranquilamente levantar sem peso?

“Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova justamente o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afim que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente.

XII. ONDE SE FALA DA IMPERATRIZ NICOLE.

“Eu te peço, diga-me se já existiu algum rei de saber maior em matéria de ordem pública, de governo, de justiça, e mesmo em matéria de viver suntuosamente, do que a

nobre imperatriz Nicole? Nesses numerosos países vastos e extensos onde ela reinava, existiu antes dela muitos reis de grande renome, chamados faraós, dos quais ela descendia. Esta dama foi quem primeiro instaurou em seu reino a lei e a ordem públicas, destruindo e colocando fim nas maneiras de viver grosseiras dos lugares onde ela governava, abrandando os costumes brutais dos Etíopes bárbaros. Esta mulher é tão louvável, de acordo com os autores que falam dela, que conseguiu abrandar a rudeza dos outros. Ela foi herdeira daqueles faraós, quer dizer, não mais de um pequeno país, mas dos reinos da Arábia, da Etiópia, do Egito e da ilha Meroé - ilha bem comprida e larga, onde todos bens abundam, situada no meio do Nilo -, ali ela governava com prudência exemplar. Que mais te dizer sobre essa dama? Ela foi tão sábia e seu império tão grande, que mesmo a Santa Escritura fala de sua grande virtude. Ela mesma promulgou as justas leis pelas quais seu povo era governado. Pela grande nobreza e por todas as suas riquezas, ela superou quase todos os homens que já existiram. Ela era dotada e especialista nas Letras e nas Ciências, e de tão grande coragem que desprezou o casamento, e nunca quis homem ao seu lado.

XIII. ONDE TRATA DE UMA RAINHA DA FRANÇA QUE SE NOMEOU FREDEGUNDA (E EM SEGUIDA ALGUMAS RAINHAS E PRINCESAS DA FRANÇA).

“Poderia falar-te ainda de damas que sabiamente souberam governar em tempos passados. Havia na França uma rainha chamada Fredegunda, esposa do rei Quilpérico. Apesar de sua crueldade, incomum à natureza feminina, esta dama governou a França com muita sabedoria, após a morte do seu marido, em um momento de forte perigo e instabilidade, pois o único herdeiro do pai era um filho de pouca idade, chamado Clotário. Havia grande divisão entre os barões em assuntos governamentais, além disso, o reino estava passando por uma grande guerra. Mas, essa dama sempre segurando seu filho nos braços; chamou os barões em assembléia e disse-lhes: “Senhores, eis vosso rei.

Não esqueci que a lealdade sempre foi o apanágio dos franceses. Não desprezai a tenra idade dessa criança, pois, com a ajuda de Deus, ele crescerá; e quando tiver idade para reinar, ele saberá reconhecer seus verdadeiros amigos e os recompensará de acordo com seus méritos. Não cometeis o erro e pecado de deserdá-lo. Quanto a mim, asseguro-vos que aqueles que me forem leais e fieis serão recompensados tão generosamente que não haverá vantagem melhor.” Foi assim que a rainha acalmou os barões, arrancando seu filho das mãos de seus inimigos, alimentando-o e educando-o ela mesma até ele ficar adulto, e receber dela a coroa e a honra do reino. Tudo isso não teria acontecido se não fosse a sabedoria dessa mulher.

“Pode-se falar o mesmo da sábia, virtuosa e nobre rainha Branca, mãe de São Luís, que, até seu filho ficar maior de idade, governou o reino da França, com tanta nobreza e sabedoria, que nunca nenhum homem fez um governo melhor. Pela sua grande experiência, continuou sendo chefe do conselho, e nada era feito sem ela, e até na guerra acompanhava seu filho.

“Poderei contar-te infinitas outras, mas calo-me para ser breve. Todavia, já que começamos a lembrar das damas do reino da França, não preciso ir buscar muito longe: tu deves ter conhecido na tua infância a rainha Joana, viúva do rei Carlos IV. Veja se tens na memória os grandes benefícios testemunhados pela fama desta dama, tanto pela nobreza de sua corte, pelo estilo de vida e pelo senso de justiça. Nunca nenhum príncipe soube melhor do que ela administrar a justiça e defender os interesses das suas terras.

“Assemelhou-se muito a ela sua nobre filha, esposa do duque de Orleans, filho do rei Felipe. Durante sua viuvez, soube tão bem manter a justiça na sua região, que não se poderia ter feito melhor.

“Do mesmo modo, a rainha da França, Branca, esposa de João, que administrou suas terras e reinou com grande senso de justiça e respeito ao direito”.

“E que dizer da valorosa e sábia duquesa de Anjou, filha de Carlos de Blois, duque da Bretânia, e esposa do irmão mais novo do sábio rei Carlos da França, que se tornou rei da Sicília? Como ela soube manter a espada da justiça sempre elevada nas suas terras e nas regiões, tanto na Provença, como por onde governou e conservou até os três nobres filhos crescerem! Oh! Como homenagear todas as virtudes dessa dama! Na juventude, foi de tão soberana beleza que ultrapassou todas as outras damas, e tão sábia e casta; na maturidade, como tínhamos visto, governou com tanta habilidade, força e constante coragem. Depois da morte de seu senhor, na Itália, a Provença se rebelou contra ela e seu nobre filho. Mas essa grande dama que lutou muito, tanto com a força, tanto com a doçura, que conseguiu pôr ordem e obediência nas suas terras, fazendo reinar as leis da justiça, que nunca se ouviu falar em reclamação, nem queixa contra ela.

“Poderei continuar contando sobre outras damas da França que durante sua viuvez soube governar a si próprias e as suas terras. Que dizer da Condessa de La Manche, dama e condessa de Vendôme e de Castres, grande proprietária de terra, que está ainda entre nós? Será que não procura tomar conhecimento de como e de que maneira a justiça é mantida nas suas terras? Ela mesma com nobreza e sabedoria se ocupa disso. Que mais posso falar? Asseguro-te que poderei dizer o mesmo, de damas de alta, média e baixa condições, que quando viúvas mantiveram e mantêm seus domínios no mesmo estado que seus maridos deixaram, e que são da mesma forma apreciadas pelos seus súditos. Mulheres como essas existem em grande número, e não há dúvida que isso desagrada aos homens. Certamente há mulheres parvas, mas o maior número é de mulheres inteligentes, mais vivas e mais perspicazes do que uma multidão de homens, não é mesmo? E se seus maridos as considerassem ou fossem sensatos como elas são, isto seria muito benéfico e proveitoso para eles.

Mesmo se as mulheres não exercem em geral atividades do judiciário, nem promulgam as sentenças, não devem se lamentar: pois assim têm uma tarefa a menos para carregar espiritualmente e fisicamente. Quando é necessário punir os malvados e render justiça a todos, são muitos os homens desse ofício que gostariam de não saberem de nada, como suas mães. Pois, se todos seguem o caminho justo, Deus sabe quanto é grande a punição, quando se comete um crime.

XIV. MAIS DEBATES E ARGUMENTOS ENTRE CRISTINA E RAZÃO.

“Certo, Dama, vós falais muito bem e concordo plenamente com o que dizeis. Todavia, qualquer que seja a inteligência delas, todo mundo sabe que as mulheres têm um corpo fraco, delicado e privado de força, e que são por natureza covardes. Tais características, segundo o julgamento dos homens, diminuem muito o valor e a autoridade do sexo feminino. Pois eles dizem que mais o corpo é imperfeito, mais o caráter é menor. Conseqüentemente, as mulheres seriam menos dignas de louvor.”

Resposta: “Cara filha, esta conclusão é errada e difícil de ser sustentada. Pois, observa-se que geralmente quando a natureza não conseguiu dar a dois corpos a mesmo grau de perfeição, o tornando sob algum aspecto imperfeito ou deformado, ou na forma ou na beleza, ou por alguma impotência ou fraqueza em alguma parte, ela o recompensa com um dom bem maior do que aquele que ela o privou. Por exemplo: conta-se que o grande filósofo Aristóteles era muito feio, com um olho mais baixo do que o outro e com fisionomia estranha, mas se ele apresentava alguma deformidade no corpo, Natureza o recompensou grandiosamente, dando-lhe uma extraordinária capacidade de raciocinar e de pensar, como se pode ver, pela autoridade de seus escritos. Assim, mais lhe valeu esta grande inteligência do que se tivesse tido um corpo como aquele de Absalão.

“O mesmo pode-se dizer do imperador Alessandro, que era muito pequeno, feio e de corpo nada robusto. No entanto, como se sabe, a coragem era sua grande virtude. E assim aconteceu com muitos outros. Prometo-te, bela amiga, que um corpo grande e forte, não é garantia de uma grande virtude e grande coragem. Pois isso é um dom natural que Deus concede a algumas criaturas mais racionais do que as outras; e que reside no interior e não na força do corpo ou dos membros. Vemos freqüentemente homens grandes e fortes, mas fracassados e vis, e outros pequenos e fracos que são ardis e vigorosos; o mesmo acontece como outras virtudes. E quanto a robustez e força física, Deus (e Natureza) prestaram um grande serviço às mulheres fazendo-as fracas: graças a este agradável defeito, elas são justificadas de não cometerem crueldades horríveis, homicídios e crimes, que foram e continuam sendo cometidos em nome da força. Assim, elas não sofrerão as punições que esses atos requerem. Teria sido melhor para muitos homens fortes se tivessem passado sua peregrinação aqui na terra em um fraco corpo feminino. Mas voltando ao assunto, digo-te que na verdade, se natureza não dotou o corpo das mulheres de uma grande força física, recompensou dando-lhes muitas virtudes, como amar seu Deus e temer pecar contra seus mandamentos; aquelas que não se comportam assim pervertem sua natureza.

“Todavia, saiba, cara amiga, que se Deus quis mostrar expressamente aos homens que as mulheres não têm a mesma audácia e força física que normalmente têm os homens, não significa que eles devam dizer, e tampouco acreditar que o sexo feminino seja completamente desprovido de força e audácia. Muitas mulheres demonstraram muita força, coragem e robustez para empreender e realizar muitas coisas, como fazem os homens importantes, valorosos e importantes conquistadores, dos quais os escritos falam tanto. Darei-te agora alguns exemplos.

“Bela e cara amiga, agora que te preparei as grandes e profundas escavações, cavando toda a terra, e carregando-a sobre meus próprios ombros, é hora de assentar as grandes e fortes pedras dos alicerces para construir as muralhas da Cidade das Damas. Pegue então a pá de tua pluma e prepara-te para construir e trabalhar com grande empenho. Aqui está uma grande pedra que gostaria que fosse a primeira a ser assentada na fundação da tua Cidade. Pode-se ver nos signos astrais que Natureza a predestinou a ser colocada e incorporada a esta obra. Afasta-te um pouco e eu colocarei para ti esta primeira pedra”.

XV. SOBRE A RAINHA SEMÍRAMIS

“Semíramis foi uma dama de muito virtude, força e coragem exemplar no exercício e prática das armas. Era tão excelente que as pessoas pagãs, de então, sustentavam que pelo imenso poder que detinha na terra e no mar, era irmã do deus Júpiter e filha do velho deus Saturno, que diziam ser o deus da terra e do mar. Esta dama foi a esposa do rei Nino, que deu o nome à cidade de Nínive, e tornou-se um grande conquistador graças à ajuda de Semíramis, que cavalgava ao seu lado em todos os campos de batalha. Ele conquistou a grande Babilônia, e um vasto território dos Assírios e muitos outros países. Esta dama era ainda jovem, quando Nino foi morto por uma flecha, durante um ataque a uma cidade. Depois de celebrar solenemente as pompas fúnebres, como se convinha, a dama não demorou a retomar o exercício das armas. Assim, redobrada de força e coragem, reinou com mais firmeza ainda o seu reino, que compreendia suas terras e as do marido, tanto aquelas fruto de herança, como as que haviam sido conquistado através da espada. E tudo aquilo ela soube brilhantemente conservar e com a grande disciplina da ordem de cavalaria. Desse modo, ela realizou tantas obras e tão notáveis que nenhum homem a superou em força e em vigor. Esta dama de tão grande coragem, nada temia, nem esmorecia diante de qualquer

perigo. Ao contrário, expunha-se a todos com tanta excelência que ela venceu todos os adversários que acreditaram poder retirar dela todas suas conquistas. Era tão temida como guerreira que, não apenas manteve os territórios já conquistados, mas, comandando um grande exército, invadiu as terras da Etiópia, combatendo com muita bravura até conseguir anexá-las ao seu império. Dali, partiu para Índia, atacando com força os indianos, aos quais ninguém nunca havia declarado guerra, vencendo e dominando-os. Em seguida prosseguiu em direção a outros territórios, até conseguir, para ser breve, conquistar todo o Oriente, e submetê-lo à sua lei. Além dessas notáveis e numerosas conquistas, Semíramis reconstruiu e reforçou as fortificações da cidade de Babilônia, fundada por Nemrod e os gigantes, que era situada na planície de Samaar. Essa cidade era grande e com extraordinariamente força e crueldade. Mas, ela fez construir novas fortificações e grandes e profundos fossos em volta. Um vez, Semíramis, estava em seu quarto, com suas damas de companhia a penteando, trouxeram-lhe a notícia de que um de seus reinos havia se rebelado contra ela. Levantou-se imediatamente, jurando pelo seu reino que a parte do cabelo que havia ficado solta não seria nunca mais feito trança se ela não conseguisse reaver o controle daquele território. Armou prontamente uma multidão de seu povo, correu até os rebeldes e com força e vigor extraordinários conseguiu dominá-los. Assustou assim não apenas aqueles rebeldes, mas também os outros povos, de tal maneira que ninguém mais ousou rebelar-se. Como lembrança deste feito tão nobre e corajoso, ergueu-se como testemunho durante muito tempo uma estátua grande de bronze, em um alto pedestal na Babilônia, representando uma princesa que carregava uma espada em uma mão, cujos cabelos estavam amarrados só de um lado. Essa rainha fundou e fez construir várias cidades novas e fortes, realizando muitas outras obras. De nenhum homem se descreveu coragem maior ou atos mais extraordinários e dignos de memória.

“É bem verdade que muitos a criticaram- e com todo direito, se ela tivesse vivido sob nossas leis - pelo fato dela ter se casado com um filho que ela havia tido com Nino, seu esposo. Mas, os motivos que levaram-na a fazer isso foram dois: o primeiro é que ela não quis que no seu império tivesse outra dama coroada além dela, o que seria inevitável se seu filho se cassasse com outra; e outro motivo é que para ela nenhum outro homem era digno de tê-la como esposa, a exceção de seu próprio filho. Mas, apesar de ser um pecado muito grande, essa dama não tem que se desculpar, pois ainda não havia lei escrita na época. As pessoas viviam assim, agindo como melhor lhe parecesse, segundo a lei da Natureza, sem que fosse considerado pecado. Não há dúvida de que se ela pensasse que estaria agindo mal ou que poderia ser repreendida por isso, não teria se comportado assim, pois ela tinha um coração muito nobre e generoso, e prezava muito pela sua honra.

“Está posta agora a primeira pedra das fundações de nossa Cidade. Agora devemos assentar uma grande quantidade de outras pedras para fazer avançar nossa construção.

XVI. AS AMAZONAS

“Nos confins da Europa, existe uma terra circundada pelo grande oceano, que enlaça todo o mundo. Esta terra se chama Sicília, ou Sicilia. Um dia, os efeitos devastadores da guerra terminaram privando aquela cidade de todos os homens nobres que ali viviam. As mulheres do país, vendo que todas haviam perdido seus maridos, irmãos e pais, e só restavam os velhos e as crianças, reuniram-se corajosamente para decidir o que fazer. No final, deliberaram que daquele momento em diante elas iriam governar o reino sem tutela masculina, promulgando um edital proibindo o acesso de qualquer homem em seu território. Todavia, para assegurar uma descendência, elas

iriam a países vizinhos em determinadas épocas do ano, voltando em seguida ao seu país: se dessem a luz a crianças do sexo masculino, elas reenviariam aos seus pais, e se ao contrário fossem do sexo feminino, cuidariam de sua educação. Para garantir a aplicação dessa lei, coroaram como rainhas, duas de suas damas mais nobres: uma que se chamava Lampedo e a outra Marpasia. Feito isso, expulsaram do país todos os homens que tinham restado, em seguida armaram-se e com um grande exército completamente formado de damas e moças jovens, e caminharam até as terras de seus inimigos, a ferro e a fogo. Nenhum conseguiu resistir: para ser breve, vingaram-se muito bem da morte de seus maridos. Foi assim que as mulheres da Sicília começaram a usar armas, e foram depois chamadas de Amazonas, que significa “privadas do seio”. Pois, tinham o hábito de queimar, com uma técnica particular, o seio esquerdo das moças de alta nobreza, para que elas não sejam incomodadas ao carregar o escudo; às menos nobres, que deviam atirar com arco, arrancava-lhes o seio direito. Tomaram tanto gosto com a prática das armas que conseguiram expandir seu território e ganhar fama em todo o mundo, como já te havia dito. Aquelas duas rainhas Lampedo e Marpasia invadiram muitos países, cada uma comandando um exército. Tanto fizeram que conquistaram grande parte da Europa e da Ásia, submetendo muitos reinos ao seu domínio e às suas leis. Fundaram diversas cidades: até na Ásia, onde a cidade de Efeso gozou durante muito tempo de um grande renome. Dessas duas rainhas, a primeira a morrer foi Marpasia, em uma batalha, então, no seu lugar as Amazonas coroaram uma de suas filhas, virgem, nobre e bela, que se chamava Sinoppe. Ela era tão orgulhosa e corajosa que nunca quis unir-se a nenhum homem, ficando virgem toda sua vida. E não teve outro amor nem prazer além das armas. Nada mais podia satisfazer sua sede de conquistas. Vingou a morte de sua mãe de maneira exemplar: todos os habitantes do

país onde sua mãe foi morta foram levados ao fio de espada e suas terras devastadas; e conquistou ainda muitos outros países.

XVII. SOBRE TOMIRIS, RAINHA DAS AMAZONAS.

Assim, como podes ver, as Amazonas souberam manter vigorosamente e por muito tempo seu reinado. Numerosas damas valentes se sucederam umas às outras como rainha. Contentarei-me em citar apenas as mais importantes delas, pois a leitura ficaria cansativa.

“Reinou naquela terra a sábia, corajosa e nobre Tomiris: graças à sua sabedoria, prudência e força conseguiu vencer e aprisionar Ciro, o forte e poderoso rei persa, que havia feito maravilha e conquistado a grande Babilônia e mesmo uma grande parte do mundo. Assim Ciro, depois de muitas conquistas seguiu em direção ao reino das Amazonas, na esperança de submetê-lo ao seu poder. A sábia rainha, quando soube através de suas espiãs que Ciro estava chegando com um grande exército, capaz de conquistar o mundo inteiro, se deu conta que seria impossível conseguir vencer pela força e que seria conveniente agir com prudência. Quando, como valente comandante, soube que Ciro já havia se adentrado nas suas terras, pois ela o tinha deixado avançar sem apresentar nenhuma resistência, armou todas suas Amazonas e as colocou em emboscada em pontos estratégicos nas montanhas e nos bosques, onde Ciro era constricto a passar. Assim, no momento exato, a rainha fez tocar a trombeta. Ciro que não desconfiava de nada, se viu em apuros, sendo atacado por todos os lados. Por cima das altas montanhas as guerreiras lançavam grandes e pesadas rochas, esmangando-os: eles não podiam nem avançar nem recuar por causa do terreno. Se, na frente, havia uma emboscada, impedindo-os de prosseguir, atrás igualmente as guerreiras haviam preparado outra, conseguindo assim massacrá-los. Todos foram, dessa forma,

esmagados e mortos, a exceção de Ciro e seus barões que a pedido da rainha foram capturados e trazidos com vida até um pavilhão que havia sido construído ali para ela. Pela grande ira que sentia por Ciro, por ter mandado prender e matar um filho seu, ela não teve piedade dele e mandou degolar a cabeça de todos seus barões diante dele, dizendo em seguida: “Ciro, pela tua crueldade e pela tua sede de sangue humano, agora poderás beber à vontade”. E assim, cortou-lhe a cabeça colocando-a em uma bacia na qual havia recolhido o sangue dos barões.

“Bela e cara amiga, lembro-te essas coisas porque diz respeito ao tema do qual estou te falando, mesmo se conheces tão bem, visto que tu mesma já havias citado há algum tempo em teu *Livre de la mutacion de Fortune*, assim como em *Epistre de Othea*. Agora te darei mais exemplos”.

XVIII. COMO O FORTE HÉRCULES E TESEU SEU COMPANHEIRO VIERAM DA GRÉCIA EM GRANDES NAVIOS PARA ATACAR AS AMAZONAS, E COMO EM UM MONTE, AS DUAS VIRGENS MANALIPA E HIPÓLITA ENFRENTARAM-NOS, COM CAVALOS E TUDO, E COMO NO FINAL OS DOIS CAVALEIROS CONSEGUIRAM A VITÓRIA SOBRE AS DUAS JOVENS, APESAR DA FORÇA ENORME QUE ELAS TINHAM.

“Que mais devo dizer-te? As Amazonas fizeram tanto, graças à sua força física, que foram temidas e respeitadas em todas as partes. Sua fama chegou até a Grécia, que era bastante longe: falava-se de como elas continuavam invadindo e conquistando terras, e como devastavam aquelas regiões que não se rendiam imediatamente, comentava-se também que não se tinha nenhuma força capaz de opor-se a elas. Isso deixou os gregos assustados, temendo que o poder das Amazonas se estendesse até às suas terras.

“Vivia na Grécia, no auge da sua juventude, o forte e extraordinário Hércules. Conquistou na sua época tantas maravilhas graças à sua força física, que jamais foi mencionado na história outro homem assim. Ele combatia gigantes, leões, serpentes e

monstros fabulosos e sempre obtinha vitória. Em suma, era tão forte que nenhum outro homem o igualava, exceto Sansão. Hércules disse que não era o caso de esperar um ataque das Amazonas, melhor seria invadi-las primeiro. Então, mandou abastecer os navios com armas e reuniu um grande número de jovens nobres para irem com toda força. Quando o valente e nobre Teseu, que era rei de Atenas, soube dessa notícia, disse que não poderiam ir sem ele. Assim, uniu seu exército ao de Hércules, e navegaram em grande número, dirigindo-se até o país das Amazonas. Ao se aproximarem, apesar da sua força extraordinária, sua coragem e o grande número de guerreiros valentes que o acompanhavam, Hércules não ousou invadir aquelas terras durante o dia, temendo a força e a coragem delas. Seria difícil de acreditar, se não fosse os depoimentos de tantas histórias, que aquele homem invencível pela sua potência física temesse a força daquelas mulheres. Então Hércules e seu exército esperaram a calada da noite, hora em que todas as mortais repousam e dormem, para saírem de seus navios, invadirem a cidade e atacarem as Amazonas que, pegas de surpresa, não estavam em estado de alerta. Porém, em pouco tempo, foi dado o alarme, todas se armaram rapidamente e o mais breve possível puseram-se a correr em massa em direção aos inimigos no mar.

“Reinava então sobre as Amazonas a rainha Oritia, dama de muita bravura que havia conquistado muitas terras, mãe da valorosa rainha Pentésiléia, de quem falaremos adiante. Oritia foi coroada depois da cavalheiresca rainha Antiope, que havia governado e dirigido as Amazonas fazendo reinar a disciplina militar; era no seu tempo a mais corajosa das guerreiras. Inútil perguntar qual não foi a ira de Oritia ao saber que os gregos tinham vindo atacá-las à noite traiçoeiramente, massacrando-as sem piedade. Quis então fazê-los pagar, ameaçando-os violentamente, sem nenhum temor, no comando de todas as batalhas. Precisavas ter visto aquelas mulheres carregando as armas e reunindo-se em torno de sua rainha. No raiar do dia todas estavam prontas.

“Enquanto elas se reuniam e a rainha organizava seu exército, duas valorosas jovens de muita coragem e bravura, as mais valentes e virtuosas de todas, uma chamada Manalipa e a outra Hipólita, parentes bem próximas da rainha, não quiseram esperar as tropas da rainha. Depois de armarem-se o mais rápido possível, com lanças nos punhos, fortes escudos de pele de elefante pendurados ao pescoço, e com velozes cavalos de batalha, dirigiram-se até o porto. Com grande entusiasmo e cegas de ira e furor, jogaram-se, com as lanças abaixadas, em cima dos dois mais bravos cavaleiros gregos, Manalipa contra Hércules e Hipólita contra Teseu. A ira delas era bem visível, pois apesar da força colossal, da temeridade e imensa coragem daqueles homens, as duas mulheres combateram tão violentamente que cada uma fez cair seu cavaleiro com cavalo e tudo, e elas, em seguida, caíram também, levantando-se rapidamente e atacando-os com a espada. Oh! Quanta honra merecem essas duas jovens por terem derrubado, elas, mulheres, os dois cavaleiros mais valentes do mundo! Seria impossível acreditar, se tantos autores creíveis não tivesse registrado em seus livros. Esses mesmos autores ficavam indignados com esse acontecimento, justificando Hércules, principalmente, haja vista sua força considerável, dizendo que seu cavalo não resistiu à força da pancada, assegurando que nada disso teria acontecido se ele estivesse a pé. Os dois cavaleiros envergonharam-se de terem sido derrubados pelas duas jovens. Elas combateram bravamente com as espadas durante muito tempo levando vantagem na batalha. Mas, por último – e que maravilha, pois nunca mais se viram duplas similares a elas- as jovens foram feitas prisioneiras.

“Hércules e Teseu ficaram tão orgulhosos de tal captura que não as trocariam pelas riquezas de uma cidade inteira. Recolheram-se em seus navios, para se desarmarem e se refrescarem, acreditando terem obtido uma grande conquista. Renderam muita honra às duas damas e, quando viram-nas tão belas e graciosas

desarmadas, dobraram suas alegrias. Nunca nenhuma captura pareceu-lhes tão agradáveis, e eles tiveram grande prazer em observá-las”.

“A rainha já estava indo em direção aos gregos com um grande exército, quando soube da notícia de que as duas nobres damas tinham sido feitas prisioneiras. Sentiu uma imensa dor, mas temendo o pior a elas, se fossem até eles, parou a tempo, e mandou duas de suas baronesas preveni-las que estariam prontas a entregá-las qualquer coisa como resgate. Hércules e Teseu receberam a mensagem com as honras devidas, respondendo de maneira cortês que se a rainha e seu exército quisessem fazer as pazes e promettessem nunca se armar contra os gregos, tornando-se um país amigo, eles estariam prontos a soltarem as duas damas sãs e salvas, sem exigir nenhum resgate, apenas suas armas, que eles gostariam de guardar para sempre, pela honra e como lembrança daquela vitória. A rainha, pelo desejo de reaver as duas jovens, que lhe eram muito caras, foi obrigada a fazer as pazes com os gregos. Depois de muita conversa, chegaram a um acordo: a rainha desarmada, em companhia de belas damas e jovens, vestidas todas com ricas e esplendorosas vestes, jamais visto pelos gregos, foi até eles para festejar solenemente a paz, e a alegria foi imensa. Todavia, Teseu tinha ficado muito triste em ter que devolver Hipólita, pois já sentia um grande amor por ela. Hércules tanto pediu e rogou à rainha, que obteve dela a mão de Hipólita para Teseu e a permissão para conduzi-la ao seu país. Depois das bodas matrimoniais, partiram os gregos. E assim Teseu levou consigo Hipólita, com quem teve depois um filho, chamado Hipólito, e que foi um cavaleiro de muito valor e grande renome. E quando na Grécia souberam que estavam em paz com as Amazonas, grande foi a alegria, porque na verdade não havia nada que eles temessem tanto.

XIX. SOBRE A RAINHA PENTISILÉIA E COMO ELA AJUDOU A CIDADE DE TRÓIA.

A rainha Oritia viveu durante muito tempo reinando sobre as Amazonas, com grande prosperidade e poder em ascensão, morrendo já com idade avançada. Depois dela, as Amazonas coroaram sua filha, a nobre e valorosa Pentésiléia, que sobre todas as outras levava a coroa da sabedoria, da virtude, da coragem e da proeza. Nunca se cansou de carregar as armas nem de combater; com ela o seu reino atingiu o auge de sua potência, pois ela não descansava nunca, e era tão temida por seus inimigos que ninguém ousava atacá-la. Essa dama era de tanta bravura que nunca se entregou a nenhum homem, permanecendo virgem toda a sua vida. Era a época da grande guerra entre gregos e troianos. Naquele tempo, todo o mundo louvava os feitos cavaleirescos e a bravura de Heitor de Tróia, como sendo o mais virtuoso dos homens, e excelente em tudo. Como é normal amar quem vos assemelha, Pentésiléia, que era a soberana entre as damas, escutando falar das proezas do virtuoso Heitor, pôs-se a sentir por ele um amor tão puro e profundo, não desejando nada além de encontrá-lo. Para satisfazer aquele desejo, partiu do seu reino com um enorme propósito: acompanhada de muitas damas e jovens de grande valor e ricamente armadas, tomou o caminho de Tróia. A estrada era longa, mas nada parece difícil nem longo para um coração que ama, e está carregado de desejo. Chegou a nobre Pentésiléia em Tróia, mas era tarde: encontrou Heitor morto, havia sido traiçoeiramente assassinado por Aquiles, em uma batalha, na qual morreu quase toda a fina flor da cavalaria troiana. Pentésiléia foi recebida com grande honra em Tróia pelo rei Priamo e a rainha Ecuba, e por todos os barões, mas tinha seu coração estava sofrendo tanto por não ter encontrado Heitor vivo, que nada a distraia. O rei e a rainha que choravam sem cessa a morte de seu filho, disseram-lhe que como ela não pôde encontrá-lo vivo, mostrar-lhe-iam o cadáver. Levaram-na então ao templo onde eles haviam mandado fazer a mais esplêndida e suntuosa sepultura que a história já registrou. Em uma rica capela, toda em ouro e pedras preciosas, diante do altar principal

de seus deuses, estava ali em um trono, o corpo de Heitor, embalsamado e ricamente vestido. Parecia ainda estar vivo. Com a espada nua na mão, parecia ainda ameaçar os gregos, com sua expressão altaneira. Estava vestida com uma túnica grande e larga, toda tecida de ouro fino e enfeitada com pedras preciosas que chegava ao chão cobrindo-lhe as pernas. Estas haviam sido envolvidas com um fino bálsamo que inalava um aroma muito agradável, perfumando todo o lugar. Os troianos veneravam aquele corpo como se fosse o de um deus. As diversas velas de cera acesas irradiavam uma grande claridade, e ninguém poderia estimar a riqueza que havia ali. Conduziram então a rainha Pentésiléia até o local, abriram a capela e, ao ver o corpo, ela ajoelhou-se, saudando-o como se estivesse vivo, depois aproximou-se, olhou atentamente seu rosto e chorando, dirigiu-lhes tais palavras:

“Ah! Flor suprema da cavalaria do mundo, exemplo de perfeição, excelência e sublime valor, quem de agora em diante poderá se orgulhar de proeza ou erguer uma espada, agora que está extinta a luz e o exemplo grandioso de nobreza? Pena! Sob que tristes auspícios nasceu o braço maldito e excomungado que ousou com seu ultraje privar o mundo de um tão grande tesouro? Oh, nobríssimo príncipe, porque Fortuna¹⁴³ quis me contrariar não permitindo estar ao vosso lado quando o traidor planejou essa emboscada? Pois, isso não teria acontecido, eu teria sabido protegê-lo. Se ele estivesse vivo agora, pensaria em vingar vossa morte, a grande ira e o sofrimento que me invade o coração de vos ver assim sem vida e sem poder falar, eu, que tanto desejava. Mas, como Fortuna quis assim e não pode ser de outra forma, juro por todos os deuses que cremos, prometo e dou minha palavra, meu caro senhor, que enquanto tiver vida, vingarei-me dos Gregos pela vossa morte. Assim, indignada diante do corpo,

¹⁴³ A personificação de Fortuna é bastante recorrente na obra de Cristina e na literatura medieval em geral e refere-se à figura do destino, da sorte, do fado. Achamos interessante conservar o mesmo termo em português, uma vez que o substantivo apresenta também nessa língua os dois significados: destino e riqueza.

Pentasiléia falava tão alto que muitos barões, damas e cavaleiros puderam escutar: com muita piedade, choravam tanto que não podiam partir. No final, beijando-lhe a mão que carregava a espada, deixou a capela, dizendo: “Oh! Dignidade e excelência da cavalaria, como deverias estar vivo, pois até morto vosso corpo dá testemunho de tanta nobreza!”. Foi-se então chorando tanto de cortar o coração; armou-se rapidamente e em companhia de seu exército, saiu da cidade para combater contra os gregos que os atacavam. Em suma, ela e suas guerreiras lutaram tão bravamente que, se tivessem vivido muito, os gregos não teriam voltado a Grécia. Venceu Pirro, filho de Aquiles e muitos cavaleiros valentes, golpeando-os com tanta força que quase os matou. Foi penoso o trabalho daqueles gregos que vieram ao seu socorro. Pensando que não escaparia, deram-no como morto, com muita tristeza, pois tinham depositado nele todas as esperanças. O ódio que Pentiseléia sentia pelo pai, transferiu para o filho. Abreviando a história, a virtuosíssima Pentasiléia combateu de maneira extraordinária por diversos dias com seu exército, enquanto os gregos encontravam-se capturados. Pirro, que se recuperava das feridas e sentia uma vergonha e uma dor tremendas por ter sido derrubado e abatido daquela forma, ordenou aos seus soldados, entre os mais valorosos, que fizessem de tudo durante a batalha para cercar Pentasiléia e separá-la das outras, pois queria matá-la com suas próprias mãos; prometeu-lhes uma grande recompensa. Foi preciso muito tempo e muito esforço para que os soldados de Pirro conseguissem, de tanto medo que tinham de se aproximar de Pentasiléia. Porém, depois de ter combatido com bravura um dia todo, e com tantas vitórias, apenas igualadas às de Heitor, ela estava, portanto, exausta. Eles então conseguiram cercá-la e separá-la de seu exército. Com ataques constantes, as damas apressaram-se para socorrê-la, mas não conseguiram. Apesar de defender-se com uma garra extraordinária, eles conseguiram destruir sua armadura e privá-la de uma grande parte do casco. Foi então que Pirros, vendo a cabeça dela

descoberta com seus cabelos loiros aparecendo, bateu-lhe tão forte na cabeça que o crânio e o cérebro partiram-se. Assim foi o fim de Pentésiléia, a valorosa, grande perda para os troianos e grande dor para seu país, causando um luto imenso, e com razão, porque nunca mais reinou sobre as Amazonas uma similar soberana.

“Como podes escutar, foi assim que foi fundado e se manteve o reino das mulheres, de grande poder, que durou mais oitocentos anos: podes verificar tu mesma, nos livros de história, o tempo compreendido entre a fundação até depois da conquista de Alexandre Magno, que conquistou o mundo na época. Naquele tempo, pelo que parece, ainda existia o reino das Amazonas. A história nos conta como Alexandre chegou em seu reino e foi recebido pela rainha e sua corte. Esse Alexandro viveu bem depois da destruição de Tróia, mais de quatrocentos anos depois da fundação de Roma, que é bem posterior a essa destruição. E se queres brincar de confrontar as várias crônicas e calcular o número de anos, perceberás que esse reinado teve uma duração imensa. Entre os reinos conhecidos com tal duração, não encontraremos príncipes mais nobres e numerosos, nem que tenham realizado atos mais gloriosos, do que foram e fizeram as damas e as rainhas daquele reino”.

XX. SOBRE ZENÓBIA, RAINHA DE PALMIRA

As Amazonas não foram as únicas mulheres de valor. A valente Zenóbia, rainha de Palmira¹⁴⁴, não foi menos digna de fama. Era uma dama nobilíssima que descendia dos Ptolomeus, reis do Egito. Sua coragem e proeza de cavaleira foram manifestadas desde a sua infância. Quando cresceu, ninguém pôde impedi-la que deixasse as cidadelas, palácios e quartos reais para ir morar no coração dos bosques e florestas. Ali, armada com sua espada e lanças, caçava com fervor animais selvagens, enfrentando-os

¹⁴⁴ Cidade da Síria, hoje conhecida como Tadmor

sem medo, e triunfando com muita facilidade. Não a incomodava o fato de dormir no bosque, na terra dura, sob sol e chuva. Sem temor algum, saía abrindo caminhos nas florestas, atravessando vales, escalando montanhas, para cassar animais. Essa virgem desprezava qualquer amor carnal e permaneceu intacta toda sua vida. Seus pais acabaram a obrigando a casar-se com o rei de Palmira. A nobre Zenóbia era de uma beleza perfeita, tanto de corpo quanto de rosto, mas ela não fazia caso nenhum. Fortuna lhe sorriu ao dar-lhe um esposo conforme sua personalidade e a vida que havia escolhido.

“Esse rei era de uma bravura excepcional. Ele decidiu conquistar pelas armas o Oriente inteiro e os impérios vizinhos. Naquele tempo Valeriano, imperador de Roma, era o prisioneiro de Sapor, rei dos persas. O rei de Palmira reuniu todos os exércitos. Então Zenenóbia, que não fazia nenhum esforço para guardar o frescor de sua tez, entregou-se com seu marido ao árduo exercício das armas, vestindo armaduras e participando de todos os esforços no exercício da cavalaria. O rei, que se chamava Odenato, encarregou Herodes, filho dele com uma outra mulher, de conduzir uma parte do exército como vanguarda contra Sapor, o rei persa, que naquele momento ocupava a Mesopotâmia. Em seguida, ordenou que Zenóbia, sua mulher, tomasse a frente da segunda fileira, armada com muita potência. Ele mesmo viria do outro lado, com a terceira parte do exército. A expedição seguiu então esse plano. Que devo dizer-te mais? Como podes ter lido nos livros de histórias, o desfecho foi o seguinte: essa valente dama Zenóbia, comportou-se com tanto valor, coragem e bravura, que venceu numerosas batalhas contra aquele rei de Persa, levando a vitória. Graças à sua proeza assegurou a Mesopotâmia ao seu marido. No final, atacou Sapo na sua cidade e o capturou à força, juntamente com suas concubinas, conquistando grandes tesouros.

“Depois dessa vitória, aconteceu que seu esposo foi assassinado por um parente que queria se apoderar do seu reino, mas não valeu de nada porque a dama de nobre coragem soube defendê-lo. Valorosa e valente assumiu a regência do império em nome de seus filhos menores. Coroou-se imperadora e governou com tanta habilidade, sabedoria e proeza de cavaleira, que nem Galeno, e depois dele, nem Cláudio, imperadores de Roma, apesar de ocuparem uma parte do Oriente, nunca ousaram nada contra ela. Da mesma forma, foram os Egípcios, os Árabes, os Armênios, que temiam tanto seu poder e sua firmeza que se contentavam em manter as fronteiras de suas terras. Esta dama soube governar tão sabiamente que foi muito honrada pelos seus príncipes e amada pelo seu povo, temida e respeitada pelos seus cavaleiros. Quando cavalgava com armas, o que acontecia com bastante freqüência, não se dirigia nunca a seus soldados sem antes ter vestido a armadura e colocado o casco, e quando ia para a batalha não se deixava ser levada em seu leito ambulante, como era costume entre os reis da época. Ela, ao contrário, ia sempre montada a cavalo. Algumas vezes mesmo, acontecia dela preceder o exército em incógnita para espiar seus inimigos. Anobre Zenóbia, além de superar na arte e estratégia militares todos os cavaleiros da época, superava também todas as outras damas em nobreza, retidão nos costumes e honestidade, tendo um estilo de vida extremamente sóbrio. Isso não a impedia de dar grandes festas e banquetes pra seus barões e para estrangeiros. Nessas ocasiões, ela se mostrava de grande generosidade e magnificência real, dando ricos e suntuosos presentes e sabendo atrair pessoas de bem, pelo seu amor e benevolência. Também foi de uma castidade exemplar: não só evitava os outros homens, mas apenas deitava-se com seu marido para assegurar a descendência, e isso, demonstrava-lhe abertamente, não se deitando com ele quando estava grávida. A fim de que todas as aparências exteriores ficassem em harmonia e conformes à realidade íntima, ela cuidava para que nenhum homem luxurioso e de vil

costume freqüentasse a corte, exigindo de todos aqueles que quisessem ter a sua graça um comportamento virtuoso e irreprochável. Ela prestava honras às pessoas de acordo com sua probidade, coragem e virtude, nunca pela riqueza ou pelo status, apreciando aqueles que mantinham costumes sóbrios e cavaleiros reconhecidos. Zenóbia vivia como uma imperatriz, e seus costumes reais com grande magnificência e gastos de acordo com os costumes persas, cujos hábitos eram os mais pomposos de todos os reis de então. Era servida com pratos de ouro e pedras preciosas, e vestida com os mais ricos trajes. Acumulou grandes tesouros de suas rendas e de seus bens próprios, sem nunca ter praticado extorsão, e doava-o generosamente. Jamais foi visto um príncipe com tamanho prodígio e munificência.

“Além de tudo isso, o cúmulo de suas virtudes, direi-te de maneira breve, estava no seu conhecimento das letras, tanto da dos egípcios, quanto da sua própria língua. Nas horas vagas, dedicava-se assiduamente aos estudos, e quis ser instruída pelo filósofo Longino, que foi seu mestre e a iniciou ao estudo da filosofia. Zenóbia sabia latim e grego, e nessas línguas, redigiu de forma breve e bastante elegante toda a história. Quis também que seus filhos que ela educava com muito zelo, fossem introduzidos ao estudo. Cara amiga, diga-me se já viste ou leste sobre algum príncipe ou cavaleiro mais completo em virtudes?

XXI. SOBRE A NOBRE RAINHA ARTEMISA

Não poderíamos dizer menos da nobre e excelente dama Artemisa, rainha de Caria, do que das outras valorosas damas. Ela amou o rei Mausolo, seu esposo, de um tão grande amor, que sua morte a deixou com coração partido. Como te explicarei mais adiante, foi deixado a essa dama um enorme país a ser governado. Mas, não se espantou com a idéia de reinar, pois ela tinha uma grande força de vontade, sábios costumes e

prudência para governar. Tinha ainda tanta coragem para a arte da cavalaria, e tão bem conseguia manter a disciplina militar que, em seguida de numerosas vitórias, seu nome começou a gozar de grande prestígio. Durante sua viuvez, além de governar de modo notável o país, pegou as armas diversas vezes, em particular em duas ocasiões memoráveis: uma vez em defesa do seu país, e outra para ser fiel à amizade e à sua palavra dada. A primeira vez foi quando seu esposo Mausolo morreu e os habitantes de Rodi, que eram vizinhos do seu reino, tiveram inveja e ficaram indignados com o fato de uma mulher governar Caria. Por isso, contando expulsá-la e tomar suas terras, enviaram contra ela um imenso exército e um grande número de navios, que se dirigiram até a cidade de Alicarnasso, situada em uma região elevada, chamada Caria, cercada pelo mar e muito bem fortificada. Aquela cidade havia dois portos: um no interior, digamos assim, escondido dentro da cidade, com uma entrada bem estreita, onde se podia entrar e sair do palácio sem ser visto de fora, nem de dentro da cidade; e o outro ficava junto aos muros da cidade. A sábia e valorosa Artemisa, ao saber pelos seus espiões que o inimigo se aproximava, armou os soldados que ela havia chamado em grande número. Antes de partir, ordenou aos habitantes da cidade e a certos homens de confiança que ela havia deixado propositadamente para realizar tal missão, que dessem sinal de paz, acolhessem os habitantes de Rodi, e os convidassem a entrar sem medo, chamando-os do muro e dizendo que podiam deixar suas naves e entrar na cidade, encaminhando-os até praça do mercado. Depois de dar essa ordem, Artemisa deixou a cidade com seu exército pelo porto interior e se dirigiu até o alto-mar sem que os inimigos se dessem conta. Depois de receber o sinal que eles já se encontrariam na praça, entrou pelo porto principal da cidade e atacou os habitantes de Rodi, com emboscadas em todas as partes da cidade. Conseguiu, então, com seu exército, matá-los e conquistar a vitória. Artemisa fez ainda mais: embarcou seu exército nos navios dos

inimigos e navegou até Rodi. Içando o sinal de vitória, fazendo acreditar que era o exército deles, que voltavam vitoriosos. Quando os habitantes do lugar os viram, alegraram-se muito e foram logo abrindo os portos, pensando que fossem seus homens. Artemisa entrou pelo porto, ordenou que uma parte dos soldados ocupasse o porto, e foi direto ao palácio, rendendo e matando todos os príncipes. E assim foram vencidos os habitantes de Rodi, que não desconfiaram dela. Artemisa se proclamou soberana da cidade e o restante da ilha não tardou a se render também. Depois de ter colocado a região toda sob seu domínio e ter fixado tributos, ela deixou uma guarnição e partiu. Mas, antes de deixar a ilha, mandou erguer duas estátuas de bronze: uma representando Artemisa triunfante e a outra a cidade de Rodi vencida.

“O outro fato notável entre aqueles realizados por essa dama, foi quando Xerxes, o rei persa, declarou guerra contra os lacedemônios¹⁴⁵. Sua terra já havia sido invadida por sua gente a cavalo, a pé, e por um grande exército, e sua costa cheia e ocupada por navios e naves, como se quisessem destruir toda a Grécia. Então, os gregos que haviam assinado um tratado de amizade com a rainha Artemisa, mandaram pedir-lhe ajuda. Ela não enviou ajuda, mas valorosa como era, foi pessoalmente com um exército enorme e se saiu tão bem que, para resumir, travou batalha contra os Xerxes e os aniquilou. Depois de tê-los vencido na terra, voltou ao navio e, ao se aproximar da costa de Salamina, os atacou. Na luta, a valente Artemisa estava entre os primeiros barões e cavaleiros de seu exército, os confortando e encorajando-os fervorosamente assim: “Vamos, meus irmãos e bons cavaleiros, façam com que a honra seja nossa. Mostrem-se dignos de glória e de renome, e eu não os negarei minha riqueza!” Concluindo, ela fez tanto e tão bem que conseguiu destruir Xerxes no mar, como havia feito na terra. Este fugiu vergonhosamente. E, no entanto, havia um imenso exército. Como testemunham

¹⁴⁵ Habitantes da Lacedemônia, ou Esparta; espartanos.

diversas histórias era tão grande que por onde passava, a água dos rios e fontes desaparecia. E foi assim que esta valente dama conseguiu tal nobre vitória, voltando gloriosamente ao seu país, com todas as honras.

XXII. SOBRE LILI, MÃE DO VALENTE CAVALEIRO TEODORICO.

“Mesmo não tendo lutado com armas na mão, não é importante louvar a coragem dessa dama Lili, que deu uma boa lição de moral ao seu filho, o valente cavaleiro Teodorico, para ele voltar ao combate, que pensas? Na época, ele era um dos grandes príncipes da corte do imperador de Constantinópolis. Era de grande beleza e muito hábil na arte da cavalaria. Além disso, graças à educação e instrução que havia recebido de sua mãe, era muito virtuoso e de irrepreensível conduta. Um dia, um príncipe nomeado Odoacre atacou os romanos para destruí-los assim como toda a Itália. Eles pediram socorro ao imperador de Constantinópoles. Este lhes enviou um grande exército chefiado por Teodorico, o mais supremo dos cavaleiros. Aconteceu que, combatendo em batalha campal contra Odoacre, a má sorte voltou-se contra ele, e o medo o levou a fugir para Ravena. Quando sua sábia e valorosa mãe, que observava atentamente a batalha, viu seu filho fugindo, sentiu uma imensa dor, pois ela estimava que não havia nada de mais vergonhoso para um cavaleiro do que fugir em batalha. Então, a grande nobreza de seu coração a fez esquecer qualquer sentimento de piedade materna, de tal maneira que preferiu ver seu filho morrer honradamente a vê-lo passar uma tal vergonha. Assim, ela correu ao seu encontro, o implorando que voltasse ao campo de batalha. Mas, como ele não prestava atenção em suas palavras, essa dama, tomada de uma ira fervorosa, tirou sua veste, dizendo-lhe: “Se queres fugir, meu filho, então volta ao ventre que te gerou!”. Então Teodorico ficou tão envergonhado que parou a fuga, reuniu a tropa e voltou à batalha. Inflamado de vergonha pelas palavras de sua mãe,

combateu com tanto ardor que destruiu os inimigos e matou Odoacre. E foi desse modo que a Itália, que corria o risco de ser destruída, foi liberada pela inteligência daquela dama. Por isso, ao meu ver, a honra dessa vitória deve ser atribuída mais à mãe do que ao filho.

XXIII. SOBRE A RAINHA FREDEGUNDA

Grande foi a coragem, demonstrada em batalhas, de Fredegunda, aquela rainha da França de quem já falei anteriormente. Como já escutaste falar, quando ela ainda amamentava seu filho Clotário, ficou viúva do rei Cílperico, e o reino foi invadido. Fredegunda falou então para os barões: “Senhores, não vos deixai abater pelo número de inimigos que nos ameaçam, pois elaborei uma estratégia que nos fará vitoriosos, basta confiardes em mim. Abandonarei todo temor feminino e armarei meu coração de coragem viril a fim de aumentar vossa bravura e a do nosso exército, pelo amor de vosso jovem príncipe. Assim avançarei diante de todos com ele entre os braços e me seguireis, e o que ordenar ao vosso comandante, também o fareis”. Os barões pediram para que ela comandasse, que eles a obedeceriam com prazer. Ela ordenou toda o exército, e em seguida, pôs-se na frente, cavalgando com seu filho entre os braços, seguida dos barões e do batalhão de cavaleiros. Assim, cavalgaram em direção do inimigo até a noite cair. Então, entraram em uma floresta. O comandante cortou um longo galho e todos fizeram o mesmo. Cobriram todos seus cavalos com as folhagens e alguns colocaram chocalhos e sininhos como se faz com os cavalos nos pastos. Cavalgaram daquele modo, em fila indiana, até o acampamento dos inimigos, tendo nas mãos os outros galhos frondosos. A rainha ia corajosamente à frente, com o reizinho nos braços, incentivando-os, com promessas e palavras doces, a melhor combaterem. Os barões que a seguiam ficaram bem emocionados e ainda mais decididos a defender seus

direitos. E quando eles acharam estar perto dos inimigos, pararam e permaneceram bem quietos. Quando o dia começou a raiar, as sentinelas do exército inimigo os perceberam e começaram a dizer um para o outro: “Vejam que maravilha! Ontem não havia nem bosque, nem floresta nos arredores, e vejam agora uma floresta bem grande e densa!” Vendo isso, outros responderam que o bosque já devia estar lá há muito tempo, pois seria impossível o contrário, e precisaria ser muito parvo para não tê-lo visto. Via-se bem que era uma floresta, pois se escutava o barulho dos chocalhos dos cavalos e dos animais que passavam. De repente, enquanto eles conversavam, sem suspeitarem de maneira alguma de que era uma armadilha, os soldados da rainha jogaram-lhes seus galhos. O que seus inimigos haviam achado que era um bosque revelou-se ser cavaleiros armados. Foi tão rápido o ataque que eles não tiveram tempo de se armar, pois a maioria dormia ainda. Os cavaleiros se espalharam através do acampamento, matando-os ou fazendo-os prisioneiros. E foi assim que conquistaram a vitória, graças à esperteza de Fredegunda.

XXIV SOBRE A VIRGEM CAMILA

“Poderia te citar tantas damas guerreiras e valorosas: a virgem Camila não foi menos que essas outras. Camila era filha do antigo rei dos Volsquis, chamado Matabo. Sua mulher morreu ao dar à luz, e pouco depois seu pai foi destronado pelo seu povo que se rebelou contra ele. E para salvar sua vida, ele foi obrigado a fugir, sem levar nada consigo, apenas sua filha Camila, que amava muitíssimo. Quando chegou a um rio que devia ser atravessado a nado, ficou desesperado, por não saber como fazer para a menina atravessar. Depois de ter refletido bastante, resolveu retirar grandes camadas dos troncos de árvores, para fazer uma embarcação semelhante a uma pequena nave. Colocou sua filha e amarrou ao seu braço resistentes liames de cipó. Assim, conseguiu

atravessar com sua filha, e se refugiar na floresta, evitando ser visto, por medo de emboscada de inimigos. Ele nutria sua filha com leite de cervas selvagens até que ficasse um pouco maior. Com o pêlo de animais que matava, vestia a si e à menina, servindo igualmente de cama e coberta. Quando cresceu, Camila começou a caçar os animais e matar com pau e pedras. Era mais rápida do que uma lebre, para capturá-los. Ela viveu assim até a idade adulta. Era um prodígio de rapidez e coragem. Tomando conhecimento pelo seu pai do que lhes tinha acontecido, sentiu-se forte e corajosa para pegar as armas e partir. Para ser breve, tanto fez e tanto lutou que com a ajuda de alguns parentes, ela reconquistou seu país pela força das armas, participando ela mesma das ferozes batalhas. Em seguida, continuou envolvida com a cavalaria, conquistando uma fama extraordinária. Todavia, era tão altera, que nunca quis casar-se, ou unir-se a um homem. Esta Camila foi a virgem que socorreu Turno contra Enéas, quando ele invadia a Itália, como fazem menção as crônicas.

XXV. SOBRE BERENICE, RAINHA DE CAPADOCE.

“Havia uma rainha em Capadoce de nome Berenice, nobre no sangue e na coragem, como convinha à filha do grande rei Mitridate, que dominava boa parte do Oriente. Essa mulher, que era a esposa do rei Ariarate de Capadoce, ficou viúva. Na sua viuvez, um irmão de seu defunto marido declarou guerra a ela e a seus filhos, para deserdá-los. Aconteceu que durante essa luta, em uma batalha o tio matou dois de seus sobrinhos, ou seja, os filhos dessa mulher. Berenice sentiu tanta dor que sua ira afastou qualquer temor feminino. Ela pegou as armas e atacou seu cunhado, que comandava o exército, e se bateu a tal ponto que acabou matando-o com suas próprias mãos, e em seguida, passou seu carro sobre o corpo, vencendo a batalha.

XXVI SOBRE A INTRÉPIDA CLÉLIA.

A nobre romana Clélia foi uma mulher sábia e corajosa, mesmo ela não tendo estado em guerra nem em campo de batalha. Aconteceu que os romanos, ao estabelecer a paz contra um rei que havia sido seu inimigo, aceitaram de enviar-lhe como garantia a nobre virgem Clélia com outras virgens romanas de linhagem nobre. Depois de algum tempo passado como refém, Clélia pensou que era uma grande desonra para a cidade de Roma que tantas virgens nobres fossem prisioneiras de um rei estrangeiro. Assim, Clélia armou-se de coragem e tanto fez que conseguiu enganar, com belas palavras e promessas, o sentinela, fugindo com as companheiras durante a noite. Chegaram até as margens do Tibre; ali, Clélia encontrou um cavalo que pastava no prado. Ela que nunca havia montado a cavalo, montou com uma de suas companheiras, e sem nenhuma hesitação ou temor da profundidade das águas, atravessou o rio. Assim, voltou para levar todas, uma por uma, fazendo atravessa-las sã e salvas e as reconduziu a Roma, aos seus familiares.

“A coragem dessa virgem foi muito apreciada pelos romanos e até o rei que as havia entregado como reféns alegrou-se. Os romanos, por conservarem pra sempre a lembrança desse fato, inauguraram uma estátua de Clélia que representava uma jovem a cavalo, colocando-a em um lugar alto, a caminho do templo, onde ficou por muito tempo.

“Acabamos aqui a fundação de nossa Cidade; precisamos agora construir a alta muralha que a circunda.

XXVII. CRISTINA PERGUNTA À RAZÃO SE DEUS JÁ DEU A HONRA À INTELIGÊNCIA FEMININA DE ALCANÇAR AS ALTAS CIÊNCIAS. RESPOSTA DE RAZÃO.

No final do seu discurso, perguntei à dama, que falava: “Dama, certamente Deus concedeu uma força maravilhosa às mulheres que mencionastes. Mas, ensina-me ainda,

por favor, se Deus, que lhes concedeu tantas graças, que honram o sexo feminino, não quis honrá-lo, privilegiando algumas delas com virtudes, grande inteligência e saber. Desejo muito saber se seriam possíveis tais habilidades, pois os homens afirmam que as mulheres são dotadas de fraca capacidade intelectual”.

Resposta: “Filha, por tudo que disse anteriormente, podes saber que é completamente o contrário tal opinião, e para te provar com maior clareza, te citarei alguns exemplos. Vou repetir e não duvides do contrário, pois se fosse um hábito mandar as meninas à escola e de ensiná-las as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles. Isso acontece, como mencionei anteriormente, por as mulheres terem os corpos mais delicados do que os dos homens, mais fracos e menos aptos para algumas tarefas, assim, elas têm a inteligência mais viva e mais aguçada, lá onde elas se aplicam.

“Dama, que disse? Peço-vos, explicai-me. Certamente os homens não admitiriam nunca tal afirmação se ela não for explicada mais claramente: diriam que todo mundo sabe que os homens têm mais conhecimento do que as mulheres”.

Resposta: Sabes por que são elas sabem menos?

“Dama, não, isso não me foi dito”.

“Sem dúvida, é por elas não experimentarem coisas diferentes, limitando-se às suas ocupações domésticas, ficando em casa, e não é há nada mais estimulante para um ser dotado de inteligência do que uma experiência rica e variada”.

“Dama, se as mulheres têm a capacidade de assimilar e aprender o que estudam os homens, por que não aprendem mais?”

Resposta: Por isso, filha, porque a sociedade não acha necessário que as mulheres se ocupem das tarefas masculinas, como já havia dito. Basta que elas cumpram as

tarefas que lhes são estabelecidas. E quanto à opinião que a inteligência delas seria medíocre, apenas porque em geral têm menos conhecimento do que os homens, pense, então, nos habitantes dos campos ou montanhas mais isolados. Hás de convir que em algumas regiões são tão simplórios que mais parecem animais. Todavia, não há dúvida que a Natureza lhes forneceu tanto os dons físicos quanto os intelectuais que apresentam os homens mais sábios e mais eruditos que podemos encontrar nos grandes centros e nas cidades. Tudo isso é consequência de não aprender, apesar de que, como já disse, entre os homens e entre as mulheres, uns são mais inteligentes do que outros. Para ilustrar a tese de que a inteligência das mulheres é semelhante a dos homens, te citarei algumas mulheres de profundo saber e de grandes faculdades intelectuais.”

XXVIII. AQUI COMEÇA A FALAR DE ALGUMAS DAMAS QUE FORAM ILUMIDADAS DE GRANDE CIÊNCIA. A PRIMEIRA ENTRE TODAS A NOBRE VIRGEM CORNIFÍCIA.

A jovem e nobre Cornificia, pela astúcia e habilidade de seus pais, foi enviada à escola, com seu irmão desde a mais tenra idade. Esta juvenzinha, dotada de uma inteligência prodigiosa, aplicou-se às letras e tomou gosto ao doce saber do estudo. Teria sido difícil reprimir tal inclinação, pois, abandonou todas as atividades femininas, para se dedicar completamente ao estudo. Ela se esforçou tanto que logo se tornou uma grande poetisa. Não apenas ela dominava com perfeição a arte dos versos, mas parecia que ela havia sido alimentada do leite da doutrina filosófica. Ela queria ser especialista em todas as disciplinas, e conseguiu tão bem que ultrapassou a grande erudição de seu irmão, que era no entanto o mais culto poeta. Ela não se contentou apenas com o saber teórico, mas quis colocá-lo em prática, utilizando a pena para redigir várias obras bem memoráveis que, como sua poesia, foi muito apreciada no tempo de São Gregório, e por ele foram citadas. O grande poeta italiano Boccaccio faz elogios a essa dama, em um de

seus livros: “Ó! Muitíssima honra a essa mulher que abandonou os deveres femininos para consagrar sua inteligência ao estudo dos grandes autores!”. Boccaccio fala ainda, confirmando a tese que expus, daquelas mulheres que não acreditam em si nem em suas capacidades, como se tivessem nascido nas montanhas longínquas, ignorando o que é o bem e o prestígio, e que se desencorajam e dizem que não servem a outra coisa além de atrair os homens, e de pôr no mundo e educar os filhos. Todavia, Deus lhes deu, se elas o quiserem, uma bela inteligência para se aplicar a tudo o que fazem os homens mais ilustres e renomados. Pois, se elas querem estudar, isso deve lhes ser acessível como aos homens, podem conseguir uma fama eterna, através de um trabalho honesto, como os grandes homens gostam de conquistar. Cara filha, podes ver então como o autor Boccaccio confirma tudo o que te disse, e como louva e aprova a erudição nas mulheres.

XXIX. SOBRE A ROMANA PROBA.

Muito ilustre também foi Proba, de Roma, esposa de Adelfo. Era cristã e de grande inteligência. Amava tanto os estudos e se dedicou com tanto ardor que conseguiu aprender as setes artes liberais¹⁴⁶, tornando uma grande poetisa. Voltou-se particularmente ao estudo dos textos em versos, em especial, os poemas de Virgílio, que tinha sempre em mente. Uma vez lido com grande empenho, e procurado entender bem o significado, resolveu colocar em versos harmoniosos e densos os dez livros da Sagrada Escritura e as histórias do Velho e Novo Testamento. Certamente, disse Boccaccio, é de causar espanto que uma tal idéia nasça de um cérebro de uma mulher. Mas, é ainda mais prodigioso, ele acrescenta, que ela tenha posto em prática tal projeto. Proba, ansiosa de realizar seu projeto, pôs-se ao trabalho, lendo ora o poema *Bucólicos*, ora o *Geórgicas*, ou a epopéia *Eneida*, que são poemas de Virgílio, e pegando versos

¹⁴⁶ -As “artes liberais” correspondem às disciplinas curriculares na Idade Média: o *trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e o *quadrivium* (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia).

inteiros de uma parte e de outra fez versos completos e bem compostos, padronizando-os com grande habilidade e sutileza impressionante. Em seguida, os reuniu em pequenas partes, respeitando as convenções, a arte e o metro, sem cometer a mínima falha. A obra que ela compôs era tão magistral que nenhum homem foi capaz de fazer melhor. Deste modo, o início do livro trata do início do mundo e continuou com todas as histórias do Antigo e Novo Testamento, até a descida do Espírito Santo aos Apóstolos. Quem não tivesse conhecimento de como havia sido composta a obra, poderia imaginar que fosse Virgílio, como profeta e evangelista, de tanto que a obra coincidia com a Escritura. E por isso, disse mais uma vez Boccaccio, esta mulher merece grande louvor e estima: é evidente seu profundo e completo conhecimento dos livros sagrados e dos volumes da Santa Escritura, o que nem sempre se pode dizer dos diversos intelectuais e teólogos do nosso tempo. Esta nobilíssima dama decidiu intitular sua obra de Centão¹⁴⁷. Tendo em vista a extensão da obra, poderia ter durado toda uma vida para ser realizada, no entanto, ela não passou muito tempo para elaborá-la, podendo assim ter construído outras obras também memoráveis e dignas de serem louvadas. Entre eles, havia um texto, composto a partir dos poemas de Homero, que levava também o título de Centão, porque era composto de cem versos. Pode-se concluir, para seu louvor, que essa mulher não só conhecia as letras latinas, mas também que o seu conhecimento da literatura grega era igualmente perfeito. As mulheres, como disse Boccaccio, devem sentir um enorme prazer em escutar a história dessa dama.

SOBRE SAFO, MULHER DE GRANDE INTELIGÊNCIA, POETISA E FILÓSOFA.

“Não menos erudita do que Proba, foi a sábia Safo, jovem da cidade de Mitilena. Safo era de uma grande beleza, tanto de rosto como de corpo; sua postura, seu modo de

¹⁴⁷ Centão é uma obra composta por vários autores, ou várias obras de um mesmo autor.

se comportar e de falar eram muito doces e agradáveis, mas sua grande inteligência superava todas as graças de que era dotada. Dominava efetivamente numerosas artes e ciências, e seus conhecimentos não se limitavam aos únicos tratados e escritos de outrem, pois ela mesma compôs diversas obras, livros e poesias. O poeta Boccaccio tece-lhe um elogio com belas palavras, cheias de doçura e poesia: “Em meio a homens rudes e ignorantes, Safo, levada pela sua viva inteligência e seu ardor, freqüentou o ponto culminante do monte Parnasso, que corresponde ao estudo perfeito. Sua coragem e audácia fizeram-na adorar as Musas, ou seja, as artes e ciência. Ela penetrou assim nesta floresta cheia de folha de louros e árvores de maio, de flores multicolores com suaves perfumes e aromas, lá onde moram e florescem gramática, lógica, alta retórica, geometria e aritmética. Ela avançou tanto por esse caminho que entrou na caverna de Apolo, deus do saber, descobriu as impetuosas ondas da fonte Castália, aprendeu a tocar harpa com o plectro, e com as ninfas conseguiam grandiosas melodias, dançavam, a saber, segundo as leis da harmonia e do acorde musical. Pelo que Boccaccio diz, fica evidente a profundidade do seu saber e a erudição de sua obra, cujo significado, como testemunham os antigos, ainda hoje é tão difícil que mesmo os homens sábios da mais viva inteligência sentem dificuldade para entender. Escritas e compostas de maneira notável, suas obras chegaram até nós, e continuam modelos de inspiração para os poetas e escritores sedentos de perfeição. Safo inventou vários gêneros líricos e poéticos: os “*lais*”, composições breves, elegias, lamentos, particulares cantos de amor desesperado e outros poemas líricos de inspiração diferente, que foram chamados “sáficos” pela excelência de sua prosódia. Horácio lembra sobre esse assunto, que na morte de Platão, esse grandioso filósofo e mestre de Aristóteles, encontrou-se em baixo de seu travesseiro, uma antologia de poemas de Safo.

“Para ser breve, esta mulher se distinguiu tanto por sua ciência que sua cidade natal, querendo honrar e preservar para sempre sua memória, ergueu e dedicou-lhe uma estátua magnífica feita de bronze, à sua imagem. E foi assim que Safo foi colocada entre os poetas mais renomados, cuja honra, como diz Boccaccio, iguala-se a da coroa e diadema reais, da mitra episcopal, e das palmas e coroas de louros da vitória.

“Poderei falar-te durante muito tempo sobre outras mulheres de grande erudição: a grega Leonzio, por exemplo, foi uma filósofa tão hábil que resolveu repreender e refutar com argumentos claros e justos o filósofo Teofrastes, tão ilustre em seu tempo.”

XXXI. HISTÓRIA DA VIRGEM MANTOA.

Se as ciências são acessíveis às mulheres e fáceis de serem aprendidas, saiba que também são as artes, como irás escutar agora. Outrora, na religião pagã, a adivinhação esteve em uso: lia-se o futuro nos vôos dos pássaros, nas chamas do fogo, ou nas vísceras dos animais mortos. Era uma arte reconhecida, uma ciência estabelecida, que gozava de grande estima. A mestra suprema desta arte foi uma virgem, a filha de Tirésia, o grande padre de Tebas, hoje chamaríamos de bispo, pois nas outras religiões, os padres se casavam. Esta mulher, chamada Mantoa, vivia na época de Édipo, rei de Tebas. Ela tinha uma inteligência tão grande e tão nobre que dominava a piromancia, quer dizer a arte de ler o futuro através do fogo. Dizem que os Caldeus, que praticavam essa arte na Antiguidade, a descobriram; já outros dizem que foi o gigante Nemrod. Não havia na época nenhum homem que soubesse mais do que aquela virgem o movimento das chamas, as cores ou o barulho do fogo. Ela lia tanto nas veias dos animais, na garganta dos cavalos ou nas vísceras dos animais. Acreditava-se, aliás, que sua arte lhe obrigava os espíritos a vir freqüentemente lhe falar e a responder suas questões. Foi na sua vida que a disputa entre os filhos do rei Édipo levou à ruína de Tebas. Ela partiu

para viver na Ásia, onde mandou construir um templo para o deus Apolo, que se tornou bem famoso depois. Ela terminou seus dias na Itália, e pela veneração que tinham por esta dama, deram o seu nome a uma cidade daquele país, que ainda existe, Mantova, cidade natal de Virgílio”.

XXXII. SOBRE MEDEIA E UMA OUTRA RAINHA CHAMADA CIRCE

“Medeia, de quem se fala em muitos escritos, foi tão sábia nas artes e ciência quanto a precedente. Ela era a filha de Eetes, rei de Cólquida e da Persa. Era muito bela, alta, elegante e esbelta, e de um rosto muito gracioso. Mas, era no saber que superava todas as outras damas. Ela conhecia as propriedades das plantas e todos os sortilégios possíveis; e nenhuma arte existente, ela ignorava. Com fórmulas mágicas, ela podia fazer tremer o ar, e obscurecer o céu, fazer sair das profundezas da terra o vento das cavernas, provocar tempestade, parar o curso dos rios, confeccionar veneno, fazer aparecer fogo para queimar qualquer coisa que desejasse e outros prodígios mais. Foi ela quem, através de seus encantamentos, permitiu que Jasão conseguisse o carneiro de ouro.

“Como ela, Circe também era uma rainha. Sua ilha era vizinha à Itália. Esta mulher conhecia tanto a arte da magia que podia conseguir tudo que queria pela força de seus sortilégios. Ela conhecia uma bebida que tinha a virtude de transformar os homens em animais selvagens e em pássaros. Temos a prova na história de Ulisses. Ele voltava depois da destruição de Tróia, pensando estar se dirigindo ao seu país, a Grécia, quando ventos e fortuna carregaram seus navios de um lado para o outro na tempestade, até chegar, por fim, no porto da cidade da rainha Circe. Mas, como o sábio Ulisses não quis desembarcar sem a permissão e o consentimento da rainha do lugar, enviou seus cavaleiros até a rainha para saber se lhe agradaria que eles descessem à terra. Mas,

aquela dama, suspeitando que fossem inimigos, ofereceu-lhes um pouco de sua bebida, transformando-os imediatamente em porcos. Mas Ulisses não tardou a ir até ela e tanto fez, que a persuadiu a restituir o aspecto original deles. Dizem que o mesmo aconteceu com um outro príncipe da Grécia, Diomedes; quando chegou no porto de Circe, ela transformou seus guerreiros em pássaros; e ainda se encontram assim. Esses pássaros são muito ferozes; os habitantes da região os chamam de “Diomedes”.

XXXIII. CRISTINA PERGUNTA À RAZÃO SE ELA JÁ VIU ALGUMA MULHER QUE TIVESSE DESCOBERTO UMA CIÊNCIA ATÉ ENTÃO DESCONHECIDA.

Eu, Cristina, que escutava o discurso de Dama Razão, nestes termos, falei assim: “Dama, vejo bem que podemos encontrar numerosas mulheres instruídas nas ciências ou nas artes, mas pergunto-vos se não conheceis alguma que por intuição, inteligência, saber, ou habilidade, tenha ela mesma criado técnicas novas ou ciências necessárias, boas e úteis, desconhecidas até então. Uma vez que não é de tanta maestria seguir e aprender um ciência já descoberta e conhecida, quanto inventar coisas novas e originais.”

Resposta: “Certamente, cara amiga, um número considerável de ciências e técnicas importantes foram descobertas graças à inteligência e habilidade das mulheres, tanto nas ciências puras, como dão testemunho seus livros, quanto nas artes, demonstradas em obras manuais e elaboradas. Darei-te alguns exemplos.

“Primeiramente, falar-te-ei da nobre Nicostrata, que os italianos chamavam de Carmenta: esta dama era a filha do rei da Arcádia, Palade. Dona de uma inteligente notável, e dotada por Deus de conhecimentos especiais. Ela conhecia a fundo a literatura grega; seu falar era tão belo e tão sábio, de uma eloquência admirável que os poetas da época imaginaram, nos versos que lhes consagraram, que ela era amada pelo deus Mercúrio. Eles dizem igualmente que o filho, que ela tinha tido com seu marido,

detentor de uma extraordinária inteligência, era filho desse deus. Em razão de algumas desordens ocorridas no seu país, esta mulher emigrou à Itália, com o filho e uma multidão de gente. Eles deixaram seu país em uma grande frota e chegaram no rio Tibre. Ali, desceu e subiu no alto de uma colina, que ela chamou Monte Palatino, do nome de seu pai. É nesta colina que foi fundada a cidade de Roma. Ela construiu uma fortaleza, com a ajuda de seu filho e de quem a tinha acompanhado. Achando que as pessoas da região viviam como animais, ela escreveu algumas leis, prescrevendo-os a agirem de acordo com o direito e a razão, como era justo. Ela foi então a primeira a promulgar leis naquele país, que teve em seguida tanto prestígio e de onde veio todo o direito escrito. Aquela nobre dama soube, por inspiração divina e profética (graça, entre outras, que recebera com especial particularidade), que no futuro aquela terra seria a mais nobre e célebre no mundo. Pareceu-lhe indigno para a grandeza romana, destinada a reinar no mundo inteiro, utilizar um alfabeto bárbaro e inferior, baseado em caracteres estrangeiros. Para melhor revelar aos séculos futuros a excelência de sua genialidade, tanto fez e tanto estudou, até inventar um alfabeto original e diferente daquele das outras nações: o nosso abc, o alfabeto latino, a formação das palavras, a distinção entre as vogais e consoantes, e toda a base da gramática. Fez difundir e ensinar este alfabeto ao povo, e cuidou para que todos o conhecessem. Não foi por certo uma descoberta de pouca importância, assim, devemos ser infinitamente gratos a essa mulher, pois a profundidade dessa ciência, sua grande utilidade e todo o bem que ela trouxe ao mundo, nos autoriza a dizer que nenhuma outra descoberta foi mais admirável. Os italianos não se mostraram ingratos a Carmenta por esse benefício; a descoberta pareceu-lhes tão prodigiosa que diziam que ela não era uma simples mortal, e sim uma deusa. Por isso, ainda em vida, eles a cultuavam como a uma divindade, e à sua morte, ergueram no pé da montanha onde ela havia vivido, um templo dedicado a ela. A fim de perpetuar sua

memória, designaram diferentes coisas do nome da ciência inventada por ela, dando inclusive seu próprio nome às pessoas daquele país, que receberam o nome de Latinos, homenageando a invenção feita por aquela mulher. Além do mais, como a palavra “ita”, que corresponde ao francês “oui” é a afirmação mais importante da língua latina. Não se contentaram apenas em chamar aquele país de “terra latina”, mas quiseram que todo o território além dos Alpes, grande e vasto, que conta com numerosas províncias e domínios de terra, tivesse o nome de Itália. Foi ainda por essa dama se chamar Carmenta que os poemas em latim são chamados de *carmen*. Muito tempo depois, os romanos começaram a chamar Carmentale uma das portas da cidade de Roma. E pela boa fortuna que tiveram, e a excelência de seus imperadores, os romanos não quiseram mudar aquele nome, até hoje utilizado, como sabemos.

“Que queres mais, bela filha? Será que teria coisas melhores para falar de um homem? Mas, principalmente, não aches que ela tenha sido a única mulher a descobrir numerosas e diferentes ciências.

XXXIV. SOBRE MINERVA, QUE DESCOBRIU MUITAS CIÊNCIAS, ASSIM COMO A ARTE DE FABRICAR ARMADURAS DE FERRO E DE AÇO.

Como tu mesma escrevestes em outra obra, Minerva era uma virgem originária da Grécia, que levava o apelido de Palas. Esta virgem era detentora de uma inteligência tão superior às demais mulheres da sua época que os ignorantes de então a consideravam uma deusa descida dos céus, pois não se tinha conhecimento de quem eram seus pais e também pelas coisas extraordinárias que ela era capaz de fazer. Boccaccio conta, aliás, que a supremacia daquele saber em relação ao de todas as mulheres de então fazia com que ignorassem a origem dela. Sua inteligência e habilidade não se limitavam a um só campo, mas se estendia a todas as áreas. Graças à sua engenhosidade, ela inventou algumas letras gregas, chamadas caracteres (até hoje são utilizadas pelos gregos, e

através delas pode-se colocar em pouco espaço uma narrativa longa): uma excelente invenção. Inventou também os números, a maneira de se utilizar, e a maneira de resolver rapidamente a adição. Em suma, era tão iluminada pela ciência que inventou as artes e técnicas desconhecidas antes dela, em particular toda a arte da lã e da tecedura. Foi ela a primeira a pensar em tosquiar a lã das ovelhas, e com diversos utensílios, desembaraçar, lavar e amaciá-la, com haste de ferro, e tecer com o fuso; inventou também a tecelagem e os instrumentos para se fazer tecidos.

“*Item*, ela descobriu como tirar óleo das olivas, frutos da terra, e como espremer outros frutos para retirar o néctar. *Item*, descobriu a arte e a técnica de fabricar carros e charretes, para transportar toda espécie de coisas de um lado para outro.

“*Item*, esta mulher fez ainda mais, e isso pode suscitar espanto, pois não é da natureza das mulheres cuidarem desses problemas: descobriu a técnica e o modo de fabricar couraças e armaduras de ferro e de aço, que os cavaleiros e soldados levavam nas batalhas para proteger o próprio corpo. Ela doou primeiramente aos atenienses, ensinando-os ainda como dispor em ordem suas tropas para combater em filas ordenadas.

“*Item*, foi ela quem primeiro inventou a flauta doce, flauta transversal, trompete, e outros instrumentos de sopro. Aquela dama, dotada de uma grande inteligência, permaneceu virgem durante toda a sua vida. Por causa de sua castidade exemplar, os poetas contaram em seus versos que Vulcão, o deus do fogo, havia durante muito tempo lha afrontado, e que no final , ela vence e o domina, significando que ela triunfou sobre o fogo e sua concupiscência carnal, que durante a juventude fica encubado. Os atenienses tinham uma tão grande veneração por esta virgem, que a adoravam como a uma divindade, e a chamavam de deusa da guerra e da cavalaria, porque tinha sido a

primeira a descobrir a arte. Chamavam-na também a deusa da sabedoria, tão grande era seu saber.

“Depois de sua morte, mandaram inaugurar em Atenas um templo dedicado a ela, onde ergueram uma estátua à sua imagem, com o semblante de uma virgem, representando a sabedoria e a cavalaria: Essa estátua apresentava um olhar implacável e cruel, porque o papel da cavalaria é aquele de seguir as ordens da justiça. Significava também que é muito difícil conhecer as intenções dos sábios. Havia na cabeça um casco, indicando que o cavaleiro deve ser forte, resistente e de coragem constante no campo de batalha. Sinalando ainda que o sábio está sempre armado contra os movimentos da Fortuna, seja no bem como no mal. Na mão carregava uma haste ou uma lança muito longa, porque o cavaleiro deve ser o braço forte da justiça, mas também porque o sábio envia seus traços de longe. Tinha pendurado ao seu pescoço um escudo de cristal: o cavaleiro deve sempre estar em guarda e velar pela defesa de seu lugar e de seu povo, mas isso significava também que pra o sábio tudo é claro e evidente. No centro desse escudo estava representada a cabeça de uma serpente chamada Gorgona, porque o cavaleiro deve ser prudente e astuto nos confrontos com os inimigos como o é a serpente, também significava que o sábio sabe reconhecer todas as malícias que venham a prejudicar-lhes. Ao lado dessa estátua, como para velá-la, eles colocaram um pássaro noturno, chamado coruja, significando que o cavaleiro deve estar pronto para defesa civil, tanto de noite como de dia, se for preciso, assim como que o sábio é continuamente atento ao que lhe for mais oportuno fazer. Durante muito tempo esta mulher foi o objeto de uma grande devoção. Seu renome se estendeu tão longe que lhe dedicaram templos em vários países, e que mesmo muito tempo depois, os Romanos, no auge de sua potência, colocaram sua estátua entre os outros deuses.

XXXV. SOBRE A RAINHA CERES, QUE INVENTOU A ARTE DE LABORAR A TERRA E OUTRAS ARTES MAIS.

“Ceres, foi uma rainha da Sicília, na Antiguidade, e, pela engenhosa sabedoria, foi quem primeiramente inventou a ciência e as técnicas da agricultura e os utensílios relacionados a ela. Ensinou aos seus súditos como domar e domesticar os bois, habituando-os ao jugo, que os mantém emparelhados. Inventou também o arado, mostrando a maneira de abrir fendas e sulcar a terra com arado, assim como os outros trabalhos da lavoura. Em seguida, ensinou-lhes a semear a terra, revolvê-la, e depois das sementes germinadas e crescidas, mostrou-lhes como ceifar o trigo, separando, com a foice, o grão da espiga. Depois disso, ensinou-lhes a moer o grão entre duas pedras duras, e a construir os moinhos. Preparada a farinha, ensinou a fazer o pão. Em suma, essa mulher ensinou aos homens, que tinham o hábito de viver como animais, comendo glande¹⁴⁸, grãos e frutos selvagens, maçãs, a usarem alimentos mais dignos. Foi ainda essa dama que levou as pessoas de então, acostumadas a viverem aqui e ali, pelos bosques e lugares selvagens, vagando como animais, a se aglomerarem em comunidades, e construírem cidades e casas, onde pudessem viver juntos. Então, graças à essa dama, a época selvagem foi transformada em uma era mais humana e razoável. Os poetas criaram a história de como a filha de Ceres foi raptada por Plutão, o deus dos Infernos. Mas, a autoridade de seu saber e o grande bem que ela havia procurado ao mundo, fizeram com que as pessoas de então a adorassem, a chamando de deusa dos trigos.

XXXVI. SOBRE ÍSIS QUE INVENTOU A ARTE DA JARDINAGEM E DO CULTIVO DAS PLANTAS

¹⁴⁸ Fruto do gênero *Quercus* (carvalho), conhecido vulgarmente como abelota ou bolota.

Ísis foi igualmente uma mulher de tão grande saber, que não era apenas a rainha do Egito, mas foi chamada também de deusa dos Egípcios. Conta a fábula que Ísis foi amada por Júpiter que a transformou em vaca, e depois ela retomou sua forma inicial; tudo isso representando seu imenso saber, como tu mesma lembrou no *Livre d'Othéa*. Ela inventou um sistema de escrita simbólica que ela ensinou aos Egípcios, possibilitando-lhes abreviar uma linguagem tão complexa. Ísis era filha de Inaco, rei dos gregos, e irmã de Foroneus, reconhecido por sua sabedoria. O acaso a fez deixar a Grécia juntamente com seu irmão, para ganhar o Egito, onde, entre outras coisas, ensinou a arte da jardinagem, como podar e cultivar as plantas. Promulgou uma série de leis boas e justas; ensinou aos egípcios, que viviam de maneira selvagem e não eram regidos por nenhuma lei, a viver respeitando a ordem da justiça. E para ser breve, Ísis fez tanto que veio a ser adorada em vida, e depois da sua morte. Sua fama difundiu-se por toda parte, e foram criados templos e oratórios. E mesmo em Roma, no auge de seu esplendor, os romanos mandaram construir um templo em seu nome, onde eram feitos sacrifícios, oferendas e grandes celebrações, de acordo com os costumes do Egito.

“O marido dessa nobre dama foi nomeado Ápis, que os pagãos, erroneamente, pensavam que era filho de Júpiter e de Niobe, filha de Foroneus, a que fazem menção as histórias antigas e os poetas”.

XXXVII. SOBRE TODOS OS BENEFÍCIOS QUE ESSAS MULHERES TROUXERAM AO MUNDO

“Dama, estou bem admirada com tudo isso que me contastes: tantos benefícios graças à inteligência das mulheres! E esses homens, em geral, afirmam que o saber feminino não tem nenhum valor, e muitas vezes quando se trata de alguma asneira, escuta-se dizer que é uma idéia de mulher. Em suma, a opinião corrente dos homens é que as mulheres não servem para nada, salvo ter filhos e tecer a lã”.

Resposta: Pois, bem vê a ingratidão desses que sustentam tais opiniões; parecem com aqueles que não sabem de onde vêm os bens dos quais vivem, e assim não agradecem a ninguém. Mas, agora és capaz de entender, como Deus, que não faz nada sem uma razão, quis mostrar aos homens que ele não despreza o sexo feminino, concedendo ao cérebro das mulheres muita inteligência, para que fossem não apenas hábeis para aprender e assimilar bem as ciências, mas também capazes de inventar novas, em particular, as ciências de maior utilidade e benefício à humanidade. Por exemplo, aquela Carmenta, de quem acabei de falar, que inventou o alfabeto latino: Deus foi tão favorável à invenção daquela mulher e tanto difundiu o uso dele por todos os lados, que terminou acabando com a glória do alfabeto hebraico e grego, que eram tão apreciados. Quase toda a Europa, que compreende uma grande parte dos países do mundo, utiliza este alfabeto, e com ele foi redigido um número infinito de livros e volumes de todas as matérias, onde se contam e se conservam em memória eterna as descobertas dos homens, as nobres e excelentes glórias de Deus, as ciências e as artes. Que não venham me dizer que meu discurso é tendencioso; transcrevo aqui as próprias palavras de Boccaccio, cuja autoridade é notória e reconhecida. Assim, posso concluir que os bens que essa mulher nos concedeu é infinito: graças a ela, os homens, mesmo se não o reconhecem, foram retirados do estado de ignorância e levados à cultura; graças a ela ainda, eles podem enviar, tão longe desejarem, seus pensamentos mais secretos, e comunicar suas vontades, fazendo saber em todos os lugares o que lhes agrada. Desse modo, pode-se conhecer o passado, o presente, e às vezes o futuro. Graças à invenção daquela mulher, os homens podem ainda estipular acordos, estabelecer laços de amizade com diversas pessoas que vivem longe; pelo tramito das respostas podem conhecer-se reciprocamente, sem nunca terem visto. Em suma, não se pode falar de todo

o bem que vem da escrita, pois descreve Deus e as coisas celestiais, o mar, a terra, todos os seres e todas as coisas. Pergunto-te se algum homem fez um bem maior?

XXXVIII. AINDA SOBRE O MESMO ASSUNTO

Nunca houve um homem que mais tenha feito para a humanidade do que esta nobre rainha Ceres, de quem te falei agora há pouco. É possível adquirir renome mais prestigioso do que ter levado os homens bárbaros e nômades, que moravam no meio das brenhas como bichos selvagens, a povoarem as cidades e os centros, onde eles vivem no respeito das leis? Ela forneceu-lhes ainda uma alimentação melhor do que os gladiolo e maçãs selvagens, quer dizer o fomento e o trigo, alimentos que deixam o corpo humano mais bonito, a tez mais radiante, os membros mais fortes e ágeis, pois é uma comida substanciosa e mais adaptada às necessidades da espécie humana. O que haveria de mais digno do que laborar esta terra cheia de matos espinhosos, moitas e árvores selvagens? O que haveria de mais digno do que laborar esta terra, plantar sementes, e fazer para o bem o comum e público de um campo selvagem uma terra franca e cultivada? A natureza humana foi enriquecida graças a essa mulher que transformou a barbárie selvagem em uma sociedade policiada, tirando das trevas da ignorância os espíritos desses nômades preguiçosos para fazer acedê-los às formas mais elevadas do pensamento e às mais nobres ocupações. Foi ela quem designou certos homens para fazer o trabalho dos campos, assegurando assim o povoamento das cidades e dos centros e a alimentação daqueles que se dedica, a outros trabalhos necessários à vida.

"Ísis fez a mesma coisa para as culturas. Quem poderá detalhar a soma dos benefícios que ela propiciou à humanidade, ao ensinar como cultivar árvores portadoras de belas frutas, a cultivar todas as boas plantas que convêm à humanidade.

E Minerva, também, graças à sua sabedoria, forneceu à humanidade tantas coisas necessárias, como as vestes de lã, que antes todos andavam apenas com peles de animais. Ela livrou a população do fardo de carregar as coisas no braço de um lugar a outro, ao ter descoberto como construir carros e charretes, ajudando –a. Para os nobres e cavaleiros, encontrou o modo de fazer a armadura, para cobrir seus corpos e para uma maior proteção na guerra, muito mais bonita, mais forte e mais resistente do que aquela que havia anteriormente, feita unicamente de couro, Christine."

Então, disse a ela: Ah, Dama, ao escutar-vos, me dou conta mais do que nunca como é grande a ignorância e ingratidão de todos esses homens que maldizem tanto as mulheres! Eu já achava que deveria ser suficiente para controlar suas más línguas, o fato de todos ter uma mãe e de todos conhecerem os claros benefícios que as mulheres fazem freqüentemente aos homens, mas vejo agora que elas realmente cobriram-lhes de benefícios, e eles receberam e continuam recebendo muito de sua extrema generosidade. Que se calem! Que se calem a partir de agora, os clérigos que maldizem as mulheres, e todos aqueles aliados e cúmplices as criticam em seus livros e poemas! Que baixem os olhos de vergonha de ter ousado mentir em seus escritos, quando vemos que a verdade contraria o que eles dizem, uma vez que a nobre Carmenta foi para eles uma professora – isso eles não podem negar-, e que eles receberam de sua alta inteligência o conhecimento da escrita latina de que eles se orgulham tanto e se sentem honrados.

"Mas, que dirão os nobres e cavaleiros, já que muitos dentre eles maldizem categoricamente as mulheres, mesmo sem ter esse direito? Que a partir de agora freiem suas línguas, ao saber que devem a uma mulher o porte da armadura, a arte do combate e da batalha em fila, enfim, essa profissão das armas de que eles são tão orgulhosos e que tiram tantas glórias. E em geral, quando se vê que os homens vivem de pão e moram em cidades policiadas submetidas ao direito civil, quando eles cultivam os

campos, pode-se permitir, aos olhos de tantos benefícios, de condenar e desprezar as mulheres a esse ponto, pois eles numerosos a fazê-lo? Claro que não! Pois, foram as mulheres, quer dizer Minerva, Ceres e Ísis, que lhes trouxeram todas essas coisas úteis que eles se beneficiam permitindo conduzir uma vida honrada, vivendo para sempre com elas. Tudo isso deve ser considerado. Sem dúvida, Dama, me parece que nem a Doutrina de Aristóteles, que muito foi proveitosa ao pensamento humano, e de que se faz tanto caso – a justo título aliás- não mais do que todos os outros filósofos que existiram, não fizeram mais pela humanidade do que as obras realizadas com a sabedoria dessas damas."

Ela disse-me: E estas não são as únicas, existiram muitas outras. Falar-te-ei de algumas delas.

XXXIX. HISTÓRIA DA VIRGEM ARACNE, QUE DESCOBIRU A ARTE DE TINGIR A LÃ E TECER AS ESTOFAS DE ALTA LINHA, E TAMBÉM DESCOBRIU A ARTE DE CULTIVAR O LINHO E FAZER A SUA TESSITURA.

Não foi só pelo intermédio dessas damas que Deus quis dotar a humanidade de muitas ciências benéficas e necessárias, mas também através de muitas outras, como por exemplo, a virgem vinda da Ásia que se chamava Aracne, filha de Idmonio de Colofone, extraordinariamente inteligente e hábil. Esta mulher foi a primeira a descobrir a arte de tingir lã em diversas cores e tecer obra de arte na tela, como fazem os pintores, em outras palavras, fazer tapeçarias de alta linha. Era extraordinariamente hábil em tudo que dizia respeito à tecelagem. Foi ela quem, segundo o mito, desafiou Pallas, que a transformou em aranha.

Esta mulher inventou outra arte ainda mais indispensável: foi ela quem primeiro descobriu como cultivar o linho e o cânhamo, como ordenar, e isolar as fibras têxteis por maceração e depois fiar e tecer no fuso. Ouso afirmar que esta atividade foi bastante

necessária para a humanidade, mesmo se muitos homens reprovam às mulheres de praticá-la. Foi também Aracne quem descobriu a arte de fabricar redes, laços e esteiras para pegar pássaros e peixes. Deve-se também a ela a arte da pesca, a maneira de capturar os fortes e grandes animais selvagens através de redes, armadilhas. Da mesma forma, os coelhos, lebres e pássaros, através de técnicas que até então eram ignoradas. Ao meu ver, não se trata de um pequeno serviço que ela prestou à humanidade, que a partir de então tirou grande prazer e proveito disso.

É verdade que alguns autores, especialmente o poeta Boccaccio, de onde essas histórias foram tiradas, diziam que o mundo era melhor quando se vivia de glandes e outras frutas selvagens, e vestia-se com peles de animais, ignorando todas essas técnicas que nos permitem viver mais confortavelmente. Todavia, com todo respeito que tenho por ele e por aqueles que sustentam que a descoberta daquelas técnicas que trazem o bem-estar e o nutrimento do corpo humano tenham trazido danos à humanidade, eu sustento que quanto mais a criatura humana recebe benefícios, doados graças aos poderes de Deus, mais somos levados a servi-lo. E se a humanidade faz mau uso dos bens que Deus prometeu-lhe e acordou-lhe para conveniência e benefício dos homens e das mulheres, transformando em maldade e perversidade, não é porque a coisa em si não seja vantajosa e excelente, se usada de maneira lícita. Jesus Cristo mesmo mostrou-nos com sua pessoa: usou o pão e o vinho, o peixe, roupas coloridas, e tudo o que tinha necessidade, e não haveria feito se realmente fosse melhor viver apenas de glandes e frutas selvagens. E ele próprio honrou a ciência descoberta por Ceres, ou seja, o pão, quando ele pediu para dar aos homens e mulheres seu digno corpo em forma de pão, para que eles se servissem.

XL. SOBRE PANFILA QUE DESCOBRIU A ARTE DE RETIRAR A SEDA DOS BICHOS DE SEDA, TINGI-LA E FAZER LENÇÓIS DE SEDA.

Entre as ciências inventadas pelas mulheres, boas úteis e vantajosas, não se deve absolutamente esquecer aquela descoberta pela nobre Panfila, nascida na Grécia. Esta dama tinha uma engenhosidade sutil em diversas áreas e deleitava-se pesquisando e investigando fenômenos estranhos, sendo a primeira a descobrir toda a arte da seda. Dotada de uma mente muito especulativa e criativa, observou que esses insetos produziam seda naturalmente nos galhos das árvores, no país onde ela vivia. Ela pegou os casulos feitos por esses bichos de seda, que lhe pareciam belíssimo. Depois juntava os fios. E depois experimentou várias tinturas para ver que cor ficaria mais bonita naquele fio. Quando ela terminou a experiência ela viu que como ficou muito bonito e pôs-se a tecer estopa. Assim pela sábia descoberta dessa mulher, o mundo tornou-se mais rico com algo muito belo e muito útil., cuja utilidade se difundiu por toda parte. Para maior glória de Deus, é com a seda que são tecidos os paramentos sacerdotais – alvas, túnicas – que os prelados usam durante o ofício divino. Também os imperadores, reis, príncipes e até mesmo o povo de algumas regiões só usam a seda, devido a abundância desses bichos de seda e da falta de lã na região.

XLI. SOBRE TÂMARA, QUE FOI INEXCEDÍVEL MESTRA NA ARTE DA PINTURA, E AS TAMBÉM PINTORAS IRENE E MÁRCIA, A ROMANA.

Que posso ainda dizer para te convencer de que as mulheres aprendem com facilidade as ciências puras e que elas também podem produzi-las. O mesmo ocorre em relação às artes manuais. Asseguro-te que elas o fazem com facilidade e destreza e com muito êxito depois que delas se apropriam. Temos o exemplo de Tâmara, sobre quem se escreveu ser tão talentosa na arte e na ciência da pintura que nelas se tornou incontestavelmente soberana em seu tempo. Conta Boccaccio que ela era filha do pintor Nicom, que nasceu durante a nonagésima Olimpíada. As Olimpíadas constituíam um dia de festa solene em que se praticavam diversos jogos: àquele que se tornasse

vitório, era concedido tudo que pedisse, contanto que fosse algo razoável. Essa festa e esses jogos eram feitos em homenagem ao Deus Júpiter. Celebravam-se de seis em seis anos, com um intervalo de quatro anos após duas olimpíadas. O fundador dessa festa foi Hércules, e a realização da primeira olimpíada marca o início do calendário grego, semelhante ao nascimento de Cristo para os cristãos. Tâmara abandonou todas as tarefas comuns das mulheres para dedicar seu enorme talento à arte de seu pai. Sua fama era tão grande que no tempo do reinado de Arquelaus, na Macedônia, os Efesos, adoradores da deusa Diana, lhe pediram para pintar um quadro com a imagem de sua deusa. Eles conservaram esse quadro com a mesma veneração devida à mais perfeita obra-prima, só o expondo durante a festa solene da deusa. Essa pintura durou muito tempo, testemunhando o gênio dessa mulher, de cujo talento se fala ainda hoje.

Uma outra mulher, chamada Irene, teve um domínio tal na arte da pintura; também ela grega, que logrou superar todos os pintores do seu tempo. Foi aluna do pintor Cratino, um mestre soberano, mas ela tinha um talento tão grande e se aplicou tanto em sua arte que superou admiravelmente seu mestre. O povo na época ficou tão impressionado por esse prodígio que lhe consagrou uma estátua em sua homenagem, representando uma mocinha pintando. Eles puseram essa celebrada estátua a entre as obras primas mais reverenciadas antes dela. Havia, com efeito, entre os mais velhos, o costume de prestar homenagem aos que se sobressaíam em qualquer área, seja no saber, na força, na beleza, ou qualquer outro talento -, e de perpetuar sua memória entre os homens, erigindo estátuas em lugares elevados e de honra.

E como Márcia a Romana, essa virgem virtuosa e de hábitos irrepreensíveis, se destacou na arte da pintura! Trabalhou com tanta maestria e excelência que ultrapassou todos os homens, inclusive, Dionísio e Sopleu, considerados até então os melhores pintores da época. A julgar pelos mestres, ela chegou ao cume de tudo o que se pode

conhecer nessa arte. Querendo que o mundo dela se lembrasse, pintou entre suas obras mais célebres, um quadro extraordinário, em que com a ajuda de um espelho, ela pintava seu próprio retrato, fazendo com tal perfeição que se tinha a impressão de que ela estava viva. Durante muito tempo esse quadro foi conservado a sete chaves e mostrado aos artistas como um tesouro de excelência."

Então disse a ela: Dama, estes exemplos nos mostram que os antigos, melhor do que nós, honravam os sábios, e nutriam pelas ciências o mais alto apreço. Todavia, por falar em mulheres talentosas na arte da pintura, eu mesma, conheço uma certa Anastásia, cujo pendore para a ornamentação das iluminuras e para as paisagens de miniaturas nos livros é tão grande que não se poderia citar na cidade de Paris onde vivem os melhores artistas do mundo, nenhum que a superasse. Ninguém fazia melhor do que ela motivos florais e miniaturas. O seu trabalho era tão apreciado que se lhe atribuiu o acabamento das obras mais ricas e luxuosas. Sei por experiência, pois ela pintou para mim algumas iluminuras que são tidas por todas de uma beleza incomparável em relação a outras feitas por outros grandes mestres."

Resposta: "Claro que acredito em ti, cara filha, nós encontraríamos muitas mulheres geniais pelo mundo se nos déssemos ao trabalho de pesquisá-las. Vamos ver isso com o exemplo de outra romana"

XLII. HISTÓRIA DE SEMPRÔNIA DE ROMA.

Semprônia de Roma era uma mulher de grande beleza, mas se ela superava pela beleza de seu corpo e de seu rosto todas as mulheres do seu tempo, ela as superava ainda mais pelo excelência e sutileza de sua engenhosidade. Era tão inteligente que retinha imediatamente tudo que escutava e lia, qualquer que fosse o grau de dificuldade; ela tinha um domínio tão grande de suas capacidades que podia repetir tudo que lhe

diziam, até as mais longas narrativas. Ela se dedicava não apenas à literatura latina, mas sabia também o grego e o escrevia de maneira tão brilhante que todos se encantavam. “Além do que, sua maneira de falar, sua expressão, seu estilo eram tão lindos, tão agradáveis e tão corretos que por sua eloquência era capaz de convencer qualquer pessoa. Se quisesse divertir, mesmo a pessoa mais triste que pudesse existir era levada a rir e alegrar-se. Da mesma forma, ela era capaz de provocar, se quisesse, a ira, o choro e a tristeza. Ela podia ainda, se desejasse, despertar a coragem de todos aqueles que a escutassem, levando-os a se exporem em qualquer empreitada perigosa. Com tudo isso, a sua maneira de falar e seus modos eram cheios de cortesia e de doçura, que não se podia deixar de contemplá-la e de escutá-la. Ela cantava muito melodicamente e com muita arte tocava todos os instrumentos de sopro e ganhava a todos os concursos. Para ser breve, ela era muito ágil e engenhosa em tudo que o intelecto humano pode compreender”.

XLIII. PERGUNTA CHRISTINA A RAZÃO SE EM SEU NATURAL A MULHER É DOTADA DE BOM SENSO; E A RESPOSTA DE RAZÃO.

Eu, Cristina, disse-lhe ainda: "Dama, sinceramente vejo que Deus – que seja louvado! – deu à mente feminina muita agudeza para compreender, conhecer e reter toda as áreas do conhecimento. Porém, vêem-se numerosas pessoas cuja vivacidade de espírito permite o conhecimento e a inteligência em tudo que se ensina, e que têm tanta facilidade que qualquer ciência está a seu alcance e nada é obstáculo. Basta apenas aplicar-se ao estudo para conseguir um grande saber. E, no entanto, vêem-se muitos clérigos sábios, e até mesmo os mais famosos, faltando-lhes discernimento em suas condutas e nas suas vidas privadas. O que me deixa profundamente surpresa. Pois, sem dúvida, as ciências geram os costumes e ensinam a viver sabiamente. Eis porquê, Dama, ficaria grata de saber se o espírito feminino é capaz de julgamento e de discernimento,

como sei agora pelos vossos exemplos e pela minha própria experiência, que elas podem reter as coisas mais difíceis, em ciências como em outras áreas. Porém, elas são capazes de decidir o que é melhor a ser feito e o que deve ser deixado de lado? São capazes de aprender com a experiência? Conseguindo, através das lembranças do passado, julgar melhor sobre sua conduta do presente e tornarem-se sábias em relação aos momentos futuros. Pois, tais coisas, como bem me parece, é a prudência que ensina.

Resposta: "Dizes a verdade, filha, mas essa prudência de que falas, saibas que ela vem da própria natureza do homem e da mulher. Uns têm mais, outros menos. Ela não vem do saber, que todavia, coroa aqueles que naturalmente são dotados. Pois, sabes bem que duas forças reunidas são mais potentes e mais eficazes do que seriam individualmente cada uma delas. Eis porquê, ousa afirmar que se uma pessoa tem naturalmente tal discernimento que chamamos de bom senso, e além dele tem o saber adquirido, então ela merece o reconhecimento de grande excelência. Mas, como tu mesmo dissestes, ter um não significa ter o outro, pois um é um dom de Deus, através de uma disposição natural, e o outro obtido com longos estudos. Ambos são bons, mas alguns prefeririam o bom senso natural sem o saber adquirido, ao saber adquirido e pouco bom senso. Pode-se formular muitas opiniões sobre esta proposição que levanta vários problemas. Pois, precisaria admitir que seria preferível aquele que dar uma maior contribuição ao bem geral de todos. E, de fato, um indivíduo instruído é mais útil à coletividade, pela ciência que ele pode transmitir, do que pelo seu bom senso. O bom senso natural só dura o espaço de uma vida. Quando a pessoa morre, seu bom senso morre junto; mas a ciência dura eternamente naqueles que conquistaram, fazendo muitas outras pessoas aproveitarem dela, através da fama, ensinando-lhes e deixando nos livros para as gerações futuras. Dessa forma, a ciência não morre com eles, como posso demonstrar-te através do exemplo de Aristóteles e de outros, que legaram seus

conhecimentos ao mundo; o saber que eles acumularam, a humanidade pôde aproveitar mais do que o bom senso sem ciência de todos os homens do passado e do presente. Apesar de que muitos reinos e impérios foram governados e dirigidos com bastante prudência e bom senso, todas essas coisas são efêmeras e se vão com o tempo, enquanto que a ciência dura para sempre.

"Mas, eu deixarei essas questões em suspense para que outros deliberem, pois elas não dizem respeito à construção de nossa Cidade. Voltando à pergunta que me fizeste, se a mulher seria provida naturalmente de bom senso. A isso te respondo que sim. E já deverias saber pelo que te contei antes, mas também podes ver pela maneira, em geral, como elas cumprem suas tarefas. Peço te para prestar atenção. Verás que todas, ou, pelo menos, o maior número dentre elas, são cuidadosas, atentas e diligentes na conduta de seu lar, cuidando de tudo com tanta eficiência, a tal ponto que às vezes incomoda alguns maridos negligentes, que acham que elas estão querendo dirigi-los e que elas insistem muito para que eles cumpram suas próprias tarefas, dizendo que elas se acham mais sabidas do que eles e querem dominá-los. É assim transformam em malícia o que muitas dizem com boa intenção. Sobre estas mulheres prudentes fala a epístola Salomão, cujo conteúdo será nosso propósito a seguir."

XLIV. A EPÍSTOLA DE SALOMÃO NO LIVRO DOS PROVÉRBIOS

"Ao marido que encontrar uma mulher forte, quer dizer, prudente, não faltará mais nada. Seu renome conhecido em todo o país, o marido confiará nela. Pois, ela lhe proporciona todos os dias de sua vida bens e prosperidade. Ela procura e adquire lãs, quer dizer que ela dá tarefas às servas para que elas se ocupem de trabalhos úteis, provê a sua casa e, se necessário, elas mesmas põem mãos à obra. Como um navio de mercadorias que traz o pão e todos os bens. Ela recompensa aqueles que o merecem e

fica próximo deles. Na casa dela há comida em abundância, até para as empregadas. Ela verifica o valor de um terreno antes de comprá-lo; do fruto de seu discernimento ela planta a vinha que enriquece sua casa. Corajosa e decidida, ela fortaleceu os rins e deixou firme seus braços pelos trabalhos incessantes e úteis. A lâmpada de seu trabalho não apaga-se nunca, nem mesmo no coração da noite. Cuidando das mais nobres tarefas, ela não deixa os trabalhos femininos, ao contrário, participa deles ativamente. Ela estende as mãos aos pobres e indigentes, levando-lhes socorro. Prevenida, não tem medo nem da neve nem do frio para sua casa, pois aqueles que estão sob sua responsabilidade vestem-se com roupas pesadas. Ela veste-se de seda e de púrpura, de honra e nobre renome. Sentado na primeira fila com os antigos do país, seu marido recebe honra. Ela constrói estufas de linho fino e os vende, ela é revestida de força e de glória. Sua alegria permanecerá eterna. Sua boca divulga palavras de sabedoria e a doçura rege sua língua. Ela cuida das provisões do ofício e não come o pão da preguiça. Através dos hábitos de seus filhos, vê-se quem é a mãe, e seus atos expressam a felicidade. O bom aspecto de seu marido tem o seu mérito. Mesmo que suas filhas não sejam mais crianças, ela continua as guiando. Ela despreza a glória enganadora e a beleza vã. Uma mulher tal que teme o Senhor será louvada; ele a recompensará do fruto de suas obras, que a louvam em todos os lugares.

XLV. SOBRE GAYE CYRILLA

A propósito do que diz a Epístola de Salomão a respeito de mulheres prudentes podemos também relembrar o exemplo da nobre rainha Gaia Cecília. Era uma Romana ou Toscana, esposa de Tarquínio, rei dos Romanos. Ela se conduziu com grande discernimento. E além do bom senso, foi virtuosa, leal e boa. Ela era famosa entre as mulheres pela conduta exemplar de sua vida de casal e suas prevenções notáveis.

Mesmo sendo rainha, ela não deixava de trabalhar com suas próprias mãos, por sentir necessidade de ser útil em alguma coisa, nunca ficando ociosa. Ela estava sempre ocupada com alguma coisa e obrigava todas as damas e senhoritas em torno dela que a seguissem. Ela sabia selecionar as diferentes qualidades de lã para tecer estofas finas ou ordinárias. Passava seu tempo fazendo isso. O que na época era uma nobre ocupação. E foi assim que aquela respeitada mulher mereceu ser louvada, honrada, apreciada e admirada por todos. Por sua fama e em sua memória, os Romanos, com um império muito mais forte do que no tempo em que ela vivia, mantiveram sempre o costume estabelecido em sua honra, nas núpcias de suas filhas: em que, quando a esposa entrava pela primeira vez na casa do esposo, ele se perguntava como deveria ser chamada e ela respondia "Gaia", querendo dizer com isso, que ela queria imitar, dentro da possibilidade, a conduta e os atos daquela mulher.

XLVI. SOBRE A PRUDÊNCIA E BOM SENSO DA RAINHA DIDO

Prudência, como tu mesma já havias dito, consiste em ter um julgamento e saber pesar as coisas que pretendemos empreender e saber levá-las a cabo. Para demonstrar que as mulheres são capazes de tal discernimento, até mesmo nas tarefas mais difíceis, vou citar-te o exemplo de várias mulheres políticas, primeiramente, o de Dido. Dido, que se chamava Elissa originalmente, mostrou bem o poder de seu discernimento pelos seus atos, como te contarei: Ela fundou e mandou construir na terra da África uma cidade chamada Carthage, da qual foi dama e rainha. Pela maneira com a qual conquistou a terra, fundou e conservou a cidade, ela deu prova de grande constância, nobreza e virtude – qualidades sem as quais seria impossível agir com prudência. Dido descendia dos Fenícios que haviam deixado as regiões mais afastadas do Egito a fim de fixarem-se na Síria, onde fundaram e construíram numerosos e magníficas cidades.

Desses povos, descendia um rei chamado Agenor, do qual por descendência vinha Belo, pai de Dido e rei dos Fenícios que conquistou o reino de Chipre. Este rei teve apenas um filho chamado Pigmalião, e aquela mocinha, chamada Dido. Prestes a morrer, recomendou a seus barões, e os fez prometer, que permanecessem leais e afetuosos para com seus dois filhos. Na sua morte, eles coroaram seu filho Pigmalião e casaram Elissa, que era muito bonita, com um nobre da região, o mais importante depois do rei, que se chamava Siqueu, ou Acerbe Siqueu. Ele era o grande sacerdote do templo de Hércules, segundo a sua religião, e era incrivelmente rico. Dido e Siqueu amavam-se profundamente e levavam uma vida feliz. Mas, o rei Pigmalião era cruel e de maus costumes, a pessoa mais invejosa que se tinha conhecimento, e de uma avidez sem limites. Sua irmã Elissa sabia o quanto ele era invejoso, e vendo que seu marido tinha um grande tesouro, e sua riqueza era notável, aconselhou-o de não confiar no rei e colocar seus bens em um lugar seguro, a fim de protegê-los da sua inveja. Siqueu seguiu seus conselhos, mas ele não protegeu sua pessoa das armadilhas do rei, como recomendara Dido. Foi assim que certo dia o rei o matou para apossar-se de seu tesouro. Elissa sofreu tanto com essa morte, que ficou a ponto de morrer com o luto. Durante muito tempo esteve aos prantos e gemidos, lamentando-se amargamente pela perda de seu amado e senhor e maldizendo seu cruel irmão que o havia matado. Mas, o rei traidor, achando-se enganado, por não ter encontrado nada das riquezas de Siqueu, ficou com grande rancor de sua irmã, pois achava que ela havia escondido-lhe tal tesouro. Vendo que sua vida estava correndo grande perigo, teve o bom senso de deixar o país e ir-se embora. Uma vez a decisão tomada, refletiu corajosamente sobre o iria fazer e armou-se de força e constância para que seu empreendimento fosse realizado. Bem sabia esta dama que o rei não era nada apreciado pelos barões, nem do povo, visto as grandes crueldades e crimes cometidos. Convocou, então, príncipes, burgueses e gente

do povo. Depois de fazê-los jurarem de guardar segredo, pôs-se a expor-lhes seus planos, com tamanha eloquência que todos aceitara partir com ela, jurando-lhe serem bons e fieis com ela. Assim, o mais rápido que pode, esta dama mandou preparar em segredo o navio, e partiu à noite com seu grande tesouro e uma multidão de gente, encorajando os marinheiros para fazerem todo o possível para irem mais rápido. Ela foi ainda mais astuciosa: sabendo bem que seu irmão, assim que tivesse conhecimento de sua partida, iria ficar com muita raiva deles, mandou, então, encher em segredo, grandes baús, malas e cestas de coisas pesadas de nenhum valor, como se fosse seu tesouro. Desse modo, aqueles que seu irmão fosse mandar para segui-los iriam distraírem-se com tais malas e não se opondo mais a sua viagem, a deixaria partir. O que não demorou para acontecer, pois mal haviam ganhado o mar, apareceu uma multidão de homens armados mandados pelo rei para os perseguirem. A dama dirigiu-se a eles com muita tranqüilidade e sabedoria, dizendo que estava indo em peregrinação, pedindo-lhes a permissão. Mas, quando a dama notou que aquela desculpa não estava servindo de nada, disse-lhes que não sabia o que o rei seu irmão queria com a sua pessoa, mas que se, afinal, quisesse levar seu tesouro, mandar-lhe-ia sem problema. E aqueles, sabendo que o rei não desejava mesmo outra coisa, mandaram que lhes dessem imediatamente, pois assim, iria satisfazer o rei, permitindo de melhorar as coisas para o seu lado. Então essa mulher, de semblante triste como se ela fizesse a contragosto, mandou entregar todas as malas e cofres. Carregaram seus navios, e acreditando ter agido bem, foram levar a boa notícia ao rei, partindo imediatamente. A rainha, sem fazer caso disso, tratou de retomar o mar e navegando dia e noite chegaram até Chipre. Ali, eles se reabasteceram. Após ter sacrificado aos deuses, Dido reganhou seu navio, levando com ela o sacerdote de Júpiter e sua família. Este, aliás, tinha sabido por adivinhação que uma mulher viria das terras da Fenícia e que ele deixaria seu país para ir-se com ela.

Deixando atrás deles a terra de Creta, navegaram à esquerda da ilha da Sicília, em seguida contornaram a costa da Massília e desembarcaram na África. Os habitantes do lugar correram logo para ver o barco e seus passageiros.

Quando viram que a dama e seu povo vinham em paz, levaram-lhes provisão. A dama lhes falou muito amavelmente, dizendo que escutara muitas coisas boas daquelas terras, e viera então se fixar ali; eles com muito gosto logo consentiram. Mostrando que não tinha intenção de estabelecer uma grande colônia naquelas terras alheias, a dama pediu-lhes que vendessem uma parte do litoral da largura de um couro de boi, apenas o suficiente para acomodar a ela e seu povo. Uma vez isso consentido, estabeleceram um contrato, para que os termos fossem respeitados. A partir daí, viu-se a inteligência e astúcia daquela mulher. Pois ela pegou um couro de boi, cortou em tiras bem finas, o máximo que pôde, amarrou umas nas outras, em seguida rodeou o litoral como com um cinto, obtendo assim uma grande quantidade de terras. Os vendedores ficaram muito espantados e surpresos com a habilidade e discernimento daquela dama, mas de qualquer forma, tiveram que fechar negócio.

Foi assim que aquela dama conquistou suas terras na África. Naquele território veio a encontrar a cabeça de um cavalo. Tal cabeça, o vôo e o grito dos pássaros foram presságios para os habitantes da cidade que acabava de ser fundada: eles seriam conquistadores valorosos, especialistas na arte da guerra. Logo, aquela dama mandou buscar operários de todo lugar. Não poupou suas riquezas e mandou construir uma cidade maravilhosamente bela, grande e forte, que a chamou de Cartago. À torre mais e ao torreão, deu o nome de Byrsa, quer dizer "pele de boi".

Havia apenas iniciado a levantar as construções da cidade chegaram notícias do seu irmão, que se preparava para atacá-la e a todos aqueles que a acompanharam, por acreditar ter sido enganado e zombado com a história do tesouro. Mas, ela respondeu

aos mensageiros que havia realmente entregue o tesouro aos enviados do seu irmão, e eles poderiam, talvez, ter roubado e colocado um falso tesouro no lugar. Outra coisa que poderia ter acontecido, é que os deuses tentaram dessa maneira punir seu irmão pelo crime que ele havia cometido ao assassinar seu marido. Eles teriam então metamorfoseado seus bens, a fim que ele não pudesse aproveitar nada deles. Quanto à guerra que a ameaçava, ela sabia bem com a ajuda dos deuses, se defender. Ela mandou então chamar todos aqueles que a haviam acompanhado e disse-lhes que ela não gostaria que eles ficassem com ela contra a vontade deles, nem que por sua causa eles sofressem algum dano. Ela propôs que se alguns quisessem partir, ou mesmo se todos o quisessem, ela restituiria o fruto de seus trabalhos, e deixaria que fossem embora. Eles responderam, em uma só voz, que viveriam e morreriam com ela, sem nunca abandoná-la, nenhum dia de suas vidas. Os enviados se foram e ela prosseguiu a construção de sua cidade, para terminar o mais breve possível. Com a construção terminada, ela promulgou leis e leis para que o povo pudesse viver de acordo com o direito e a justiça. Ela ilustrou-se tanto pela sua conduta, como pelo seu bom senso, que seu renome deu a volta ao mundo. No mundo inteiro só se falava dela. Sua coragem sem igual, sua audácia, o brilho de suas ações e a sabedoria de sua política tudo isso fez com que mudassem seu nome. Todos passaram a chamá-la de Didon, o equivalente no latim de "virago", que quer dizer: aquela que tem a coragem e a força de um homem. Durante muito tempo ela viveu na glória e teria continuado se Fortuna – sempre invejosa daqueles que prosperam – não tivesse se voltado contra ela, reservando-lhe uma bebida muito amarga, como te mostrarei em seguida quando chegar o momento.

Opis, ou Ops, chamada deusa e mãe dos deuses, era, em época bem remota, famosa por sua sabedoria, que, segundo o que contam as estórias antigas, soube posicionar-se de maneira muito prudente e constante tanto nos momentos de prosperidade quanto nos de adversidades enfrentados ao longo da sua vida. Aquela dama era a filha de Urano, homem bem poderoso na Grécia, e de sua mulher Vesta. Aquele época era ainda muito rude e pouco esclarecida. Opis teve como esposo Saturno, o rei de Creta, que era seu irmão. Este rei teve uma visão que sua mulher iria dar-lhe um filho macho que o mataria. Para livrar-se de tal destino, ordenou que todo filho macho que a rainha viesse a ter fosse morto. Graças à inteligência e sabedoria da rainha, ela conseguiu salvar seus três filhos, Júpiter, Netuno e Plutão, da morte. Foi, então, muito honrada e louvada por tal prudência. Sua inteligência e a autoridade de seus filhos lhe valeram tal reputação e estima no seu tempo, que as pessoas ignorantes a chamavam de deusa e mãe dos deuses, pois seus filhos eram considerados desde então deuses, por serem em algumas coisas mais inteligentes que os outros homens. Estes, sendo bastante rústicos. A esta dama dedicaram templos e sacrifícios. Durante muito tempo, o povo manteve tal crença equivocada, e mesmo em Roma, no auge de sua prosperidade, os romanos persistiam em tal erro, fazendo essa dama gozar de uma grande veneração.

XLVIII. SOBRE LAVÍNIA, FILHA DO REI LATINUS

"Lavínia, rainha dos Latinos, foi também muito renomada pelo seu bom senso. Esta nobre dama era descendente de Saturno, o rei de Creta de quem acabamos de falar. Era a filha do rei Latinus; ela tornou-se a esposa de Enéias. Antes de seu casamento, Turnus, o rei dos Rútulos, lhe havia sido prometido; seu pai, a quem um oráculo tinha anunciado que ela casaria-se com um príncipe troiano, adiava sempre o casamento; sua esposa, no entanto, o incentivava. Chegando na Itália, Enéias mandou pedir ao rei

Latinus a permissão de desembarcar nas suas terras. Este não somente concedeu-lhe a permissão, como ofereceu a mão de sua filha em casamento. Eis a razão pela qual Turnus entrou em guerra contra Enéias. Foi uma guerra extremamente assassina; O próprio Turnus perdeu a vida nela. Enéias levou a vitória, e casou-se com Lavínia. Ela estava grávida quando ele morreu. Na hora do parto, temendo que Ascânio, o filho da primeira união de Enéias, matasse a criança que vinha ao mundo para reinar no seu lugar, Lavínia foi dar à luz na floresta. Chamara a criança de Júlio Sílvio. Aquela mulher nunca quisera casar-se novamente; viúva, conduziu-se com prudência exemplar e com sua inteligência, soube preservar seu reino. Seu enteado, que a apreciava, nada fez contra ela, nem contra o irmão, deixando o reino para fundar a cidade de Alba, onde foi viver. Lavínia governou muito sabiamente junto ao seu filho, até que ele tivesse idade para reinar sozinho. Foi dele que nasceram Rômulo e Remo, os fundadores de Roma, assim que todos os grandes príncipes romanos que os sucederam.

Que queres que te diga mais, cara filha? Acredito ter dado argumento suficiente para a defesa de minha tese, ou seja, ter provado a ti, pelas claras demonstrações e pelos exemplos, que Deus nunca condenou mais, nem condena, as mulheres do que os homens. Isso tu pudeste ver claramente e confirmarás com o que minhas duas irmãs, que estão aqui, irão te contar. Pois, ao que me parece, já fiz o bastante: levantei os muros de fechamento da Cidade das Damas e eles já se encontram secos e acabados. Agora é a vez das minhas outras irmãs. Com a ajuda e conselho delas, irás terminar as construções que restam a fazer.

Aqui termina a primeira parte do *Livro a Cidade das Damas*.

LIVRO SEGUNDO

AQUI COMEÇA A SEGUNDA PARTE DO LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS, ONDE É NARRADO POR QUEM FORAM ERGUIDOS AS MORADIAS E OS EDIFÍCIOS NO INTERIOR DA CIDADE, E A MANEIRA COMO ELA FOI POVOADA

I O PRIMEIRO CAPÍTULO FALA DAS DEZ SIBILAS.

Depois do discurso da primeira dama, chamada Razão, a segunda, que tinha o nome Retidão, dirigiu-se a mim, começando a falar-me assim : « Cara amiga, não vou abandonar minha tarefa de construir, com tua ajuda, os edificios que serão contornados e protegidos pela muralha, edificada pela minha irmã Razão, que guarnecem a fortaleza da Cidade das Damas. Pegue as tuas ferramentas e venha comigo. Não hesite; misture a tinta no cartucho e, com a tua pluma, comece a construir, pois fornecerei-te material suficiente para, em poucas horas, e com a ajuda divina, termos edificado os altos palácios reais e nobres mansões das excelentes e ilustres damas gloriosas, que serão hospedadas nesta cidade, aonde residirão para sempre ».

Então eu, Cristina, ouvindo as palavras da honrada dama, disse assim : Excelentíssima dama, eis-me aqui pronta. Ordenai-me, pois, meu desejo é de obedecer ».

E ela disse-me assim : « Amiga, veja as belas pedras relusentes, mais preciosas do que todas as outras, que encontrei e prepararei para utilizar nessa construção. Crede que iria ficar oisiva enquanto tu e Razão trabalháveis arduamente ? Agora as arrume de acordo com a linha que tracei aqui e seguindo a ordem que te direi.

« Entre as damas de dignidade soberana aparecem acima de todas aquelas de plena sabedoria, as sábias Sibilas que, como indicam as obras dos autores mais importantes, eram em número de dez, ainda que alguns citam apenas nove. Ó cara amiga, preste bem

atenção: Já houve algum profeta de quem Deus tivesse amado tanto, e a quem tivesse consentido honras maiores em revelação, que aquelas feitas a essas nobilíssimas damas, evocadas aqui ? Não foi posto nelas o santo dom da profecia, tão profunda e arguta que suas palavras nem pareciam anunciar o futuro, mas antes, uma crônica de acontecimentos passados e conhecidos, de tão claras, evidentes e compreensíveis eram suas palavras e seus escritos? Suas obras falaram inclusive da vinda de Jesus Cristo, o que aconteceu muito tempo depois, e de maneira ainda mais clara e com mais detalhes do que o que foi encontrado pelos profetas. Estas mulheres se mantiveram castas a vida inteira, desprezando todo ato impuro. Eram todas chamadas de Sibilas. Mas, isso não significa que se trata de seus nomes. Sibila quer dizer : aquela que conhece o pensamento de Deus. E foram assim chamadas, por profetizarem coisas tão extraordinárias que apenas o espírito divino poderia ter ditado aquelas palavras. Trata-se, portanto, de um título, e não de um nome próprio. As sibilas nasceram em diferentes países do mundo e em épocas distintas, mas todas profetizaram grandes coisas para o futuro, em particular, a vinda de Jesus Cristo. Apesar de serem todas pagãs e nenhuma pertencia à religião dos judeus. A primeira era originária de Persa e por isso chamada, Pérsica. A segunda era de Líbia, assim chamada Líbica. A terceira é gerada no templo de Delfos e por isso vem a se chamar Délfica. Foi ela quem prefoetizou a destruição de tróia, muito antes que viesse a acontecer. Ovídio dedicou-lhe vários versos em uma de suas obras. A quarta era da Itália e chamou-se Ciméria. A quinta, nascida na Babilônia, chamava-se Erifile; Foi ela que deu a resposta aos gregos, que vieram até ela quando iam destruir Tróia e a fortaleza de Ilion, sobre os quais Homero escreveu erroneamente. Foi também chamada de Eritréia, por ter morado na ilha do mesmo nome e por ter sido lá que seus livros foram encontrados. A sexta, da ilha de Samos, chamou-se Samia. A sétima recebeu o nome de Cumes, e era da região Campania, na Itália. A oitava

chamava-se Helespôntica, pois, havia nascido na planície de Tróia, Helesponto, e viveu na época dos célebres autores Solone e Tiro. A nona nasceu em Frígia e veio a ser chamada Frígia ; ela anunciou a queda de muitos reinos e predisse a vinda do falso profeta Anticristo. A décima, de nome Tíbure, era por outros chamada de Albunea, muito estimada por ter anunciado de maneira muito clara a vinda de Cristo. Apesar das sibilas serem de origem pagã, todas desaprovavam aquelas religiões e o politeísmo, dizendo que existia um só Deus e que os ídoles eram vãs.

II SOBRE A SIBILA ERITRÉIA.

É bom lembrar que dentre as Sibilas, Eritréia foi a mais sábia: Deus lhe concedeu uma capacidade extraordinária e particular, graças à qual ela descreveu e profetizou o futuro com tanta clareza que sua história parecia provir mais do Evangelho do que de uma profecia. A pedido dos gregos, ela contou em seus versos suas conquistas, suas batalhas e a destruição de Tróia, tão claramente que a coisa não pareceu mais verdadeira quando realmente aconteceu. Muito tempo antes do evento ela descreveu ainda, em uma narrativa sucinta e autêntica, o império de Roma, a potência dos Romanos e seus destinos; ela fez tão bem que até parecia mais uma breve memória de fatos históricos passados do que coisas que viriam a acontecer. Ela predisse algo de mais maravilhoso e maior ainda: anunciou e revelou de maneira clara o segredo da potência de Deus, que os profetas haviam anunciado apenas com figuras e palavras obscuras, a saber o grande mistério do Espírito Santo, a Encarnação do Filho de Deus na virgem. Em seu livro havia escrito: "*Iesous Christos Theou Uios Sother*", o que significa em nossa língua: "Jesus Cristo filho de Deus, Salvador". A vida e os milagres dele, a traição, sua captura, as humilhações, sua morte, a ressurreição, sua vitória e Ascensão e a descida do Santo Espírito aos apóstolos no dia do juízo final, tudo isso

com tanta precisão que se poderia pensar em um resumo do mistério da fé cristã mais do que uma predição do futuro.

A propósito do Dia do Juízo Final, disse essas palavras: "Neste dia terrível, em sinal do julgamento a terra suará sangue. O Rei que julgará o mundo inteiro descerá do céu; o justo e o malvado o verão. As almas reencontrarão seus corpos, e cada um terá a recompensa que merecer. Então as riquezas e os falsos ídolos se fundirão. O fogo aparecerá e toda forma viva encontrará a morte. Então, virão os prantos e os desconsolos, a angústia fará tremer os dentes. O sol, a lua, e as estrelas perderão suas luzes, As montanhas e os vales se nivelarão. O mar, a terra e todas as coisas desse mundo serão levadas à igualdade. As trombetas celestes chamarão à unanimidade pelo Juízo Final. Assim será grande o furor, e todos chorarão pela própria loucura. O mundo será recriado. Os reis, príncipes, a humanidade inteira aparecerão diante do soberano juiz que dará a cada um aquilo que merecer. Descendo do céu o trovão queimará o fundo do inferno.

Tudo isso foi contado pela Sibila em vinte e sete versos. Bocaccio escreveu, e todos os outros grandes autores que falaram dela afirmaram também, que a quantidade de suas virtudes nos leva a acreditar que ela foi a eleita de Deus, e que se deva honrá-la mais do que a qualquer outra mulher, a exceção das bem-aventuradas santas do paraíso. Ela permaneceu virgem toda sua vida, e deve-se acreditar que ela conseguiu a pureza mais perfeita, pois em um coração maculado corrompido de vícios não se poderia ser tão iluminado e com tanto conhecimento do futuro.

III. SOBRE A SIBILA AMALTÉIA

A sibila Amaltéia nasceu, como já dissemos, na província de Campânia, não muito longe de Roma. Ela também havia recebido dons particulares de clarividência e

profecia. De acordo com as crônicas, sabe-se que ela nasceu na época da destruição de Tróia e que ela viveu até o reino de Tarquínio, o Soberbo. Alguns a chamaram de Deifebe. Ela alcançou uma idade espantosamente avançada, e permaneceu virgem toda sua vida. Seu imenso saber levou diferentes poetas imaginarem que tinha sido amada de Febus, que era chamado de Deus da sabedoria. Teria sido Febus que haveria lhe concedido tantos conhecimentos e uma vida tão longa. Mas é preciso entender por aí que sua virgindade e sua pureza fizeram amada de Deus, ele que é o sol de toda sabedoria e que fez brilhar nela a luz da profecia. É assim que ela pôde anunciar e consignar diversos acontecimentos do futuro. Além disso, está escrito que quando ela devolveia o oráculo na margem do Baiol, perto do lago do inferno, ela teve uma revelação divina maravilhosa e sublime na qual foi escrita e conservada em seu nome. Ela está redigida inteiramente em versos rimados. Trata-se de uma coisa muito antiga, mas todos aqueles que a consultam a examinam espantam-se ainda pela grandiosidade e superioridade daquela mulher. Segundo alguns poemas, ela guiou Enéia aos Infernos e o trouxe.

Esta mulher chegou em Roma, levando nove livros que ela mostrou ao rei Tarquínio para vendê-los. Como ele recusava de dar-lhe o prelo que ela pedia, ela queimou três em sua presença. No dia seguinte, ela pediu pelos seis livros restantes o preço exigido para os nove, afirmando que se recusasse de novo o preço pedido, ela queimaria imediatamente três daqueles livros e os três outros no dia seguinte. Então o rei Tarquínio pagou-lhe o preço que ela havia primeiramente pedido. Esses livros foram cuidadosamente guardados. Ele se assegurou que eles contavam tudo o que devia acontecer aos romanos no futuro, pois foram encontrados preditos todos os acontecimentos que se produziram em seguida. Estes volumes foram preciosamente

conservados na sala do Tesouro dos imperadores, a fim que se possa tirar conselhos, como de um oráculo divino.

Observe bem isso, minha cara Cristina, e note como Deus deu o dom a uma simples mulher de tantas virtudes que não apenas ela soube aconselhar e guiar em vida um imperador, e mais ainda, para assim dizer, todos aquele que até os finais do tempo reinaram em Roma, predizendo todos os acontecimentos futuros do império. Diga-me, eu te peço, se existiu algum homem que tivesse feito tanto. E tu, bem asneiramente, lamentavas-te por pertencer ao mesmo sexo que esses seres notáveis, achando que Deus as havia desprezado!

Virgílio falou desta sibila em seu grande poema. Ela passou o final de sua vida em Siche. Durante muito tempo mostrou-se seu túmulo aos visitantes.

IV. SOBRE VÁRIAS OUTRAS PROFETISAS

"Essas dez mulheres não foram as únicas no mundo que Deus escolheu para receber aquele dom de profecia; houve ao contrário, um número muito grande, e em todas as religiões que se pôde professar. Se procuras na religião judia, encontrarás muitas, por exemplo Débora, profetisa no tempo dos Juízes de Israel. O povo de Deus, que havia vivido vinte anos de escravidão sob o julgo do réu de Canaã, conseguiu livrar-se pelo senso prático daquela mulher. A bem-aventurada Elisabeth, prima de Nossa Senhora, também não foi profetisa, quando disse à gloriosa virgem que veio vê-la: "O que aconteceu que a mãe de Deus veio até a mim?" Pois, sem o dom de profecia, ela não poderia saber que Maria havia concebido do Espírito Santo., se não tivesse sido pelo dom da profecia, assim como também Simão , o profeta, ao qual Nossa Senhora apresentou Jesus Cristo no dia da Candelária no altar do Templo. E o santo profeta soube quem era o salvador do mundo e pegou entre seus braços, dizendo: "Nunc

dimittis". A boa dama Ana, que cumpria seus afazeres no Templo, andando de um lado para o outro, não apenas viu entrar a Virgem com seu filho nos braços, mas soube por revelação divina que era o Salvador. Ajoelhou-se para adorá-lo e clamou bem alto que tinha vindo aquele salvaria o mundo. Encontrarás muitas outras profetisas, e se prestares atenção na história dos Judeus, e quanto à religião cristã, conta-se um número quase infinito. Os exemplos abundam entre as santas. Deixar-los-emos de lado, no entanto, pois poderia-se dizer que Deus as privilegiou com um dom especial, e sigamos adiante contando histórias das pagãs.

"A rainha Saba, de quem a Sagrada Escritura faz menção, era extraordinariamente inteligente, e quando ouviu falar da sabedoria de Salomão, cuja fama corria no mundo inteiro, teve vontade de vê-lo. Por isso, mudou-se das terras longínquas do Oriente, deixando seu país em direção das terras de Etiópia e do Egito, ao longo do Mar Vermelho e pelo grande deserto da Arábia. Acompanhada de um nobríssimo cortejo de príncipes, senhores, cavalheiros, grandes damas, e um tesouro muito precioso, ela chegou na cidade de Jerusalém para ver e visitar o o sábio rei Salomão, e para provar e verificar se tudo que dizia dele pelo mundo afora era verdade. Salomão a recebeu com muita honra, como ela merecia, e ela ficou perto dele durante muito tempo, provando da sua sabedoria em diversas áreas; suas perguntas foram várias, e muitos enigmas difíceis e obscuros ela lhe propôs, e ele respondeu maravilhosamente a tudo. E ela disse que a grande sabedoria de Salomão não era de origem humana, mas fruto de um especial dom divino. Essa dama ofereceu-lhe inúmeros presentes, entre os quais foi plantar pequenas árvores de onde se extrai licor balsamo. O rei mandou plantá-las nas perto do lago Asphaltite e ordenou fossem cultivados e podados com cuidado. Em troca, o rei ofereceu-lhe preciosas jóias.

"Dizem, em alguns escritos que contém a sabedoria e os dons de profecia dessa mulher, que um dia quando ela se encontrava em Jerusalém e Salomão a acompanhava para ver a nobreza do Templo que ele tinha mandado edificar, ela viu uma grande tábua plana de madeira de través em um lamaçal, que era usada para atravessar aquele. Ao ver aquela tábua, ajoelhou-se para adorar, dizendo: "Virá um dia em que esta tábua, por ora tão desprezada e pisada por vossos pés, será honrada acima de qualquer pedaço de madeira do mundo. Ela será ornamentada de ricas pedras preciosas dos tesouros dos príncipes. Pois, sobre a madeira dessa tábua morrerá aquele acabará com a religião dos judeus." Estas palavras não ficaram por isso mesmo. Os Judeus retiraram a tábua dali e enterraram-na um lugar em que não pudesse nunca mais ser encontrada. Mas, como não se pode contrariar a vontade de Deus, os Judeus esconderam-na tão bem que só foi encontrada no tempo do Nosso Senhor Jesus Cristo. E daquela tábua diz-se que foi construída a cruz sobre a qual o Nosso Salvador sofreu a paixão e a morte. Assim aconteceu a profecia dessa mulher.

V. SOBRE NICOSTRATE, CASSANDRA E A RAINHA BASINA.

Nicostrate, sobre quem se falou anteriormente, também era uma profetisa. Logo que ela atravessou o rio Tibre, com seu filho Evandro, cujo nome é bastante mencionado nas histórias, profetizou que em cima do monte Palatino seria construída uma cidade, a mais famosa do mundo, e que dominaria de maneira soberana todos os reinos da terra. E, como ela gostaria que fosse ela a primeira a colocar a primeira pedra, construiu lá um forte, como já escutaste falar. Foi lá que depois foi fundada a cidade de Roma.

“Item, Cassandra, a nobre rainha troiana, conhecedora de todas as artes, filha do rei de Tróia, Príamo e irmã do virtuoso Hector, não era ela também uma profetisa?

Como essa jovem recusava-se a ter um esposo, por mais nobre que fosse, soube prever o futuro dos troianos, e por isso estava sempre imersa na tristeza. Quanto mais acompanhava o florescimento de Tróia, sua prosperidade e magnificência, antes de começar a guerra contra os gregos, mais ela chorava, gritava e lamentava sua grande dor. Olhando a nobreza e riqueza da cidade, seus irmãos tão famosos, Heitor que era tão valoroso, Cassandra não pôde ficar calada diante do grande mal que estava para acontecer. Quando a guerra começou, sua dor amentou, e ela não parava de gritar e de se lamentar, pedindo, pelo amor de Deus, ao seu pai e irmãos que fizessem as pazes com os gregos ou eles seriam, infalivelmente, destruídos ao final daquela guerra. Mas, não acreditaram e não levaram em conta nada que ela havia falado.

«Sofria tremendamente com toda aquela tragédia e aqueles danos, e todavia não se calava, mesmo sendo diversas vezes batida por seu pai e seus irmãos que a chamavam de louca. Nada disso a fez calar-se, nem mesmo ameaçada de morte. Para ter um pouco de tranquilidade e acabar com aquele barulho nos ouvidos a trancou em um quarto isolado das pessoas. Mas, teria sido melhor terem acreditado nela, pois tudo que disse aconteceu realmente. Então no final se arrependeram, mas era tarde demais.

Item, a rainha Basina, esposa do rei Turingia, e em seguida de Cilderico, o quarto rei da França, de acordo com as crônicas, não teve uma profecia também tão extraordinária? A história conta que na sua noite de núpcias com o rei Cilderico, ela anunciou-lhe que se ele mantivesse casto naquela noite ele teria uma visão maravilhosa ; assim, pediu para levantar-se, ir até a porta do quarto e de prestar atenção naquilo que ele viria. O rei foi até lá e achou ter visto aqueles animais grandes, chamados unicórnios, assim como leopardos e leões, que iam e vinham pelo palácio. Ele voltou completamente assustado e perguntou à rainha o que aquilo significava. Ela disse que lhe reponderia de manhã e que não deveria ficar assustado, mas, ao contrário, voltar lá.

Ele voltou e achou que dessa vez tinha visto ursos e lobos enormes, bem pertinho a se atacarem. A rainha o enviou uma terceira vez e ele achou que havia visto ali dois cachorros e outros animaizinhos se esguelarem. Ao rei que vinha terrorizado e assustado com aquela visão, a rainha explicou que a aparição dos animais que ele havia visto significava as diferentes gerações de príncipes que reinaram a França, seus descendentes; a natureza e diversidade dos animais que ele havia visto, simbolizavam os costumes e conquistas. Podes ver, desse modo, bela amiga, como Nosso Senhor manifestou e manifesta freqüentemente no mundo seus segredos através das mulheres. »

VI. HISTÓRIA DE ANTONIA, QUE SE TORNOU IMPERATRIZ.

Não foi um segredo sem importância aquilo que Deus, por meio da visão de uma mulher, revelou a Justiniano, que depois se tornou imperador de Constantinópoles. Justiniano era o encarregado da custódia dos tesouros e dos cofres do imperador Justino. Um dia, para seu prazer, foi passear nos campos com sua amada, que se chamava Antônia. Ao meio-dia, Justiniano quis repousar-se, então, estendeu-se sob uma árvore para dormir, colocando a cabeça no colo da sua amada. Quando ele adormeceu, Antônia viu chegar uma águia enorme, voando sobre eles e estendendo suas asas para proteger os olhos de Justiniano dos raios do sol. E ela, muito sábia, pôde entender o significado. Quando ele acordou, ela dirigiu-se a ele com essas belas palavras: «Belo e doce amigo, vos amei e vos amo muito, como deveis saber, vós que sois o senhor do meu corpo e do meu amor. Não há motivos para um alguém, que é tão amado pela amiga recuse algo, por isso, gostaria de pedir-vos um favor, em recompensa do dom de minha virgindade e de meu amor: algo que vos parecerá insignificante e que para mim é muito importante». Justiniano disse à sua amiga que ela podia fazer o pedido, sem hesitar, que ele lhe concederia tudo que estivesse ao seu alcance. «Então , disse Antônia, o favor que vos

peço é que quando fordes imperador, não desprezai vossa pobre amiga Antônia, mas fazei dela a companheira de vosso esplendor e de vosso império, através de um leal matrimônio, e nesse momento prometereis-me. Quando Justiniano viu a jovenzinha falar assim, começou a rir, pensando que fosse uma brincadeira. Pois, acreditava que fosse impossível tal eventualidade, de se tornar um dia imperador. Ele jurou, então, diante de todos os deuses, e ela lhe agradeceu. Como compromisso daquela promessa, trocaram-se os anéis. Assim pôs-se a dizer: «Justiniano, anuncio-te que sereis com certeza imperador e que isso acontecerá brevemente!». Depois disso, separaram-se. Pouco tempo depois, o imperador Justino, depois de ter reunido seu exército para ir combater contra os persas, adoeceu e morreu. Os barões e príncipes reuniram-se para eleger um novo imperador, não conseguindo chegar a um acordo, por despeito de um e de outro, elegeram Justino o imperador. Esse não ficou parado a sonhar: foi impetuosamente com um grande exército lutar contra os persas. Ganhando a batalha, prendeu o rei da Persa e conquistou grande honra e riquezas. Quando voltou ao palácio, Antônia, sua amiga, não quis se deixar ser esquecida. Assim, tanto fez que com sua estratégia conseguiu entrar até a sala do trono, onde ele se encontrava com os príncipes. Ajoelhada diante dele, começou a falar, dizendo-se ter vindo até ele para pedir justiça a uma jovem com quem ele havia noivado, trocando seu anel contra o dela. O imperador que não pensava mais nela, respondeu-lhe que se uma promessa de casamento havia sido feita, era justo que o jovem casasse com ela. Ele estaria pronto a lhe fazer justiça, do momento que isso fosse provado. Assim, Antônia tirou o anel do dedo, dizendo: «Nobre imperador, posso provar através desse anel. Vede se não o reconheceis». O imperador entendeu assim que havia sido pego por suas próprias palavras. Portanto, quis manter sua promessa, encaminhando-a imediatamente aos seus cômodos, a fez vestir-se com ricas vestimentas e a tomou como esposa.

VII. CRISTINA CONVERSA COM RETIDÃO

«Dama, pelo que escuto e vejo claramente o lado das mulheres contra tudo aquilo de que são acusadas, entendo, melhor do que nunca, como estão errados seus acusadores. Mas, não posso deixar passar silenciosamente esse costume tão difundido entre os homens e mesmo entre algumas mulheres: quando as mulheres ficam grávidas e têm uma menina, muitas vezes acontece dos maridos ficarem insatisfeitos e se lamentarem por suas mulheres não lhes terem dado um menino; e suas mulheres, parvas que são, ao invés de ficarem contentes de tudo ter se passado bem no parto, agradecendo a Deus por isso, também ficam tristes por ver que seus maridos estão. Dama, por que razão elas se afligem desse modo? Será que as meninas representam um fardo maior do que os meninos ou será que manifestam menos amor por seus pais ou não tomam conta deles tanto quanto os machos?

Resposta: «Cara amiga, como perguntas-me os motivos disso, posso afirmar-te que isso provém da extrema inocência e ignorância daqueles que são descontentes; todavia, o motivo principal de suas insatisfações é o dote que terão que dispor quando forem casá-las. Outros se comportam assim por temerem o perigo, quando jovens e ingênuas possam ser enganadas com maus conselhos. Mas, todos esses motivos são desprezíveis diante da razão. Quanto ao medo que elas façam loucura, basta que as eduquem sabiamente desde pequenas, e que suas mães dêem sempre bons exemplos em honestidade e doutrina, pois se a mãe leva uma vida dissoluta, ela não poderá nunca ser um bom exemplo para a filha. Também devem ser preservadas de más companhias, sendo acompanhadas de perto. Pois, mantendo a autoridade sobre as crianças e os jovens e ensinando-os a disciplina, educa-se assim a uma vida de nobres costumes. A mesma coisa em relação ao dote, se os pais prestassem bem atenção ao que gastam com

os filhos –tanto para a sua educação quanto para a aprendizagem de uma profissão, quanto para manter o próprio status, sejam de alta, média ou baixa condição, e até com despesas supérfluas com más companhias e em loucuras de todo tipo – acredito que eles não encontrariam mais vantagens nos meninos do que nas meninas. E se se leva em conta a dor e preocupação que dão os meninos, devido às brigas e desordens em que se metem, com a vida dissoluta que levam – e isso, às custas e prejuízos de seus pais -, então, acho que vale mais a preocupação que se tem com as filhas! Diga-me, quantos filhos são vistos tomando conta com delicadeza e humildade dos pais quando esses estão velhos, assim como deveria ser? Acredito que haja muito poucos. Claro que já vimos e veremos sempre, mas isso é algo raro. Acontece, ao contrário, quando o pai e a mãe educam os filhos como deuses, esforçam-se para educar e dar-lhes uma profissão, ao tornarem-se adultos, e o destino os fizer ricos e bem abastados, e o pai já velho, por alguma desgraça, ficar pobre e miserável, esses filhos o desprezam, e ao vê-lo se envergonham e ficam incomodados. Se o pai é rico, lhe desejam a morte para ficarem com a herança. Oh! Deus sabe quantos são os filhos dos grandes senhores e dos homens ricos a desejarem a morte de seus pais, para apossarem-se das suas terras e de seus bens. E, Petrarca diz bem, quando escreve: «Óh, homem louco: desejas ter filhos, mas não sabes que não há mais mortal inimigo, pois, se és pobre, ficarão cansados de ti e desejarão tua morte para assim ficarem livres, e se és rico, desejarão da mesma forma, para ter aquilo que é teu». Não quero afirmar que todos são assim, mas que há muitos. E se são casados, Deus sabe a grande ambição com que buscam tirar proveito do pai e da mãe, tanto que, pouco importa se os pais morram de fome, contanto que para eles tenham tudo. Ah ! que criaturas ! Ou se as mães ficam viúvas, no momento de lhes ajudarem, e as reconfortarem, na sua velhice, aquelas que tanto os amaram, e educaram com carinho, não sabem recompensá-las. Pois, esses filhos malvados acham que tudo

delas lhes pertence, e se as mães não cedem tudo o que eles pedem, não se privam de tratá-las mal. Deus sabe quanto eles as desrespeitam! Há ainda pior, pois alguns não têm escrúpulos de moverem processos e portarem queixas contra elas. Eis a recompensa de muitos, por terem consagrado toda a vida a buscar a melhoria dos filhos. Muitos filhos agem assim, e acontece de algumas filhas apresentarem conduta semelhante, mas se prestares atenção, creio que encontrarás bem mais filhos indignos do que filhas. E admitindo que todos são bons, encontra-se com bem mais frequência as filhas em companhia de seus pais, do que os filhos. E são elas que os visitam mais, os confortam e tomam conta deles na velhice ou na doença. O motivo é que os filhos viajam aqui e ali pelo mundo e as filhas são mais quietas e sempre se mantêm por perto. Tu mesma és um exemplo. Mesmo teus irmãos sendo bons, leais e muito afetuosos, saíram pelo mundo e apenas tu ficaste em companhia de tua boa mãe: um reconforto maravilhoso em sua velhice. Pode-se então concluir que aqueles que se afligem e se entristecem com o nascimento de uma filha são realmente parvos. E, visto que me conduziste a esse assunto, gostaria de te contar alguns exemplos, mencionados nos livros, de mulheres que, entre outras, demonstraram muito amor e piedade para com seus pais ».

VIII. AQUI COMEÇA A FALAR DAS MOÇAS QUE AMARAM SEUS PAIS :
PRIMEIRAMENTE A HISTÓRIA DE DRIPERTUA

Dripertua, rainha de Laodocia, amava muito seu pai, o grande rei Mitridate, amava-o tanto que o seguia em todas as batalhas. Dripertua era muito feia, pois ela tinha uma fila dupla de dentes, uma coisa monstruosa. Mas, sentia um grande amor pelo seu pai e nunca o abandonou, nem na prosperidade, nem no infortúnio. Apesar de ser rainha de um grande reino, onde poderia ter vivido tranqüilamente e bem sossegada, ela dividiu o trabalho e os sofrimentos de seu pai, nos lugares onde ele estava em guerra. E

até mesmo quando ele foi vencido pelo imperador Pompeu, ela não o abandonou, ao contrário, cuidou dele com grande cuidado e atenção.

IX. HISTORIA DE ISIFILE

Isifile arriscou a vida para salvar o pai Toante, rei de Lemno. Como o povo havia revelado contra ele, com grande fúria dirigiam-se ao palácio para matá-lo, sua filha Isifila o escondeu em um baú, em seguida foi acalmar a multidão. Todo esforço foi em vão ; procuraram o rei por todos os lados e, não conseguindo encontrá-lo, apontaram a espada contra Isifile, ameaçando-a de morte caso não revelasse onde estava o rei, com a promessa que em troca a coroavam-na rainha e lhe obedeceriam. Mas, a nobre e leal filha, que prezava mais a vida do pai do que o fato de se tornar rainha, não se apavorou diante da ameaça de morte, respondeu-lhes corajosamente que sem dúvida seu pai havia fugido por um dos cômodos. Finalmente, não conseguindo encontrá-lo, e ela assegurando com tanta firmeza que ele havia fugido, creram-na e a coroaram rainha. Governou-lhes em paz por algum tempo mas, temendo ser acusada por algum invejoso pelo fato de esconder seu pai, resolveu mandá-lo embora à noite com segurança, o enviando pelo mar com muitos bens. Mas, como esse caso veio a ser descoberto por cidadãos desleais, cassaram sua rainha Isifile, e se não fosse a intervenção de alguns deles, tocados por sua fidelidade, a teriam matado.

X. HISTÓRIA DA VIRGEM CLAUDIA

Que grande prova de amor a virgem Cláudia demonstrou ao seu pai! Quando esse voltou vitorioso de suas longas batalhas militares, os romanos o recebiam com todas as honras, através de uma cerimônia chamada « triunfo », reservada aos príncipes que voltavam vitoriosos de qualquer empreendimento. O pai de Cláudia, que era um dos príncipes mais valorosos de Roma, foi atacado por um dos senhores de Roma que o

odiava. Sua filha Cláudia, consagrada à Deusa Vesta (o que equivaleria hoje ser uma religiosa de alguma abadia), estava no cortejo das religiosas de sua ordem que iam ao encontro do príncipe, como era o costume, quando ouviu rumores e ficou sabendo que seu pai havia sido atacado por inimigos. Então, o grande amor que sentia por seu pai a fez esquecer o comportamento simples e calmo de uma virgem consagrada e deixou de lado qualquer temor e medo, saltou da carruagem onde estava com suas companheiras, e precipitando-se na multidão, atravessando-se entre as espadas e lanças que ameaçavam seu pai. E com isso, saltou no pescoço do que estava mais perto do seu pai e pôs-se a defendê-lo com todas suas forças. A multidão começou a se dispersar, mas como os bravos romanos tinham o costume de sempre venerar qualquer pessoa que tivesse realizado um ato digno de admiração, muito apreciaram aquela virgem, celebrando com louvor o que ela havia feito. »

XI. HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE AMAMENTAVA SUA MÃE NA PRISÃO

Um amor semelhante a esse sentia uma mulher de Roma pela sua mãe, como contam as lendas. O que houve é que sua mãe, por um crime que teria cometido foi condenada a morrer na prisão de fome e sede. Sua filha, movida por um grande amor filial, e insatisfeita com tal condenação, pediu aos guardas o favor de consentir uma visita à sua mãe todos os dias em que ainda estivesse em vida, para encorajá-la. Resumindo, de tanto chorar e suplicar, os guardas da prisão tendo piedade dela, concederam-lhe a permissão de visitar sua mãe todos os dias. Todavia, antes de conduzi-la até a sua mãe, eles fizeram a revistaram minuciosamente assegurando-se de que ela não estava trazendo nenhum alimento. As visitas duravam já tantos dias que pareceu impossível aos carcereiros que a prisioneira ainda pudesse sobreviver naturalmente sem comer. Como sua filha era a única pessoa a visitá-la, os carcereiros,

que continuavam a revistá-la a cada visita, ficaram espantados e procuraram esclarecer tal mistério. Eles foram espionar então a mãe e a filha na visita seguinte e perceberam que a pobre filha, que recentemente havia tido um filho, dava o seio à sua mãe, que bebia então todo o leite de seus mamilos. A filha devolvia então na sua velhice o que havia recebido na infância. Tal dedicação e tal amor de uma filha por sua mãe comoveram profundamente os carcereiros; o fato chegou aos ouvidos dos juízes que, cheios de compaixão, liberaram a mãe, devolvendo-a à sua filha.

“Ainda a propósito do amor de uma filha pelo pai, pode-se evocar o caso da excelente e sábia Grisélida. Contarei-te a seguir sobre a virtude exemplar a firmeza e a constância daquela que tornou-se a marquesa de Soluces. Oh! Como foi grande aquele amor inspirado por uma natureza leal! Foi ele que a deixou pronta a servir humildemente e a obedecer com tanta constância ao seu pobre pai Janicole, velho e doente, que, na flor da sua juventude, na pureza e virgindade, ela cuidava e alimentava seu pai com muita devoção. Pelo labor de seus trabalhos manuais, ela ganhava com grande penar e boa-vontade a mísera vida que levavam. Oh! Bendita hora nasceram essas filhas que dão aos seus pais tanto amor filial e tanta devoção! Porque se é verdade que estão cumprindo apenas sua obrigação, suas almas encontram uma justa recompensa. E o mundo deve prestar-lhes grandes louvores, assim como aos filhos. Que queres que te conte ainda? Poderei dar-te um número infinito de exemplos similares, mas por ora esses devem ser suficientes.

XII. RETIDÃO AFIRMA TER ACABADO A CONSTRUÇÃO DOS EDIFÍCIOS E QUE É TEMPO DE POVOAR A CIDADE.

Parece-me que agora, cara amiga, que nossa obra de construções está bem avançada e ao longo dessas largas ruas da nossa Cidade das Damas, elevam-se as altas casas e magníficos palácios reais, seus torreões e torres de defesa, erguidos tão altos que

de longe podem ser vistos. Agora chegou a hora de começar a povoar essa nobre Cidade, para que ela não fique abandonada, como uma vida morta. Ela será ao contrário habitada de mulheres de grande mérito, porque não queremos outras. Oh! como as cidadãs de nossa cidade serão felizes! Elas nunca temerão ou ficarão em dúvidas se os novos ocupantes irão expulsá-las de seus pertences. Pois, a natureza de nossa obra é tal que as donas não poderão nunca serem expulsas. Eis, assim, que se abre um novo reino do Feminino, bem mais digno do que aquele de outrora, uma vez que as mulheres que serão alojadas não terão de deixar suas terras para conceber ou dar à luz a suas herdeiras para que se perpetue a propriedade em sua própria linhagem. Aliás, aquelas que hospedaremos agora ficaram lá eternamente.

“Quando a tivermos povoada de nobres cidadãs, virá Dama Justiça, minha irmã, que conduzirá a Rainha, entre todas a mais nobre, acompanhada das mais dignas princesas, que habitarão nos mais elevados palácios e nas mais altas torres. É justo que ao chegar a Rainha encontre sua cidade ocupada e habitada por mulheres nobres, que poderão receber sua Soberana com as honras dignas à imperatriz do gênero feminino. Mas, que são as cidadãs que colocaremos? Serão mulheres dissolutas ou de má reputação? Certamente não. Serão todas damas reservadas, de grade beleza e de grande autoridade, porque não há povo melhor ou adorno mais bonito para uma cidade, do que damas nobres e valorosas. Em pé, cara amiga; mãos à obra e siga em frente, pois vamos procurá-las.

XIII. CRISTINA PERGUNTA À RETIDÃO SE É VERDADE O QUE OS LIVROS E OS HOMENS DIZEM QUE A VIDA DE CASADO SEJA TÃO DURA DE SUPORTAR POR CAUSA DAS MULHERES E SEUS ERROS. RESPONDE RRETIDÃO E COMEÇA A FALAR DO GRANDE AMOR DA MULHER COMSEUS AMIGOS.

Indo à procura dessas damas como Dama Retidão havia ordenado, fiz-lhe a seguinte pergunta, no caminho: “Então minha dama, vós e vossa irmã Razão souberam tão bem responder à minhas perguntas e recusarem todas as minhas objeções que não tenho nada mais a replicar. Estimo-me bem informada sobre tudo o que perguntei, graça a vocês duas, entendi bem que tudo o que é possível fazer ou saber, seja pela força física, pela inteligência ou por qualquer outra faculdade, está ao alcance das mulheres. Mas, digais ainda, por favor, e querei-me afirmar – já que é algo que me deixa muito perplexa-, se deve-se acreditar em que dizem os homens em tantas obras que falam do casamento; que por causa de suas esposas, os maridos enfrentam tempestades provocadas pela cólera e amargura das mulheres? São numerosos os livros que pregam isso e as pessoas que comentam. Elas amariam tão pouco a companhia de seus maridos que nada seria mais difícil de suportar. Eis por quê muitos aconselharam aos sábios de não se casarem, para evitar passar por tal constrangimento, tendo certeza de que nenhuma ou bem poucas não são fiéis a seus esposos. Isso é dito, em particular, na epístola de Valério a Rufino, e Teofraste no seu livro, que o sábio não deve ter mulheres, pois esposa é fonte de muitos problemas, pouco amor e muitos apuros. Se é para ser bem servido ou para ser curado nas doenças, um leal servidor fará bem melhor esse afazer, com mais prontidão e bem mais barato; e se por acaso é a mulher que fica doente, o esposo com muito desgosto não deixa a cabeceira da cama. Tais concepções são abundantes e seria demorado se fosse relatar todas aqui. Então digo, cara Dama, que se tudo isso é verdadeiro, os defeitos das mulheres são tão graves que escondem e eliminam todas as outras graças e virtudes.

Resposta: “Certo, amiga, como disseste em outra oportunidade sobre esse assunto: quem acusa um ausente, tem a causa ganha. Posso assegurar-te que não foram as mulheres que escreveram tais livros! Asseguro-te, por outro lado, que tais desacordos

não dizem respeito a todos os casamentos; há casais vivendo em plena harmonia, provando mutuamente amor e fidelidade, quando os dois são bons, doces e racionais. Claro que há maus maridos, mas também há excelentes, honráveis e sábios; as mulheres casadas com eles nasceram com uma estrela na testa e devem agradecer aos céus pela felicidade concedida aqui nesta terra. Esse foi teu caso, pois o marido que tiveste, te convinha tão perfeitamente que não poderias pedir melhor. Ninguém na tua opinião poderia ter tido mais valor do que ele em bondade, doçura, lealdade e terno amor, e agora que a morte tirou-o de ti, carregas para sempre o luto em teu coração. Todavia, se é verdade, como já te disse, que muitas excelentes mulheres são muito maltratadas por seus maridos, e isso sem nenhum motivo, mesmo tratando de uma minoria insignificante. Aliás, se eu te dissesse que todas são boas, ficaria logo convencida de que era mentira. Mas, não tratarei dessas últimas, pois tais mulheres vão contra a sua natureza.

“Mas, para voltar às que são boas, sobre o que disse Teofraste, de quem falaste, que sustenta que um homem seria tão lealmente e tão bem tratado em caso de doença ou de desgraça por um doméstico do que por sua mulher, quantas mulheres excelentes não vemos apressarem-se perto de seus maridos que elas amam de um amor fiel – doentes ou de boa saúde – e para quem elas devotam um verdadeiro culto! Duvido muito que se encontre um igual servidor. E já que abordamos esse assunto, citarei-te várias esposas que deram testemunhos de um terno e fiel amor a seus maridos. Mas –Deus seja louvado! – voltamos à nossa Cidade acompanhadas de todas essas excelentes e dignas mulheres que nela habitarão. Eis aqui primeiramente a nobre rainha Hipsicrate, que foi outrora a esposa do poderoso rei Mitridate. Como ela viveu há muito tempo e que seu mérito é grande, ela será a primeira que acolheremos no nobre palácio preparado para ela.

XIV. SOBRE A RAINHA HYPsicRATEA

“É possível falar de um amor maior do que aquele demonstrado pela belíssima, boa e fiel Hypsicratea a seu esposo? Hypsicratea foi a mulher do grande rei Mitridate, que reinava se país de vinte e quatro línguas diferentes. Apesar de não existir um rei mais potente do que ele, os romanos travaram uma guerra muito dura contra ele. Durante todo o tempo em que ele enfrentava as duras e longas batalhas, sua nobre mulher o seguia fielmente. Segundo os costumes bárbaros, este rei mantinha várias concubinas, todavia esta nobre dama continuava sentindo um ardente amor e não permitia nunca que ele partisse sem ela. Muitas vezes, ela estava com ele mesmo nos campos de batalha onde ele colocava em risco sua vida e seu reino, lutando contra os Romanos. Seja qual fosse o país estrangeiro ou regiões longínquas, qualquer rio ou deserto perigoso que devesse atravessar, essa esposa fiel nunca deixou de acompanhá-lo, pois ela o amava de um amor tão perfeito, que tinha convicção de que nenhum homem poderia servir a seu senhor tão bem, de maneira tão fiel e tão leal como ela o faria. Contrariamente ao que afirma o filósofo Teofraste sobre esse assunto, esta dama sabia que os reis e os príncipes têm freqüentemente maus servidores que os traem. Eis porquê esta leal amante, apesar de grandes sofrimentos que teve, quis sempre seguir seu marido para assegurar tudo o que era preciso a seu bem-estar. Como as roupas femininas não eram práticas para tais circunstâncias e que não era conveniente que uma mulher se mostrasse na batalha ao lado de um rei tão poderoso e de um guerreiro tão valente, então para se passar por um homem, ela cortou seus longos cabelos loiros como ouro, que para a beleza feminina é um enfeite muito importante. Não se preocupando mais com o frescor de sua rosto, ela usava o elmo, sob o qual, estava muitas vezes suja, suada e coberta de poeira. Vestia seu lindo corpo com armaduras e calçava-se com

ferros. Escondia seus anéis preciosos e as ricas jóias que ornamentavam suas mãos para pegar em facas, lanças, arco e flechas. Em lugar dos seus ricos cintos amarrava a espada. A força de um grande e leal amor agia de tal forma nela, que seu belo corpo terno, jovem, delicado e habituado ao conforto transformou-se em um de um cavaleiro armado, forte e bem musculoso. Oh! disse Boccaccio, cotando essa história: “ O que é que não se faz por amor, poder levar aquela que tinha costume de levar uma vida de ócio, de dormir sobre seda, de viver cercada, e sair cavalgando por espontânea vontade por vales e montanhas como homem rude e forte, de dia e de noite, dormindo no deserto e na floresta, muitas vezes por terra, temendo o inimigo, rodeada em toda parte de animais selvagens e serpentes?” E tudo aquilo parecia-lhe doce, pois estava perto de seu marido para o confortá-lo , aconselhá-lo, e servi-lo em todas as ocasiões.

“Depois de ter penado e sofrido muito, acabou que seu marido foi completamente esmagado pelo general Pompeu, do exército romano, e teve que fugir. Ficou só e abandonado por todos os seus, mas podia ainda contar com essa esposa nobre que o acompanhava por montes e vales, pelos lugares mais obscuros e selvagens. Traído e abandonado de todos os seus amigos, não havia mais esperança. Mas, sua excelente esposa o confortava e o encorajava aos poucos a crer em dias melhores. E quando ela se via em situações negras, então ela fazia um esforço para alegrá-lo com suas doces palavras, fazendo-o esquecer por instantes seu desespero, com brincadeiras graciosas e divertidas que ela sabia inventar. Tanto amor e cuidado Ipsicratea lhe davam tanto consolo que por mais que fosse a miséria , no sofrimento e nos tormentos, que ele repetia sempre, que ao lado de sua leal esposa, não lhe parecia estar em exílio, e sim feliz em seu palácio.

Bem semelhante à súdita rainha, que acabamos de falar, em matéria de lealdade no amor pelo marido era a nobre imperadora Triária, esposa do imperador romano Lucius Vitellius. Amava-o tanto que o acompanhava para todos os lugares, armada como um cavaleiro e combatendo valentemente, mostrando sua coragem em todas batalhas. Na época da guerra contra Vespasiano pelo domínio do império, ele atacou à noite uma cidade dos Volsquios e conseguiu penetrar, encontrando as pessoas dormindo e as massacrando cruelmente. Porém a nobre dama Triária, que havia seguido seu marido durante à noite, não estava longe e querendo que a vitória favorecesse seu marido, segurou a espada e combateu todo o exército ao seu lado, lutando ora aqui, ora ali, nas trevas da noite. Não sentia medo, nem pavor, e apresentou tanto empenho durante o combate que teve o reconhecimento de todos os méritos, pelo tamanho encantamento. Demonstrou tão bem seu amor, como contou Boccaccio, autor que aprova os laços do casamento, tão violentamente condenados por outros.

XVI. AINDA A PROPÓSITO DE ARTEMÍSIA.

Entre as mulheres que amaram seus esposos com um amor perfeito, mostrando por seus atos, citarei novamente a nobre dama Artemísia, rainha de Carie. Como foi dito anteriormente, ela seguiu seu marido, o rei Mausoléu, em várias batalhas. Na morte dele, ela pensou que não iria suportar com o peso do desgosto e do desespero. Foi então que ela continuou demonstrando o mesmo amor que em vida. Ela mandou celebrar seus restos mortais da maneira mais solene, com toda a pompa esperada na época como para uma morte real. Em seguida, acompanhada de uma numerosa fila de príncipes e vassallos, ela conduziu os restos mortais ao lenhador. Então ela própria conduziu as cinzas, lavando com suas lágrimas, colocou em um agulheiro de ouro. Mas, como lhe parecia injusto que as cinzas daquele que ela tanto amou repouse em outro lugar que

não seja o corpo e o coração, no qual esse grande amor tinha sido enraizado. Todo dia, ela bebia, pouco a pouco, um pouco dessas cinzas misturadas a uma bebida, até conseguir tomar tudo.

Apesar de tudo isso, ela ainda quis erguê-lhe uma escultura para perpetuar sua memória. Ela não economizou suas riquezas e mandou buscar os trabalhadores mais aptos para conceber e edificar uma maravilhosa obra de arquitetura, a saber Scopas, Bryaxis, Timóteo e Locares, que era o mais excelente nessa arte. A rainha disse que queria erguer para o rei Mausolo, seu esposo, o túmulo mais suntuoso que reis e príncipes já viram em todo mundo, pois ela desejava que o nome de seu marido viva para sempre nesse monumento maravilhoso. Eles responderam-lhe que se encarregariam bem de tal tarefa. A rainha encomendou os mármore e jaspes multicores que precisaria para eles, assim como todos os outros materiais . Levantaram diante dos muros de Helicarnasse, capital da Carie, uma magnífica estrutura em pedra de mármore finamente esculpida. Ela era de forma quadrada, com largura de 64 pés, com paredes de cento e quarenta pés de altura. Mais extraordinário ainda, esse bloco enorme repousava sobre trinta colunas grossas de mármore. Cad operário, cada um mais jeitoso do que o outro, esculpiu uma face desse edifício. A obra ficou tão extraordinária que não apenas ela perpetuou a memória daquele para quem tinha sido construída , mas também a genialidade dos seus autores. Todo mundo ficou encantado. Um quinto operário, de nome Hyteron, veio aperfeiçoar a obra. Foi ele que colocou a pirâmide do túmulo que ele levantou com vinte e quatro graus. Em seguida um sexto operário, chamado Pithis, esculpiu uma charrete de mármore colocando bem no topo do monumento. Esta obra ficou tão extraordinária que foi considerada como uma das sete maravilhas do mundo. Como tinha sido construída à memória do rei Mausole, nomearam-na Mausoléu. Foi o túmulo mais suntuoso que se já construiu. Eis porquê, de acordo com Boccaccio, todo

túmulo de rei ou de príncipe tem sido chamado de “mausoléu”. Assim, pelos seus atos e gestos, a fiel Artemísia deu prova de um constante amor para com seu leal esposo, amor que só findou com sua morte.

XVII. SOBRE ARGINA, FILHA DO REI ADRASTUS.

Com o exemplo do grande amor que Argia, filha de Adrasto, rei de Argo, sentiu pelo marido Polinice, quem ousará dizer que as mulheres têm pouco amor pelos esposos? Polinice, o esposo de Argia, disputava com o irmão Etéocles o reino de Tebe, que lhe pertencia, depois de alguns acordos estabelecidos entre eles. Como Etéocles queria todo o reino pra si, Polinice lhe declarou guerra, e o rei Adrasto mandou-lhe a ajuda de todo seu exército. Mas, a Fortuna se volta contra Polinice, e ele e o irmão terminaram se matando em batalha. De todo o exército sobreviveram apenas o rei Adrasto e trezentos de seus soldados. Quando Argia soube que seu marido tinha morrido em batalha, partiu e com ela todas as outras mulheres da cidade de Argo, deixando a residência real. E sobre o que ela fez, Boccaccio contou da seguinte maneira: “A nobre dama Argia ouviu dizer que o corpo de Polinice, seu esposo, estava jazia, sem sepultura, entre os cadáveres do povo comum que tinha sido assassinado ali. Subitamente abandonou as vestes e ornamentos de rainha e a comodidade de sua residência. Viu-se como, levado pela força de um amor ardente, ela passou por cima da fragilidade e ternura naturais da mulher. Depois de uma viagem de muitos dias, ela chegou então ao lugar onde tinha se passado a batalha; as emboscadas dos inimigos traidores não a amedrontaram; nem o longo caminho, nem o calor do dia não conseguiram acabar com suas forças. “ Chegando ao campo de batalha, nem os animais selvagens, nem as grandes aves atraídas pelos cadáveres a amedrontaram, muito menos espectros do mal, que muitos acreditam que vagueiam perto dos defuntos. O que é mais

notável, continua Boccaccio, é que ela desafiou a ordem decretada pelo rei Créon, que tinha mandado proclamar em praça pública a proibição prestar as últimas homenagens ou de exumar os corpos, quaisquer que fossem, sob pena de morrer. Mas, ela não tinha vindo de tão longe para obedecer tal ordem. Já estava escurecendo quando chegou e mesmo aquele mal-cheiro dos cadáveres não a impediu de tatear os corpos um atrás do outro, a torto e a direita, à procura daquele que ela amava. Ela não parou até que a lanterninha, que ela segurava, clareasse o corpo do seu bem-amado marido. E assim parou sua procura. “Ah! Disse Boccaccio, que maravilhoso amor, que ardente carinho e afeto femininos!” O rosto de seu marido tinha sido roído pela metade pela corrosão de sua armadura; pútrido, todo ensangüentado, empoeirado, manchado, espantosamente sujo, pálido e lívido, quase irreconhecível. Mas, isso não impediu Argia de reconhecê-lo, tão grande era o fervor de seu amor. Apesar do cheiro empestado e do horror de seu rosto, ela o beijou e o apertou em seus braços. Desobedecendo a proibição promulgada pelo rei Créon, lamentou-se em voz alta: “Como sou infeliz! Encontrei quem eu amava!” e derreteu-se em lágrimas. Com beijos apaixonados, ela procurava na sua boca um sopro de vida e lavou com suas lágrimas sua carne já toda decomposta. Chorando e gemendo, ela o chamava com gritos enormes. Em seguida, para render-lhe a homenagem das últimas obsequias, lamentando-se amargamente, ofereceu-lhe ao fogo e recolheu piedosamente suas cinzas em um jarro de ouro. Tais rituais cumpridos, mostrando que ela estava pronta a arriscar a vida para vingar seu marido, foi atacar a cidade com a ajuda das outras mulheres, que tinham vindo em grande número. Elas abriram uma brecha nos muros e invadiram a cidade, semeando a morte em todo lugar.”

A excelente e fiel Agripina deve, também, estar compreendida entre as mulheres que amaram seus esposos com um amor verdadeiro. Era a filha de Marcus Agrippa e de Júlia, filha do imperador Augusto, dono do mundo inteiro. Ela foi cedida em casamento a Germanicus, nobre príncipe romano, sábio e dedicado à coisa pública. Tibério, imperador corrompido, que reinava em Roma; com inveja de tudo de bom que escutava dizer sobre o esposo de Agripina, Germanicus, amado por todos, mandou assassina-lo em uma emboscada. Na sua morte, sua excelente mulher teve um desespero tal que quis ter o mesmo destino, como demonstrou, não parando de insultar Tibério. Este mandou surrá-la, torturou cruelmente e a jogou no fundo de uma sela. Mas ela, que em sua dor não deixou de pensar em seu marido, não quis mais viver e resolveu não beber e nem comer mais. Suas intenções chegaram ao conhecimento de Tibério; querendo prolongar seu sofrimento, o tirano procurou fazê-la ceder sob a tortura, forçando-a a comer. Foi em vão. Então, ele tentou alimentá-la a força, mas ela mostrou-lhe que ele tinha apenas o poder de matar, não o de obrigar as pessoas a viverem contra sua vontade, e morreu como queria.

XIX. CRISTINA TOMA A PALAVRA E RETIDÃO RESPONDE, DANDO-LHE EXEMPLOS, CITANDO A EXCELENTE JÚLIA, FILHA DE JÚLIO CEZAR E ESPOSA DE POMPEU.

Depois de Dama Retidão me falar sobre o que precede, respondi-lhe assim: “Certo, minha Dama, parece-me uma grande honra para o sexo feminino escutar a histórias de tantas mulheres tão virtuosas, e que entre todas as outras virtudes, todos possam alegrar-se o coração de uma mulher possa sentir um tão grande amor nos laços matrimoniais. Então, cala-te e vai-te deitar Mateolo! e todos os outros difamadores, que caluniaram tanto as mulheres por pura inveja! Todavia, Dama, recordo-me que o filósofo Teofrasto, de quem tratamos acima, afirma que as mulheres odeiam seus esposos quando eles envelhecem, e que elas não gostam nem dos homens sábios, nem

dos clérigos. Ele diz ainda que as atenções reservadas à mulher amada são incompatíveis com a vida consagrada ao estudo.”

Resposta: “Oh! Cala-te, minha cara amiga! Encontrarei rapidamente exemplos contrários ao que dizem para demonstrar-te que tudo isso é falso.

“Júlia, a mais nobre das Romanas do seu tempo, era a filha de Júlio Cezar – que mais tarde tornara-se imperador- e de sua mulher Cornélia. Eles descendiam de Enéia e de Vênus de Tróia. Ela casou-se com Pompeu, o grande conquistador. Boccaccio contou que este general na sua velhice chegou no topo da glória, depois de ter passado sua vida a vencer reis, derrubando uns e reerguendo outros, submetendo nações, aniquilando piratas, a fazendo-se respeitar pelo povo de Roma e pelos reis do mundo inteiro, afirmando seu poder na terra e no mar com vitórias extraordinárias. Apesar da nobre dama Júlia, sua mulher, ser ainda muito jovem, o amava de um amor leal e profundo, que teve que pagar caro, com sua própria vida depois de uma história desencontrada. Um dia Pompeu quis louvar aos deuses por meio de um sacrifício, segundo os costumes da época, para agradecer as extraordinárias vitórias que ele havia levado. Quando o animal, no altar, foi sacrificado, Pompeu o segurou por um lado, com devoção, e sua roupa, então, ficou manchada do sangue que jorrava do animal. Então, ele tirou a roupa e mandou que um servo fosse até sua casa trocá-la por uma roupa limpa. Por infelicidade, o servo encontrou com Júlia, a mulher de Pompeu que, quando viu as vestes de seu senhor encharcada de sangue, encheu-se de angústia, pois, ela sabia que em Roma as pessoas mais bem sucedidas, eram freqüentemente surpreendidas por emboscadas preparadas pelos invejosos e muitos acabavam morrendo. Ela então ficou crente que um mal havia acontecido ao seu marido. Uma dor tremenda subitamente chegou ao coração, como se não quisesse mais viver. E enfraquecida pela gravidez, caiu desmaiada, com a face pálida, os olhos revirando. Nenhum remédio poderia ter sido tão

rápido que pudesse ter evitado tal susto que a fez morrer. Aquela morte, que foi evidentemente uma perda cruel para seu marido, não prejudicou apenas aos Romanos e a Pompeu, mas a todos os homens da época. Por sinal, se ela e seu filho tivessem sobrevivido, a guerra feroz que opôs Júlio Cezar e Pompeu não teria acontecido. Ora, tal guerra espalhou o mal no mundo inteiro.

XX. SOBRE A NOBRE TÉRCIA EMÍLIA

A bela e boa Tércia Emília, mulher de Cipião, o primeiro Africano, não odiava seu marido, pelo fato dele ser velho. Essa mulher era muito sábia e virtuosa. Mesmo já sendo Cipião bem velho e sua mulher jovem e bela, isso não o impedia de deitar com uma de suas escravas, a dama de companhia da própria mulher. E isso acontecia com tanta freqüência, que ela acabou percebendo. Apesar de ter ficado muito magoada, sua mulher não se deixou levar pelo ciúme da paixão, e comportou-se com sabedoria, dissimulando tão bem que nem seu marido nem ninguém perceberam. Ela preferiu calar-se, pois considerava que seria vergonhoso repreender um homem tão importante quanto ele. Dizer a terceiros seria ainda pior, porque seria diminuir a honra e atentar contra a glória daquele homem tão venerado, que tinha conquistado tantos reinos e impérios. Aquela nobre dona continuou então servindo-o lealmente, amando-o e honrando-o. Quando ele morreu, ela libertou a escreva e a casou com um homem livre.

E eu Cristina, respondi então: “Certo, Dama, e a propósito do que dissestes, lembro-me de ter visto mulheres similares. Apesar da infidelidade de seus maridos, e de ter conhecimento disso, não deixavam de amá-los, nem de agrada-los, sempre confortando e consolando as amantes com as quais eles tinham tido filhos. Escutei mesmo de uma dama da Bretanha, morta recentemente, a condessa de Coemos, que no

primor de sua juventude, era a mais bela de todas as damas, mas pela sua grande constância e bondade se comportava assim dessa forma.”

XXI. SOBRE XANTIFE, MULHER DO FILÓSOFO SÓCRATES.

“Xantife, a nobre dama de grande saber, casou-se com o eminente filósofo Sócrates. Mesmo ele já sendo velho e preferindo passar seu tempo pesquisando e revirando livros, em vez de procurar presentes para agradar sua mulher, ela não deixou de amar seu esposo. A superioridade de sua inteligência, sua força, sua virtude, e sua firmeza, a levavam, ao contrário, a venerá-lo e a amá-lo profundamente. Quando essa mulher corajosa ficou sabendo que os Atenienses haviam condenado seu marido à morte por tê-los reprovado por adorar ídolos, já que existia apenas um deus que deveríamos adorar e servir, ela não pôde suportar a notícia: toda encharcada de lágrimas e em prantos, dirigiu-se ao palácio, batendo no peito de dor, onde haviam prendido seu marido. Ela o encontrou no meio daqueles juízes indignos que já haviam lhe dado o veneno que iria abreviar seus dias. Ela chegou no momento em que Sócrates levava o cálice aos lábios. Precipitou-se até ele e arrancou-lhe o cálice das mãos, derrubando tudo no chão”. Sócrates a reprovou por isso, a encorajando e a consolando. Como ela não podia impedir sua morte, começou a lamentar-se forte, dizendo: “Ah! que desgraça e que grande perda fazer morrer injustamente um homem tão justo!” Mas, Sócrates a consolou mais, dizendo que é melhor morrer vítima de injustiça do que por algo justo. Assim, foi então seu fim. Mas, nunca teve fim, durante toda a vida, o luto no coração daquela que o amava.

XXII. SOBRE PAULINA, MULHER DE SÊNECA.

Sêneca, o sábio filósofo, já era velho e todo dedicado ao estudo, mas nem por isso deixou de ser menos amado pela sua jovem e bela esposa, chamada Paulina. Esta excelente mulher só tinha um desejo: lhe servir, e garantir sua tranquilidade, pois ela o amava com ternura e lealdade. Quando ela soube que o imperador tirano Nero, de quem ele tinha sido o preceptor, tinha condenado-o a morrer na prisão, com um corte nas veias, ela enlouqueceu de dor. Queria morrer com seu marido, foi então provocar com insultos o tirano Nero para que ele resolvesse se vingar dela. Foi em vão, mas a dor que ela sentiu com a morte de seu marido foi tanta que não sobreviveu por muito tempo.

Foi aí que, eu Cristina, disse à dama que falava: “Certo, honrada Dama, as suas palavras me trouxeram à memória muitas outras mulheres jovens e belas, que amaram de um amor perfeito seus maridos, mesmo quando estes eram feios e velhos. Mesmo no meu tempo cansei de ver mulheres amarem profundamente seus maridos e sentirem um amor leal até o final de suas vidas. Lembro-me de uma nobre dama, filha de um grande barão da Bretanha, dada como esposa ao estimado comandante-em-chefe da França, Messer Bertrand De Guesclin; era velho e fisicamente muito feio, mas a nobre dama, na flor da idade, era mais sensível aos grandes méritos de seu caráter do que ao seu aspecto físico; assim o amava tanto que chorou a vida toda a sua morte. Poderia citar vários outros exemplos como esse, mas abreviarei meu discurso”.

Resposta: Creio em ti. E te contarei sobre outras mulheres que amaram seus maridos”.

XXIII. HISTÓRIA DA NOBRE SULPÍCIA

Sulpícia era mulher de Lentulo Truscellione, nobre de Roma, que ela amou muitíssimo, como ficou demonstrado. Acusado pelos juízes de Roma, ele foi condenado ao exílio, depois de ter sido obrigado a viver na pobreza. A nobríssima Sulpícia possuía

grandes riquezas em Roma e poderia ter vivido tranqüilamente em meio a delícias e prazeres, mas preferiu seguir seu marido no exílio e na pobreza a ficar no luxo, mas longe dele: renunciando assim à sua herança, a todos os seus bens e ao seu país. E não sem dificuldade, conseguiu fugir da mãe e dos parentes que a vigiavam com atenção, fantasiando-se, e seguiu com seu marido”.

Cristina disse: “É verdade, vossa história me faz lembrar de algumas mulheres da minha época nessa mesma situação. Conheci algumas mulheres cujos maridos tiveram lepra, e foram obrigados a afastarem-se do mundo para viver em um leprosário, e para não se separarem deles, preferiram ir com eles para cuidar de sua doença, sendo assim fiéis à promessa matrimonial, a permanecerem em casa comodamente sem seus maridos. Conheço uma jovem, nobre e bela que, suspeitando que o marido havia pegado essa doença, seus pais insistiram, tentando convencê-la a deixar o marido e vir viver com eles, mas ela respondeu que não o abandonaria nenhum um dia da sua vida. Ela fala ainda que se eles o enviam a um médico, e ficando comprovada a doença, ele for obrigado a isolar-se do mundo, ela irá com ele sem hesitar. Por isso seus pais desistiram de levá-lo para ser examinado.

“Conheço outras damas, que não as nomearei, pois isso pode não agradá-las, cujos maridos são tão devassos e dissolutos que os pais delas queriam que eles morressem, fizeram tudo que podiam para reaver suas filhas nas suas casas, tirando-as dos seus maridos cruéis. Mas, elas preferiram ser maltratadas, mal alimentadas, viverem na miséria e escravidão com seus esposos a abandoná-los. Elas dizem a seus pais¹⁴⁹: “Vocês me deram-no. Com ele viverei e morrerei”. São coisas que se vê todos os dias, mas ninguém presta atenção”.

¹⁴⁹ No original: “et dient a leurs amis”: (e dizem a seus companheiros), no entanto, pelo sentido corresponde a pais, e não a companheiros.

XXIV. SOBRE UM GRUPO DE DAMAS QUE JUNTAS SALVARAM SEUS MARIDOS DA MORTE.

Contarei-te agora sobre um grupo de mulheres que, como aquelas primeiras, demonstraram um grande amor por seus maridos. Depois que Jasão esteve em Colchide e conquistou a “Pelagem de Ouro”, alguns cavaleiros dessa região da Grécia, onde se encontra a cidade de Orcomeno, abandonaram suas cidades para se estabelecerem em uma outra cidade grega, chamada Esparta (Lacedemone). Lá, foram bem recebidos, com grande honra pela sua nobreza, muito antiga, assim como por suas riquezas casaram-se com jovens nobres da cidade. Mas, enriqueceram tanto e tornaram-se tão poderosos, que, levados por um imenso orgulho, quiseram conspirar contra as autoridades da cidade e apoderar-se da cidade. O complô foi descoberto e todos foram presos e condenados à morte. Suas mulheres ficaram desesperadas e reuniram-se, como se fosse para compartilhar da mesma dor, mas na realidade, buscavam um modo para libertarem seus maridos. Finalmente, encontraram um estratagema: vestiram-se com roupas velhas, cobrindo as cabeças com o capuz do sobretudo, como se não quisessem ser reconhecidas. Assim, suplicaram aos guardas da prisão, chorando, fazendo promessas e presenteando-os, e eles terminaram permitindo que fossem até seus maridos. Uma vez chegado lá, trocaram suas roupas com as de seus maridos e, em seguida, os fizeram sair e os guardas pensaram que eram as mulheres que estavam indo embora. No dia fixado para a execução, os carrascos levaram os prisioneiros ao suplício. Quando perceberam que os condenados eram mulheres, ficaram admirados com a astúcia delas e louvaram-nas. Os cidadãos tiveram piedade de suas filhas, e nenhuma foi morta. Foi assim que essas mulheres corajosas salvaram a vida de seus maridos.”

XXV. CRISTINA SE INSURGE, DIANTE DE DAMA RETIDÃO, CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE AS MULHERES NÃO SABEM GUARDAR SEGREDO. ELA RESPONDE, CITANDO O EXEMPLO DE PÓCIA, FILHA DE CATÃO.

“Dama, agora sei realmente, e percebi outrora que grandes são o amor e a fidelidade que muitas mulheres dedicam aos seus maridos. Por isso que fiquei estupefata com a opinião tão comum entre os homens – e até o mestre Jean de Meun afirma repetidamente em seu *Roman de la Rose*, assim como outros autores também, que homem não deve contar nenhum segredo à sua mulher, pois elas não sabem ficar caladas.”

Resposta: “Cara amiga, debes saber que nem todas as mulheres, como nem todos os homens, são sábias; por tanto, se um homem há um pouco de bom senso, deverá verificar a sabedoria e a bondade da sua mulher, antes de confiar-lhe coisas que pretende guardar segredo, para que não corra risco. Mas quando um homem sente que tem uma mulher boa, sábia e discreta, não há no mundo algo que ele possa mais confiar e que possa dar-lhe mais conforto.

“E quanto àqueles que afirmam que mulheres são indiscretas, para continuar falando daquelas que amaram seus maridos, não era dessa opinião o nobre romano Bruto, marido de Pórcia. A nobre Pórcia era filha de Catão de Útica, o sobrinho de Catão, o Antigo. Brutus, sabendo que era sábia e pura, confiou a ela o plano que ele estava elaborando com outro patrício romano, Cassius, de assassinar Júlio Cezar no senado. Se dando conta de todo mal que isso causaria, esta mulher prudente o desaconselhou com todas suas forças, esperando dissuadi-lo disso. Este caso provocou-lhe tanta angústia que a preocupação a impediu de dormir a noite toda. De manhã, no momento em que Brutus deixava seu quarto para colocar seu plano em ação, sua mulher, que ainda procurava persuadi-lo, pegou a lâmina de barbear, como se quisesse cortar as unhas, Então a derrubou e fingindo que iria apanhá-la, a enfiou de propósito na mão. Vendo seu ferimento, suas serventes gritaram tão forte que Brutus veio apressadamente. Quando ele a viu machucada, a recriminou, dizendo que o trabalho do

barbeador era para o barbeador e não para ela. Mas, ela respondeu-lhe que ela não havia feito de maneira tão inocente como ele pensava, e sim, de propósito, para ver de que maneira ela se suicidaria se seu projeto se desse mal. Seu marido não se deixou convencer e foi imediatamente com Cássius assassinar César. Eles foram exilados por esse malfeito e Brutus, apesar de ter fugido de Roma, acabou pagando com sua vida. Quando sua excelente esposa Pórcia soube de sua morte, sua dor foi tal que ela renunciou aos risos e a vida. Como haviam retirado dela as facas e todos os objetos susceptíveis de matar – pois suspeitaram de suas intenções -, ela aproximou-se do fogo, encheu a boca de carvões ardentes e os engoliu. Foi desse modo, o mais estranho que já se viu, que morreu a nobre Pórcia”.

XXVI. SOBRE O MESMO TEMA, CONTA-SE A HISTÓRIA DA NOBRE CÚRIA

Deixa agora que te fale contra aqueles que dizem que as mulheres não conseguem esconder nada, para continuar o tema do grande amor que muitas têm por seus maridos. A nobre romana Cúria deu testemunho de um amor, de uma fidelidade, de uma sabedoria e de uma constância exemplares para com seu marido, Quinto Lucrécio. Ele tinha sido condenado à morte, juntamente com outros, por um crime que o acusavam. Eles ficaram sabendo que estavam procurando-os para executá-los, e tiveram tanta sorte que deu tempo fugirem. Aterrorizados com a idéia de serem descobertos, se refugiaram nas grutas onde viviam animais selvagens. Aí também não estariam em segurança. Lucrécio, graças à sabedoria e aos bons conselhos de sua mulher não se aventurava sair nem de seu quarto. Quando vieram busca-lo, Cúria segurava-o entre seus braços na cama, tão bem escondido que não desconfiaram nada. Ela o escondeu tão bem entre as paredes de seu quarto que nem os empregados notaram sua presença. Sua esperteza era tal, que para enganar todo mundo, saía pelas ruas, vestida com roupas velhas, toda

descabelada, aos prantos, e batendo no peito, e como uma louca, vagava pelos templos e lugares sagrados, perguntando se alguém tinha visto seu marido, para onde ele tinha fugido, pois, onde ele estivesse, ela iria juntar-se a ele para ser a sua companheira de exílio e de misérias. Ela soube fingir tão bem que nunca desconfiaram de nada. Foi assim que ela salvou seu marido o confortou em sua apreensão. Para ser breve, tanto fez que conseguiu salvá-lo da morte e do exílio.

XXVII. AINDA SOBRE O MESMO TEMA

Visto que estamos dando exemplos para refutar aqueles que acusam as mulheres de não conseguirem ficar caladas, poderia certamente citar um número infinito, mas basta mencionar apenas mais um. Na época em que o imperador Nero reinava em Roma, alguns homens pensavam que pelos muitos crimes e crueldade cometidos pelo dito Nero, seria um grande bem acabar com a vida dele. Assim, conspiraram contra ele e decidiram matá-lo. Tais homens esconderam-se na casa de uma mulher, na qual tinham tanta confiança que não hesitaram em falar do complô diante dela. Certa noite, na véspera do dia em que haviam decidido colocar em prática o tal plano, estavam jantando na casa desta mulher e começaram a falar sem muita precaução. Por desgracia, foram escutados por um homem sem escrúpulo, que querendo adular e conseguir favor do imperador, correu imediatamente contar-lhe tudo que havia ouvido. Assim que os conspiradores saíram da casa daquela mulher, a guarda imperial chegou na porta. Não encontrando nenhum conspirador, os soldados levaram a mulher até o imperador, que lhe fez um longo interrogatório. Mas, nem os ricos presentes oferecidos e prometidos, nem a tortura – pois, ele não a poupou- não fizeram-na dizer quem eram esses homens nem mesmo reconhecer que ela os conhecia, demonstrando uma firmeza e um poder de discrição extraordinários.

XXVIII. PROVAS CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE O HOMEM QUE ESCUTA SUA MULHER E SEGUE SEUS CONSELHOS É UM SER DESPREZÍVEL. CRISTINA PERGUNTA E RETIDÃO RESPONDE.

“Dama, escutando aquilo que me contastes, e vendo tanto bom senso e comportamento sábio nas mulheres, espanta-me a opinião de alguns, que defendem que os homens que dão ouvido aos conselhos das mulheres são loucos e merecem o desprezo”.

Resposta: “Eu já te disse anteriormente que nem todas as mulheres são sensatas, mas aqueles que têm boas e sábias mulheres são estúpidos em não darem atenção a elas. Podes constatar nos exemplos que acabei de citar: se Brutus tivesse escutado sua mulher Pórcia, que a suplicava de não matar Júlio César, ele não teria morrido e teria sido evitado todo mal disso conseqüente. E, como estamos falando sobre isso, te contarei sobre alguns que se deram mal, por não terem escutado suas mulheres. Evocarei em seguida daqueles que resolveram escutar os conselhos de suas mulheres. Se Júlio Cezar, de quem falamos, tivesse escutado a sua excelente e sábia mulher, não teria ido ao senado e não teria sido assassinado: muitos presságios e um terrível pesadelo tido na noite precedente indicavam-lhe a morte, e ela fez de tudo para convencê-lo de não sair naquele dia.

“Idem Pompeu, que tinha como esposa Júlia, filha de Júlio Cezar, como já havia te contado. Depois dela, casou-se com uma outra nobre dama, chamada Cornélia, que o amou tanto, ilustrando bem o nosso propósito, que não o largou mais, apesar de todo o mal que aconteceu com ele. E até quando obrigado a fugir por mar, depois da batalha que perdera para Júlio Cezar, esta nobre dama ficou a seu lado, enfrentando com eles todos os perigos. Quando chegara no reino do Egito, o traidor Ptolomeu, que era então faraó, fingiu alegrar-se com sua vinda, enviando seus soldados a seu encontro, como

para desejar-lhe as boas vindas, mas na realidade sendo para matá-lo. Convidaram-no a subir no navio deles, deixando seus soldados, para poder chegar mais rápido no porto, visto que sua embarcação era mais leve do que a dele. No momento de embarcar, sua sábia e prudente mulher Cornélia suplicou-lhe insistentemente para não ir, e para não se separar de seus soldados. Quando ela viu que ele não queria acreditar-lhe, não pressentindo nada de bom, quis pelo menos subir no outro navio com ele. Porém, ele recusou, mandando segurá-la à força. Foi então que começou o desespero dela que iria sentir a vida toda. Mal havia se distanciado, essa corajosa mulher, seguindo-o com os olhos, o viu cair com os tiros dos traidores que o levavam. Ela iria jogar-se no mar, se não a tivessem impedido.”

“Igual desgraça aconteceu ao bravo Heitor de Tróia. Na noite antes da sua morte, sua mulher Andrômaca teve um sonho prodigioso: se Heitor fosse à batalha no dia seguinte, ele fatalmente morreria. Espantada com tal visão – já que não era um mero sonho vão, mas uma verdadeira profecia -, sua mulher o suplicou de mãos juntas, ajoelhada diante dele, com seus dois belos filhos em seus braços, para não ir à batalha naquele dia. Ele desprezou completamente suas palavras, pensando que poderia ser para sempre repreendido de não ter ido ao combate por causa dos conselhos de uma mulher. Ela pediu então que seu pai e sua mãe intervissem, mas nem as suas orações não o convenceram. E aconteceu aquilo que Andrômaca tinha anunciado: foi morto por Aquiles, teria sido melhor, então, ter lhe dado atenção.

“Infinitos exemplos de homens, poderei citar-te, que se deram mal por várias maneiras, por terem desprezado os conselhos de suas boas e sábias mulheres. Todavia, não devemos lamentar quando o mal acontece com aqueles que desprezaram os bons conselhos.

XXIX. ALGUNS EXEMPLOS DE HOMENS QUE SE DERAM BEM POR SEGUIR OS CONSELHOS DE SUAS MULHERES.

“Citarei alguns exemplos daqueles que fizeram bem em ter seguido o conselho de suas mulheres. Poderei contar-te uma infinidade de exemplos, mas apenas uns serão suficientes como prova. Vale ainda para esse propósito acrescentar aquilo que havia te contado anteriormente sobre numerosas mulheres nobres e sábias. O já citado imperador Justiniano tinha, entre seus vassalos, um que ele considerava amigo e de quem ele gostava como ele próprio. Ele chamava-se Belizário, um cavaleiro muito valoroso. O imperador o havia nomeado comandante chefe da sua cavalaria, e fazia-o sentar à sua mesa, onde era servida com a mesma honra que ele. Em suma, o imperador lhe dava tantos sinais de afeto que os outros barões começaram a sentir inveja e foram dizer que Belizário estava planejando assassiná-lo para assim se apoderar do império. Muito apressadamente, o imperador acreditou naquelas palavras e tratou de procurar uma maneira de eliminar Belizário, ordenando-lhe combater contra os Vândalos, povo de grande poder que nunca haviam sido vencidos. Ao receber essa ordem, Belizário percebeu logo que a incumbência de tal tarefa significaria haver perdido a estima e a benevolência do imperador. Tomado por uma imensa tristeza, recolheu-se ao seu aposento. Quando Antônia, sua mulher e irmã do imperador, viu o marido estendido na cama, pálido, pensativo e com os olhos cheios d’água, procurou imediatamente saber as razões de tanta dor, e tanto fez que ele acabou contando. Depois de escutá-lo, a sábia mulher fingiu-se alegre e o confortou com essas palavras: “O quê? É apenas isso?! Não podes ficar tão triste!” Deves saber que naquela época, a religião cristã era ainda novidade. Por isso, a sábia dama, que era cristã, pôs-se a dizer: “Confiai em Jesus Cristo, o crucificado, e com sua ajuda, serás vencedor. E, se os invejosos querem prejudicar-vos com suas calúnias, vossa ação provará que eles são mentirosos, acabando com a fraude deles. Se acreditardes em mim e não desprezardes minhas palavras, e se

vossa esperança estiver no Deus vivo, prometo-vos que vencereis. Mas, não deixai ninguém desconfiar que essa história está vos atormentando, não vos mostrai triste, e sim, bom, alegre, como alguém que está contente em participar disso. Recomendo-vos agora de reunir vosso exército às pressas, tendo o cuidado para que ninguém conheça a vossa destinação. Providenciai uma grande frota, em seguida dividi em dois vosso exército. Com uma parte da armada, segui o mais rapidamente e secretamente possível à África e atacai o inimigo. Quanto a mim, comandarei o restante do exército: chegaremos pó mar, no outro lado do porto. Enquanto eles estiverem ocupados em batalha com vocês, entraremos nas cidades e nas praças fortes, colocando tudo à ferro e fogo, e destruíramo-los. Belizário escutou o conselho de sua mulher e se deu bem. Organizou sua expedição exatamente como ela tinha dito e tudo correu bem. Venceu seus inimigos, dominou-os e capturou o rei dos Vândalos. Desse modo, graças aos conselhos, à sabedoria e à coragem de sua mulher, ele obteve uma vitória tão nobre que o imperador o estimou ainda mais do que antes.

“As calúnias dos invejosos fizeram com que mais uma vez Belizário perdesse os favores do imperador, de tal forma que foi expulso do exército, mas sua mulher o confortava e restituía sua esperança. Os invejosos conseguiram que o imperador fosse destituído. Belizário, sob os conselhos de sua mulher, reuniu as tropas que continuaram fieis, e apesar dos erros do imperador a seu respeito, ele conseguiu restabelecer seu trono. Então, o imperador se deu conta da lealdade do seu cavaleiro e da traição dos outros, e tudo graças à inteligência e aos bons conselhos da sábia dama. Dessa forma, o rei Alexandre não desprezou mais os conselhos da rainha, filha de Darius, rei dos Persas. Sentindo que havia sido envenenado por servos desleais, quis jogar-se no rio para abreviar seu sofrimento. Ele encontrou sua mulher no caminho. Esta, apesar de muito aflita, tentou conforta-lo, pedindo-lhe para voltar a se deitar no seu leito; lá,

deveria falar aos seus barões e deixar seu último desejo, como seria conveniente a um imperador. Pois, iria ser uma desonra muito grandiosa se fosse dito depois da sua morte que ele havia cedido à dor. Então Alexandre escutou a mulher e diante de seu concílio disse sua última vontade.

XXX. CRISTINA FALA SOBRE O GRANDE BEM QUE AS MULHERES TROUXERAM AO MUNDO E AINDA TRAZEM TODOS OS DIAS.

“Dama, vejo os infindáveis benefícios que as mulheres trouxeram ao mundo, todavia esses homens afirmam que elas são a fonte de todos os males.

Resposta: “Bela amiga, vou recorrer àquilo que já te havia contado que o contrário do que eles dizem é verdade. Ninguém pode calcular o grande bem que as mulheres causaram e causam até hoje em dia. Já te demonstrei com exemplos das nobres damas que trouxeram ao mundo as ciências e as artes. Mas, se tudo aquilo que te disse a propósito dos bens materiais não te são suficientes, falarei-te dos espirituais. Oh! Como um homem pode ser tão ingrato, ao ponto de esquecer-se que as portas do paraíso lhe foram aberta graças a uma mulher? Como já te contei, trata-se da Virgem Maria, se pode pedir bem maior a um Deus que se fez homem? Quem pode esquecer o bem enorme que fazem as mulheres aos seus filhos, e as mulheres a todos os homens? Peça-lhes que pelo menos os bens que tocam aos dons espirituais, eles não esqueçam. Vejamos a antiga lei hebraica: se queres lembrar a história de Moisés, a quem Deus deu a lei escrita dos Judeus, tu encontrarás que aquele santo profeta, de quem deriva tantas coisas boas, foi salvo da morte por uma mulher, como te contarei.

“No tempo em que os Hebreus eram escravos dos reis do Egito, havia uma profecia que anunciava que um homem nasceria dos Hebreus e tiraria o povo de Israel daquela servidão. Aconteceu então que quando nasceu Moisés, o nobre duque, sua mãe nem ousou alimentá-lo e foi levada a coloca-lo em um cestinho e abandoná-lo nas

correntezas do rio. Mas, Deus o salvou, e Termutis, a filha do faraó, que estava banhando no rio no momento em que o cestinho boiava na água, e rapidamente, ela pegou para ver o que havia lá dentro. Quando viu eu era uma criança, a mais bela do mundo, sua alegria foi imensa. Ela alimentou-o, dizendo que era seu filho. E, como por milagre, já que eles não consentiam que suas crianças fossem alimentadas por mulheres de outra religião, eles deixaram que ele fosse amamentado por uma hebréia. Quando Moisés ficou adulto, foi eleito por Deus, para receber as leis; fez-lhe libertar os Hebreus das mãos dos Egípcios, e passou o Mar Vermelho, como duque e condutor das crianças de Israel. E assim os Hebreus recebera esse grande dom, graças à mulher que salvou Moisés.”

XXXI. HISTÓRIA DE JUDITE, A NOBRE DAMA QUE SALVOU O SEU POVO.

Judite, a nobre viúva, salvou o povo de Israel da morte na época em que Nabucodonosor II, o Grande, depois de ter dominado o Egito, enviou Holoferne, cabo de sua cavalaria, contra os Hebreus. E com bastante força Holoferne cercou a cidade dos Hebreus, de maneira tal que eles não estavam mais conseguindo resistir. Estavam privados de água e as comidas vinham a minguar. Eles não tinham mais nenhuma esperança de poder suportarem. Sob os ataques redobrados do inimigo, os hebreus, com muita dor, estavam a ponto de se rederem. Em suas orações, rogavam a Deus para que ele tivesse piedade de seu povo e o defendesse das mãos do inimigo. Deus os escutou as suas preces, e como ele quis salvar a humanidade através de uma mulher, quis também socorrer e salvá-los pelas mãos de uma mulher. Naquela cidade vivia então Judite, uma nobre dama ainda jovem e de uma grande beleza, mas, sobretudo casta e virtuosa. Sentindo muita pena de seu povo que estava terrivelmente aflito, ela suplicava dia e noite, pedindo ao Todo – Poderoso de vir ao seu socorro. E como Deus a inspirava e

que tinha sua confiança , ela teve uma audaz decisão. Uma noite, recomendando-se a Nosso Senhor, afastou-se da cidade, a pé, com a sua serviçal, chega ao acampamento de Holoferne. Quando os soldados de guarda viram através do clarão do luar a sua grande beleza, levaram-na imediatamente até Holoferne, que, achando-a muito bonita, acolheu-a com alegria, fazendo-a sentar ao seu lado, apreciou muito seu saber, sua beleza e seu comportamento. E, de tão impressionada que ficou por ela, foi tomado por um desejo ardente de possuí-la. Mas ela, que pensava nos outros, pedia a Deus do fundo de sua alma de vir à sua ajuda para conseguir concluir seus planos. Com belas palavras, envolvia Holoferne esperando o momento oportuno. Na terceira noite, Holoferne havia jantado com seus barões e bebera muito; acalorado com o vinho e a boa carne, não quis mais esperar para deitar com a dama hebréia. Mandou chamá-la, e ela veio até ele. Manifestou o seu desejo e ela não recusou, mas o pediu, por pudor, que saíssem todos os homens da tenda e que dormissem antes; ela viria juntar-se a ele por volta de meia-noite quando todos estivessem adormecidos. Holoferne consentiu. A nobre dama pôs-se a rezar, pedindo a Deus que lhe desse ao seu coração temeroso de mulher, coragem e força suficientes para libertar seu povo do cruel tirano. Quando Judith achou que Holoferne podia ter adormecido foi com sua serviçal, sem fazer o menor barulho, até a entrada do pavilhão. De orelha em pé, ela entendeu que ele estava dormindo profundamente. Dizendo: “Coragem, que Deus está conosco!”, ela entrou, então, na tenda, e, sem medo, pegou a espada que ela viu na cabeceira da cama, ergueu-a e com toda sua força partiu a cabeça de Holoferne, sem que ninguém percebesse. Ela escondeu a cabeça no seu colo, e o mais velozmente possível dirigiu-se à cidade, e não encontrado nenhum obstáculo até a porta, gritou: “Venham, venham abrir. Deus está conosco”. Uma vez dentro, não se pode descrever a alegria com que foi celebrada tal realização. De manhã, pendurou a cabeça em um pique, e a suspenderam em suas muralhas. Em

seguida, armaram-se todos, correndo arduamente em direção às tropas do inimigo, que ainda estavam na cama e não de guarda. Quando chegaram no pavilhão de seu chefe, de onde se apressaram para acordá-lo e fazê-lo levantar o mais rápido possível, o encontraram morto. Foi um pânico. Todos foram mortos ou feito prisioneiros pelos Hebreus. E foi assim que a valente Judite libertou o povo de Deus das mãos de Holoferne. A nobre mulher será sempre louvada por isso na Sagrada Escritura.”

XXXII. SOBRE A RAINHA ESTER QUE SALVOU O SEU POVO.

Deus escolheu mais uma mulher, a nobre e sábia rainha Éster, para libertar seu povo da escravidão do rei Assuero. Era o mais poderoso entre todos os reis e sua autoridade se estendia sobre numerosos reinos. Ele era pagão e havia reduzido os Judeus¹⁵⁰ à escravidão. Querendo casar-se, mandou vir todas as mais nobres jovens, as mais belas e mais educadas, para que escolhesse aquela que mais lhe agradasse. Entre elas, estava a jovencinha Éster, nobre, sábia, boa, bela e amada de Deus, que era hebréia. Ela o agradou mais do que todas as outras. Ele então casou-se e a amou tanto, de um amor tão grande que não recusava nada que ela desejasse. Algum tempo depois, um vil bajulador, chamado Namam, atçou o rei contra os Judeus, que, a tal ponto que ele ordenou de faze-los prisioneiros ou de mata-los em todos os lugares que os encontrassem. A rainha éster ignorava tudo isso, pois iria ficar desesperada se soubesse que seu povo estava sendo perseguido dessa forma. Todavia, um tio seu, chamado Mardoqueo, o chefe dos judeus, a fez saber de tudo, pedindo-a que tomasse logo uma providência, pois o dia em que deveria se cumprir a sentença do rei aproximava-se. A rainha ficou muito aflita, vestiu-se mais nobremente que pôde e foi, em companhia de suas damas, como para distraírem-se nos jardins: sabia que o rei estava na janela. Na

¹⁵⁰ -Christine utiliza indistintamente os dois termos: Hebreus e Judeus. Diferentemente das traduções consultadas que optaram pelo emprego de um só termo – a tradução italiana: Ebrei (hebreu), a francesa: Juifs (judeus), preferimos seguir a terminologia empregada conforme o manuscrito.

volta passou diante do quarto do rei como se não fosse nada, e o viu na janela. Então, ela ajoelhou-se e prostrou-se diante dele. A humildade de tal reverência agradou ao rei, quem admirava prazerosamente sua beleza radiante. Ele a chamou e disse para pedir-lhe o que quisesse. A dama disse que seu único desejo era que ele fosse cear nos seus aposentos e que levasse consigo Namam, e ele prontamente acatou. Jantaram ali três dias seguidos. Ele provando da graça, da nobreza, do charme e da beleza dessa mulher, novamente pediu-lhe que o fizesse um pedido. Éster jogou-se aos seus pés em lágrimas, suplicando-lhe de ter piedade do seu povo, de não humilhá-la, já que havia sido elevado à tão alta dignidade, fazendo morrer de maneira tão ignóbil sua descendência e todos daquela raça. Então o rei, inflamado de raiva, perguntou-lhe: “Dama, quem foi o imprudente que ousou fazê-lo?”. Ela respondeu: “Senhor, foi Namam, seu superintendente, aqui presente.”

Para abreviar a história, o rei anulou a sentença, e Namam, que por inveja havia planejado tudo isso, foi preso e enforcado pelos seus malfeitos. Mardóqueo, o tio da rainha tomou seu posto, os Judeus foram liberados e elevados aos mais altos privilégios e honras, mais do que qualquer outro povo. Mais uma vez, Deus escolheu uma mulher para salvar seu povo, como havia feito com Judite. E não pense que essas mulheres são as únicas na Escritura Santa. Em muitas ocasiões, Deus escolhe mulheres para salvarem seu povo, e não conto mais para ser breve. O caso de Débora, sobre quem já te falei anteriormente, como tantas outras, libertou ela também seu povo da escravidão”.

XXXIII. SOBRE AS SABINAS QUE LEVARAM A PAZ A SEUS AMIGOS.

Poderei contar-te ainda sobre muitas mulheres pagãs que salvaram seus povos, cidades e fortalezas, mas contentar-me-ei em contar-te apenas dois exemplos mais notáveis que serão o bastante como qualquer prova. Quando Rômulo e Remo fundaram Roma, e depois que Rômulo a povoou com todos os cavaleiros e homens de arma que

ele pôde encontrar e reunir depois de tantas vitórias conseguidas, decidiu lhes dar esposas, a fim de assegurar uma descendência que haveria de reinar para sempre na cidade. Mas, ele não sabia bem como fazer para encontrar uma mulher para si e para seus companheiros, porque o rei, os príncipes e a as famílias do país não queriam entregar suas filhas a pessoas que eles consideravam instáveis, e repugnavam-se a ter ligações com homens tão selvagens e diferentes. Assim, Rômulo, com muita astúcia, mandou anunciar em toda a cidade um torneio e justas, convidando reis, príncipes e todos os outros, a comparecerem com suas mulheres, suas filhas, à festa dos guerreiros estrangeiros. No dia do torneio, era muita gente de um lado e do outro, pois as mulheres e as moças vieram numerosas para ver o jogo. Entre elas, encontrava-se a filha do rei dos sabinos, muito bonita e gentil, que ele havia trazido juntamente com outras mulheres e moças daquela região. As justas eram organizadas fora da cidade, em uma planície perto de uma montanha. As mulheres estavam sentadas em fileira, no alto. Os cavaleiros davam prova de seu valor e de sua coragem, combatendo uns contra os outros. A vista daquelas belas damas incentivava as forças e o entusiasmo dos cavaleiros. Enfim, quando muitos guerreiros já haviam se enfrentado, Rômulo viu que era o momento de executar seus planos. Pegou, então, seu grande olifante e soprou bem forte. Todos reconheceram o sinal que era aquele som: deixaram os jogos e puseram-se a correr em direção das damas. Rômulo pegou a filha do rei, por quem ele já estava interessado. Cada um, seguindo seu exemplo, pegava aquela que o agradava mais. Eles levaram as mulheres à força e fugiram em seus cavalos em direção à cidade, fechando, em seguida, todas as portas. Os pais e os parentes que ficaram fora, aos gritos lamentavam-se, da mesma forma, as mulheres que tinham sido raptadas contra sua vontade. Mas, os prantos não surtiram nenhum efeito. Rômulo casou-se às pressas com a sua dama, e os outros fizeram o mesmo. Tal acontecimento provocou uma grande

guerra: o rei dos sabinos reuniu seu exército, o mais rápido que pôde, e veio com toda força atacar os Romanos. Mas não era simples vencer dois guerreiros tão valorosos. A guerra durava já cinco anos, quando chegou o dia em que os dois exércitos se encontraram em batalha campal. A coisa encontrava-se de tal maneira que uma grande perda de gente e uma carnificina estavam inevitavelmente previstas. Os Romanos já esperavam com um exército enorme, quando a rainha reuniu em um templo todas as mulheres da cidade. Ela que era muito sábia, boa e bela, começou a falar assim: “Sabinas, damas honradas, minhas caras irmãs e companheiras, sabemos que o nosso rapto é a causa da guerra entre os nossos pais, parentes e os nossos esposos. Mas, qualquer que seja o desfecho dessa guerra mortal, quaisquer que sejam os vencedores, seremos prejudicadas. Se os vencidos forem nossos esposos, para nós que os amamos – como é justo amar o pai de nossos filhos – será muito triste e doloroso e os nossos filhos ficarão órfãos. Se os nossos maridos vencerem, e nossos pais e parentes forem mortos e exterminados, será igualmente uma grande pena que por nossa causa aconteça uma desgraça tal. O que aconteceu, aconteceu, e não pode ser desfeito. Eis porque, parece-me ser sensato se conseguíssemos encontrar um meio de parar essa guerra e de fazer reinar a paz. Se tiverem confiança em mim, seguirem meu conselho e imitando meu comportamento, acredito que conseguiremos.” Todas elas responderam que podia comandá-las, que elas a obedeceriam, com prontidão. Então a rainha assanhou os cabelos e tirou os calçados. Todas as mulheres seguiram seu exemplo. Aquelas que tinham recém-nascidos pegaram-nos em seus braços para levá-los com elas; havia também uma multidão de mulheres grávidas. A rainha foi na frente daquela procissão piedosa, dirigiram-se no campo de batalha no momento em que iam começar o ataque. Elas se puseram entre os dois exércitos, de modo a precisar passar por cima delas para poder combaterem. A rainha e todas as outras mulheres ajoelharam-se, lamentando-se

em voz alta: “Caríssimos pais e parentes, e vós, esposos tão amados, em nome de Deus, fazei a paz! Caso contrário, preferimos morrer aqui sob os cascos de vossos cavalos”. Os maridos que viram suas esposas e filhos em lágrimas ficaram surpresos e comovidos; eles não tinham nenhuma intenção, sem dúvida, de passar por cima delas. Igualmente ficaram tocados os corações dos pais de ver suas filhas assim em prantos. Olharam-se e pelo amor dessas mulheres que os suplicavam tão humildemente, o ódio transformou-se em piedade filial. De uma parte e de outra, foram obrigados a jogarem suas armas, abraçarem-se e fazerem as pazes. Rômulo levou o rei dos Sabinos, seu senhor, até sua cidade, recebendo-o com grande honra. E foi assim que o bom senso e a coragem daquela rainha e daquelas mulheres impediram os Romanos e Sabinos de se matarem.

XXXIV. SOBRE A NOBRE VETÚRIA QUE IMPEDIU SEU FILHO DE DESTRUIR ROMA.

Vetúria era uma nobre dama de Roma, mãe de um grande romano, Márcio, homem de virtude excepcional, inteligente, arguto, corajoso e audaz. Esse nobre cavaleiro, filho de Vetúria, foi enviado pelos Romanos com um grande exército para combater contra os Coriolanos. Ele venceu os Coriolanos, e ficou sendo chamado de Coriolano. Seu prestígio era tal que ele gozava de um poder quase absoluto em Roma. Mas, é uma coisa muito perigosa governar só todo um povo, e os Romanos acabaram se rebelando contra ele e condenando-o ao exílio. Todavia, se ele foi banido da cidade, conseguiu encontrar um meio de se vingar, pois ele foi até aqueles que ele tinha vencido e os instigou a levantarem-se contra Roma. Fizeram dele seu chefe e avançaram com força na cidade, devastando tudo na passagem. Vendo o perigo em que se encontravam, os Romanos ficaram apavorados e enviaram mensagens de paz, mas Márcio não se preocupou em escutá-los. Eles renovaram suas mensagens, mas foi em vão: Márcio

continuava sua devastação. Então eles enviaram bispos e padres, todos paramentados, suplicando-os humildemente. Mas, tudo foi inútil. Não sabendo mais o que fazer, os Romanos encarregaram as nobres damas da cidade da nobre Vetúria, mãe de Márcio, de suplicar que intervisse em relação ao seu filho e acalmasse sua raiva. A sábia Vetúria deixou a cidade, acompanhada de todas as patrícias; elas foram em procissão, em direção a seu filho. Quando ele viu sua mulher, ele desceu do cavalo para ir a seu encontro, e a recebeu amável e humano, com todo respeito que um filho deve ter para com sua mãe. E como Vetúria queria implorá-lo para que estabelecesse a paz, ele respondeu-lhe que cabia a uma mãe mandar no seu filho e não de suplicá-lo. Assim, aquela nobre dama o levou à cidade. Ela salvou então Roma da destruição, e conseguiu sozinha o que nenhum alto dignitário de Roma pôde fazer.

XXXV. HISTÓRIA DA RAINHA DA FRANÇA, CLOTILDE, QUE CONVERTEU A FÉ DE SEU MARIDO, O REI CLODOVIL.

Voltando ao caso dos benefícios feitos pelas mulheres no plano espiritual, não foi através de Clotilda, filha do rei de Borgonha e mulher do poderoso rei da França, Clodovil, como já foi mencionado, que a fé cristã foi instituída e difundida entre os reis e príncipes franceses? Como ela tinha sido iluminada pela fé, insistia sem cessar, suplicando seu esposo, como boa cristã e santa mulher que era, de se converter à verdadeira fé e a se batizar. Ele se recusava, apesar dessa dama implorar, continuamente ao Senhor com lágrimas, jejuns e devoções, que iluminasse o coração do rei. Ela pediu tanto que Deus acabou tendo piedade do seu desespero. Assim, quando Clodovil, em batalha com o rei dos alemães, estava preste a ser derrotado, Deus o iluminou. Levantando os olhos em direção ao céu, o rei diz com fervor: “Deus Todo-Poderoso, tu em quem a rainha minha esposa crê e adora, venhas socorrer-me nessa batalha, e juro-te que me converterei à tua santa lei”. Apenas pronunciou essas palavras, que o rumo da

batalha voltou-se a seu favor, e ele acabou conseguindo vitória absoluta. Ela rendeu graças a Deus, e desde sua volta, para a alegria sua e de sua esposa, batizou-se, assim como todos seus barões, seguidos do povo todo. Foi então uma felicidade grande, pois Deus, escutando as preces dessa nobre e santa rainha Clotilde, estendeu sua graça de tal maneira que a fé não faltou mais na França, e nunca mais, graças a Deus, teve-se um rei herético, como acontecia entre como reis e imperadores de outros lugares. Coisa muito louvável para eles, pois são chamados de “os muitos cristãos”.

“Se devesse contar-te todo o bem trazido pelas mulheres, precisaria escrever um livro muito extenso. Mas, ainda sobre o discurso da espiritualidade, quantos santos mártires, como já havia contado, foram confortados, cuidados, abrigados, escondidos por simples mulheres, viúvas ou mulheres excelentes? Se leres suas histórias, observarás que Deus quis que todos eles, ou a maior parte, fossem confortados no sofrimento e no martírio pelas mulheres. Que disse? Não apenas os mártires, também os Apóstolos, São Paulo e os outros, até Jesus Cristo foi reconfortado pelas mulheres.”

“E não foi graças a uma mulher que os franceses – que são tão devotos de São Denis, que foi o primeiro a levar a fé pela França - conservaram seu bendito corpo e os de seus companheiros São Rústico e São Eleutério? O tirano que tinha mandado decapitar ordenou que os corpos fossem jogados no Sena, e aqueles que iriam cumprir tal ordem, deveriam colocar os corpos dentro de um saco para transportá-los. Hospedaram-se na casa de uma boa senhora viúva, chamada Catulla. Ela os embriagou para poder abri-lo e tirar os corpos de dentro; depois enterrou os benditos mártires de maneira mais digna na sua casa, deixando uma inscrição para a posteridade. Muito tempo depois, foi ainda uma mulher chamada santa Genoveva, quem pela primeira vez construiu naquele lugar uma capela dedicada àqueles santos. O nobre rei da França, o bom rei Dagoberto, fundou a igreja que ainda se tem hoje em dia.

XXXVI. CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE NÃO É BOM QUE AS MULHERES ESTUDEM LETRAS.

Depois de escutar, eu, Cristina, falei: “Dama, posso perceber que grandes e muitos benefícios foram feitos pelas mulheres e, se algumas desgraças foram causadas por algumas mulheres más, todavia parece-me que muito maiores foram os benefícios trazidos pelas mulheres de boa alma, sobretudo, daquelas sábias das letras e das ciências, que foram mencionadas anteriormente. Portanto, espanta-me muito a opinião de alguns homens que não querem que suas filhas, mulheres e parentas tenham conhecimento científico, por temor que, segundo eles, seus costumes sejam deturpados.

Resposta: Por isso, posso entender que nem todas as opiniões masculinas são fundadas na razão e que eles estão enganados. Como se pode pensar que o conhecimento das doutrinas morais, que ensinam a virtude, corrompa os costumes? Sem sombra de dúvida, é o contrário: aperfeiçoa-os e os torna mais nobres. Como se pode pensar e acreditar que quem segue um bom ensinamento e uma boa doutrina torne-se pior? É uma opinião que não se sustenta. Não digo que seja bom para um homem ou uma mulher dedicar-se à bruxaria ou à ciência oculta, porque não é sem razão que a Santa Igreja proíbe as práticas, mas que as mulheres pioram por conhecerem o bem, isso não se pode acreditar.

“Não tinha tal opinião Quinto Hortense, grande retórico romano e orador soberano. Ele tinha uma filha, de nome Hortência, que amava muito, pela sutileza de sua genialidade. Ensinou-a as Letras e em seguida a arte da retórica. Ela assimilou tão bem, que não só igualou-se a seu pai Hortense, como conta Bocaccio, quanto à inteligência e memória, mas também na eloquência e na arte oratória, de tal forma que ele não a superava mais em nada. E, a propósito do que já foi dito sobre os benefícios feitos pelas mulheres, o bem trazido por essa mulher através de seu saber foi notável. É

importante saber que no tempo em que Roma era governada por três homens, Hortência propôs-se a defender a causa das mulheres e conseguiu o que nenhum homem ousou fazer: em um momento em que Roma enfrentava um péssimo momento financeiro, quis-se impor às mulheres e seus ornamentos certos impostos. A eloquência daquela mulher era tão convincente que todos a escutaram como teriam escutado seu pai, e ganhou sua causa.

Desse mesmo modo, para falar de épocas mais recentes e não recorrer a histórias mais antigas, Giovanni Andréa, o célebre legista que ensinava em Bolonha há mais o menos sessenta anos, não achava que era um mal dar educação às mulheres. Ele tinha uma filha bela e boa, chamada Novella, que ele tanto amava. Ensinou-lhe letras e direito, e quando algum contratempo o impedia de dar aulas aos seus estudantes, ele enviava sua filha para dar a aula magistral em seu lugar. Mas, para que a beleza de Novella não distraísse os ouvintes, ela tinha uma pequena cortina diante dela. Assim, ela podia suprir o trabalho de seu pai e aliviá-lo da sobrecarga. Para perpetuar a memória de uma filha tão querida, ele fez um importante comentário de um livro de direito e deu o nome de sua filha, Novella.

“Nem todos os homens, e principalmente aqueles mais cultos, compartilham a opinião de que é um mau a educação para as mulheres. É verdade que muitos dentre os menos instruídos as acusam, pois iria irritá-los muito saber que as mulheres poderiam saber mais do que eles. Teu pai, que foi um grande astrônomo e filósofo, não pensava, claro, que as mulheres fossem menos capazes de apreender o saber científico. Ele se alegrava, ao contrário, sabes bem, em ver teu dom para as letras. A opinião feminina de tua mãe, que queria te ver ocupada com agulha e linha, a atividade costumeira para as mulheres, durante tua infância foi o obstáculo maior aos teus estudos e ao aprofundamento de teu saber científico. Mas, como diz o provérbio, já citado: O que a

Natureza concebe, ninguém consegue tolher”. Tua mãe não conseguiu impedir que tu, que tinhas naturalmente vocação aos estudos, conseguisse colher, pelo menos, algumas gotas do saber . Não penso que por isso acredites que teu valor foi reduzido, mas que tu o estimas, ao contrário, ser um grande tesouro. Sem dúvidas tens razão.

Então, eu, Cristina, respondi: “Certo, Dama, o que disse é tão verdadeiro quanto o Pater Nostre.”

XXXVII. CRISTINA DIRIGE-SE À RETIDÃO, QUE RESPONDE CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE SÃO POUCAS AS MULHERES CASTAS, DANDO O EXEMPLO DE SUZANA.

Ao que vejo, Dama, as mulheres podem ser possuidoras de todos os bens e de todas as virtudes. Por que os homens afirmam que existem tão poucas que são castas? Se fosse assim todas as outras virtudes não valeriam de nada, visto que para uma mulher a castidade é a virtude mais soberana. Mas, de acordo com o que me disse, é justamente o contrário do que eles afirmam.

Resposta: “Evidentemente é o contrário disso, já te falara isso, e tu mesma sabes. E, eu poderia te repetir até o final dos tempos. Oh! Quantas mulheres castas e valorosas são citadas na Santa Escritura, que preferem a morte a ter que renunciar à pureza corporal e espiritual. Foi o caso da bela e virtuosa Suzana, mulher de Joaquim, que era um homem rico e um dos mais influentes do povo judeu. Um dia quando aquela nobre mulher passeava só em seu jardim, dois velhotes, padres dissolutos, aproximaram-se dela para incitá-la ao pecado. Ela os rejeitou vigorosamente. Quando viram que as doces palavras não valiam de nada, eles ameaçaram de denunciá-la à justiça por flagrante delírio de adultério com um juvenzinho. Pois, a lei daquela época previa que em tais casos as mulheres fossem apedrejadas. Ao ouvir tais ameaças, ela disse: “O que quer que faça, estarei perdida: Se recuso o que esses homens estão pedindo, serei exposta à

morte física; se aceito, ofenderei cruelmente meu Criador. Então, prefiro morrer inocente a provocar a ira de Deus, pelo pecado”.

“Suzana pôs-se a gritar, e as pessoas de sua casa foram acudi-la. Para ser breve, os padres corrompidos conseguiram com falsos testemunhos que ela fosse condenada à morte. Mas, Deus, que nunca abandona àqueles que ama, a inocentou pela boca do profeta Daniel, que era ainda um recém-nascido nos braços de sua mãe, enquanto que levavam Suzana ao suplício e que um longo cortejo a seguia chorando, a criança gritou que ela tinha sido condenada por engano, que ela era inocente. Ela foi reconduzida à cidade; os dois padres dissolutos foram interrogados novamente, e tiveram que reconhecer a culpa deles. A inocente Suzana foi liberada e eles condenados à morte.”

XXXVIII. HISTÓRIA DE SARA.

“A bondade e a castidade de Sara são evocadas no primeiro livro da Bíblia, no capítulo vinte. Era a mulher de Abraão. A Sagrada Escritura faz menção a vários méritos seus, e tentarei cita-los de maneira breve. Mas, sua castidade pode ser lembrada a respeito do que acabamos de falar que muitas mulheres são castas. Pois, ela era de uma beleza tão soberana que ultrapassava todas as mulheres do seu tempo, tanto que muitos príncipes a cortejavam. Mas, ela era tão leal que não dava ouvido a nenhum. Entre os homens que a cortejavam estava o rei faraó, que a pegou a força de seu marido. Mas, a sua imensa virtude - que ultrapassava a beleza - lhe valeu a graça de Nosso Senhor, que a amava ternamente a protegeu de toda maldade. Assim, o faraó foi intensamente atormentado, tanto seu corpo quanto seu espírito, por uma grave doença e diversas alucinações, que ele nem a tocou e se viu obrigado a entregá-la ao seu marido.”

HISTÓRIA DE REBECA.

“A excelente e virtuosa Rebeca, esposa de Isaac o patriarca, pai de Jacob, não era menos sábia nem bonita como Sara. A Santa Escritura a louva sob vários propósitos. No primeiro livro da Bíblia fala-se sobre ela, no capítulo vinte e quatro. Ela era tão virtuosa, sábia e honesta que todas aquelas que se aproximava dela considerava-a como modelo de castidade. Além do mais, ela se comportava com a maior humildade em relação a seu marido, a tal ponto que ela não parecia pertencer a uma camada da nobreza. Foi por isso que Isaac a amava e a reverenciava ao extremo. Sua perfeita castidade e sua sabedoria valeram-lhe um bem maior do que o amor de seu marido, ou seja, o amor e a graça de Deus. Com efeito, Deus concedeu-lhe a graça de amamentar duas crianças quando ela já estava velha e estéril. Era Jacob e Esaú, de onde descende as tribos de Israel.”

XL. HISTÓRIA DE RUTH.

Poderei contar-te diversos exemplos de mulheres sábias e castas mencionadas na Escritura, mas prefiro abreviar. Ruth foi uma outra nobre dama, e da sua descendência nasceu Davi. Esta dama foi bastante casta no seu casamento e na sua viuvez. Amou profundamente o marido, como demonstrarei: pelo grande amor que sentia por ele, quando ele morreu, ela deixou o próprio país e sua gente, para passar o resto de sua vida com os judeus, de quem descendia seu marido, indo morar com a mãe dele. Para resumir, esta dama foi tão virtuosa e casta, que foi escrito um livro sobre ela e sua vida, no qual estão escritas todas essas coisas.”

XLI. HISTÓRIA DE PENÉLOPE, MULHER DE ULISSES.

“Os livros antigos dão vários exemplos de mulheres castas e virtuosas entre as damas pagãs, Penélope, esposa do príncipe Ulisses, foi uma mulher de grande virtude,

mas de todos os méritos era a castidade exemplar o que era mais louvado. Encontramos sua história em várias crônicas. Esta mulher conduziu-se de forma irrepreensível durante os dez anos que seu marido ficou sitiado em Tróia, e isso com todo o assédio de muitos reis e príncipes, causado pela sua imensa beleza, e que ela recusava-se a escutar. Ela era sábia, virtuosa, devota aos deuses e de vida exemplar. Fato mais notável ainda é que ela esperou seu marido dez anos a mais depois da destruição de Tróia. Pensava-se que ele tinha morrido no mar, onde ele teve que passar por vários perigos. Na sua volta, ele encontrou sua mulher prisioneira de um rei que esperava casar-se a força, tanto que ele admirava sua sabedoria e sua virtude. Ulisses, fantasiado em Pelegrino, procurou informar-se sobre ela. Ele ficou muito feliz pelos elogios que faziam sobre ela, e sua alegria foi grande de encontrar seu filho Telêmaco adulto, que ele abandonara criança. Então, eu, Cristina, disse-lhe isso: “Minha Dama, escutando-vos compreende-se perfeitamente que a beleza não foi um obstáculo à castidade dessas mulheres. Muitos homens dizem, no entanto, que é muito difícil encontrar uma mulher bela e casta”.

Resposta: “Aqueles que dizem isso se enganam, pois já existiu, existe e sempre existirá mulher bela e muito casta.”

XLII. EXEMPLO DE MARIANA.

Mariana era uma jovem judia, a filha do rei Aristóbulo. Ela era tão bonita que não só estimava-se que sua beleza ultrapassava a de todas as mulheres de sua época, mas que ela era uma aparição divina ou celeste, e não uma simples mortal. Fizeram um retrato dela, e enviaram-no ao Egito ao rei Marco Antonio. Tocado pela sua maravilhosa beleza, ele afirmou que ela devia ser a filha de Júpiter, porque ele não poderia acreditar que um simples mortal pudesse gerar uma mulher tal. Numerosos príncipes e reis a cortejavam, mas apesar de sua beleza e todo seu poder de sedução, ela lhes opunha uma

resistência virtuosa e firme. Seu renome foi então muito grande e brilhante. O que aumentava ainda mais seus méritos, era o fato dela ser muito mal-casada. Com efeito, ela era a esposa do rei dos judeus, Heródoto Antipas, um homem extremamente cruel; ela havia assassinado o irmão de Mariana. Por esse motivo e por muitas outras crueldades, ela o odiava. Porém, ela não deixou de ser casta e virtuosa, mesmo sabendo que ele havia dado ordem de matá-la se ele viesse a morrer, para que nenhum outro homem, além dele, pudesse desfrutar da sua grande beleza.”

XLIII. HISTÓRIA DE ANTÔNIA, MULHER DE DRUZIO TIBÉRIO, ILUSTRANDO ESSE MESMO PROPÓSITO.

Costuma-se dizer que é mais difícil para uma bela mulher, cercada de jovens e pessoas cordiais, cheias de desejos de amores, resistir, do que estar no meio de uma fogueira e não se queimar. Todavia, a bela e virtuosa Antônia, esposa de Drúzio Tibério, irmão do imperador Nero soube bem como se defender. Esta mulher, quando ainda era muito jovem e no frescor de uma radiante beleza, ficou viúva depois que seu marido Tibério foi envenenado pelo próprio irmão Nero. A nobre dama sentiu uma dor imensa e decidiu que não iria mais se casar, optando viver sua casta viuvez; manteve-se tão firme na sua decisão durante toda sua vida, que não existiu outra dama pagã que tivesse recebido mais elogios pela castidade do que ela. É ainda mais louvável, como diz Boccaccio, é o fato dela conseguir manter tal conduta em uma sociedade mundana, em meio a tantos jovens elegantes e bem vestidos, lindos e apaixonados, vivendo no ócio. Ela levou uma vida sem nunca ser acusada do mínimo erro, sem nenhuma reprovação. É, segundo o autor, sem dúvida, algo digno de ser louvado, pois essa jovem de extrema beleza era a própria filha de Marco Antônio, conhecido pela sua conduta luxuriosa e dissoluta. Mas, seus maus exemplos não causaram nenhum efeito sobre ela, que ficou

indene a essas chamas ardentes, cheia de castidade e isso não por pouco tempo, mas durante toda sua vida, até morrer de velhice.

“Poderei citar-te muitos exemplos de mulheres belíssimas e castas que vivem em ambientes mundanos das cortes, entre os homens jovens. Ainda hoje, não duvides, existem muitas, e é bom lembrar para calar as más línguas, pois duvido que de todos os tempos tenham existido tantas calúnias como hoje, e tantos homens dispostos a caluniarem as mulheres, sem terem motivo. Posso assegurar-te que se as mulheres belas e virtuosas de quem te falei vivessem hoje, ao invés daqueles louvores recebidos pelos Antigos, seriam caluniadas pelos invejosos.

“Para voltar ao nosso assunto, ainda sobre aquelas damas nobres e castas, de vida honesta, apesar de freqüentar uma vida mundana, citar-te-ei ainda o exemplo da nobre Suplicia, de quem fala Valério Máximo, que era de grande beleza, e, no entanto, entre todas as damas de Roma, era considerada a mais casta.

XLIV. CONTRA AQUELES QUE DIZEM QUE MULHERES QUEREM SER VIOLENTADAS SÃO DADOS DIVERSOS EXEMPLOS, PRIMEIRAMENTE, O DE LUCRECIA.

Então eu, Cristina, disse assim: Dama, acredito completamente no que vós dizeis e tenho certeza de que são muitas as mulheres belas, nobres e castas, que sabem se proteger das armadilhas dos sedutores. Eis porque me irrita e me deixa triste que os homens afirmem que as mulheres queiram ser estupradas, que isso não as desagrada, mesmo quando se defendem gritando alto. Pois, não seria capaz de acreditar que lhes possa ser agradável uma coisa tão abominável.

Resposta: Sem dúvida, cara amiga, que não há prazer nenhum às damas castas e de bela vida em serem violentadas, e sim, uma dor inigualável. Muitas delas demonstraram com seu próprio exemplo, como Lucrecia, a nobre romana, mulher do nobre Tarquínio Collatino. Tarquínio, o Orgulhoso, filho do rei Tarquínio, ficou

ardentemente apaixonado pela nobre Lucrecia, e não ousava declarar-se, por causa da grande virtude que ela demonstrava. Sem esperança de conseguir seus objetivos através de presentes ou súplicas, pensou possuí-la pela astúcia. Ele se dizia ser muito amigo do marido dela, e assim podia entrar na casa dela quando queria. Então, sabendo que o marido não estava, ele apareceu, e a nobre esposa o recebeu com toda a atenção que merece aquele que se diz amigo íntimo de seu marido. Mas, Tarquínio, que tinha outras intenções, encontrou um meio de entrar no meio da noite no quarto de Lucrecia, causando-lhe grande medo. Para resumir a história, depois de tentá-la convencer com promessas, presentes e oferendas, e vendo que seus pedidos de nada adiantavam, puxou sua espada e a ameaçou mata-la se ela falasse alguma coisa e não cedesse aos seus desejos. Ela respondeu bravamente que a matasse, pois preferia morrer a entregar-se. Percebendo que a ameaça não tinha efeito, Tarquino encontrou uma outra estratégia: disse-lhe que iria contar publicamente que a havia encontrado com um dos seus servos. E, para abreviar a história, isso era uma coisa tão horrenda para ela, que pensando que iriam acreditar nas palavras dele, ela cedeu à sua força. Mas, Lucrecia não pôde sofrer em silêncio tal sofrimento. Então, quando amanheceu, mandou chamar seu marido, seu pai e parentes mais próximos, pertencentes à mais alta aristocracia de Roma, para confessar aos prantos e gemidos o que lhe havia acontecido. Enquanto seu marido e parentes, a vendo arrasada com tanta dor, procuravam consolá-la, ela puxou uma faca, que estava sob seu vestido, e disse: “Se posso me livrar do pecado e provar minha inocência, não consigo me livrar dos tormentos, nem da dor. De agora em diante, mulheres desavergonhadas e desonrosas irão evocar o exemplo de Lucrecia.” Depois de ter pronunciado tais palavras, introduziu com força a faca no peito e com um golpe mortal caiu diante do marido e de seus amigos. Voltaram-se então contra Tarquínio. Roma inteira estava revoltada com isso e expulsou seu rei. Quanto ao filho, se o

tivessem encontrado, o teriam matado. E nunca mais se quis um rei em Roma. Alguns afirmam que por causa do ultraje contra Lucrecia, foi promulgada uma lei condenando à morte qualquer homem que estuprasse uma mulher; é uma pena legítima, justa e santa.

XLV. AINDA SOBRE O MESMO ASSUNTO, A HISTÓRIA DA RAINHA DOS GÁLATAS.

Continuando sobre o mesmo assunto, pode-se contar a história da nobre rainha dos Gálatas, a esposa do rei Orgiagontes. Na época em que os Romanos espalhavam suas conquistas sobre todos os países do mundo, prenderam o rei de Gálata e sua mulher no decorrer da batalha. Quando chegaram ao cativeiro, um dos generais do exército romano apaixonou-se por essa nobre rainha que era bela, honesta, casta e virtuosa. Então, ele a cortejou com insistência e ofereceu-lhe muitos presentes. Mas, percebendo que seus pedidos de nada lhe valiam, a violentou. Sentindo-se muito ofendida e com uma dor muito forte, começou a pensar constantemente em uma maneira de se vingar. Enquanto aguardava uma ocasião favorável, ficou dissimulando. Quando chegou a soma exigida para o resgate dela e de seu marido, ela pediu para ser apresentada ao comandante que os havia feito prisioneiros, no momento em que fosse entregar o resgate. Ela lhe aconselhou de pesar o ouro para se certificar de que a soma estava certa e que ele não tinha sido enganado. Quando o viu ocupado a pesar o ouro, sem nenhum de seus soldados por perto, a dama, munida de uma faca, feriu-lhe na garganta, matando-o. Cortou-lhe a cabeça e sem nenhuma dificuldade, a levou ao seu marido, contando-lhe o que acontecera e como resolveu se vingar.

XLVI. AINDA A ESSE PROPÓSITO: HISTÓRIA DOS SICAMBROS E ALGUMAS VIRGENS.

“Se posso contar-te histórias de mulheres casadas, que não puderam suportar a dor de ter sido estupradas, também poderei citar exemplos entre as viúvas e virgens.

Hippo era uma grega que foi raptada e feita prisioneira pelos piratas, corsários do mar, inimigos da sua região. Como ela era muito bonita, foi muito perseguida por eles. Quando se deu conta que não podia escapar do estupro, teve tanto desgosto e ficou tão horrorizada com aquilo que preferiu morrer. Jogou-se, pois, no mar, afogando-se.

“Os Sicambros - hoje chamados de Franceses - com um grande exército de uma multidão de soldados, atacaram, uma vez mais, a cidade de Roma. Acreditando que iria destruí-la, levou com eles suas mulheres e filhos. Acontece, porém, que a derrota foi para os Sicambros. As esposas, percebendo isso, decidiram entre elas que prefeririam morrer defendendo suas virtudes a submeterem-se à desonra, pois, sabiam bem que, segundo as leis da guerra, todas iriam ser estupradas. Armaram-se contra os inimigos, fazendo uma fortaleza com seus carros e charretes. Muitas se defendiam como podiam, matando muitos deles. Mas, como no final, a maior parte delas foi morta, as que restaram suplicaram de mãos juntas que fossem poupadas de qualquer imoralidade, para que passassem o resto de suas vidas dedicadas ao templo das virgens da deusa Vesta. Como lhes recusaram, preferiram a morte ao estupro.

“Item, encontramos exemplos similares também entre as virgens. Citarei Virgínia, nobre virgem Romana, que Claudius, o juiz dissoluto, resolveu possuí-la através da esperteza e da força, ao perceber que seus pedidos insistentes eram em vão. Mas ela, mesmo sendo apenas uma juvenzinha, preferiu ser morta a ser violentada.

“Item, uma cidade da Lombardia caiu nas mãos dos inimigos, e o senhor foi assassinado. Suas filhas, que eram muito bonitas, sabendo que eles iriam tentar violentá-las, pensaram em uma estranha estratégia, muito louvável por sinal: pegaram carne de frango crua, e colocaram em seus seios. Logo essa carne apodreceu com o calor, e quando eles se aproximaram, sentindo o mal-cheiro, resolveram deixá-las partir,

dizendo: “Deus, como esses Lombardos fedem! Mas, aquele mau cheiro as deixou com um grande perfume!”

XLVII. PROVAS CONTRA AQUELES QUE FALAM SOBRE A INCONSTÂNCIA DAS MULHERES; FALOU CRISTINA, EM SEGUIDA RETIDÃO LHE RESPONDEU, CONTANDO SOBRE A INCONSTÂNCIA E FRAGILIDADE DE ALGUNS IMPERADORES.

Dama, certo que me contastes exemplos de maravilhosa constância, firmeza e virtude das mulheres. Que se poderia dizer mais dos homens mais fortes que existiram? Todavia, os homens, sobretudo em seus livros, estão todos de acordo que acima de todos seus defeitos, as mulheres são volúveis e inconstantes, frívolas e levianas, de temperamento fraco, maleável como as crianças no que diz respeito à firmeza. Esses homens, que tanto acusam as mulheres de leviandade e inconstância, são tão constantes que mudar de idéia para eles é algo completamente estranho ou pouco comum? Mas, se eles também não são tão firmes, seria vergonhoso para eles acusarem os outros dos mesmos defeitos, ou exigir uma virtude que eles mesmos não têm.

Resposta: “Bela doce amiga, não já ouvistes dizer que “Macaco não enxerga o seu rabo, mas enxerga o da cutia”? Mostrarei-te que é uma grande contradição dos homens falarem tanto na leviandade e inconstância das mulheres. Todos afirmam em geral que as mulheres são muito fracas. E, como eles acusam-nas de fraqueza, supõe-se que eles se achem constantes, ou, ao menos, que sejam mais do que as mulheres. Na verdade, eles cobram das mulheres uma constância maior do que a deles, e eles, pretendendo serem nobres e virtuosos não conseguem evitar de caírem em muitos erros e pecados, não tanto por ignorância, mas por pura malícia, sendo conscientes de que estão agindo mal. Mas, justificam por isso, dizendo que pecar é humano. Mas, quando acontece de uma mulher cometer alguma transgressão –mesmo se eles mesmos são responsáveis

com suas manobras e instigações- então trata-se de fraqueza e inconstância, como eles sempre dizem. Mas, parece-me justo que eles tolerem essa fragilidade, a qual eles acusam tanto, ao invés de ficar tratando como um grande crime, o que para eles seria apenas um pequeno defeito. Nenhuma lei ou tratado lhes concede o direito de pecar mais que as mulheres, nem que o vício seja menos grave para eles. Na realidade, eles se auto-conferem uma tal autoridade moral que, não admitindo nada para as mulheres, eles as acusam dos piores crimes e dos maiores defeitos. Pois, muitos são aqueles que as acusam, sem querer reconhecer a força e a constância das mulheres que passaram por tantas dificuldades. Assim, em todas as questões, os homens querem ter razão e garantir os dois lados da moeda. Sobre isso já falaste bem em teu *Epistre du Dieu d'Amours*.

“Mas, sobre o que me perguntaste se os homens são tão fortes e resolvidos que têm o direito de acusar os outros de inconstância, se observas em todos os tempos, da Antiguidade aos nossos dias, através dos livros, e de tudo que pudeste ver com os teus olhos, todos os dias ao longo da tua vida – não entre os homens simples ou de baixa condição, mas entre os grandes, poderás ver a perfeição, a força, e a constância que está geralmente na maior parte deles, pois encontramos homens sábios, constantes e fortes, dos quais precisamos muito.

Se queres exemplos recentes ou antigos desta acusação feita pelos homens contra as mulheres, como se não se encontrasse entre eles nenhum sinal de inconstância ou leviandade, pense no comportamento dos príncipes mais poderosos e nos grandes homens, coisa que é ainda mais grave do que nos outros. E o que dizer dos imperadores? Eu te pergunto se já se viu mulher tão fraca de caráter, tão medrosa, tão vulgar e inconstante quanto o imperador Cláudio? Era tão volúvel que de uma hora para outra mudava as ordens que havia dado, não se podia confiar na sua palavra. Ele concordava sempre com tudo que lhe diziam. Sua loucura e crueldade o levaram a

mandar matar sua mulher, e na mesma noite, ele se perguntava por que ela não vinha se deitar. Ele mandava buscar, para brincar com ele, familiares, dos quais ele havia ordenado cortar a cabeça. Era de tão pouca coragem que tremia por tudo e não confiava em ninguém. Que posso dizer-te? Neste desgraçado imperador estavam presentes todos os defeitos, nos costumes e no caráter. Mas, será que durante o império foi o único com tal fraqueza? O imperador Tibério será que foi melhor? Encontrou-se em uma mulher o equivalente de sua inconstância, de sua leviandade, de seus costumes degenerados?

XLVIII. HISTÓRIA DE NERO

Já que começamos a falar dos imperadores, quem foi Nero? Dele ficou bem evidenciada a enorme instabilidade e fragilidade de caráter; de início era bastante justo e se esforçava de agradar a todos, depois não colocou mais nenhum freio na sua luxúria, avidez e crueldade. Para melhor satisfazer seu vício, ele saía armado pelas ruas à noite com uns depravados, seus cúmplices, nos bordéis e lugares difamados, procurando brigas pelo caminho e se envolvendo em toda espécie de crimes. Procurando qualquer ocasião para brigar, saía provocando qualquer um que encontrasse: se reagissem, feria-os e matava-os. Destruía tabernas e bordéis; pegava as mulheres à força, e por pouco, uma vez não foi assassinado pelo marido de uma mulher que ele havia violentado. Organizava banhos depravados e festas que duravam a noite toda. Ordenava uma coisa, depois outra, segundo o capricho de sua loucura. Dava-se a todo tipo de perversão, excesso, esquisitices, orgulho e desperdícios. Gostava dos maus e perseguia os justos. Foi cúmplice da morte de seu pai e depois matou sua mãe. E, quando ela estava morta, fez abrir seu ventre para ver o lugar onde ele tinha sido concebido, e depois de examiná-la, disse que ela tinha sido uma mulher muito bonita. Ele matou sua esposa Otávia, uma dama muito virtuosa, e pegou uma segunda mulher que ele amava muito no começo,

mas depois a matou. Mandou matar também Cláudia, filha do seu predecessor, porque não o quis por marido. Mandou matar seu afilhado, que ainda não tinha sete anos, porque o levavam para brincar, vestido como se fosse um filho de um duque. Mandou matar Sêneca, seu mestre, porque não conseguia evitar de sentir vergonha diante dele. Envenenou seu prefeito, fingindo oferecer-lhe um remédio contra dor de dente. Colocou veneno na comida e na bebida de nobres príncipes, e de anciãos barões, de grande autoridade e poder. Mandou matar sua tia e apoderou-se de seus bens. Mandou matar ou exilar todos os nobres de Roma, e assassinou seus filhos. Habitou um feroz Egípcio a comer carne humana crua, para poder fazer devorar suas vítimas ainda vivas. Falar mais o quê? Seus crimes são incontáveis, e as malvadezas inacreditáveis. Mas, o pior de seus crimes, foi de ter incendiado a cidade de Roma. O incêndio durou seis dias e seis noites. Muitas pessoas morreram nesse desastre. Do alto de sua torre, ele admirava a beleza das chamas, cantando. Ele mandou decapitar, durante um jantar, São Pedro, São Paulo e muitos outros mártires. Reinou desse modo por quatorze anos, mas os romanos, que já haviam sofrido muito, revoltaram-se contra ele, e com o desespero ele se matou.

XLIX. SOBRE GALBA E OUTROS IMPERADORES.

Parece inacreditável o que te contei sobre a crueldade e os defeitos de Nero? Pois, prometo-te que teu sucessor, o imperador Galba, não teria sido melhor, se tivesse vivido tanto tempo. De crueldade desmedida, e entre seus outros defeitos, era tão volúvel, que ele não conseguia parar suas condutas, nem tampouco sustentar uma decisão. Ora ele era cruel e sem medida, ora muito covarde, sem nenhum senso de justiça, negligente, invejoso, desconfiado, pouco respeitoso para com seus príncipes e cavaleiros, fraco e medroso, e, sobretudo ávido. Reinou apenas por seis meses e acabou sendo assassinado, colocando-se um término a seus crimes.

E quanto a Othon, o imperador seguinte, pode-se dizer que ele valia mais? Dizem que as mulheres são muito vaidosas, mas esse aí era tão refinado e com um corpo tão frágil que nunca se viu um ser mais delicado. Era um covarde, só pensava em seu conforto, um grande rapinante, esbanjador, glutão, hipócrita, luxurioso, desleal, traidor e cheio de desprezo e de todas as depravações. Deu fim à sua vida depois de três meses de reinado, quando seus inimigos levaram a vitória sobre ele.

“Vitélio, sucessor de Othon, não foi melhor em nada, mas cheio de todas as perversões. Não sei o que te dizer mais. Não pense que estou mentindo! Leia a história do imperador e sua biografia, verás que um número bem pequeno entre eles, que são numerosos, foram nobres, justos e constantes, como Júlio Cezar, Otávio, o imperador Trajano e Tito. Prometo-te que para cada um bom, encontrarás dez maus.

Poderei dizer o mesmo dos papas e das pessoas da Santa Igreja, que mais do que qualquer outro deveriam ser excelentes e perfeitos. Bem que nos primeiros tempos da cristandade foram puros, a pureza que não se encontra mais depois que Constantino dotou a Igreja de rendas abundantes e riquezas. Basta ler nas canções de gestas e crônicas. Se me respondes que isso acontecia outrora e que hoje em dia as coisas vão bem, olhe ao teu redor e diga-me se o mundo está melhorando e se há muita constância e firmeza nos atos ou deliberações dos príncipes, tanto os temporais, quanto os espirituais. É bastante claro; não te direi mais nada. Não entendo por que os homens falam tanto de inconstância e leviandade das mulheres, e, como não têm vergonha de abrir a boca quando vêem que questões importantes que estão ao encargo deles – e não ao das mulheres – são tratadas com tanta inconstância e leviandade, procedendo como crianças! Sem falar como são tratados os acordos e resoluções estabelecidos em seus conselhos!

“Mas, para definir o que é inconstância e volubilidade, com efeito, não querem dizer outra coisa senão ir de encontro com o que a razão manda, que é levar para o bem todas as criaturas de bom senso. Quando um homem ou uma mulher permite à sensualidade de ofuscar o olhar da razão, é sinal de fragilidade e inconstância; mais uma pessoa cai no erro e no pecado, mais é fraca e mais se encontra longe do olhar da razão. Segundo aquilo que está escrito nos livros, e a experiência, creio, não o contradiz, que apesar de quantos filósofos e outras autoridades falarem sobre a leviandade das mulheres, verás que nunca existiu uma mulher mais perversa do que um grande número de homens. As mulheres mais cruéis, a quem os livros fazem referência, são Atália e sua mãe Jezabel. Rainhas de Jerusalém, que perseguiram o povo de Israel; encontra-se também a rainha da França Brunehaut e algumas outras. Mas, pense na perversidade de Judas que traiu tão cruelmente o bom mestre de quem ele era Apóstolo e de quem só havia recebido o bem! Pense ainda na maldade, na crueldade dos Judeus e do povo de Israel que não somente mataram Jesus Cristo por ódio e inveja, mas também traiçoeiramente vários santos profetas que o precederam. Pense em Juliano, o Apóstata, que por sua grande crueldade, tinha a reputação de ser um dos anticristo. O desleal Dionísio, desleal tirano da Sicília, tão detestável que só em ler sua biografia já é vergonhoso. Com tantos reis malvados de países distintos, imperadores desleais, papas hereges, e outros prelados ávidos e sem fé, todos os anticristo futuros, estarão de acordo que os homens devem calar-se e as mulheres deverão dar graças e louvar a Deus, por ele ter colocado o tesouro da sua alma nos corpos femininos. Já te falei o bastante sobre esse assunto. Mas, para recusar os exemplos daqueles que acusaram as mulheres de tantas fraquezas, evocarei agora algumas mulheres muito fortes, cujas histórias são exemplares e belas de escutar.

L. HISTÓRIA DE GRISELDA, MARQUESA DE SALUZZO, MULHER FORTE EM VIRTUDE.

Contam os livros que havia um marquês de Saluzzo, chamado Gualtieri sem Par, um homem muito bonito e virtuoso, mas de costumes muito estranhos. Os seus barões o aconselhavam, pedindo que se casasse a fim de dar continuidade à sua linhagem. Durante muito tempo, ele recusou, mas por fim, consentiu se casar se eles aceitassem a mulher que ele escolhesse. Os barões concordaram, fazendo um juramento. O barão se deleitava indo à caça, também de aves. Ao lado de seu castelo, havia um pequeno vilarejo, onde moravam, entre camponeses, um pobre homem, velho e enfermo, chamado Janículo, que tinha sido justo e honesto toda sua vida. Este excelente homem tinha uma filha de dezoito anos, chamada Griselda, que cuidava dele com lealdade e sobrevivia tecendo lã. O marquês, que passava freqüentemente por lá, havia observado a honesta e correta vida daquela juvenzinha, que era tão bonita de corpo quanto de rosto, e o agradava muito. O marquês, que tinha prometido a seus barões de arranjar uma mulher, um certo dia, disse-lhes que se reunissem todos para seu casamento e que todas as mulheres estivessem presentes. Os preparativos foram suntuosos. No dia combinado, quando todos estavam presentes diante dele, mandou toda uma comitiva buscar a noiva. Ele foi direto para a casa de Janículo e encontrou Griselda que estava chegando da fonte, com uma lata d'água na cabeça. Perguntou-lhe onde estava seu pai; ela ajoelhou-se e respondeu-lhe que ele estava em casa: "Vá buscá-lo", diz-lhe. Quando o bom homem apresentou-se diante dele, o marquês disse-lhe que queria casar-se com sua filha. Janículo respondeu que fizesse como desejasse. As damas entraram na pequena choupana para vestir a noiva, vestindo-a suntuosamente como convinha à condição de marquesa, com roupas e jóias que ele havia mandado preparar. Em seguida, levou-a ao palácio e com ela se casou. Para resumir a história, a dama comportou-se tão bem em relação a qualquer pessoa, que os nobres, os grandes e pequenos, e todo o povo a

amavam muito. Era tão amável com todos que todo mundo estava satisfeito. E cumpria também seu dever de mulher, servindo e adorando seu esposo, como devia ser. No mesmo ano teve uma filha, e esse nascimento foi recebido com alegria. Quando essa criança ficou na idade do desmame, o marquês, para provar a constância e paciência de Griselda, a fez acreditar que os barões não se agradavam do fato que a descendência dela reinaria sobre eles e exigiam a morte de sua filha. A essa notícia – que teria sido terrível para qualquer mãe-, Griselda respondeu que ela era também a filha dele e que ele poderia fazer o que quisesse dela. Ela confiou então a criança a um escudeiro, e fingindo estar levando-a para matar, ele a conduziu em segredo à Bolonha, à condessa de Panigo, para que cuidasse da menina e a educasse. Griselda teve o cuidado de não demonstrar nenhum sinal de tristeza ou de emoção, apesar de achar que sua filha estava morta. Um ano mais tarde, ficou novamente grávida; ela teve um lindo garoto, cujo nascimento foi recebido com alegria. Mas o marquês que, mais uma vez, queria provar sua mulher, disse-lhe que tinha que matá-lo para contentar seus barões e vassalos. A dama disse que se a morte da criança não fosse o suficiente, ela também estaria pronta para morrer, se assim o desejasse. Ela entregou seu filho ao escudeiro como havia feito com sua filha, sem demonstrar a menor tristeza. Recomendou-o simplesmente de enterrá-lo bem após sua morte, para que sua tenra carne de criança não servisse de pasto para os animais selvagens, nem pássaros. Mas, diante de tanta crueldade, o rosto de Griselda não demonstrou nenhuma emoção. O marquês, ainda não satisfeito, quis novamente prová-la. Eles viviam juntos há doze anos, e a conduta dessa nobre mulher, tendo sido, todo esse tempo, irrepreensível, era de se imaginar que ela seria dispensada dessa nova prova. Um dia, no entanto, o marquês a fez vir até seus aposentos, para dizer que graças a ela, ele estava prestes a perder o feudo; seus vassalos e súditos estavam descontentes de ter como dama e senhora a filha de Janículo. Seria necessário, para sossegá-los, que

ela voltasse à casa de seu pai, de onde ela havia vindo, e que ele deveria casar-se com uma mulher de mais alta linhagem. Griselda, para quem essa notícia, deve ter sido muito dolorosa, respondeu: Senhor, sempre soube e sempre pensei que não havia nada em comum entre a magnificência de tua nobreza e minha pobreza. Nunca me considerei digna de ser tua senhora, ainda menos tua esposa. Estarei, a partir desse momento, prestes a voltar à casa de meu pai, onde terminarei meus dias. Quanto ao dote recebido, lembro-me, e tu sabes disso, que antes de sair pela porta da casa de meu pai, ordenaste que deixasse todas as roupas e que me vestisse com roupas que havias preparado para trazer-me. Não trouxe nenhum outro dote além de minha fidelidade, minha virtude, meu respeito e minha pobreza. É justo que te restitua teus bens. Tiro meu vestido para devolvê-lo. Eis aqui também a aliança com a qual casaste comigo, devolvo-te as outras jóias, anéis, roupas e adornos com os quais embelezei-me no quarto nupcial. Nua, deixei a casa de meu pai, e nua voltarei. No entanto, parece-me indecente que a nudez dessa barriga que abrigou as duas crianças que geraste seja exposta aos olhos do povo. Assim, pedir-te-ei, como recompensa pela virgindade que te ofereci, e que não poderei levá-la desse palácio, de deixar-me uma única camisa, com a qual será coberto o ventre de tua esposa, outrora marquesa”. Então o marquês não conseguiu segurar as lágrimas, mas, conteve-se e saindo do quarto, ordenou que lhe dessem uma camisa.

Então, na presença de todos os cavaleiros e de todas as damas, Griselda se despiu, retirou os sapatos, e todas as jóias, ficando apenas com sua camisa. O rumor já havia se espalhado em todos os lugares que o marquês queria repudiar sua mulher; todos e todas corriam ao palácio desesperados pela notícia. Cabeça nua, pés descalços, nua debaixo da camisa, Griselda partiu a cavalo acompanhada dos barões, dos cavaleiros e das damas; todos e todas choravam, maldizendo o marquês e compadecendo-se da bondade de sua dama. Todavia, Grisélida não derramou nenhuma lágrima. Eles foram até a casa

do pai. O velho homem era sempre temeroso que um dia o marquês se desfizesse dessa união. Escutando o barulho, foi ao encontro da sua filha, levando-lhe sua velha túnica toda usada, que ele havia guardado para essa eventualidade. Ele colocou-lhe sem demonstrar nenhuma emoção. Griselda ficou algum tempo com seu pai, vivendo humildemente na pobreza e lhe servindo como de costume, sem deixar transparecer a menor tristeza ou o menor arrependimento; ela até o consolou do desgosto que ele devia ter sentido de ver sua filha voltar à pobreza depois de tamanha distinção.

“Quando o marquês pensou ter suficientemente provado sua fiel esposa, pediu à sua irmã de ir até ela com um rico cortejo de senhores e damas, e de levar suas duas crianças sem revelar quem era o pai. Ele anunciou a seus vassalos e súditos que ele queria casar-se novamente e ter por esposa uma jovem muito nobre que sua irmã tinha por tutela. No dia em que sua irmã devia chegar, ele reuniu em seu palácio uma grande assembléia de cavaleiros, de damas e homens nobres e mandou preparar uma festa maravilhosa. Em seguida, convocou Griselda, dirigindo-se a ela nesses termos; “Griselda, a jovem com quem quero casar chegará amanhã. Quero que minha irmã e seu nobre cortejo sejam muito bem recebidos, e como conheces bem meus hábitos, a repartição dos quartos e apartamentos, gostaria que te encarregastes e que todos os domésticos recebam tuas ordens, a fim de que cada um seja recebido de acordo com seu nível, particularmente, minha noiva que estará com eles. Cuide, então, para que tudo fique bem preparado.” Griselda respondeu que o faria com prazer. No dia seguinte, quando o cortejo chegou, a festa foi grande. Mesmo vestido miseravelmente, Griselda não deixou de ir ao encontro da jovem e a receber humildemente, dizendo: “Minha senhora, seja bem-vida nessa casa.” Ela acolheu graciosamente também o filho e todos os homens e todas as mulheres do cortejo, tomando o cuidado de não esquecer nenhum. E, se sua roupa era de uma pessoa muito pobre, suas maneiras davam a pensar que ela

era de alta condição e de virtude sem igual. Os hóspedes ficaram surpresos de ver como tanta graça e honra escondiam-se sob tão pobres hábitos. Griselda tinha organizado tão bem as coisas que nada estava fora do lugar. Ela sentia uma atração muito forte pela jovem e pelo garoto, não podendo afastar-se deles para poder contemplar sua beleza que ela não parava, por sinal, de louvar. O marquês havia ordenado todos os preparativos da cerimônia, como se fosse casar-se com a jovem. Na hora da missa, ele se apresentou diante de todos, fez chamar Griselda e perguntou-lhe bem alto: “Que pensas, Griselda, de minha nova esposa? Ela não é gentil e honesta?” Ela respondeu-lhe sem hesitar: “Com certeza, senhor, não poderia ter encontrado uma mais bonita nem mais honesta. Mas, queria humildemente pedir-te e te aconselhar o seguinte: que não a maltrates, nem a submeta a provas que tão duramente fizeste a outra passar, pois essa é mais jovem e foi educada em berços de ouro, e não agüentaria tudo o que a outra suportou.” Escutando a resposta de Griselda, o marquês espantou-se da sua coragem; ele admirou sua grande firmeza, sua força de caráter e sua constância, e ficou cheio de compaixão pela infelicidade que ele a fez passar, e que ainda passava, sem merecer absolutamente. Então disse ele diante de todos:

“Griselda, provaste o bastante tua constância, tua fidelidade verdadeira, tua lealdade, teu profundo amor, tua obediência e tua sincera humildade para comigo. E acredito que nenhum homem na terra recebeu mais provas de amor conjugal do que eu recebi de ti.” O marquês aproximou-se dela, a abraçou carinhosamente e cobrindo-a de beijo, disse-lhe: “Apenas tu és minha esposa. Eu não gostaria de ter nenhuma mais, e nunca terei outra. Esta jovem que pensavas ser destinada para mim é tua filha e minha. Esse garoto é teu filho. Que todos os que estão aqui presentes o saibam: eu só agi assim para colocar em prova esta fiel esposa, e não para condená-la. Meus filhos foram educados em Bologna com minha irmã. Eis-los aqui, eu não os fiz morrer.” Ao escutar

as palavras de seu esposo, a marquesa desmaiou de alegria. Quando ela voltou a si, tomou as crianças nos braços e derramou sobre eles suas lágrimas de felicidade. Podes acreditar: seu coração disparava de alegria, e todos aqueles e aquelas que assistiam a cena choravam de felicidade e de compaixão. Griselda foi mais estimada do que nunca. Ela foi vestida e embelezada com os mais ricos adornos. A festança foi grande, e na alegria geral, todos tinham palavras de elogios para aquela dama. E viveram juntos ainda por vinte anos de alegria e paz. E o marquês fez o pai de Janículo, por quem nunca havia se preocupado antes, vir até ao palácio. Foi então muito estimado. E seus filhos fizeram belos casamentos e na morte do marquês, seu filho o sucedeu, com a aprovação dos barões.”

LI. SOBRE FLORENÇA, A ROMANA

Se Griselda, marquesa de Saluzzo, foi um modelo de coragem e firmeza, também foi a nobre imperatriz Florença. Ela suportou muitas adversidades com uma firmeza admirável, como foi escrito em “*Le miracle de Notre Dame*”¹⁵¹. Esta mulher era de uma beleza soberana, mas sua castidade e sua virtude eram ainda mais notáveis. Seu marido teve que partir em uma expedição militar em um país longínquo e confiou a um de seus irmãos, seu império e sua mulher. Após a partida do imperador, esse irmão, tentado pelo demônio, começou a sentir um amor culpado pela cunhada Florença. Ele a tentava tanto para que ela cedesse a seu desejo, que teve que aprisioná-lo em uma torre, com medo que ele usasse a força, já que seus pedidos não adiantavam. Ele ficou então prisioneiro até o retorno do imperador. Quando foi anunciada sua chegada, Florença, sem temer as calúnias de seu cunhado, mandou liberá-lo para que seu marido ficasse

¹⁵¹ Obra do século XIV, inserida nos gêneros literários de caráter religioso: milagres e mistérios, que representam as intervenções milagrosas dos santos e da Virgem. O primeiro milagre que se tem conhecimento é *Le Jeu*, de São Nicolas. Existe ainda *Le miracle de Théophile*, escrito por Rutebeuf, em 1263 e o último que conhecemos, intitulado *L'Histoire de Grisélidis*, já é considerado uma obra leiga.

sem saber dessa traição. Enviou então seu cunhado ao encontro do imperador. Mas, quando chegou ao lado do imperador disse as piores coisas que se possa imaginar sobre a imperatriz, acusando-a de ser a pior das mulheres e de tê-lo feito prisioneiro, para dar vazão à sua perversidade. O imperador acreditou no que ela falou. Sem a menor explicação, ele ordenou aos seus súditos que fossem na frente para matar sua esposa, pois ele nem queria vê-la, muito menos, encontrá-la viva. Mas, Florença, indignada com tal notícia, suplicou tanto àqueles que tinham sido designados para matá-la que acabou convencendo-os a deixá-la partir, disfarçadamente. Vagou tanto aquela mulher, e por estranho acaso, ela foi confiada a cuidar do filho de um grande príncipe. Mas, o irmão desse príncipe apaixonou-se por ela. Depois de muito galanteá-la, em vão, ele se vingou de sua recusa, matando a pobre criança, que dormia ao seu lado, para incriminá-la. A nobre dama suportou todas aquelas adversidades, que não eram pequenas, com grande paciência, força e coragem. E, quando foi conduzida ao suplício, pelo assassinato da criança, o senhor e a dama foram tomados por uma piedade tal, sabendo da vida exemplar e a grande virtude que sempre viram nela, não tiveram coragem de mandar mata-la, e a condenaram-na ao exílio. A miséria em que ficou vivendo não abalou a devoção em relação a Deus e sua doce Mãe. Um dia, depois de fazer suas orações, adormeceu em um jardim. A Virgem apareceu-lhe em sonho, dizendo-lhe para colher uma erva que se encontrava em baixo de sua cabeça; e a partir de então, ela ganharia sua vida, curando todas as doenças. Algum tempo depois, com aquela erva, a dama já havia curado um grande número de doença e sua fama se difundia em todos os cantos. Deus quis que o irmão do príncipe, aquele que havia matado o menino, fosse acometido por uma doença terrível. Mandaram então buscar essa mulher para curá-lo. Quando ela ficou na sua presença, disse-lhe que podia ver que era a mão de Deus que o castigava e que se ele quisesse ser curado não havia outro recurso além de reconhecer publicamente

seu pecado; senão ela seria incapaz de curá-la. Então, com grande remorso, ele confessou a horrível perversidade de ter mandado matar a criança e ter acusado a nobre mulher a quem ele havia sido confiado. O príncipe ficou furioso e quis a todo custo fazer justiça, mas a boa dama conseguiu contê-lo pelas preces e curou o doente. Ela fez-lhe o bem, pelo mal, segundo o mandamento de Deus. Não muito tempo depois, o irmão do imperador que havia sido a causa do exílio de Florença, foi gravemente acometido pela lepra e seu corpo já estava apodrecendo. Como havia um rumor em todas as partes do mundo, que dizia que existia uma mulher capaz de curar qualquer doença, o imperador mandou buscá-la, sem conhecer sua verdadeira identidade, pois há muito tempo achava que sua mulher estava morta. Mas, assim que ela chegou perto do irmão do imperador, disse-lhe que ele haveria de se confessar publicamente; senão ela não poderia curá-lo. Ele recusou durante muito tempo, depois confessou toda a maldade que, sem motivo, tinha feito à imperatriz, e por esse pecado tinha consciência de que Deus o estava punindo. Quando o imperador escutou tudo isso, ficou louco de raiva ao pensar que ele havia feito morrer sua leal esposa que tanto amava, e quis matar seu irmão. Graças à sua paciência, Florença recuperou sua condição e a felicidade, com grande alegria do imperador e de todo o povo”.

LII. SOBRE A HISTÓRIA DA MULHER DE BERNABÓ O GENOVÊS

Em relação às mulheres virtuosas e constantes, podemos evocar ainda a história contada por Boccaccio em seu Decameron. Uma vez em Paris, vários comerciantes lombardenses e italianos reunidos em torno de uma mesa para uma ceia, e falando de diversas coisas, começaram a falar de suas mulheres. Um deles, um genovês, chamado Bernabó, começou a tecer elogios para sua mulher, por sua beleza, sabedoria, castidade e por todas as outras virtudes. Na sua companhia encontrava-se um homem arrogante,

chamado Ambrósio, que começou a dizer que era uma loucura elogiar tanto sua mulher, principalmente por sua castidade, pois não havia nenhuma mulher, por mais forte que fosse, que não cedesse diante de presentes, promessas e belas palavras. A partir daí iniciou-se uma acesa discussão entre eles que acabou em uma aposta de cinco mil florins. Bernabó apostou que ele jamais conseguiria deitar com sua mulher, por maior que fosse sua capacidade de seduzir. Ambrósio apostou o contrário, prometendo trazê-lo provas irrecusáveis do seu sucesso. As pessoas presentes fizeram de tudo para convencê-los a desistir de tal aposta, mas nada adiantou.

Ambrósio partiu o mais rápido que pôde a Gênova e, lá chegando, procurou se informar da vida e dos costumes da mulher de Bernabó. Mas, para ser breve, contou-se tanto bem dela que ele ficou desesperado de nunca chegar a seus fins. Muito confuso, arrependeu-se amargamente de sua loucura, e como o fato de perder os cinco mil florins da aposta lhe partia o coração, decidiu agir maliciosamente. Tanto fez, que conseguiu falar com uma pobre velha que morava na casa daquela dama. Com doações e promessas, conseguiu com que ela o levasse até o quarto da dama, dentro de um baú: a velha a fizera acreditar que naquele baú, confiado a ela, havia muitas coisas preciosas e ladrões haviam tentado roubá-lo. Por tal motivo, pedira-lhe que ficasse no seu quarto por algum tempo até que os donos daquelas coisas voltassem. A dama prontamente consentiu. Ambrósio, escondido no baú, de tanto espiar a dama à noite, conseguiu vê-la nua. Ele também pegou uma bolsa e um belo cinto que ela havia bordado à mão, e no maior silêncio, voltou ao seu esconderijo sem acordar a dama nem a menininha que dormia ao seu lado. Elas não notaram nada e depois de três dias a velha veio buscar o seu baú. Ambrósio estava muito contente e satisfeito com o que havia conseguido, contou ao marido e a todos que o acompanhavam que havia deitado na cama de sua esposa e feito tudo o que lhe aprouvera. Ele descreveu-lhe primeiramente a disposição

do quarto e os quadros que lá havia. Mostrou-lhe em seguida a bolsa e o cinto que Bernabó conhecia bem, dizendo que ela os havia oferecido. E, além do que, ao descrever o corpo nu da dama, disse que ela tinha um sinal no seio esquerdo, como uma pequena manchinha vermelha. O marido, cuja dor não se imagina, acreditou fielmente na veracidade daquelas palavras de Ambrósio, e pagando-lhe os cinco mil florins, partiu, o mais rapidamente possível, a Gênova. Antes de chegar, mandou uma mensagem ao seu fiel administrador, que se ocupava de seus negócios, ordenando-lhe que matasse a sua mulher, e a maneira como deveria matá-la. Ao receber tal ordem, o empregado, a fez acreditar que a levaria a cavalo até seu marido. Feliz com a notícia, partira com ele. Chegando no meio da floresta, disse-lhe que, por ordem do marido, iria matá-la. Resumindo a história, a bela e generosa dama conseguiu convencer o empregado de deixá-la partir, prometendo-lhe deixar o país.

Uma vez em segurança, chegou em uma cidadezinha e convenceu uma senhora idosa a vender-lhe roupas masculinas, cortou os cabelos e vestiu-se de homem. Acabou prestando serviço a um rico senhor de Catalunha, chamado Senher Ferrant, que fazia escala no porto para se refrescar. Serviu-lhe tão bem que o senhor ficou espantado, afirmando que nunca tivera um tão bom serviçal. Essa dama dizia chamar-se Sagurat de Finoli. O Senhor Ferrante subiu ao bordo de seu navio, levando Sagurat com ele, viajando até Alexandria. Ali, comprara lindos cavalos e falcões. Munido de tais presentes, foi ver o sultão do Egito, a quem era muito ligado. Algum tempo depois, o sultão começou a observar a dedicação com a qual Segurat servia seu mestre, parecendo sempre tão satisfeito e tão entusiasmado. Tal devoção lhe transmitiu a melhor impressão possível. O sultão pediu então a Senher Ferrante de lhe cedê-lo, com promessa de fazê-lo seu braço direito. Mesmo a contragosto, o Senhor Ferrante consentiu. Resumindo: Sagurat foi tão bom serviçal do sultão que só nele passou a confiar. Havia

muitas posses e ao seu redor governava tudo. Em uma das cidades do sultão devia acontecer uma grande feira onde viriam comerciantes do mundo inteiro. O sultão ordenou a Segurat que fosse naquela cidade a fim de verificar o andamento da feira e assegurar seus direitos. Com a graça de Deus, juntamente com outros italianos, chegou também o dito Ambrósio, de quem já falamos, e que havia enriquecido à custa de Bernabó. Todos honravam muito Sagurat, que era o representante do sultão na cidade. Por ser um grande senhor e mestre, os mercadores estrangeiros traziam-lhe regularmente muitas jóias para vender. Até que um dia, entre eles, veio o dito Ambrósio, e abriu uma caixinha cheia de jóias para mostrar a Sagurat. Nesse portajóias, encontravam-se o cinto e a bolsinha. Sagurat, que logo os reconheceu, pegou para examiná-los, se perguntando como eles poderiam ter chegado até ali. Ambrósio que há muito tempo não pensava mais no caso, começou a sorrir. Vendo-o tão alegre, Sagurat disse-lhe: “Amigo, acredito que rides por eu ter pego essa bolsinha, que é algo feminino, mas ela muito bonita”. Ambrósio respondeu-lhe: “Meu Senhor, ela está a suas ordens, mas eu estava rindo ao lembrar-me da maneira como eu a consegui”. “deixai-me rir também, disse Sagurat, contai-me como foi”. “Podeis acreditar, disse Ambrósio, recebi de uma linda mulher, que me deu depois de uma noite de amor. E com isto ganhei cinco mil florins, graças a uma aposta que tinha feito com o imbecil de seu marido, um certo Bernabó, que tinha me desafiado a deitar com ela. O desgraçado por isso, mandou matá-la, mas ele é quem devia ter sido punido. Pois, os homens devem saber que as mulheres são fracas e facilmente seduzidas, portanto, não se deve confiar nelas. Assim a dama ficou sabendo a razão da ira do seu marido, o que até no momento ela ignorava. Mas, prudente e forte como ela era, com sabedoria fingiu-se de desentendida, esperando o momento e um lugar mais propícios, deixando entender que tinha achado muito divertida aquela história. Disse-lhe que era uma ótima companhia e

que gostaria de se tornar seu melhor amigo, esperando que ele ficasse na região, comercializando para eles dois. Ambrósio ficou entusiasmado. Sagurat mandou dar-lhe uma loja, e para enganá-lo melhor, confiou-lhe muito dinheiro, demonstrando muita amizade. Querendo divertir o sultão, contou-lhe novamente aquela história, e o final dela, mostrando seu êxito. Assim, Sagurat ficou sabendo do paradeiro de Bernabó, que havia ficado miserável, devido a grande soma de dinheiro que havia perdido, e pela dor que tinha passado. Para contar em poucas palavras o final da história, Sagurat convenceu os genoveses que viviam no país a dizer para Bernabó, que o sultão gostaria de vê-lo instalar-se na sua região. Quando Bernabó veio se apresentar ao sultão, Sagurat mandou chamar Ambrósio. Mas antes ele havia informado ao sultão que Ambrósio mentia, inventando que havia recebido os favores daquela mulher, e pediu-lhe que, se a verdade viesse a ser comprovada, punisse o dito Ambrósio como ele merecia. O sultão concordou.

“Quando Bernabó e Ambrósio ficaram diante do Sultão, Sagurat começou a falar: “Ambrósio, agrada ao nosso sultão aqui presente escutar a peça que pregaste em Bernabó, pegando-lhe cinco mil florins, e como dormiste com sua mulher”. Então Ambrósio mudou de cor, como se mesmo em um homem tão hipócrita, a verdade não conseguisse ser abafada. Havia sido pego sob improviso, não esperava. Todavia, conteve-se e disse: “Meu senhor, não serve de nada repetir a história, Bernabó a conhece, e tenho muita vergonha de sua vergonha”. Então Bernabó, cheio de dor e de vergonha, suplicou-lhe que não contasse e que o deixasse ir. Mas, Sagurat respondeu, quase sorrindo, que não deixaria partir e que seria melhor que ele escutasse a história. Então Ambrósio se viu constrangido e com a voz tremendo começou a contar a sua versão da história, como havia contado a Bernabó e a eles. Quando terminou, Sagurat perguntou a Bernabó se aquilo que Ambrósio havia contado correspondia à verdade e

ele respondeu que sem dúvida era verdade. “E como – disse Sagurat – podeis ter certeza de que este homem esteve com vossa mulher? Se pelo menos tivésseis tido alguma prova. Como podeis ser tão estúpido de não achar que haveria vários meios desonestos de saber como era seu corpo, sem ter dormido com ela! E foi por isso que a fizestes morrer? Vós deveríeis morrer, pois não tínheis provas suficientes”. Então Bernabó ficou muito amedrontado, e Sagurat, que não queria mais calar, disse a Ambrósio: “Falso traidor, desleal, diga a verdade! Confesse, sem ser preciso que te mande torturar. Temos a prova de que tudo que contaste é falso. Quero que saibas que a mulher de quem inventas coisa não está morta e está bem perto daqui para contradizer a tua desleal mentira, pois o que é certo é que nunca a tocaste”. Havia ali numerosos testemunhas, tanto entre os vassalos do sultão, quanto dos Lombardos, que escutavam tudo isso com muito espanto. E, para ser breve, Ambrósio foi obrigado a confessar diante do sultão e dessa multidão de testemunhas como a cobiça o havia levado a executar tal fraude para ganhar cinco mil florins com aquela aposta. Quando Bernabó escutou aquilo tudo, por pouco não enlouqueceu, ao pensar na sua mulher assassinada. A nobre dama aproximou-se dele e disse: “O que darias Bernabó a quem devolvesse a tua mulher viva, casta e pura?” Bernabó respondeu que daria tudo que tinha. Ela falou então: “Como, Bernabó, irmão e amigo, não reconheces tua amada?”. Como ele ficou tão confuso que não sabia o que fazer, ela descobriu o peito e disse: “Olha Bernabó, sou tua leal companheira, que tu sem motivo havias condenado à morte”. Então abraçaram-se com uma alegria infinita. O sultão e todos os presentes ficaram estupefatos, e louvaram muito a virtude daquela dama. Fizeram dela uma grande dama, e todas as riquezas de Ambrósio, que o sultão mandou matar com muita tortura, ficaram para ela. Depois, voltaram juntos ao seu país.

LIII. APÓS O QUE RETIDÃO CONTOU SOBRE AS DAMAS CONSTANTES, CHRISTINE PERGUNTA-LHE POR QUE TANTAS MULHERES NOBRES DO PASSADO NÃO CONTRADISSERAM OS LIVROS E OS HOMENS QUE AS CALUNIARAM, RETIDÃO RESPONDE.

Dama Retidão contou-me todas essas coisas e ainda outras, que não mencionarei, para poder ser breve, por exemplo, a história de Leena, uma mulher grega, que recusou denunciar dois homens que conhecia, cortando a língua com seus próprios dentes diante do juiz, para que eles não tivessem esperança que com as torturas, ela pudesse dizer algo. Contou-me também sobre bem muitas outras damas de coragem que preferiram beber veneno e morrer a ir contra a verdade e a retidão. Em seguida, falei assim: “Dama, destes-me muitos exemplos de firmeza, de coragem e de outras virtudes femininas, tanto que não poderíamos dizer mais de alguns homens. Fico surpresa, no entanto, que tantas mulheres excelentes, sábias e cultas, capazes de escrever composições poéticas com muito estilo e fazer belos livros, tenham tolerado tanto tempo sem confrontar tantos horrores caluniados contra elas por diversos homens, mesmo sabendo que eram grandes mentiras”.

Resposta: “Cara amiga, essa questão é muito fácil de se responder. Depois de tudo que te disse sobre as damas e suas virtudes, fica claro que elas aplicaram toda sua inteligência em diversas obras, bem diferentes umas das outras, tratando assuntos bem variados. Mas, a construção dessa obra era destinada a ti, e não a elas. Pois, as obras dessas mulheres já foram louvadas por pessoas inteligentes e sensíveis, sem que fosse preciso escrever mais outras. E, quanto a todo esse tempo passado sem que os acusadores e caluniadores fossem confrontados, digo-te que cada coisa tem seu tempo e hora para acontecer na eternidade. Como Deus pôde tolerar tanto tempo as heresias contra as leis santas, que foram extirpadas com tanta dificuldade e que ainda estariam aí se não se tivesse levantado contra elas para combatê-las e vencê-las? E assim acontece

com bem mais outras coisas que por muito tempo são toleradas e um dia são discutidas e corrigidas”.

Assim, eu, Cristina, disse-lhe: “Dama, falas muitas coisas justas, mas estou segura de que esta obra fará as más línguas murmurarem contra ela, dizendo que, mesmo se é verdade que existiu no passado mulheres virtuosas, isso não significa que eram todas, nem mesmo a maioria delas.

Resposta: “Dizer que é a maior parte das mulheres não sejam virtuosas é falso. Isso pode ser confirmado por tudo que vimos, na experiência do cotidiano, de devoção, caridade e virtudes nelas. Por outro lado, é bem provado que não vêm delas todas as atrocidades e horrores cometidos constantemente no mundo. E porque seria estranho se nem todas são virtuosas? Em toda a cidade Ninive, grande e populosa, não foi encontrado um só homem justo quando o profeta Jonas foi enviado por Nosso Senhor para destruí-la se ela não se convertesse. Sodoma não foi diferente, como ficou evidente com o fogo caído do Céu para aniquilá-la, depois da partida de Lot, Mesmo entre os discípulos de Jesus Cristo, apenas doze homens, havia um do mal. E os homens ousaram dizer que todas as mulheres deveriam ser boas, e aquelas que não fossem, deveriam ser lapidadas? Mas, peço-lhes que olhem para eles mesmos, e aquele que não tiver pecado que atire a primeira pedra. Pois, qual deveria ser a conduta deles? Certo, quando forem perfeitos, as mulheres seguirão seu exemplo!”.

LIV. CRISTINA PERGUNTA À RETIDÃO SE É VERDADE O QUE OS HOMENS AFIRMAM: QUE POUCAS DAMAS SÃO FIÉIS NA VIDA AMOROSA. RESPOSTA DE RETIDÃO.

Prosseguindo, eu, Cristina, retomei o discurso assim: “Dama, passemos agora a outras questões, para não fugirmos ao tema de nossa conversa até aqui. Com muito gosto, faria-vos outras perguntas, se tivesse certeza de não incomodá-la. O assunto que

pretendo abordar, apesar de ser fundado pelas leis da natureza, desvia-se um pouco de uma razão comedida”.

E ela me respondeu: “Amiga, fale daquilo que mais te agrada, porque o discípulo que, para aprender, pergunta ao mestre, não deve ser repreendido, se quer saber de tudo”.

“Dama, há sobre a terra uma lei natural de atração dos homens em relação às mulheres, e das mulheres, em relação aos homens. Não se trata de uma lei social, mas de uma inclinação carnal, pela qual homens e mulheres se amam reciprocamente, com grande e apaixonado amor, entregando-se ao ardente desejo e ignorando o que faz queimar neles o fogo da paixão, apesar de todos conhecerem esse estado chamado amor. Os homens têm o hábito de dizer que as mulheres, por mais que façam promessas, são inconstantes, pouco apaixonadas, mentirosas e extremamente falsas. Tudo isso viria do seu caráter leviano. Entre os autores que fazem tal acusação, encontra-se Ovídio, que insiste muito sobre isso, em sua obra “A arte de amar”. Ovídio, e todos os outros, depois de muito acusarem as mulheres, afirmam que aquilo que escreveram nos livros, contra a má-conduta e maldade femininas, é para o bem público e comum, buscando advertir os homens a terem cautela e se prevenirem, como se faz com as serpentes escondidas no mato. Se for de vosso agrado, cara dama, gostaria que me contasse a verdade sobre tudo isso”.

Resposta: “Amiga cara, não sei mais o que responder-te sobre as acusações de infidelidade, pois já tratastes muito desse assunto, seja contra Ovídio, seja contra outros, em teu “*Epistre du Dieu d’Amors*”, e na “*Epistres sur le roman de la Rose*”. Mas, demonstrar-te-ei que eles estão errado, ao pensar que o fazem para um bem comum, Aqui está o motivo: o bem comum ou público, em uma cidade ou país ou comunidade, não é outro senão o proveito e o bem geral, onde todos, homens e mulheres, participam

e contribuem. Mas, aquilo que é feito para o bem de uns e não dos outros, deveria ser chamado de bem privado, pessoal, e não de público. Seria ainda menos o caso para aquilo que se pega de uns para dar a outros. Esse aí, não deveria nem ser chamado de bem particular ou privado, e sim, de roubo qualificado, feito para favorecer alguns e prejudicar os outros. Pois, esses autores não falam às mulheres para que se protejam das armadilhas dos homens. No entanto, é certo que os homens enganam freqüentemente as mulheres com suas ciladas e armadilhas. E, não há nenhuma dúvida de que as mulheres também fazem parte do povo de Deus, que são criaturas humanas ao mesmo título que os homens, e não de uma raça diferente, que poderíamos excluir da formação moral. Deve-se concluir que se eles tivessem agido para o bem comum, quer dizer em favor das duas partes concernidas, eles teriam também se dirigido às mulheres para terem mais cautelas com as armadilhas com que os homens tentam enganá-las, como fizeram em relação aos homens..

“Mas, deixemos essa questão para responder à outra: aquela do pouco amor que o coração feminino seria capaz de doar. Para provar-te que são mais fiéis do que se diz, basta citar o exemplo de algumas que amaram até a morte. Mesmo se já evocastes algumas vezes em teus poemas, o primeiro exemplo é da nobre Dido, rainha de Cartago, de quem já havia falado por seu grande valor”.

SOBRE DIDO, RAINHA DE CARTAGO, A PROPÓSITO DA FIDELIDADE EM AMOR DAS MULHERES.

“Como foi dito acima, Dido, rainha de Cartago, reinava gloriosamente na sua cidade, na alegria e na paz. O acaso quis que Enéias, fugindo depois da destruição de Tróia, e comandando um grande número de troianos, chegasse ao porto de Cartago. Haviam enfrentado diversas tempestades e seus navios estavam semi-destruídos, faltando alimentos, e muitos deles já haviam morrido, sem dinheiro, exaustos de errar

assim pelo mar, necessitavam de um lugar para se abrigar e enfim repousar. Temendo ofender a rainha, ao desembarcar no lugar sem sua permissão, enviou alguns de seus homens para pedir a permissão de atracarem o navio. A nobre dama, modelo de honra e de virtude, sabia que os troianos, mais do que qualquer outro povo, gozava de uma grande reputação, e que o duque Enéias, era da linhagem real de Tróia, então, não só deu a permissão para acostar, mas, foi pessoalmente, acompanhada de barões, damas e senhoritas, ao encontro deles até a costa. Com grande honra os recebeu, ele e toda sua comitiva, levando-o à cidade, onde o receberam com festa, honrarias e muita atenção. Mas, para que fazer um relato tão longo? Tão agradável foi aquela temporada que Enéias aos poucos foi se esquecendo dos momentos de tormento vividos. Enéias e Dido se viam tão freqüentemente que Amor, que sabe atrair sutilmente os corações, fez apaixonarem-se um do outro. Mas, a experiência foi mostrando, que o amor de Dido por Enéias era bem maior do que o que ele sentia por ela. Pois, apesar da promessa de fidelidade que lhe havia feito, e de jamais amar outra mulher, Enéias a abandonou, depois de ela tê-lo ajudado a reencontrar suas forças, enriquecido e confortado, ter concertado e refeito seus navios, enchendo-os de tesouro e bens. Pois, Dido não procurou poupar nada para aquele que havia conquistado seu coração. Ele foi-se embora sem se despedir dela, fugindo deslealmente à noite, sem que ela ficasse sabendo. E foi assim que ele recompensou sua hospitalidade. Sua partida causou uma dor terrível em Dido, que o havia amado demais, ao ponto de querer renunciar à vida e à alegria. De fato, depois de muito se lamentar jogou-se em uma fogueira que havia ascendido. Outros dizem que ela se matou com a espada do próprio Enéias. Assim morreu tragicamente a nobre rainha Didon, que era tão honrada que por sua fama superava todas as mulheres do seu tempo.

LVI. SOBRE MEDÉIA AMANTE

Medeia, filha do rei de Colchide e detentora de tanto saber, amava Jasão de um amor profundo. Jasão era um cavaleiro grego, muito talentoso no exercício das armas. Ele ouviu falar que na ilha de Colchide, no país em que o pai de Medeia reinava, havia um esplendoroso carneiro de ouro, protegido por vários sortilégios, cuja lã de ouro era impossível de ser conquistada. Jasão, escutando essa história, e ávido de aumentar cada vez mais sua fama, deixou a Grécia, com uma grande comitiva, na intenção de tentar aquela prova. Ao chegar na terra de Colchide, o rei disse que seria impossível que as armas e a proeza de um homem fossem capazes de conquistar aquela lã de ouro. Pois, isso já havia sido feito e vários cavaleiros que foram lá tentar, acabaram morrendo. Jasão disse que não iria abandonar o empreendimento por medo de morrer. Medeia, a filha do rei, pensou que por sua beleza, linhagem real e seu grande renome, Jasão poderia ser um esposo ideal e ela não poderia investir seu amor em ninguém de melhor. Falou à vontade com ele durante muito tempo, tentando salvá-lo da morte, pois não permitia que um tal cavaleiro morresse dessa maneira. Para ser breve, Medeia, que conhecia muitos sortilégios, o envolveu de magias e feitiços, ensinando-lhe de que maneira poderia conseguir a tal lã de ouro, com a condição de Jasão tomá-la como esposa. Jasão prometeu, então, casar-se com ela, prometendo ainda nunca interessar-se por outra, e amá-la fielmente toda vida. Mas, Jasão não cumpriu tal promessa: depois de conseguir dela o que desejava, deixou-a por uma outra. Medeia que teria preferido morrer a tê-lo enganado dessa forma, caiu no desespero, e nunca mais soube o que era alegria no seu coração.

LVII. SOBRE TISBE .

“Ovídio, como sabes, conta em seu livro “A Metamoforse” que na cidade de Babilônia viviam dois nobres e ricos senhores, vizinhos tão próximos que as paredes de seus palácios se confundiam. Tinham dois filhos, belos e agradáveis como ninguém. Um menino, chamado Píramo e uma menina, chamada Tisbe. As duas crianças ainda inocentes, com idade de 7 anos, entendiam-se tão bem que um não podia estar um sem o outro. Todos os dias, levantavam-se bem cedo, comiam rapidamente, e não viam a hora de brincar com as outras crianças e se encontrarem. E essas duas crianças brincavam sempre juntas. O tempo passou, até que ficaram grandinhos. E a medida que a idade passava, a chama de seu amor crescia mais em seus corações. E como estavam sempre juntos, alguns começaram a notar, criando rumores, chegando até os ouvidos da mãe de Tisbe. Ela, então trancou a filha em seu quarto e com muita raiva, disse que iria protegê-la da companhia de Píramo. Os dois jovens sofriam tanto com essa separação que suas lágrimas e prantos deixavam o coração partido de quem os visse assim, tão forte era a dor de não poderem se ver. Por muito tempo durou esse desespero, mas a força daquele amor não diminuía, ao contrário, avivava mais com o tempo, mesmo não podendo se ver. Até que seus quinze anos chegaram. Um dia, Tisbe, que não pensava em outra coisa, chorava sozinha em seu quarto, e Fortuna fez então com que ela olhasse a parede que separava os dois palácios, e lamentasse assim: “Ah! Parede de pedra dura, que separa meu amigo de mim, se existisse em ti um pouco de piedade, abrir-te-ias a fim de deixar-me ver aquele que tanto desejo”. Dizendo aquelas palavras, seu olhar foi atraído por uma fissura no muro através da qual, passava um raio de luz vindo do outro lado. Com a argola do seu cinto, pois não havia nenhuma ferramenta, pôs-se a friccionar com força a fissura até conseguir aumentá-la, o suficiente para poder passar para o outro lado a argola, e ser visto por Píramo. Graças àquela abertura, os dois amantes podiam encontrar-se freqüentemente para se falar e contar seus lamentos. Levados por seu amor

profundo, terminaram decidindo que iriam fugir. Assim, à noite, iriam sair escondidos dos pais e encontraram-se fora da cidade, em uma fonte, debaixo de uma amoreira branca, onde eles costumavam brincar em sua infância. Tisbe, que amava mais profundamente seu amigo, chegou primeiro na fonte. Enquanto esperava seu amigo, escutou um rugido de leão, que bebia na fonte, e espantada foi esconder-se atrás de um arbusto perto dali. Ao fugir, deixou cair um véu branco que tinha em sua cabeça. O leão o encontrou e vomitou em cima as vísceras de animais que acabara de devorar. Píramo chegou, quando Tisbe ainda estava no esconderijo. Com o claro da lua, ele viu o véu todo ensangüentado com os restos de carne e não teve dúvida de que sua amiga tinha sido devorada. Sentiu uma dor tão forte que se matou com a espada. Quando estava agonizando, Tisbe chegou, encontrando-o nessas condições. Como ele estava segurando o véu, ela deduziu a causa daquela desgraça, e sentindo uma dor muito intensa, não quis mais viver. Vendo o último suspiro de seu amigo, depois de muitos lamentos, com a mesma espada se matou.”

LVIII. SOBRE ERO

“O amor da nobre senhorita Ero por Leandro não foi menor do que aquele de Thisbé por Píramo. Temendo comprometer a honra de sua dama, Leandro preferiu se expor a grandes perigos para guardar o segredo de seu amor. Ele tinha o hábito de vê-la quando todos estivessem dormindo, então freqüentemente levantava-se à noite de sua cama, para que ninguém o visse, para render-se a um longo braço de mar, nomeado Ellesponto. Ele o atravessava a nado até o outro lado, onde encontrava-se o castelo de Abido. Ali encontrava Eros na janela. E naquelas longas e escuras noites de inverno, Ero segurava uma tocha na mão para indicar a seu amante a direção a seguir. Os dois amantes usaram desse artifício durante vários anos, até Fortuna, com inveja de suas

felicidades querer mudar o curso de suas vidas. Era inverno e o mar ficava muito perigoso com as tempestades. A tempestade durou tantos dias, sem trégua; e a espera de se ver parecia tão longa aos dois amantes! Por fim, uma noite Leandro viu que a tocha que Ero segurava estava na janela. Levado pelo seu desejo e acreditando que Ero tinha ligado a tocha para chamá-lo, ele decidiu ir, apesar do perigo, estimando que seria uma covardia imensa não ir. “Que pena! A infeliz que por temor o havia impedido de expor-se a tais perigos, segurava a tocha para indicá-lo o caminho, no caso dele tentar a aventura. Foi tal o infortúnio de Leandro, que aventurou a ir a nado, e não conseguindo desviar-se das ondas do mar, que o levou ao fundo, morreu afogado. A pobre Ero, que havia tido o terrível pressentimento, não parava de chorar. Quando o dia começou a clarear, colocou-se na janela, onde havia estado à noite toda, não conseguindo dormir, nem repousar. Vendo o corpo de seu amado boiando sobre a água, decidiu não mais viver, jogando-se ao mar. Tanto fez que conseguiu juntar-se a ele e abraçá-lo. E assim morreu, por amar demais.

LIX. SOBRE SIGISMUNDA, FILHA DO PRÍNCIPE DE SALERNE

“Boccaccio conta em Decameron a história de um príncipe de Salerno que se chamava Tancredo. Ele tinha uma filha muito bonita, sábia, cortês e bem-educada, chamada, Sigismunda. Tancredo tinha um amor tão grande por essa filha que não conseguia ficar longe dela, e, apesar da pressão de muitos, era muito difícil para ele aceitar casá-la. Ela foi concedida ao conde de Champagne, mas o casamento não durou muito, pois o conde morreu pouco depois. O pai levou assim sua filha para sua casa, prometendo que ela não iria mais casar-se. A dama era toda a alegria na velhice do pai, mas, ela sentia-se bonita, na flor da idade, e era acostumada com uma vida de princesa. Certamente isso não lhe agradava muito o fato de passar sua juventude sem marido, mas

não ousava contrariar a vontade do pai. Como essa dama estava sempre no salão ao lado de seu pai, um dia, notou um certo escudeiro entre os gentlemen da corte. Ele pareceu-lhe, entre o abundante número de cavaleiros e nobres, o mais bonito, o mais educado e, de todos, o mais digno de ser amado. E, para ser breve, ficou tão impressionada por suas maneiras que decidiu satisfazer seus desejos com ele, a fim de passar sua juventude mais feliz, e acalmar a vivacidade de seu espírito jovem. Todavia, antes de revelar-se, todos os dias, ao sentar-se à mesa do seu pai, punha-se a observar por muito tempo os modos e a conduta daquele jovem que se chamava Guiscardo; mais o observava, mais o achava perfeito em tudo. Um dia, após ter refletido bem, mandou chamá-lo e falou dessa maneira: “Guiscardo, belo amigo, a confiança que tenho em vossa bondade, lealdade e integridade leva-me a revelar-vos alguns segredos que estão guardados comigo e que não direi a ninguém mais. Mas, antes de falar-vos, gostaria que jurásseis que isso jamais será por vós revelado. Guiscardo respondeu: “Minha dama, não deveis duvidar que por mim nunca será revelado qualquer segredo que me conteis. Juro por minha honra”. Então, Sigismunda disse-lhe: “Guiscardo, quero que saibas que sinto-me atraída por um gentleman que amo e quero amar. Mas, como não tenho toda liberdade para falar-lhe, nem alguém para mandar-lhe recado, gostaria que fosses o mensageiro de nosso amor. Pois veja só, Guiscardo, confio em ti¹⁵², mais do que em qualquer outra pessoa, a minha honra está nas tuas mãos” Guiscardo ajoelhou-se, dizendo: “Minha Dama, conheço vossa honestidade e virtude, e sei bem que não faríeis nada de inconveniente. Humildemente vos agradeço por ter depositado em mim tanta confiança, mais do que em qualquer outro, revelando-me o segredo de vossa alma. Caríssima dama, podeis confiar-me, sem hesitar, todos vossos desejos, que com toda minha força, oferecerei meu coração e meu corpo para obedecer às vossas ordens nobres. Ofereço-me

¹⁵² Notamos aqui a mudança de tratamento da segunda pessoa do plural para a segunda do singular quando Sigismunda se refere a Guiscardo. Acreditamos que seja intencional, sugerindo uma gradual tentativa de aproximação de Sigismunda.

também a ser um humilde servidor do felizardo que tem a sorte de ter o amor de uma dama tão digna e valorosa como vós, pois ele é o objeto de um amor muito nobre e belo. Sigismunda, que quis colocá-lo à prova, ao escutá-lo falar tão sabiamente, pegou suas mãos e disse-lhe: “Guiscardo, saibas que és tu aquele que escolhi para ser meu único amado¹⁵³, e aquele com quem sentirei prazer, pois, parece-me que a nobreza de tua disposição e a tua excelente conduta te fazem digno de ter um amor elevado”. Tal fato alegrou muito o jovem que, agradeceu-lhe humildemente. Para ser breve, o amor deles durou muito tempo sem que ninguém viesse a saber. Mas Fortuna¹⁵⁴, com inveja da felicidade deles, não quis mais permitir que os dois amantes vivessem na alegria, transformando o prazer deles em uma amarga dor. Em um dia de verão, quando Sigismunda passeava no jardim com suas damas de companhia, seu pai, que só ficava bem quando a via, foi até o seu quarto sozinho para conversar com a filha e se distrair. Mas, encontrando as janelas fechadas, o cortinado da cama fechado e ninguém por ali, achou que ela estivesse dormindo. Assim, deitou-se em um divã e adormeceu em um sono profundo. Sigismunda, quando pensou que havia passeado bastante, foi até seu quarto, deitou-se na cama como para dormir, mandou sair todas as damas e pediu para que fechassem a porta ao passarem. Nem ela, nem as outras mulheres se deram conta da presença do seu pai ali. Quando ela se viu sozinha, levantou-se e pôs-se a chamar Guiscardo, que estava escondido em um de seus vestiários, levando-o ao quarto. Pensando estar a sós, foram para atrás do cortinado da cama. Enquanto isso, o príncipe acordou e escutou que um homem estava com sua filha. Sentiu tanta dor que só se conteve por imaginar que poderia desonrar sua filha, caso fizesse algo contra o intruso. Porém, se controlou, e reconhecendo quem era o homem que estava com sua filha,

¹⁵³ - O termo no original é “*ami*”, que apresenta duas acepções: amigo ou o objeto amado(namorado, amante). A mesma designação encontramos no português arcaico. Basta lembrar as “cantigas de amigo”, modalidade poética medieval, em que o eu-lírico feminino lamenta a ausência do “amigo”.

procurou sair do quarto sem que os dois amantes percebessem. Quando os amantes satisfizeram seus desejos, Guiscardo se foi. Mas, o príncipe mandou espioná-lo e logo ele foi pego e preso. Em seguida, foi até o quarto da filha e sozinhos no quarto dela, com os olhos cheios de lágrimas, uma expressão de tristeza, dirigiu-se a ela dessa maneira:

“Sigismunda, pensava ter em ti a mais bela das mulheres, a mais casta e sábia. Mas, estou tão arrasado que nunca alguém poderia me convencer do contrário, se não tivesse visto com meus próprios olhos. Nunca imaginaria que pudesses ser surpreendida com outro homem, que não fosse teu marido. Mas, como aconteceu, e disso tenho certeza, a tristeza será o tormento da minha velhice e do pouco tempo que ainda me resta a viver. O que me faz ter mais raiva é que te achava a mais digna mulher, já nascida. Mas, vejo que é o contrário, deixaste seduzir por um dos homens da minha mansão de mais baixa condição. Se gostarias de fazer uma coisa desse gênero, pelo menos, deverias ter procurado um outro mais nobre nessa corte, e não ter te apegado a Guiscardo, que pagará caro a dor que estou sentido por sua culpa. Quero que saibas que mandarei matá-lo, e o mesmo faria contigo, se eu pudesse afastar do meu coração o louco amor que sinto por ti, que é bem maior do que o de um pai por uma filha, e que me impede de fazê-lo”.

“Pode-se imaginar a dor de Sigismunda ao saber que seu pai tinha tomado conhecimento daquilo que ela tanto procurou esconder. Mas, o cúmulo, o que lhe partia o coração, era o fato de seu pai ameaçar de morte aquele que ela tanto amava. Quis morrer, naquele momento. Porém, cheia de coragem e com uma expressão serena, sem derramar uma lágrima, mesmo estando prestes a morrer, respondeu assim: “Pai, como Fortuna quis que tomeis conhecimento do que tanto procurei conservar em segredo, não posso fazer nenhum pedido, exceto se acreditasse poder ter vosso perdão e a vida salva

daquele que estás ameaçando de morte, então oferecer-me-ia em seu lugar. Suplicar-vos-ia de ter a minha vida em troca da dele. Quanto a achar que eu deveria implorar vosso perdão, caso venhais a cumprir tais ameaças, não vos enganai, pois não poderia mais viver. Asseguro-vos que com a morte dele, dareis fim à minha vida. Quanto ao fato de que sentis tanta ira contra nós dois, deveríeis sentir de vós mesmo. Pois, vós, sendo de carne e osso, não sabíeis ter gerado uma filha também assim, e não de pedra ou de ferro? E deveríeis lembrar, mesmo se já estais velho, quanto a juventude é turbulenta, vivendo no luxo e no ócio, e como é difícil resistir à tentação. E, quando soube que tínheis tomado a decisão de não me casar mais, me sentindo ainda jovem e cheia de vida, apaixonei-me por aquele jovem. Não foi sem motivo, ou reflexão que consenti e entreguei-me aos desejos de meu coração, ao contrário, observei muito tempo a conduta de Guiscardo, e vi que era o melhor em todas as virtudes entre todos aqueles de vossa corte. Vós mesmo deveríeis saber, visto que ele foi educado por vós. A nobreza provém exclusivamente das virtudes, e não do sangue ou da carne. Não tendes nenhuma razão para dizer que me apaixonei pelo homem menos nobre de vossa corte, nem razão para guardar de nós tanta ira, considerando a culpa que carregais. Por fim, se exigis uma punição tão cruel, não deveria ser ele a pessoa punida – seria assim uma injustiça e um erro – e sim, eu mesma: fui eu quem o provocou, quando ele nem imaginava. O que ele deveria ter feito? Por certo, não teria sido honesto recusando uma dama de meu patamar. Portanto, seria ele que deveríeis poupar e não a mim”.

Com isso, o marquês deixou Sigismunda, mas não tinha perdoado Guiscardo. No dia seguinte, mandou matá-lo, recomendando arrancar-lhe o coração. Colocou, assim, o coração em uma grande taça de ouro, enviando-a à sua filha, por um homem de sua confiança, com uma mensagem dizendo que mandava aquele presente para que ela se alegrasse com a coisa que mais amava no mundo, pois ele o havia recebido daquela que

ele mais apreciou na vida. O servo entregou a mensagem a Sigismunda, dizendo quem a havia enviado. Ela pegou a taça e abriu, compreendendo logo o que havia acontecido. Mas, por quanto estivesse sentindo uma dor inenarrável, sua coragem altaneira não deixou transparecer nenhuma emoção, e a fez responder assim: “Meu amigo, disse ao marquês que nunca apreciei tanto sua sabedoria quanto agora, pois ele soube dar àquele coração a sepultura que ele merecia, pois apenas ouro e pedras preciosas lhe convinham”. Em seguida, inclinou-se até a taça e beijou o coração, dizendo com uma pena infinita: “Ah! Doce coração, fonte de todos os meus prazeres, maldita seja a crueldade daquele que quis que te visse com os olhos do corpo, tu que sempre estiveste presente nos olhos de minha alma! Por essa desgraça, o curso de tua nobre vida foi interrompido, porém Fortuna traiu-se, pois recebeste mesmo de teu inimigo uma sepultura digna do teu valor. É justo agora, meu doce coração, que, como última homenagem, sejas banhado e lavado com as lágrimas daquele que amavas tanto. E, com isto, tua alma não será mais só, pois far-te-ei, em breve, companhia. Essa Fortuna desleal, que tanto te prejudicou, foi mais uma vez contrariada, ao fazer o bem, por meu cruel pai ter te enviado a mim. Assim, pude honrar-te e falar-te antes de deixar esse mundo, e que minha alma junte-se à tua. Pois, desejo a companhia dela e sei bem que a tua alma reclama e deseja a minha.” Sigismunda pronunciava aquelas palavras e outras mais, tão tocantes que ninguém era capaz de escutar sem desmanchar-se em lágrimas. Chorava tanto que parecia ter duas fontes no rosto, derramando suas lágrimas continuamente naquela taça, sem nenhum barulho ou grito, mas baixinho e cobrindo de beijos o coração. As damas e senhoritas, que estava à sua volta, ficaram muito encantadas, pois não sabiam qual deveria ser a causa de tão grande luto. Choravam, no entanto, piedosa com o desespero de sua senhora, cuidando logo em reconfortá-la. Mas, de nada valiam, e as damas mais íntimas perguntavam-na qual era a razão de seu

desespero. Sigismunda, que venceu a grande dor, e tendo chorado bastante, disse: Ó coração tão amado, terminei meus últimos deveres, só me resta agora enviar tua alma junto à tua!”. Pronunciando tais palavras, levantou-se, foi retirar uma enxada de uma armário, de onde ela havia colocado uma planta venenosa de molho, para que tivesse um veneno pronto quando chegasse a hora. Derramou o licor no vaso onde estava o coração e sem a menor hesitação bebeu em só gole. Em seguida, jogou-se na cama, com a taça contra o coração, esperando a morte chegar. Quando as damas de companhia, viram o primeiro sinal de morte a agitar seu corpo, cheias de desespero foram chamar seu pai. Ele tinha ido se distrair, na esperança de esquecer um pouco sua tristeza. Ao chegar no quarto de Sigismunda, o veneno já havia se espalhado em suas veias. Cheio de dor pelo que acontecera e arrependido pelo que havia feito, pôs-se a falar delicadamente, demonstrando uma enorme tristeza, e esperando consolá-la. Mas, sua filha, fazendo grande esforços para falar com ele, respondeu: “Tancredo, guarda tuas lágrimas para outra coisa, pois aqui elas são inúteis, eu não as desejo, nem as quero. Pareceis uma serpente que primeiro mata e depois chora a sua vítima. Não acharíeis melhor permitir que tua filha desgraçada vivesse a seu gosto, amando em segredo um homem nobre, a ter que assistir sua dura morte, causada por tua crueldade? Pois, com essa morte, o que era segredo vai agora ser revelado. Não podendo mais falar, o coração parou, morrendo com a taça agarrada entre as mãos. O desgraçado velho do seu pai morreu de luto. Esse foi o fim de Sigismunda, filha do rei de Salerno!.

LX. SOBRE ELIZABETE E OUTRAS AMANTES

“Boccaccio contou em Decameron que na cidade de Messina, na Itália, vivia uma jovem chamada Elizabete. E, por avareza, seus três irmãos, estavam demorando a casá-la. Quem tomava conta de seus negócios era um administrador, jovem e muito bonito,

cujo pai tinha acompanhado sua educação desde a infância. A convivência de Elizabete com esse jovem fez com que eles se apaixonassem um pelo outro. Viveram felizes esse amor durante um tempo, mas os irmãos acabaram percebendo. E, considerando um grande afronte, decidiram matar o jovem, mas, para não desonrar a irmã, evitaram fazer escândalos. Assim, um dia, levaram esse jovem, que se chamava Lourenço, a uma de suas propriedades, e chegando lá, mataram-no e enterraram o corpo no jardim, no meio das árvores. Voltaram a Messina, fazendo as pessoas acreditarem que Lourenço tinha sido enviado para longe, a negócios. Elizabete que amava esse jovem de um amor profundo, ficou muito infeliz com a ausência de seu namorado, e em seu coração guardava um mal pressentimento, tanto que uma vez, seu grande amor a levou a perguntar a um de seus irmãos para aonde eles haviam mandado Lourenço. E, zangado, o irmão responde: “Por que tens necessidade de saber? Não fales mais uma dele, senão é pior para ti”. Foi assim que Elizabete percebeu que seus irmãos haviam percebido sua relação com Lourenço, e se convenceu que eles o haviam matado. À noite, quando ficava sozinha, mergulhava em um pranto profundo, chorando sem repouso, por aquele que ela amava, a ponto de ficar doente. Usando a doença como desculpa, pediu a seus irmãos a permissão para se repousar na propriedade que eles tinham fora da cidade. Eles consentiram. A jovem, que sabia no fundo, o que tinha acontecido, encontrava-se sozinha no jardim que Lourenço tinha sido enterrado; procurando por toda parte, ela acabou encontrando um lugar em que a terra tinha sido removida recentemente, e entendeu que seria ali que ela encontraria o corpo. Então, cavou a terra com uma enxada que ela havia levado e, efetivamente, o descobriu. Abraçando-o desesperadamente, abandonou-se inteiramente à sua dor.

“Ela sabia que não podia ficar muito tempo perto dele sem ser descoberta; enterrou novamente o corpo; mas, levou com ela a cabeça de seu amante, que seus

irmãos haviam decapitado. Depois de beijá-la longamente, a envolveu com um magnífico véu, colocando-a em um daqueles vasos grandes onde se planta violetas. Colocou lindíssimos pés de uma erva nobre e aromática chamada salsa e voltou à cidade com o vaso. Tinha um apreço tão grande por esse vaso, que ficava dia e noite perto da janela onde o havia posto, agitando com suas lágrimas. Isso durou muito tempo, contrariamente ao que afirmam alguns homens que as mulheres esquecem rápido. Pois sua dor parecia cada dia mais profunda. O fertilizante produzido pela cabeça fez a salsa crescer rapidamente ficar muito bonita. Pra resumir, ela tinha tanto cuidado com aquele vaso que os vizinhos, achando estranho o fato dela aguar sem cessa com suas lágrimas aquela planta na janela, terminaram fazendo os irmãos observarem. Seus irmãos a espionando, perceberam a imensa dor que sentia. Ficaram muito surpresos, perguntaram-lhe a causa, e aproveitaram a noite para roubar-lhe o vaso com a salsa. Como foi grande seu desgosto no dia seguinte, quando ela notou o desaparecimento! Ela prometeu-lhes abandonar sua parte na herança se eles lho devolvessem. Dizia, lamentando-se amargamente: “Que pena! Que má hora me minha mãe me pôs no mundo com dois irmãos tão cruéis! Eles procuraram de todas as maneiras privarem-me de qualquer tipo de felicidade que até um infeliz vaso de salsa que não lhes custou nada, eles me tomaram. Levaram-no de mim e se recusaram me devolver, apesar de ceder-lhes toda a minha parte na herança.” A infeliz que não parava de chorar, terminou ficando gravemente doente de coma. Durante essa doença, ela pedia insistentemente seu vaso, recusando tudo que lhe ofereciam ou propunham como presentes. Ela morreu assim tristemente. Não aches que se trata de uma simples ficção, pois uma cantiga de lamento foi feita sobre essa dama e a salsa, e até hoje podes escutá-la.

“Que mais devo dizer-te? Poderei citar-te ainda um número infinito de grandes apaixonadas, cujo amor constante foi incontestável.

“Boccaccio relatou ainda a história de uma mulher que foi obrigada pelo marido a comer o coração do amante e não tocou mais em comida alguma.

Foi também o caso da senhora Fayel que amou o Castelano de Coucy.

“A Castelana de Vergy morreu ela também de amor, como aconteceu com Isolda que tanto amava Tristão. Djanira, a amante de Hércules suicidou-se depois de sua morte. Não há dúvida, portanto, de que quando uma mulher deu seu coração o amor dela é profundo e constante mesmo se há mulheres a lançarem-se no mar perigoso e condenável da paixão, pois isso sempre acaba mal, causando prejuízo e danos a seus corpos, a seus bens, e à sua honra. Aquelas que tiverem bom senso para evitar seguirão o caminho da sabedoria, pois não se deve escutar esses homens que sem cessa procuram enganar aquelas que são prestes a se entregarem à paixão.

LXI. SOBRE JUNO E TANTAS MULHERES FAMOSAS

“Junon, filha de Saturno e de Ops, de acordo com os escritos dos poetas, e as falsas crendices pagãs, tinha grande fama entre as outras mulheres daquela religião, mais por sua sorte do que por suas próprias qualidades. Era a irmã e esposa de Júpiter, considerado o Deus supremo. Pela abundante fortuna e opulência que vivia com seu marido, ficou conhecida como Deusa das riquezas. Os habitantes de Samo, acreditavam que a sua imagem, que eles conservavam mesmo depois de sua morte, era responsável por suas fortunas. Atribuíram-lhe o papel de protetora dos matrimônios, e as mulheres recorriam a ela, pedindo sua ajuda em orações. E em todos os lugares, havia templos, altares, padres, jogos e sacrifícios, em seu nome. E, assim, ela foi por muito tempo adorada pelos Gregos e pelos habitantes de Cartago. Depois, sua estátua foi levada para Roma e instalada em Campitório, no templo de Júpiter, ao lado de seu marido. Ali, foi

adorada pelos romanos, que eram os donos do mundo, com numerosas e diversas cerimônias por muito tempo.

“*Item*, Europa, filha de Agenor da Fenícia, ficou também muito famosa, pelo fato de Júpiter, que a amava muito, ter colocado seu nome, Europa, em um terço do mundo. Vale salientar, que vários nomes de mulheres foram colocados em regiões, cidades, como Inglaterra, que leva o nome de uma mulher chamada Angla, e muitas outras.

“*Item*, Jocasta, rainha de Teba, tornou-se famosa pela sua desgraça. Pois, por um infortúnio casou-se com seu próprio filho, depois dele ter matado o pai, sem que nenhum dos dois o soubesse. Assistiu ao desespero de seu filho, ao tomar conhecimento. E presenciou ainda seus dois outros filhos se matarem”.

“*Item*, Medusa ou Gorgona, que ficou famosa por sua imensa beleza, era filha do riquíssimo rei Forço, cujo reino era circundado de mar. Medusa, de acordo com o que as histórias antigas contam, era dona de uma beleza tão extraordinária, maior do que todas as outras mulheres, e ainda detentora de algo maravilhoso e sobrenatural: além da beleza do corpo, do rosto, e dos longos cabelos loiros e encaracolados, como fios de ouro, um olhar tão encantador que atraía todos os mortais que, ao olharem para ela, não podiam mais se movimentar. Daí nasce a lenda que Medusa transformava pessoas em pedras”.

“Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta e filha de Leda e Tíndaro, era muito famosa por sua beleza e pelo fato de Paris ter raptado-a, causando assim a destruição de Tróia. Por mais que se fale da beleza de outras mulheres, conta-se que nenhuma outra nascida na terra foi tão bela. E, por isso, os poetas dizem que ela havia sido gerada pelo deus Júpiter.”

“*Item*, Policena, filha mais nova do rei Príamo, a mais bela jovem da qual faz menção a história antiga. E, além disso, de uma forte disposição e coragem, que ela demonstrou ao receber a morte sem nem pestanejar, quando a decapitaram sobre o túmulo de Aquiles, dizendo que preferia antes morrer a ser levada como escrava. Poderei contar-te ainda muitos outros exemplos, mas preferindo ser breve, termino por aqui.”

LXII. CRISTINA FALA E RETIDÃO RESPONDE CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE AS MULHERES ATRAEM OS HOMENS PELA SUA BELEZA

Eu, Cristina, falei então: “Dama, a propósito do que foi dito, sobre os perigos da vida amorosa, pelo que vejo, custa muito caro às mulheres sábias, deve-se, então, ser evitada. Dizem também que aquelas mulheres, que gostam muito de manter-se arrumadas, enfeitando-se de lindas roupas e luxuosos ornamentos, o fazem para atrair o amor dos homens”.

Resposta: “Cara amiga, não estou querendo encontrar justificativa para aquelas que têm uma preocupação exagerada com a aparência, pois isso é realmente um defeito, e não dos pequenos. Todo requinte exagerado com as vestimentas que procura superar os costumes de sua própria condição social deve ser condenado. Porém, não para justificar um vício, mas para impedir que alguns se ponham a repreender excessivamente aquelas mulheres, que vemos, elegantes, posso dizer-te que nem todas o fazem com o intuito de seduzir. Para muitas, homens e mulheres, trata-se de uma inclinação natural e honesta o fato de deleitar-se com a elegância, com belas e ricas roupas, com a limpeza e o luxo. Se faz parte da natureza de alguém, fica difícil renunciar, apesar de que seria assim algo muito louvável. Encontramos vários escritos que falam do Apóstolo Bartolomeu, que apesar de Nosso-Senhor ter predicado pobreza e simplicidade, ele era um nobre que se vestiu ao longo de sua vida com roupas de seda,

enfeitadas de pedras preciosas e franjas. Era de sua natureza vestir-se com luxo, coisa que aparentemente parece estranho como um sinal de pompa, e porém não estava cometendo um pecado. Alguns chegaram a dizer que foi por isso que Nosso Senhor permitiu que, em seu martírio, deixasse-o com a pele e fosse enterrado vivo. Mas, te digo isso para demonstrar que ninguém deve julgar a consciência dos outros através de sua maneira de se vestir, pois apenas a Deus cabe julgar as criaturas, e dar-te-ei alguns exemplos a esse respeito.”

LXIII. SOBRE CLÁUDIA, MULHER ROMANA

Boccaccio conta, e também Valério Máximo, a história de Cláudia, nobre dama de Roma, que gostava de belos e suntuosos vestidos, assim como lindos e elegantes ornamentos. Sobre esse assunto, tinha um refinamento bem maior do que as demais romanas, o que levava alguns a tirarem conclusões errôneas em relação à sua virtude, prejudicando seu renome. No décimo quinto ano da segunda guerra, foi levada à Roma, a grande deusa de Pessinus, que segundo a crença dos romanos era a mãe de todos os deuses. Todas as damas nobres de Roma compareceram em procissão ao seu encontro. A estátua havia sido colocada em uma nave para atravessar o Tibre, mas apesar dos esforços, os remadores não conseguiam levá-la até o porto. Cláudia, consciente que era injustamente criticada por sua vaidade, ajoelhou-se diante da estátua e bem alto invocou a deusa, suplicando que lhe concedesse a graça de sozinha conseguir puxar a nave até o porto, a fim de mostrar a todos que sua virtude era intacta e que ela era pura. Então, confiando na sua pureza, pegou seu cinto, amarrando-o na borda da nave, e em seguida conseguiu puxá-la pelo rio, sem esforço, como se todos os remadores estivessem a bordo. Isso deixou todos encantados.

Se cito esse exemplo, não é porque eu acredite que aquela estátua, que alguns acreditavam ser deusa, tivesse o poder de atender a oração de Cláudia. Gostaria, de mostrar que esta mulher, que era vaidosa, não tinha renunciado à castidade. E o fato é, que a pureza da sua virtude a socorrera. E foi isso que a ajudou, e não nenhuma deusa.

LXIV. RETIDÃO FALA DE NUMEROSAS MULHERES QUE SÃO MAIS APRECIADAS PELAS SUAS VIRTUDES DO QUE PELA BELEZA.

e sabem bem que sua família é privada de tudo que seu marido desperdiça. E elas e suas pobres crianças são quem sofrem. Assim, elas são obrigadas a falar com seus maridos para lhes pedir que limitem suas despesas. Trata-se aqui, nem de parcimônia, nem de avareza, mas, de uma prova de grande prudência. Falo, naturalmente, daquelas que o fazem com discrição. Assiste-se com freqüência a cenas desse tipo entre casais, pois os homens não gostam desse tipo de repreensão, e as caluniam de por isso, quando deveriam louva-las. Mas, a prova de que o vício da avareza não corresponde muito às mulheres, como alguns dizem, é o voluntarismo delas em dar esmolas. Deus sabe a quantidade de prisioneiros, até em terras de Sarracenos, quantos pobres e quantos gentlemen e outras pessoas foram e ainda são reconfortadas e socorridas todos os dias, e em todo o mundo, pelas mulheres e suas posses.”

E eu, Cristina, disse, então: Certo, Dama, a respeito disso, lembro-me ter visto mulheres que mereciam os mais altos louvores por ter doado discretamente e generosamente tudo que o podiam. Conheço algumas, mesmo hoje em dia, que sentem prazer em dizer: “Tome!” a todos aqueles que necessitam, ao passo que um avaro iria guardar e colocar em cofres. Mas, não entendo porque os homens insistem tanto em chamar as mulheres sejam avaras. Pois, apesar de falarmos da generosidade de Alexandre, posso dizer-vos que nunca encontrei.

“Retidão começou a ir e disse: Amiga, as damas de Roma não foram avaras quando a cidade foi arruinada pela guerra e que o dinheiro todo do Estado tinha sido esgotado pelas despesas militares. Os Romanos, estavam desesperados, tentando encontrar os meios financeiros para tentar reerguer o imenso exército que precisavam. Mas, as mulheres, em particular, as viúvas, em um movimento de generosidade, desinteressado, juntaram todos suas bijuterias e todos seus bens, sem poupar nada, e levaram aos dirigentes de Roma para dar –lhe como presentes. As damas foram muito louvadas por aquele gesto, como merecem, e por ser a causa da subida de Roma novamente.”

LXV. SOBRE A RAINHA BRANCA, MÃE DE SÃO LUIS E OUTRAS MULHERES SÁBIAS E BOAS, APRECIADAS POR SUAS VIRTUDES.

Igualmente Branca, a nobre rainha da França, mãe de São Luís, apesar de já ter passado da flor da juventude, era amada pelo conde de Champagne, pela sua grande inteligência, prudência, virtude e bondade. Foi escutando as palavras sensatas da sábia e boa rainha, que o recriminava por ter travado guerra contra o rei São Luis, sem consideração pelos bens que seu filho lhe fizera, que o nobre conde a olhava com grande admiração, encantando-se tanto valor e virtude. Apaixonou-se a tal ponto por ela que não sabia o que fazer. Mas, para não morrer, não ousou confessar-lhe seu amor, pois sabia que de tão virtuosa, ela não consentiria amá-lo. A partir daquele momento tornou-se prisioneiro dos tormentos de uma louca paixão que o tornou dominado. No entanto, respondeu-lhe que ela não precisaria mais temer, pois não iria mais declamar guerra ao rei, assim ela poderia considerá-lo todo seu, de corpo e alma, e inteiramente submisso à sua vontade. Desse modo, começou a paixão de toda uma vida, apesar da pouca esperança que tinha o conde em ter um dia seu amor correspondido. Ele escrevia, então, belos poemas, os lamentos amorosos, louvando sua dama, que foram depois

musicados. Seus poemas foram escritos nas paredes do seu castelo de Provins e outros também em Troyes, e até hoje podem ser visto. Como esta, poderia contar-te tantas histórias. E eu, Cristina, respondi-lhe: “Com certeza, Dama, minha experiência possibilitou-me conhecer casos que se me assemelham, lamentando-se do desprezo que sofreram depois que sua beleza e juventude passaram com o tempo. Contaram-me: “Meu Deus! O que isso quer diz? Será que esses homens vêem em mim alguma conduta insana que me fizesse concordar com grandes loucuras? Mas, agora entendo, pelo que me dizeis, que era sas grandes virtudes que as faziam ser amadas. Contrariando realmente a opinião daqueles que afirmam que uma mulher virtuosa que quiser continuar casta nunca será contra sua vontade.

LXVI. CRISTINA FALA E RETIDÃO RESPONDE CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE AS MULHERES SÃO AVARAS POR NATUREZA.

“Cara Dama, não sei mais o que vos dizer, pois respondestes a todas as minhas questões. Estou convencida de que demonstrastes como são falsas as calúnias que todos aqueles homens levantam sobre as mulheres. Em particular, a avareza não corresponde a um defeito feminino por excelência”.

Resposta: “Cara amiga, posso te garantir de que a avareza não é uma característica mais de mulheres do que de homens. Ela seria mesmo, em menor grau entre as mulheres, pois –Deus sabe e podes tranqüilamente ver! – a enorme avareza de tantos homens que causa e produz mais desgraças no mundo do que a originada por mulheres. Mas, como já te disse, o ignorante só enxerga o pecado cometido pelo vizinho, deixando cego seus próprios horrores. Pelo fato das mulheres ficarem felizes ao juntar pedaços de trapos, de linhas e de todas aqueles coisas sem importância em suas casas, tentam caracterizá-las de avarentas. No entanto, prometo-te que várias mulheres, e mesmo uma multidão delas, não queriam absolutamente mostrar-se mesquinhas ou avaras ao

distribuírem bens e dinheiro, por toda parte em que empregam seus dons com sabedoria! Mas, as pobres são obrigadas a contar. Elas vivem com tão poucos recursos que guardam preciosamente o pouco de dinheiro que têm, sabendo da dificuldade que terão em obter outro. Há ainda quem as tratem de avaras por algumas dentre elas terem maridos esbanjadores, gastadores e comilões. Pobres mulheres, que seus lares são privados de tudo, por causa do enorme gasto de seus maridos.

LXVII. SOBRE A RICA DAMA GENEROSA, CHAMADA BUSA.

A propósito da generosidade feminina, fala-se em “Fais des Rommains” da rica, generosa e nobre Busa, também chamada Paulina, que vivia em Pallas, na época em que Aníbal travava uma guerra a ferro e fogo contra os Romanos, de tal modo que toda a Itália estava aniquilada de homens e de bens. Aníbal acabara de obter uma esplêndida vitória em Cannes, e vários Romanos fugiram, para escapar da batalha, ainda que feridos e desolados. A nobre Busa hospedava todos aqueles que podia, chegando a acolher um número de dez mil em suas propriedades, pois grande era a sua riqueza. Ela arcava com todas as despesas para o tratamento deles. Graças á ajuda recebida, puderam voltar a Roma e reorganizarem o exército. Por tal fato, foi extremamente louvada. Assim, não duvides, cara amiga que poderei citar-lhe uma infinidade de mulheres generosas, cortesãs e prestes a ajudar.

E mesmo sem ir buscar em livros de história, quantos exemplos mais de generosidade poderei citar entre as mulheres do teu tempo? Não foi um grande exemplo de generosidade Marguerida da Riviera, ainda viva, a mulher de Bureau da Riviera, primeiro camareiro do rei Carlos, o sábio? Um dia o duque de Anjou, que viria a ser o rei da Sicília, repleta de damas nobres, cavaleiros e gentlemen, com grandes aparatos, Margarida de la Riviera, reconhecida como uma mulher sábia, virtuosa e de bons costumes, que participava daquela extraordinária reunião observou à sua volta e sentiu

falta de um cavaleiro emérito de excelente reputação, chamado Amanion de Pommiers. Apesar de ser um cavaleiro de idade avançada, ela lembrou-se dele pelo seu valor e coragem presentes em sua memória. Pois, para ela, não havia ornamento mais bonito em uma corte nobre do que homens de valor e de renome, mesmo quando já estão velhos. Ela foi perguntar, portanto, o que aconteceu com aquele cavaleiro, para que ele não estivesse presente naquela festa. Responderam-lhe que ele estava na prisão de Châtelet por uma dívida de quinhentos francos adquiridas nos torneios. “Ah! Que vergonha para o reino, disse quela nobre senhora, que um homem daquele fosse preso por causa de dívida, e isso não passaria mais de uma hora. Retirou, então, da sua cabeça, a esplêndida coroa, toda em ouro e colocando em seus longos cabelos loiros um enfeite com flores “pervenches”, entregou sua coroa a um pajé, dizendo: “Queria entregar essa coroa como fiança do que deve aquele senhor, para que libertem-no e que ele venha aqui: o que foi feito, para o maior louvor daquela dama.”

LXVIII. SOBRE OS PRÍNCIPES E DAMAS DA FRANÇA.

E eu, Cristina, digo lhe ainda: “Dama, visto que lembrastes desta dama, minha contemporânea, e começastes a citar as damas francesas ou aquelas que vivem neste reino, peço-vos vossa opinião sobre elas e se credes que seja justo que algumas delas sejam acolhidas em nossa Cidade. Pois, por que deveriam ser mais esquecidas do que as estrangeiras?

Resposta: Claro, Cristina, garanto-lhe que muitas são virtuosas, e que me agradaria vê-las como nossas cidadãs. Primeira, entre todas, não poderemos deixar de aceitar a nobre rainha da França, Isabel de Baviera, que reina a presente, pela graça de Deus. Nela, não se vê nenhuma marca de crueldade, extorsão ou qualquer outro vício, apenas amor e bondade para com seus subordinados.

Também não se deve louvar a bela, jovem, boa e sábia duquesa de Berry, mulher do duque Jean, antes conhecido como filho do rei Jean da França e irmão do sábio rei Carlos V? Essa nobre duquesa, na flor da juventude, de tão casta e sábia é por todos louvada e conhecida por sua grande virtude.

E o que dizer da duquesa de Orleans, mulher do duque Lis, filho de Carlos, o sábio rei da França, também filha do duque de Milão? Poderia-se encontrar uma senhora mais prudente? É notória a sua força, coragem e constância no amor por seu senhor, a educação exemplar que dedicou aos filhos, a sensatez na maneira de governar, a justiça para com todos e por fim, a sabedoria e virtude em todas as coisas.

O que dizer também da duquesa de Borgonha, mulher do duque Jean “sans Peur”, filho de Felipe de Hardi, que por sua vez era filho do rei Jean “Le Bon”? Não se trata de uma mulher cheia de virtudes, leal a seu senhor, benevolente de coração e de comportamento, nobre nos costumes e sem nenhum vício?

E a condessa de Clermont, filha do duque de Berry e da sua primeira mulher, casada com o conde Jean de Clermont, filho herdeiro do duque de Bourbon, ela não é um modelo para todas as princesas do seu status? De grande amor para com seu senhor, prudente em tudo, bela, sábia e bondosa, e de comportamento exemplar e dignidade de seus modos transparece a virtude.

E aquela que tu particularmente aprecias, tanto pelo bem de suas virtudes como pelo reconhecimento da generosidade, afeto e favor recebidos dela; a duquesa da Holanda e condessa de Henault, filha do velho já mencionado duque, Felipe de Borgonha, e irmã do duque atual. Esta dama não deve constar entre as mais perfeitas? Leal à toda prova, prudente e de sábio governar, caridosos e devota a Deus, resumindo, excelente em tudo.

E a duquesa de Bourbon, não deve se citada e louvada em tudo? Que devo dizer-te mais? Precitaria de muito tempo para falar das grandes qualidades de todas essas mulheres. A bondosa, nobre, bela e sábia condessa de São Paulo, filha do duque de Bar, prima legítima do rei da França deve ter seu lugar entre as melhores damas. Também Ana, uma outra que tanto aprecias, filha do conde de La Marche e irmã do atual conde, casada com irmão do atual conde, casada com o irmão da rainha da França, Luís de Baviera, não prejudicaria em nada a companhia dessas mulheres graciosas e dignas de louvor, por ter suas virtudes aceitas por Deus e pelo mundo.

E Deus seja louvado que muitas outras mulheres belas e bondosas entre as condessas, baronesas, damas, senhoritas, burguesas e mulheres de todas as condições sociais, mantenham-se assim, por mais que falem os caluniadores. E aquelas que se desviaram do caminho, que se encontrem. Não duvides, garanto-te que é verdade, mesmo que os maldizentes e invejosos digam o contrário.”

E eu, Cristina, lhe respondi; Dama, ouvir essas palavras de vós encheu-me de alegria.”

E ela respondeu-me: “Cara amiga, parece-me ter cumprido bem meu dever na Cidade das Damas, que a construí com belíssimos palácios, residências e mansões e povoei de nobre damas, de toda condição social, das quais a Cidade já está cheia. Que isto te seja suficiente, e que venha minha irmã Justiça para completar a obra.

LXIX. CRISTINA FALA A TODAS AS PRINCESAS E A TODAS AS DAMAS.

Excelentes, honoráveis e reverendíssimas princesas da França e de todos os países e todas as damas, senhoritas, e mulheres de todas as condições, vós que amastes, que amais e que amareis a virtude e os bons costumes, vós do passado, do presente e que vireis, alegrai-vos todas e sinti satisfação com nossa nova Cidade, que, graças a

Deus, já se encontra totalmente – ou na maior parte – construída e com suas casas quase povoadas. Rendei graças a Deus que me guiou neste grande labor: construir para vós um refúgio honrado, uma cidade fortificada que vos servirá de morada eterna até o final dos tempos. Cheguei até aqui, na espera de concluir minha obra com a ajuda e o reconforto da Dama Justiça que prometeu ajudar-me até que a cidade fique toda fechada e concluída. Por hora, rogai por mim, minhas veneradas damas.

Aqui termina a II parte do Livro da Cidade das Damas.

LIVRO TERCEIRO

AQUI COMEÇA A TERCEIRA PARTE DO LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS, ONDE ESTÁ RELATADO COMO E POR QUEM OS TELHADOS DAS TORRES FORAM ACABADOS, E QUAIS FORAM AS NOBRES DAMAS ESCOLHIDAS PARA POVOAR OS GRANDES PALÁCIOS E AS ALTAS TORRES.

1. O PRIMEIRO CAPITULO RELATA COMO JUSTIÇA TROUXE A RAINHA DOS CÉUS PARA RESIDIR NA CIDADE DAS DAMAS.

Dama Justiça veio a mim com todo seu esplendor e disse-me: “Minha cara, na verdade, vejo como trabalhaste bem, com muita força, dando o melhor de ti, para, com a ajuda das minhas irmãs, finalizar a construção da Cidade das Damas, que tu havias tão bem começado. É chegada a hora de providenciar, como te havia prometido, o que ainda resta a fazer, ou seja, trazer a excelentíssima Rainha, bem-aventurada entre todas as mulheres, para que ela resida aqui na sua nobre suíte, governando e reinando esta cidade onde será abrigada a grande multidão de nobres damas de sua corte e da sua mansão. Vejo que os palácios e as magníficas mansões estão acabadas e decoradas, e que todas as ruas estão cobertas de flores para acolhê-la com seu nobre cortejo de mulheres distintas

“Que venham então as princesas, damas e mulheres de todas as classes, na frente, para acolher com honra e devoção aquela que não somente é sua rainha, mas que tem ainda poder e autoridade sobre todas as potências do mundo, depois do único Filho que ela teve, concebido pelo Espírito Santo, e Filho de Deus Pai. Todavia, é justo que esta assembléia de mulheres suplique à elevada, excelentíssima e soberana princesa o consentimento de descer e vir habitar entre elas aqui na terra, na sua cidade e congregação, sem desprezo para com a pequenezas delas em relação à sua grandeza. Não há dúvida de que sua inigualável humildade, sua bondade mais que angelical, não a

obrigam a aceitar nosso pedido de vir habitar na Cidade das Damas, onde ela terá o mais alto lugar, o palácio que minha irmã Retidão lhe preparou e que é feito inteiramente de glória e louvor. Venham comigo todas as mulheres para lhe dizermos assim”:

“Nós te saudamos, Rainha dos Céus, com a mesma saudação que o anjo te fez, a mais apreciada entre todas: *Ave Maria*. Todo o devoto sexo feminino te suplica pela graça e por piedade que não recuses habitar entre elas, como sua defensora, protetora, livrando-lhes de todos os ataques de inimigos e do mundo; que elas possam beber até saciarem-se da tua fonte de virtude, abominando qualquer vício e pecado. Venha a nós, Rainha celeste, Templo de Deus, morada e clausura do Espírito Santo, Habitáculo da Trindade, Alegria dos anjos, Estrela e Refúgio dos desgarrados, Esperança dos verdadeiros crentes! “O! Dama Quem ousaria no olhar de teu esplendor pensar ou deixar escapar da boca tal afronte, que o sexo feminino é vil! Pois mesmo se todas as outras mulheres fossem más, o raio de tuas virtudes brilha a tal ponto que eclipsaria qualquer perversidade. Excelentíssima Dama, tu que és a honra de nosso sexo, os homens não deveriam, uma vez que Deus escolheu-te por esposa, não apenas abster-se de criticar as mulheres, mas, ao contrário, venerá-las com devoção?”

Tal foi a resposta da Virgem: “Justiça, a preferida do meu Filho, aceito com prazer habitar e viver entre minhas irmãs e amigas, na companhia das mulheres. Pois, Razão, Retidão, tu Justiça, e mesmo Natureza me instigam a vir. Elas me servem, me louvam e me honram sem cessar; sou e serei eternamente a rainha de todas as mulheres; tal como foi desejado desde sempre por Deus Pai, predestinado e ordenado pela Santa Trindade. “Justiça e todas as mulheres ajoelharam-se e baixaram-se a cabeça para dizer: “Dama celeste, graças e louvor a ti pela eternidade dos séculos. Salve-nos, Nossa Senhora, e que teu Filho reze por nós, ele que nada te recusa.”

II. AS IRMÃS DE NOSSA SENHORA E MARIA-MADALENA.

“Eis que reside agora entre nós a Imperatriz única, a despeito das baixas calúnias de todas as más línguas. Mas, é justo que suas bem-aventuradas irmãs e Maria-Madalena a acompanhem aqui, pois elas ficaram fielmente com ela ao pé da Cruz durante a Paixão de seu Filho. Oh! Como são grandes a fé e o amor das mulheres! Visto que não se afastaram do Filho de Deus, nem quando vivo nem quando morto, enquanto que seus apóstolos todos o renegaram e o abandonaram. Vê-se bem que Deus não desprezou o amor das mulheres, nem o considerou algo frágil, como alguns querem insinuar. Ele colocou no coração da bem-aventurada Maria-Madalena e das outras damas, como ficou evidente, a chama desse amor tão fervoroso que ele abençoou com sua graça.”

III. SANTA CATARINA

“Para fazer companhia à bendita Rainha dos Céus, Imperatriz e Princesa da Cidade das Damas, deveremos hospedar junto a ela as bem-aventuradas virgens e todas as santas damas. Será assim a prova de que Deus aprovou o sexo feminino, dando a mulheres dóceis, frágeis e de pouca idade, força e constância, semelhantes aos homens, para se submeterem a horríveis martírios pela glória da santa fé. Elas são coroadas no Paraíso e, suas vidas, belas para serem ouvidas e seguidas como exemplos, são para todas as mulheres mais edificantes do que qualquer outra doutrina. Eis porquê elas ficarão no topo da nossa Cidade”.

“Primeiramente, a excelentíssima, bendita Catarina, filha do rei Costa de Alexandria. Esta santa virgem, aos dezessete anos, tornou-se herdeira do pai, e governou de maneira nobre sua herança, assim como a si própria. Era cristã e, completamente devotada a Deus, recusava qualquer outro matrimônio. Certa vez, o imperador Maxêncio chegou à cidade de Alexandria. Era um dia de grande festa

religiosa, e havia sido preparada uma imponente cerimônia para o sacrifício solene. Catarina estava em seu palácio e ouviu o barulho dos animais que estavam sendo preparados para serem sacrificados, assim como o som dos instrumentos musicais. Ela, então, mandou perguntar de que se tratava, e ficou sabendo que o imperador já estava no templo para realizar o sacrifício. De súbito, ela correu até o imperador e começou a reprová-lo com vários argumentos. Como grande sábia e conhecedora de ciência, conseguiu provar por raciocínios filosóficos que só existia um único Deus, criador de todas as coisas, e esse deve ser adorado e não outro. Quando o imperador ouviu aquela virgem bela, nobre e de grande autoridade, falando, ficou bem surpreso e não sabia o que dizer, mas continuou olhando-a intensamente. Mandou buscar os mais sábios filósofos do Egito, terra tão célebre, na época, pela filosofia, que vieram até ela uns cinquenta, que ficaram descontentes ao saber do motivo pelo qual haviam sido chamados. Disseram que havia sido uma grande estupidez tê-los feito viajar de terra tão longe para uma disputa com uma jovenzinha. Para ser breve, o dia da disputa chegou e a bendita Catarina os encheu de tantos argumentos que todos ficaram convencidos, sem saber responder às suas questões. O imperador aborreceu-se contra eles, mas não lhes serviu de nada: pela graça divina todos se converteram às santas palavras da virgem e invocaram o nome de Jesus Cristo. Por tal fato, o imperador mandou queima-los. E a santa virgem lhes confortou em seus martírios, assegurando-lhes que seriam bem recebidos na glória eterna, pedindo a Deus que os mantivesse na fé verdadeira. Foi assim que graças a ela, eles foram acolhidos entre os santos mártires. Deus cumpriu o milagre: o fogo não conseguiu corromper seus corpos nem suas vestes. Assim, depois do fogo, não apresentavam um fio de cabelo a menos, e vendo seus semblantes pareciam ainda estarem em vida. O tirano Maxêncio, que cobiçava a beleza da bem-aventurada Catarina, a cortejava assiduamente tentando seduzi-la. Vendo que não

adiantava, passou a ameaças, em seguida a tormentos. Mandou que batessem nela ferozmente, colocando-a depois em prisão, sem receber nenhuma visita durante doze dias, acreditando que a fome iria fazê-la ceder. Mas, os anjos de Nosso Senhor a visitaram e a reconfortaram. Quando depois dos doze dias, ela foi levada até o imperador e ele a viu ainda mais fresca e saudável do que antes, pensou que ela havia recebido visita, ordenando que os guardas da prisão fossem torturados. Catarina que teve piedade deles, afirmou que não havia tido nenhum outro conforto além do celeste. Não sabendo mais a que tortura recorrer ulteriormente, o Imperador mandou fabricar, através do conselho do prefeito, duas rodas com lâminas cortantes que giravam uma contra a outra, fatiando tudo que estivesse pelo meio. Quando a mulher do imperador soube dos milagres que Deus fazia em favor de Catarina, converteu-se e condenou a crueldade de seu esposo. Depois, foi visitar essa virgem santa na prisão, pedindo que Deus rogasse por ela. O imperador soube e mandou torturar sua mulher e arrancar-lhe os seios. A virgem o dizia: “Não teme os tormentos, nobríssima rainha, pois hoje serás levada para a alegria eterna”. O imperador mandou decapitar sua mulher, juntamente com uma multidão de pessoas que haviam se convertido também. Em seguida, perguntou a Catarina se ela queria ser sua esposa. Vendo que ela continuava recusando a todos seus pedidos, prescreveu finalmente a sentença que ela iria ser degolada. Ela fez suas orações, pedindo a Deus por todos aqueles que se lembrassem de seus martírios e por aqueles que em seus sofrimentos invocassem seu nome. Uma voz desceu do céu e anunciou que sua prece iria ser atendida. Assim, ela suportou o martírio, e de seu corpo escorria leite em lugar de sangue. Os anjos levaram os santos restos mortais ao monte Sinai, distante uns vinte dias de viagem e os embalsamaram. Em seu túmulo, Deus fez uma série de milagres, dos quais não falo, para ser breve. Desse túmulo jorra um óleo curador de várias doenças. Deus puniu o imperador Maxêncio de maneira terrível.”

IV. SOBRE SANTA MARGARIDA

Não nos esqueçamos também da bendita virgem santa Margarida, cuja legenda é bastante conhecida, como ela, nascida em Antioche de pais nobres, foi introduzida na fé por sua ama, com quem humildemente todos os dias ia velar as ovelhas. Certa feita, Olíbrio, que era prefeito do imperador passando por ali a viu e tomou-se de desejo por ela, mandando buscá-la. Resultado, como ela não quis ceder aos seus pedidos, sob o pretexto que ela era cristã, mandou chicoteá-la, jogando-a na prisão. Sentindo-se perseguida pelo demônio no fundo da prisão, rogou a Deus que deixasse ver aquilo a tentava. Então apareceu uma enorme serpente que a espantou bastante e a devorou. Porém, fazendo o sinal da cruz, ela matou a serpente. Depois, escorado em um ângulo da cela, viu uma figura negra como um Etíope. Margarida avançou corajosamente e o derrubou, colocando o pé sobre o pescoço até ele implorar piedade em voz alta. A prisão resplandeceu de luz e Margarida foi reconfortada pelos anjos. Ela foi reencaminhada ao juiz que, vendo que todas suas ameaças não tinham efeito, submeteu-a a torturas redobradas. Mas, o anjo de Deus veio destruir os instrumentos de tortura e a virgem permaneceu intacta. Muita gente se converteu. Quando o cruel tirano viu isso ordenou que fosse decapitada. Ela recitou suas preces para todos aqueles que se lembrassem de seu martírio, e que a invocassem em seus tormentos, assim como as mulheres grávidas e suas crianças. O anjo de Deus aparece e lhe diz que sua prece havia sido e que vá buscar sua palma da vitória. E, assim, estendeu o pescoço, sendo degolada e os anjos levaram sua alma ao paraíso.

“O cruel Olibrius fez igualmente torturar e degolar a santa virgem chamada Regina. Era uma jovem de quize anos que não quis ceder-lhe e que converteu muita gente com sua predicação.

V. SANTA LÚCIA

“A bem-aventurada virgem Santa Lúcia, nascida em Roma, não deve ser esquecida em nossa Lítania. Essa virgem foi seqüestrada e feita prisioneira por Alceja, rei da Barbária. De volta ao seu país, quis violentá-la. Então, ela começou a fazer-lhe um sermão, e com a ajuda de Deus, fez-lhe esquecer seu maldoso plano. Muito surpreendido com a grande inteligência da jovem, afirmou que era uma deusa, acolhendo-a no palácio com todas as honras e reverências, instalando-a, juntamente com sua família, com muito respeito. Para protegê-la, deu ordens para que ninguém penetrasse no palácio. Lúcia levava uma vida santa, jejuando e fazendo orações, pedindo a Deus pelo seu anfitrião, para que fosse iluminado. Este a consultava em todos seus negócios, e sempre seguia seus conselhos. Quando ia a guerra, pedia-lhe que rogasse ao seu Deus por ele; ela o benzia e ele voltava sempre vencedor. Eis porque, ele quis levantar-lhes templos e adorá-la como uma deusa, mas ela respondia-lhe que era melhor resguardar-se disso, pois era apenas uma pecadora. Passaram-se assim vinte anos, perseverando em uma santa vida, até que Nosso Senhor a ordenou de voltar a Roma, onde o martírio iria conduzir a sua existência. Ela colocou o rei a par dessa revelação. Muito emocionado, ele exclamou: “Que pena! Se te vás, meus inimigos voltar-se-ão contra mim, e perderei de vista a minha boa fortuna quando não estiveres mais ao meu lado”. Ela lhe respondeu: “Rei, venha comigo e abandona o reino terrestre, pois Deus te convida a dividir um reino mais nobre que nunca terá fim”. Ele, então, abandonou tudo para seguir esta virgem santa, e foi como servidor e não como senhor. Quando chegaram em Roma, Lúcia proclamou-se cristã. Prenderam-na e levaram-na ao martírio. Isso foi muito doloroso para o rei Alceja, e o fez precipitar-se até os carrascos que a torturavam, mas ela o impediu. Ele chorava ternamente, gritando que eles era

muito crueldade fazer sofrer uma virgem divina. Quando chegou o momento de cortar a cabeça dessa virgem santa, o rei ajoelhou-se ao seu lado, estendeu o pescoço ao carrasco e gritou: “Eu sou cristão! Dou minha cabeça ao Deus vivo, esse Jesus-Cristo adorado por Lúcia”. Eles foram todos dois decapitados e coroados ao paraíso, assim como mais outros doze que a bem-aventurada Lúcia havia convertido. Comemora-se o dia dos dois na sétima calendas de julho”.

VI. A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARTINA

“Não se pode esquecer da bem-aventurada virgem Martina. Ela nasceu em Roma, de uma família nobre. Era muito bela, e o imperador quis obrigá-la a casar-se com ele, mas ela respondeu-lhe: “Sou cristã e consagrada ao Deus vivo, que ama os corpos castos e os corações puros. É a ele que adoro e nele está minha confiança.” Irritado com essas palavras, o imperador a mandou para o templo para forçá-la a adorar as imagens de ídolos. Mas, Martina ajoelhou-se e, com os olhos levantados para o céu, e de mãos juntas, pôs-se a rogar a Deus. Logo, as imagens de ídolos quebraram-se, espedaçando-se, e o templo desmoronou-se, os sacerdotes dos falsos deuses morreram engolidos pelos destroços. O diabo que estava no ídolo-mestre começou a gritar e proclamou Martina serva de Deus. Para vingar seus deuses, este imperador tirânico ordenou que Martine fosse entregue a um cruel martírio, mas Deus apareceu-lhe durante seu suplício para reconfortá-la. Ela pediu por seus carrascos, que foram convertidos por seus méritos ao mesmo tempo que um número importante de pessoas. O imperador continuou perseguindo-s, ordenando que lhe fizessem torturas ainda mais horríveis. Porém, seus carrasco, gritando que viam Deus e seus santos diante dela, imploraram perdão e se converteram. Enquanto ela pedia a Deus por eles, uma luz desceu dos céus, os cercando; uma voz se fez escutar e disse: “Dou-vos graça pelo amor de minha bem-

amada Martina. “Vendo que eles se convertiam, o prefeito gritou: “Vocês são loucos! Vocês estão enfeitiçados por esta feiticeira Martina! Mas, eles responderam-lhe arduamente: “És tu que estás enfeitiçado pelo diabo que habita em ti, pois não reconhecês teu Criador.” O imperador, louco de raiva, ordenou que os enforcassem e os esquartejassem, e foi louvando a Deus que eles receberam alegremente o martírio.

O imperador ordenou que Martina ficasse nua. A beleza de sua pele branca como lírio causava admiração nos espectadores. O imperador, que a desejava, ficou durante muito tempo implorando-a, mas vendo que ela recusava obedecê-lo, ordenou que cortassem seu corpo. Dos ferimentos escoava leite em lugar de sangue e exalava em suave odor. Cada vez mais furioso, ordenou que a esticassem, amarrando-a em quatro pilastes para cortar-lhe os membros. Mas aqueles que estavam encarregados de fazer tal serviço, ficaram aniquilados com essa tarefa, pois Deus conservava-a anda com vida a fim de converter os carrascos e a assistência. Os carrascos começaram a gritar para o imperador: “Senhor, não vamos mais lutar contra ela, pois os anjos estão nos batendo com correntes”. Outros carrascos foram chamados para fazer o suplício, mas morreram no local. O imperador, desconcertado, não sabia mais o que fazer. Espalhou gordura fervendo sobre o corpo amarrado no chão, mas Martina continuou glorificando o Senhor, e de sua boca saiu um odor divino. Quando seus carrascos cansaram de atormentá-la, jogaram-na no fundo de uma alcova. Emênio, primo do imperador, foi espioná-la na prisão; e viu Martina sentada em um trono de grande fineza todo trabalhado e cercado de anjos; o cômodo enchia-se de uma grande luminosidade e do barulho de um canto melodioso, enquanto que Martina segurava na mão uma barra de ouro onde se lia: “Doce Senhor Jesus Cristo que tuas obras sejam louvadas e teus santos bem-aventurados!” Emênio ficou muito espantado com isso e contou ao imperador. Este afirmou que ele havia sido enganado pelos sortilégios de Martina. No dia seguinte, o

tirano a fez sair da cela, foi aí que todos ficaram surpresos ao ver seus ferimentos curados; e numerosos são aqueles que se converteram”. Mais uma vez, o imperador mandou levá-la para forçá-la a se sacrificar pelos falsos deuses. Então, o diabo que estava na imagem pôs-se a gritar: “Que pena! Que pena! Estou convencido! A virgem o mandou sair e se mostrar em toda sua fealdade. Desceu um relâmpago do céu com um barulho enorme de trovão, derrubando a imagem e queimando vivos os padres. A raiva do imperador não tinha mais limites, mandou amarrarem Martina e arrancar-lhe a pele com pentes de ferro, mas ela continuava pedindo ao Senhor. Vendo que ela não morria, o imperador a ofereceu como ração para animais selvagens. Um grande leão que não tinha comido há três dias avançou sobre ela, inclinou-se em sinal de reverência e deitou-se, como um cachorrinho, ao seu lado e pôs-se a lamber suas feridas. Martina glorificava o Senhor dizendo: “Louvado sejas tu, ó meu Deus, tu cujo poder cativa a crueldade dos animais selvagens”. O tirano, furioso, mandou colocar o leão de volta à sua prisão, mas esse se levantou ferozmente sobre as patas, saltou na garganta de Emênio e o matou. O imperador ficou desesperado com a morte do primo, e ordenou que jogassem Martina em uma fogueira. Ela estava ali no meio das flamas toda feliz, quando Deus fez aparecer uma ventania que levou o fogo que queimava Martina para aqueles que a atormentavam. O imperador ordenou que raspassem seus lindos cabelos longos afirmando que na sua cabeleira residia seus poderes mágicos. Esta virgem disse-lhe então: “Queres destruir a cabeleira que segundo o Apóstolo é o mais bonito ornamento feminino. Mas Deus te fará cair do teu trono, te perseguirá com sua vingança e vítima dos mais vivos sofrimentos, tu chamarás a morte!” Ele mandou fecha-la no templo, onde estavam seus deuses, fechou as portas, travando-as, ele mesmo. Ao término de três dias, ele voltou, encontrou seus ídolos no chão e a virgem salva brincando com seus anjos. O imperador lhe perguntou o que havia feito com seus

deuses. Ela respondeu-lhe: “A graça de Jesus-Cristo triunfou”. Ele quis então estrangula-la, mas escutou-se uma voz vinda do céu, dizendo: “Oh! Virgem Martina, tu que combatestes em meu nome, entre em meu reino com os santos, venha usufruir comigo da eternidade” . Assim morreu a bem-aventurada Martina. O bispo de Roma chegou com todo seu clero para embalsamar o corpo em grande pompa na igreja. Naquele mesmo dia, o imperador – que se chamava Alexandre – foi acometido de tantas dores que ele comeu sua própria carne, se mordendo furiosamente.”

VII. HISTÓRIA DE UMA OUTRA SANTA LÚCIA E OUTRAS VIRGENS MÁRTIRES

“Existe uma outra Santa Lúcia, originária da cidade de Siracusa. Um dia, quando ela rezava no túmulo da Santa Águeda, para sua mãe doente, a santa apareceu-lhe, no meio dos anjos, cheia de jóias e pedras preciosas, dizendo-lhe: “Lúcia, minha irmã, virgem devota a Deus, por que me pedes o que tu mesma podes dar à tua mãe”? Anuncio-te que assim como a cidade de Catania é protegida por mim, assim a cidade de Siracusa será protegida por ti, que ofereceste a Jesus Cristo as incomparáveis jóias da tua pureza”. Lucia levantou-se, e com sua mãe curada, ela deu todos os seus bens pelo amor de Deus. O martírio coroou sua vida. Entre os múltiplos suplícios que ela teve que sofrer, o juiz tinha ameaçado de levá-la em um lugar de prostituição onde, apesar de seu Esposo celeste, ela seria violentada. E ela respondeu-lhe: “A alma nunca ficará suja se o espírito não consentir; se me profanas violentando-me, minha castidade será redobrada, e minha vitória do mesmo jeito”. Como queriam levá-la naquele lugar de perdição, ela ficou tão pesada que todos os bois e outros animais de tração que eram empregados não puderam retirá-la; amarraram cordas nos seus pés para arrastá-la, mas ela estava mais firme do que uma montanha. Ao morrer, ela anunciou o que iria acontecer no império. A gloriosa virgem Benedita, de Roma, merece também uma veneração particular. Doze

virgens convertidas pela sua pregação a acompanhavam. Querendo estender a fé cristã pelo seu ministério, ela partiu então com suas companheiras. Essas bem-aventuradas virgens atravessaram sem medo muitas terras estrangeiras, pois Deus estava com elas. Ele achou por bem em seguida separá-las, e elas se dispersaram em diferentes regiões para que o mundo inteiro pudesse aproveitar de suas pregações. Quando a santa virgem Benedita converteu vários países com a fé de Jesus Cristo, ela recebeu a palma do martírio. Suas santas companheiras morreram também com dignidade.

“Item, a perfeição de santa Fausta, jovem virgem de quatorze anos, não foi menor. Como ela não queria sacrificar-se aos ídolos, o imperador Maximiano mandou serra-la com um serrote de ferro. Porém, os carrascos, que tinham serrado continuamente de nove horas às três da tarde sem ter conseguido cortar, perguntaram-lhe: “Qual é a força de tua magia, para nos ter feito ficar aqui durante tanto tempo, sem ter conseguido nada”? Fausta começou então a pregar a fé em Jesus Cristo e conseguiu convertê-los. O imperador indignou-se e fez-lhe sofrer inúmeras torturas. Entre outras coisas, ele mandou enfiar mil pregos na sua cabeça, que ficou parecendo um capacete usado pelos cavaleiros, mas Fausta continuava rezando por aqueles que a perseguiam. O prefeito se converteu vendo que os céus se abriam para mostrar Deus sentado no meio dos anjos. Quando Fausta foi colocada no meio do caldeirão de água fervente, o prefeito gritou: “Santa serva de Deus não partas sem mim!”, jogando-se na panela. Vendo isso, os outros dois que ela havia convertido saltaram por sua vez no caldeirão, de água fervente, porém quando Fausto tocou os mártires, eles não sentiram mais nenhum mal. Ela disse: “Eu estou no meio de vocês como uma vinha que sustenta seus frutos, pois o Senhor disse: Onde estiver vários estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles.” Escutou-se então uma voz dizendo: “Vinde, almas bem-aventuradas, o Pai vos chama”. Escutando essas palavras, renderam alegremente a alma ao Senhor.”

VIII. HISTÓRIA DE SANTA JUSTINA E OUTRAS VIRGENS

Justina, santa virgem originária de Antiochia, jovem extraordinariamente bela, conseguiu vencer o diabo; este se exibia para um mágico que o havia invocado para tentar obrigar a santa a ceder aos avanços de um homem que tinha se apaixonado por ela. Vendo que suas preces e suas promessas permaneciam sem resultado, esse homem que há muito a assediava, decidiu, de fato, recorrer ao Demônio. Mas, nada aconteceu, pois a gloriosa Justina afugentou várias vezes o Inimigo, e o diabo, que tinha tomado diferentes formas a fim de tentá-lo, teve que confessar que tinha sido vencido e se retirar vergonhosamente. Justina converteu, por sua pregação, o homem que havia desejado os mais impuros desejos; converteu igualmente o mágico, nomeado Cipriano, que tinha levado até então uma vida promiscua, mas que Justina levou à virtude. Vários outros se converteram vendo os milagres que Nosso-Senhor tinha feito em seu favor. No fim, ela deixou esta terra para cumprir seu martírio”.

“*Item*, a bem-aventurada virgem Eulália, nascida na Espanha, fugiu da casa dos pais quando tinha doze anos. Estes a haviam mantido presa porque ela não parava de louvar a Jesus Cristo, mas uma noite, ela escapou, e jogou no chão os ídolos dos templos, e afirmou diante dos juízes que comandavam os martírios que eles estavam errados e que ela queria morrer na fé cristã. Entrou, então, na milícia de Jesus-Cristo e sofreu diversos suplícios. Um grande número de gente se converteu ao ver os milagres que Nosso Senhor fazia em seu favor.

“*Item*, uma outra santa virgem, chamada Macra, sofreu torturas cruéis em nome da fé cristã. Entre os numerosos suplícios que ela sofreu, teve os seios arrancados. Mas, Deus enviou-lhe seu anjo no fundo da alcova onde estava, para render-lhe sua integridade corporal. O prefeito ficou estupefato, mas não cessou de atormentá-la

mesmo assim, com os mais cruéis suplícios. No final, ela rendeu sua alma a Deus. Seu corpo repousa perto da cidade de Reims.

“*Item*, a gloriosa virgem Santa Fé sofreu o martírio na sua tenra infância, passando por múltiplos suplícios. Antes de sua morte, nosso-Senhor a fez coroar diante de todos, enviando um anjo para trazer-lhe uma coroa ornamentada de pedras preciosas. Deus fez numerosos milagres a seu favor, e muitos se converteram.

“*Item*, a bem-aventurada virgem Marciana, vendo que se venerava a estátua de um falso Deus, pegou esse ídolo e jogou no chão para quebrá-lo. Foi chicoteada com tanta crueldade que lhe deram por morta. Foi, em seguida, jogada no fundo de uma cela, onde um padre pagão entrou à noite para violentá-la. Mas, uma alta parede foi elevada milagrosamente entre ele e Marciana, o impedindo de se aproximar da virgem. No dia seguinte, todo mundo pôde ver essa parede, e muitas pessoas se converteram. Marciana sofreu muitos tormentos cruéis, mas não cessava de glorificar o nome de Jesus Cristo. No final, ela pediu a Deus que consentisse ser chamada até ele e acabasse o martírio.

“Também Santa Eufêmia passou por cruéis tormentos em nome de Jesus Cristo. Ela era de muito nobre linhagem e de uma beleza soberba. O prefeito Priscus mandou adorar os ídolos e renunciar a Jesus Cristo, mas ela se recusou com argumentos tão fortes que ele não sabia o que responder. Contrariado por ter sido vencido por uma simples mulher, ele a fez sofrer muitos atrozes suplícios. Mas, se seu corpo foi destruído pela tortura, sua lucidez crescia cada vez mais e suas palavras continuavam cheias de Santo Espírito. Durante seu martírio, o anjo de Deus desceu dos céus para quebrar o instrumento do suplício e torturar os torturadores, e Eufêmia, com o rosto iluminado pela fé, afastou-se sã e salva. Então, o prefeito, que desprezava a religião, mandou acender uma fogueira, cujas chamas atingiam quarenta braçadas [equivalente a vinte metros] e jogou Eufêmia que cantava os cânticos de louvores melodiosos, tão bem e tão

alto que todos podiam escuta-la. Quando a fogueira se consumiu, ela saiu novamente sã e salva. O juiz, cada vez mais furioso, preparou uns instrumentos de tortura, em brasa viva, para arrancar-lhe os membros, mas aqueles que estavam encarregados dos tormentos ficaram tão aterrorizados que nenhum ousou tocá-la, e os instrumentos caíram em pedaços. O tirano, que não tinha religião fez trazer quatro leões e dois outros animais selvagens, mas tais animais ferozes se inclinaram diante da jovem para adorá-la. Então, a bem-aventurada virgem, querendo ficar perto de seu Deus, suplicou que a chamasse. Ela morreu assim, sem que aqueles animais pudessem matá-la.”

IX. HISTÓRIA DA VIRGEM TEODÓSIA, DE SANTA BÁRBARA E SANTA DOROTÉIA

Merece ser lembrada aqui a constância da bem-aventurada Teodósia, que sofreu o martírio com dezoito anos. Esta virgem era muito nobre e de grande beleza. Sua inteligência brilhou nas controvérsias com o juiz Urbano, que a ameaçou de martírio se ela não renunciasse a Jesus Cristo. Ela respondeu com argumentos inspirados de Deus; então ele mandou que a pendurassem pelos cabelos e chicoteassem-na cruelmente. Mas, ela disse-lhe: “Na verdade, infeliz daquele que quer governar outrem, e não consegue se autogovernar! Infelicidade para aqueles que se esbaldam com muita carne, sem se preocupar com os famintos. Maldito aquele que quer ser aquecido, e não aquece, nem cobre os que morrem de frio! Desgraça àquele que quer se repousar, fazendo os outros trabalharem duro! Mal caia sobre aquele que clama que todas as coisas são suas, tendo recebido de Deus! Maldito aquele que deseja para si o bem, tendo feito o mal!”. A virgem continuou falando assim com tanta dignidade em todo decorrer de seu suplício. Mas, como ela tinha vergonha e dor no coração de ser vista assim completamente nua, Deus enviou uma nuvem branca que a escondeu completamente. Urbano a ameaçava cada vez mais forte. Ela disse-lhe então: “Tu não me privarás de nenhum dos pratos desta ceia preparada para mim.” O tirano a ameaçou de tirar-lhe a virgindade. Ela

respondeu-lhe: Ameaças-me em vão, pois Deus reside em corações puros”. O prefeito, ainda mais furioso, jogou-a ao mar, presa a uma enorme pedra no pescoço; ela foi suspensa pelos anjos e levada à terra, cantando. E esta virgem carregava entre seus braços a pedra que era mais pesada do que ela. O tirano soltou sobre ela dois leopardos, mas eles ficaram saltando ao redor dela e fazendo festa. No final, o tirano que não agüentava mais, mandou cortar-lhe a cabeça. Avistou-se, então, sua alma separar-se do corpo, tomando a forma de uma esplêndida pomba branca. Naquela mesma noite, ela apareceu a seus pais mais radiante do que o sol, coroada de um precioso diadema, cercada de virgens e usando uma cruz de ouro. Ela disse-lhes: “Vede a glória que quereis me retirar!”. E aqueles se converteram.

“*Item*, no tempo do imperador Maximiano, a virtude da bem-aventurada Bárbara florescia, virgem de nobre linhagem e de grande beleza. Seu pai a mantinha presa em uma torre por causa de sua beleza soberana. Ela teve a revelação da verdadeira fé e, não tendo ninguém para balizá-la, ela pegou a água e ela mesma se batizou em nome do pai, do filho e do Santo-Espírito. Seu pai queria fazer um importante casamento, mas durante muito tempo, ela recusou todos os pretendentes. No fim, ela proclamou que era cristã e que tinha entregue sua virgindade a Deus. Eis porque seu pai pôs-se a persegui-la para matá-la. Acabou encontrando-a, graças às informações de um pastor. Este morreu queimado, assim como suas ovelhas. Seu pai a levou então diante do prefeito. Como ela havia desobedecido a todas as suas ordens, ele a fez passar-se por atrozes tormentos, pendurada pelos pés. Ela disse-lhe: “Infeliz, não vês que tuas torturas não me fazem nenhum mal”? Furioso, ele arrancou-lhe os seios e saiu passeando com ela pela cidade. Ela continuava a render glória a Deus. Como tinha vergonha que seu corpo virgem fosse visto nu, Nosso Senhor enviou um anjo para curar seus sofrimentos, cobrindo-a com um manto branco. Depois de ter passeado durante muito tempo com

ela, a conduziu novamente diante do prefeito, que ficou furioso, vendo-a curada, com o semblante radiante como uma estrela. Ele a submeteu novamente à tortura, até os seus torturadores não conseguirem mais. No final, tonto de raiva, ele ordenou que a cegassem e cortassem-na a cabeça. Ela fez suas preces e suplicou a Deus de socorrer todos aqueles que invocassem seu nome e que se lembrassem de seu martírio. Quando terminou sua oração, escutou-se uma voz dizendo> “Venha, filha bem-amada, venha repousar-te no reino de teu pai, venha receber tua coroa. O que tu pediste será acordado.” Ela foi levada no alto da montanha, onde deveria ser decapitada. Foi o traidor de seu pai que cortou-lhe a cabeça; descendo da montanha, foi atingido pelo fogo do céu e reduzido a cinzas.

“Item, a bem-aventurada virgem Dorotéia sofreu vários suplícios em Cappadoce. Como ela não queria se casar com nenhum homem e sempre falava em qualquer conversa de seu esposo Jesus Cristo, o chancelier das Escolas, que se chamava Teófilo, zombou dela quando ela estava sendo levada pra ser cortada a cabeça, dizendo –lhe que quando ele juntar-se a seu Esposo, ela poderá pelo menos enviá-lo rosas e maçãs do jardim de seu marido. Ela respondeu-lhe que faria isso. E assim que ela sucumbiu ao martírio, uma magnífica criança de aproximadamente quatro anos veio até Teófilo e lhe entregou uma cestinha cheia de rosas divinamente belas e maçãs maravilhosamente cheirosas e brilhantes. Ele disse a Teófilo que era da parte da virgem Dorotéia. Este ficou muito surpreso , pois era mês de fevereiro, em pleno inverno. Ele se converteu então e sofreu o martírio em nome de Jesus Crsito.

“Se quisesse enumerar-te todas as virgens santas que mereceram o Paraíso pela coragem que elas mostraram em seus martírios, iria precisar de uma longa narrativa. Eu poderia citar-te por exemplo Santa Cecília, Santa Inês, Santa Águeda, e muitas outras. Se queres saber mais, basta consultar o “*Speculum Historiale*”, que reúne vários

exemplos. Mas, falarei-te ainda de Santa Cristina, porque ela é tua patrona e é uma virgem muito venerável. Desse modo, demorarei-me mais a contar sua vida, que é muito bela e muito edificante. No final, tonto de raiva, ele ordenou que cegassem-na e cortassem-na a cabeça. Ela fez suas preces e suplicou a Deus de socorrer todos aqueles que invocassem seu nome e que se lembrassem de seu martírio. Quando terminou sua oração, escutou-se uma voz dizendo: “Venha, filha bem-amada, venha repousar-te no reino de teu pai, venha receber tua coroa. O que tu pediste será acordado.” Ela foi levada no alto da montanha, onde deveria ser decapitada. Foi o traidor de seu pai que cortou-lhe a cabeça. Ao descer a montanha, foi atingido pelo fogo do céu e reduzido a cinzas.

“*Item*, a bem-aventurada virgem Dorotéia sofreu vários suplícios em Cappadoce. Como ela não queria se casar com nenhum homem e sempre falava em qualquer conversa de seu esposo Jesus Cristo, o chancelier das Escolas, que se chamava Teófilo, zombou dela quando ela estava sendo levada pra ser cortada a cabeça, dizendo-lhe que quando ela juntar-se a seu Esposo, ao menos de lá ela poderá enviá-lo rosas e maçãs do jardim de seu marido. Ela respondeu-lhe que faria isso. E assim que ela sucumbiu ao martírio, uma magnífica criança de aproximadamente quatro anos veio até Teófilo e lhe entregou um cestinho cheio de belas rosas divinas e maçãs incrivelmente cheirosas e brilhantes. Ele disse a Teófilo que era da parte da virgem Dorotéia. Este ficou muito surpreso, pois era mês de fevereiro, em pleno inverno. Assim, ele se converteu e sofreu o martírio em nome de Jesus Cristo.

X. SOBRE A VIDA DE SANTA CRISTINA

A bem-aventurada virgem santa Cristina, nascida em Tiro, era a filha de Urbano, comandante da cavalaria. Como era muito bonita, seu pai a havia trancado em uma torre

com doze damas de companhia. Perto do quarto de Cristina, mandou instalar um bellissimo oratório pagão para que pudesse adorar os ídolos. Mas, Cristina, que era apenas uma criança de doze anos, recebeu a revelação da fé cristã e não dava nenhuma importância às imagens dos santos. Suas acompanhantes ficaram tocadas e tentavam freqüentemente incitá-la a sacrificar-se aos deuses. Então Cristina, pegando o incenso como se ela fosse adorar os ídolos, ajoelhava-se diante de uma janela dando para o leste e, com os olhos levantados para o céu, rendia homenagem a Deus da Eternidade. Ela passava a maior parte da noite nessa janela; olhava as estrelas gemendo e invocando piedosamente o Todo-Poderoso, pedindo ajuda contra seus inimigos. Suas acompanhantes tendo percebido que ela havia dado seu coração a Jesus Cristo, vieram muitas vezes suplicá-la de joelhos, pedindo que ela não servisse a um deus estranho, mas de sacrificar-se aos deuses pelos seus pais, pois, diziam elas, se alguém soubesse, ela as deixaria em péssima situação. Cristina respondia-lhes que era o diabo que as cegava, ele que as incitava a adorar tantos deuses, quando só existia um só.

“Enfim, quando seu pai soube que ela não queria adorar aos ídolos ficou aos prantos e a repreendeu severamente. Sua filha respondeu-lhe que ela se sacrificaria espontaneamente ao Deus do céu. Acreditando que se tratava de Júpiter, Urbano alegrou-se e quis beijá-la, mas ela gritou: “Não suje meus lábios, pois quero ofertar ao Deus celeste uma oferenda pura.” E o pai ficou ainda mais contente. Cristina entrou no seu quarto, trancou-se e pôs-se de joelho para orar a Deus, chorando. O anjo de Deus desceu para consolá-la e lhe trouxe pão branco e comida para que ela se restabelecesse, pois ela não tinha comido há três dias. Um dia, Cristina viu de sua janela pobres cristãos que mendigavam ao pé da torre. Como ela não tinha nada para dar-lhes, foi buscar os ídolos de seu pai, que eram todos em ouro e em prata, e os quebrou para dar os pedaços aos pobres. Quando seu pai soube, a chicoteou cruelmente. Ela afirmou francamente

que estava errando ao adorar esses falsos deuses, pois só existia um só deus, único, em três pessoas; era ele que deveria ser adorado, apenas ele que ela reconhecia. Ela preferia morrer a ter que adorar outro. Muito furioso, seu pai a amarrou com correntes e percorreu pela cidade flagelando-a, depois a jogou no fundo da cela. Ele mesmo quis ser o juiz dessa causa, e mandou que ela comparecesse no dia seguinte diante dele. Ali, ele a ameaçou de mil tormentos se ela recusasse adorar os ídolos. Quando ele viu que nem as preces, nem as ameaças a desviariam de sua fé, mandou que ela ficasse nua amarrada pelos membros em quatro tocos, depois ordenou a doze homens de batê-la até o esgotamento de suas forças. Seu pai lhe perguntava sem parar se ela estava arrependida, dizendo-lhe: “Minha filha, torturando-te estou violentando meu carinho natural, tu que és carne da minha carne. Mas, a devoção que eu devo a meus deuses me obriga a isso, ao te ver assim em tal sacrilégio.” A virgem santa disse-lhe então : “Tirano que não poderei chamar de pai, pois estás mais para inimigo da felicidade, va, tortura com vigor a carne que tu gerastes; já que isso podes fazer. Mas, nunca poderás nunca atentar minha alma que pertence a meu Pai celeste e que protege Jesus Cristo, meu Salvador”. Fora de si, este pai cruel mandou buscar uma roda que ele havia mandado fazer especificamente par isso, e ordenou que amarrasse sua filha e acendese um fogo encima, depois ele jogou uma enorme quantidade de óleo fervente sobre ele. Essa roda rodou sobre ela, quebrando-lhe o corpo.

“Mas, Deus, o Pai da misericórdia, teve piedade de sua serva e enviou seu anjo destruir os instrumentos de tortura e apagar o fogo. Ele soltou a virgem sã e salva e fez desaparecer mais de mil traidores descrentes que alegravam-se com os tormentos e blasfemavam o nome de Deus. E então, o pai de Cristina perguntou-lhe: “Diga-me quem ensinou-te esses malefícios?” Ela respondeu-lhe: “Tirano sem piedade, não te disse que meu Pai Jesus Cristo ensinou-me essa constância e esta alta virtude na fé do

Deus vivo? Eis porque, desprezo todos teus tormentos, e como eu triunfarei, com a ajuda de Deus, sobre todos os ataques do Demônio.”

Urbano, envergonhado e vencido, jogou-a no fundo de uma horrível e sombria alcova. Ela estava ali, voltando ao seu espírito os grandes mistérios de Deus, quando três anjos apareceram-lhe em um raio de luz para trazerem-lhe o que comer e reconfortá-la. Urbano não sabia mais o que fazer com sua filha e pensava em novos suplícios aos quais ele poderia submetê-la. Em desespero de causa para se livrar dela, acabou jogando-a ao mar, com uma enorme pedra amarrada ao pescoço. Mas, no momento em que jogavam-na na água, os anjos a seguraram, levando-a com eles sobre as ondas. Levantando os olhos ao céu, Cristina implorou, então, a Jesus Cristo que com aquelas águas desse-lhe o santo sacramento do batismo que ela queria tanto receber. O próprio Jesus Cristo desceu dos céus para batizá-la, acompanhado de uma multidão de anjos. Deu-lhe seu próprio nome, chamando-a de Cristina, em seguida coroou-lhe, colocando na sua testa uma estrela resplandecente antes de devolvê-la ao chão. Naquela noite, Urbano foi atormentado pelo diabo e morreu. Deus quis receber Cristina como santa mártir, como ela mesma desejava; e foi levada para sua cela pelos traidores. O juiz, um certo Idion, sabendo tudo o que lhe tinham feito, a fez comparecer diante dele. Ele a cobiça por sua beleza, mas vendo que suas belas palavras permaneciam seu efeito, a submeteu novamente à tortura. Pediu que enchessem uma enorme panela com óleo e pez e ordenou que acendessem um grande fogo embaixo e que jogassem Cristina nesse caldeirão, de cabeça para baixo. Quatro homens a mexiam na mistura com pentes de ferro. Mas, aquela virgem santa cantava melodicamente os louvores divinos e pouco se importava com os carrascos os ameaçando do castigo do inferno. Quando o falso juiz, todo enraivado, viu que tudo isso não servia de nada, a pendurou em praça pública pelos cabelos, longos e loiros como ouro. As mulheres correram para perto dela, chorando de

pena de ver uma tão doce jovencinha ser torturada assim. Elas protestaram contra o juiz, gritando: “Traidor mais cruel que um bicho selvagem! Como um coração humano pôde inventar tanta crueldades contra uma tão linda e doce moça.” Todas queriam jogar-se em cima dele. Ele ficou com medo e disse: “Cara Cristina, não te deixes mais ser torturada assim, venha antes comigo e iremos adorar o deus soberano que te ajudou tanto.” Ele estava pensando com isso no deus Júpiter, que era para os pagãos o Deus supremo, mas foi uma coisa bem diferente que entendeu Cristina quando respondeu-lhe: “Falastes bem; consinto.” Ele a soltou e a levou ao templo seguido de uma multidão de gente, acreditando que ela ia adorar aos ídolos, dizendo: “Espírito maligno que te esconde nesse ídolo, saia, ordeno-te em nome de Jesus Cristo.” O diabo saiu em seguida causando um tumulto assustador. Todos assustados caíram no chão; E o juiz quando se levantou disse: “Christine, tu tocaste nosso deus todo-poderoso; como ele apiedou-se de ti, saiu para revelar-se à sua criatura”. Com essas palavras, Cristina com muita raiva o repreendeu duramente, dizendo que ele não podia reconhecer a força divina de tão cego que estava. Ela pediu a Deus que derrubasse o ídolo e de reduzi-lo em migalhas, o que foi feito. Mais de três mil pessoas, então, se converteram tanto pelas palavras daquela virgem quanto pelos milagres que foram feitos em seu favor. Aterrorizado, o juiz disse: “Se o rei tomasse conhecimento de todo o prejuízo que os milagres dessa Cristina fez ao nosso deus, ele me destruiria sem piedade.”. Com esse pensamento angustiou-se, enloqueceu e logo morreu. Chegou um terceiro juiz, chamado Júlio, que pegou Cristina e contou vantagem de poder obrigá-la a adorar os ídolos. Mas, ele não conseguiu retirá-la do lugar onde estava, apesar de toda a força que possuía. Decidiu então construir fogueiras ao redor dela. O fogo queimou durante três dias, e das brasas saíam as mais suaves melodias; os carrascos, cheios de espanto diante de tantos prodígios, contaram a Júlio que faltou enloquecer. Quando o fogo apagou, Cristina saiu intacta. Então o juiz

mandou trazer umas cobras, e duas áspides, que são serpentes que possuem um veneno temeroso, foram jogadas encima dela, ao mesmo tempo que duas enormes cobras. Mas, estas caíram a seus pés, sem fazer-lhe o menor mal, de cabeça baixa em sinal de homenagem. Duas outras cobras horríveis, chamadas víperas foram soltas encima dela. Elas se penduraram no seu peito e lamberam. Cristina olhava o céu e dizia: “Eu te dou graça, Senhor Deus Jesus-Cristo, que permitiu benzer-me com tuas santas virtudes, pois mesmo essas horríveis cobras reconhecem tua gloria em mim.” Vendo aqueles milagres, Júlio obstinado, gritou ao dono das cobras. “Será que também fostes enfeitiçado por Cristina, por não conseguir fazer com que as cobras fiquem contra ela?” Como ele temia ao juiz, começou a incitá-las para que atacassem-na, mas se voltaram contra ele e o mataram. Todos ficaram com medo das colbras, e ninguém ousavam aproximar-se; então Cristina as guiou em nome do Senhor para que voltassem ao ninho sem ferir ninguém, e assim fizeram. Ela ressucitou o morto que se jogou a seus pés e convertiu-se. E o juiz, que o diabo ofuscava a tal ponto que ele não pôde reconhecer a mão de Deus, disse a Cristina: “Deste-nos prova suficiente de tua magia.” Cristina encheu-se de raiva e respondeu-lhe: “Se teus olhos quizessem ver os milagres de Deus, tu acreditarias neles.” Louco de raiva, ele mandou arrancar-lhe os seios, mas em vez de sangue, leite escorria em seus ferimentos. Como ela continuava a invocar o nome de Jesus-Cristo, Júlio fez-lhe cortar a língua, mas isso não impediu que ela falasse melhor que antes. Aliás, ela continuava a falar com mais clareza das coisas divinas, benzendo o Senhor, e o agradeceu por todos seus bens. Ela havia começado suas orações quando Deus achou por bem chamá-la até ele, pois sua coroa de martírio tinha acabado. “Então, uma voz desceu dos céus, dizendo: “Cristina, virgem pura e sem mácula, os céus se abrem para ti, o reino eterno te espera, e toda Igreja triunfante louva Deus em ti, pois desde tua infância, magnificastes o nome de teu Cristo.” Com os olhos levantados para o céu,

Cristina louvou ao Senhor. Escutou-se novamente a voz que dizia: “Vens Cristina, minha filha eleita, minha filha bem-amada; recebe a palma e a coroa eternas. Vens receber a recompensa dos martírios que subistes, glorificando meu nome.” Escutando essa voz, o descrente Júlio repreendeu os carrascos, dizendo que eles não haviam cortado ao tronco a língua de Cristina; ordenou-lhes, então que cortassem-na de modo a impedi-la a falar a seu Cristo. Eles puxaram-na a língua, cortando-la da raíz, mas Cristina cuspiu sua língua no rosto do tirano, estourandolhe um olho. Em seguida disse-lhe mais claro do que nunca: “De que vale, tirano, ter me cortado a língua para impedir louvar ao Senhor, uma vez que minha alma o louvara por toda a eternidade enquanto que a tua será amaldiçoada para sempre! Corno não acreditastes na minha palavra, foi justo que minha língua te ceguasse.” Ela já via Jesus Cristo sentado à direita de seu Pai quando duas flechas acabaram com seu martírio, uma atingindo nos lado, a outra no coração. Seus restos santos foram enterrados por um parente que ela havia convertido; foi ele quem registrou por escrito o relato de sua gloriosa vida.”

Ó bem-aventurada Cristina! Virgem gloriosa e abençoada de Deus, santa mártir trionfante! Consente rogar por mim, pobre pecadora que leva teu nome, pois Deus jugou digna de ser elevada à santidade! Intercede por mim, ô patrona misericordiosa! Veja como sou feliz de poder consignar e incluir a história de tua santa vida em minha obra! Pois foi por devoção a teu santo nome fiz um relato tão longo. Que isto tenha agradado-te! Rogue por nós, mulheres, e que tua santa vida nos seja nessa terra um exemplo, para que todas possamos um dia sermos recebidas ao Paraíso! Amen.

“Que poderia dizer-te mais, cara Cristina, para crescer o número de nossas cidadãs? Que venha santa Úrsula com toda a frota de suas onze mil virgens, bem-aventuradas mártires na glória de Jesus Cristo, que foram todas decapitadas quando haviam sido enviadas além dos mares para se casarem. Mas eles chegaram em país pagão, onde

quiseram forçá-las a renunciar à fé cristã, e elas escolheram a morte a ter de renunciar a Jesus Cristo seu Salvador.”

XI. SOBRE VÁRIAS MULHERES QUE VIRAM O MARTÍRIO DE SEUS FILHOS.

“Oh! O que existe de mais precioso para uma mãe do que seu filho? Seu coração pode agüentar dor maior de que vê-los sofrer? E, no entanto a fé é uma coisa maior ainda, como foi visto nas numerosas mulheres que, por amor de Nosso-Senhor, ofereceram seus próprios filhos ao suplício. Foi o caso da bem-aventurada Felicidade, que viu seus sete filhos, rapazes lindos, serem martirizados diante dela. Aquela excelente mãe os reconfortava, os exortava a mostrarem-se corajosos e a ficar firmes na fé. Ela havia expulsado de seu coração, pelo amor de Deus, aquele amor que toda mãe tem pela carne de sua carne. Depois de terem entregue todos os sete ao carrasco, ela quis oferecer-se também ao sacrifício, submetendo-se ao martírio, por sua vez.

“*Item*, pode-se ainda citar a bem-aventurada Julieta que tinha um filho chamado Ciro. Aquela mulher o instruiu continuamente na fé crista, prodigando alimentos tanto espirituais quanto corporais. Desse modo, os torturadores não puderam quebrar nem fazer-lhe renegar o nome de Jesus com a tortura, mesmo sendo tão criança. Com sua vozinha clara, enquanto o torturavam gritava com todos os seus pulmões: “Eu sou cristão! sou cristão! Glória a ti, Senhor Deus.” Ele falava tão claramente como um homem de quarenta anos. Sua mãe excelente, que foi tão cruelmente torturada, o reconfortava; ela continuava a louvar ao Senhor e a encorajar os outros mártires, falando da alegria celeste que os esperava e os incitava a esquecer todo medo.

“*Item*, que dizer ainda do admirável caráter constante e forte da bem-aventurada Blandine? Ela teve que assistir ao martírio de sua filha de quinze anos e ver o suplício daquela que ela amava tanto. Ela reconfortava carinhosamente, e depois de sua morte,

submeteu-se ao carrasco tão alegremente como a noiva vai ao encontro do seu futuro esposo. Sofreu tanta torturas que seus torturadores cansaram-se da tarefa. Ela foi colocada em uma grelha e assada, rasgada com pentes de ferro; e no entanto, ela não cessou de glorificar Deus, perseverando assim até o fim.”

XII. SOBRE A VIRGEM SANTA MARINA

“Poderíamos citar a história de um número enorme de virgem mártir, assim como de várias outras mulheres que entraram na religião ou que testemunharam de maneira diversa de uma santidade notável. Mas, falarei-te mais particularmente de duas dentre elas, pois as vidas delas são lindas a ser escutadas e ilustram também a constância feminina. Um leigo tinha uma filha única, chamada Marina. Ele confiou a criancinha a um de seus parentes para poder iniciar-se à religião. Até então, ele levava uma vida exemplar, mas Natureza o fazia lembrar-se sempre da filha, cuja ausência causava-lhe grande tristeza. Ele aniquilava-se na melancolia. Um dia, o abade perguntou-lhe a causa de tanto aflição. Ele respondeu-lhe que tinha o espírito ocupado pelo filho que havia deixado no mundo e que ele não conseguia esquecê-lo. O abade mandou buscá-lo e trazê-lo à abadia para que fosse consagrado a Deus. Aquela virgem ficou vivendo então com seu pai, sendo travestida de um mongezinho; aprendeu a dissimular sua verdadeira identidade e foi um modelo de disciplina. Ela tinha dezoito anos e avançava nas vias da santidade, quando seu pai, que havia-lhe instruído com tanta devoção, veio a falecer. Desde então, ela ocupou sozinha a célula que dividira com seu pai. Ela levou uma vida tão santa que o abade e todos os irmãos louvavam sua religião. E todos a tinham como homem.

“Aquela abadia ficava a três milhas de uma cidade, onde havia um mercado; os monges deviam ir de vez em quando para reabastecerem-se. Chegando o inverno,

quando a noite os surpreendia, antes de terem terminado as compras, acontecia de dormirem na cidade. Quando era a vez de ir ao mercado, Marina - que chamavam-na de Irmão Marino - ficava às vezes no albergue onde eles tinham um quarto. Aconteceu da filha do dono aparecer grávida. Como seus pais a obrigaram a confessar o nome de seu sedutor, ela acusou o irmão Marino. Os pais foram queixar-se ao abade que, indignado, mandou Marina comparecer diante dele. Aquela santa virgem preferiu-se responsabilizar-se do crime a se desculpar-se confessando ser uma mulher. Ajoelhou-se e disse chorando: “Pai, eu pequei, rogai por mim, farei penitência.” O abade, com muita raiva, mandou-lhe chicoteá-la cruelmente, expulsou-a do monastero e proibiu-lhe a entrada. Ela deitou-se no chão diante da porta em sinal de penitência, pedindo aos irmãos apenas um pedaço de pão. A filha do alberguista pôs ao mundo um menino que sua mãe levou a Marin e deixou com ele diante no monastero. Aquela virgem pôs-se a tomar conta dele e, com pedaço de pão que recebia de quem ali entravam, ela alimentava aquela criança como se fosse a sua. Algum tempo depois, os irmãos, tomados de piedade, suplicaram ao abade de perdoar o Irmão Marin e de o acolher novamente entre eles. Com muito penar, o convenceram, mesmo ela tendo feito penitência durante cinco anos. Quando ela foi à abadia, o abade deu-lhe todos os trabalhos sujos e pesados da comunidade; ela devia trazer água do sanitário e servir a todos. Aquela virgem cumpria tudo humildemente e de bom grado. Pouco tempo depois, ela foi chamada ao Senhor. Os irmãos anunciaram ao abade que disselhes: “Vocês vêem bem que o pecado dele foi tal que não merecia o perdão; no entanto, lavem-no e o enterrem longe do monastero.” Quando o despiram, viram que era uma mulher. Começaram a bater no peito se lamentando, chorando de dor e de vergonha do mal que haviam feito sem motivo a uma pessoa tão devota, e se extasiaram diante da perfeita santidade de sua vida. Tomando conhecimento do acontecido, o abade

prosternou-se ante o corpo da santa, chorando amargamente, se culpabilizando, e implorando piedade e perdão. Ordenou que a enterrassem em uma capela da abadia. Todos os monges compareceram ao funeral. Um monge, que era cego de um olho, curvou-se diante do seu corpo para beijá-la piedosamente; subitamente recuperou a visão. Nesse mesmo dia, a mãe da criança enlouqueceu de fúria e pôs-se a clamar por todos os lugares seu pecado. Levaram-na diante do corpo santo e ela voltou a seu estado de normalidade. Vários milagres se produziram sobre seu túmulo, e ainda são produzidos.

XIII. SOBRE A BEM-AVENTURADA VIRGEM EUFROSINA

Da mesma forma, houve em Alexandria uma virgem chamada Eufrosina. Deus havia abençoado seu pai Panúcio, que era muito rico, em recompensa das preces que tinham feito em seu favor um santo abade e os monges de um monastero vizinho. Quando a filha chegou na idade de se casar, seu pai quis lhe dar um marido. Mas, como ela havia entregue sua vida à Deus, fugiu da casa paterna, vestida como homem. Pediu para ser admitida naquela abadia, fazendo-se passar por um rapaz da corte do imperador, que desejava ardentemente cumprir seus votos. Vendo a sinceridade de sua vocação, o abade o recebeu com alegria. Todavia, Panúcio ficou aniquilado de dor, pois ele não conseguia reencontrar a filha que tanto amava; ele foi então confiar seus prantos ao abade, na esperança de reencontrar a paz. Pediu aos monges que intercedessem por ele, para que através de suas preces pudesse saber o paradeiro de sua filha. O abade o reconfortou, dizendo que ele não acreditava que estaria perdida para sempre aquela filha que Deus lhe havia dado em recompensa de suas orações. O abade e todos os monges rezaram para que a encontrassem. Como continuava sem notícia, o bom homem na sua grande dor, sempre voltava para desabafar ao abade, e um dia ele lhe disse:

“Sinceramente, não acredito que algo de mal aconteceu à tua filha, pois Deus já haveria revelado. Mas, temos entre nós um santo homem, que vem da corte do Imperador, tão iluminado por Deus que todos que falam com ele encontram reconforto. Se desejas, podes falar com ele”. Panúcio, em nome de Deus, quis lhe falar. O abade acompanhou então o pai até sua filha, que o reconheceu, sem que ele a reconhecesse. Encheu-se de lágrimas, e como se fosse terminar uma oração, virou-se, e seu rosto de fregoso e beleza, já havia desabrochado pela dureza da abstinência. Depois, ela falou a seu pai o reconfortando muito e garantindo que sua filha estava servindo a Deus em um lugar seguro, que ele a viria antes de morrer, e que ela ainda lhe seria motivo de alegria. O pai partiu consolado, acreditando que ela era inspirada de Deus, e disse ao abade que seu coração ainda não tinha tido tanta paz depois que havia perdido sua filha. Acrescentou: “Alegrei-me tanto com a graça do Senhor, como se tivesse reencontrado minha filha.” Ele partiu, assim, recomendando-se ao abade e às orações dos irmãos. Mas ele não hesitou a vir ver o santo homem, e não tinha felicidade maior do que a de falar com ele. “As coisas ficaram assim durante muito tempo. Aquela mulher (que se dizia Irmã Eméria) já havia passado trinta e oito anos naquela alcova quando Deus quis chamá-la até ele. Ela, então, ficou doente. Seu excelente pai entristecido, veio à abadia e viu que Eméria morria. Ele começou a lamentar-se: “Que pena! que são das suas palavras doces e da promessa que havíeis feito de rever minha filha,” Mas, Eméria morreu na paz do Senhor e seu pai não estava perto dela no momento de sua morte. O santo homem segura na sua mão algo escrito que ninguém conseguia tirar-lhe, foi inútil que o abade e todos os monges tentassem. Nesse entretanto, seu pai chegou, chorando e se lamentando da perda daquele grande amigo que tinha sido toda sua consolação. Aproximou-se do corpo para abraçá-lo e então, diante de todos, a mão se abriu para dar-lhe o escrito. Panuzio o pegou e tomou conhecimento que ela era sua filha e que pedia-

lhe que nenhum outro poderia colocar sua veste mortuária. Todos ficaram encantados – Panúcio, o abade e a assembléia de irmãos - e louvaram sua santa constância e sua resolução. O pai redobrou as lágrimas, emocionado e reconfortado por aquela vida santa. Ele vendeu tudo que ele tinha e tornou monge da abadia onde terminou ses dias.

“Falei-te de numerosas virgens. Gostaria então agora de evocar outras mulheres cuja vida foi muito edificante e que foram, elas também, gloriosíssimas mártires.

XIV. SOBRE A SANTA MULHER ANASTÁCIA.

“No mesmo tempo das grandes persecuções do imperador Dioclécio, vivia em Roma uma nobríssima dama chamada Anastácia. Era uma das mais ricas e mais ilustres mulheres da cidade. Os suplícios que ela via infligir todos os dias aos bem-aventurados mártires cristãos a tocaram profundamente; cada dia, acompanhadas de uma simples serva, ela ia visitá-los em sua prisão para reconfortá-los. Ela lavava e fazia curativo em suas feridas, aplicando preciosos unguentos. Ela acabou sendo denunciada a Publius, patrício romano que a queria como sua mulher, ele ficou muito irritado e montou guarda diante de sua casa para impedí-la de sair. Entre os outros mártires prisioneiros encontrava-se então santo Crisogono; era um homem de grande virtude que havia sofrido numerosas torturas, e a santa mulher Anastácia o havia reconfortado com suas visitas e seus socorros. Foi assim que ele enviou secretamente, pelo intermédio de uma boa cristã, várias cartas nas quais ele a exortava a ter coragem. Anastácia respondeu-lhe pela mesma mensageira. Deus quis que o homem que a apertava tanto morresse. Então ela vendeu tudo o que ela tinha, empregou todo o dinheiro para socorrer os mártires que ela reconfortava com suas visitas. Esta nobre mulher se acompanhava de numerosas mulheres e moças cristãs. Havia entre elas três virgens, irmãs de nobre linhagem, que eram as seguintes devotas ;uma se chamava Agápia, a outra Queonia e a terceira Irene.

O imperador veio a saber que aquelas três nobres irmãs eram cristãs. Ele fez-lhes vir e prometeu-lhes riquezas e um feliz casamento, se elas aceitassem renunciar a Jesus Cristo. Como não fizeram nenhum caso de suas proposita, ele mandou chicoteá-las e jogar em uma obscura cela. Sua santa amiga Anastácia rendeu-se perto delas e ficou ao lado delas noite e dia. Ela pedia a Deus para conservá-la em vida enquanto suas riquezas durassem, a fim de envolvê-la integralmente naquela obra devota. Mas, o imperador ordenou a seu prefeito Dulcitus de forçar pela tortura todos os cristãos que estavam em prisão a adorar os ídolos. Aquele prefeito os fez todos comparecerem diante dele. Entre eles se encontravam as três bem-aventuradas. Vendo-as tão belas, aquele malvado prefeito encheu-se de desejo. Ele tentou secretamente de seduzi-las por suas belas palavras, prometendo-lhes livrá-las se elas se entregassem a ele. Como elas recusaram inteiramente, ele as confiou a um de seus empregados para trancá-las em sua residência. Ali, pensava ele, poderia tê-las, elas querendo ou não. Quando veio a noite, ficou sozinho e sem luz na casa onde ele havia mandado trazê-las. Ele escutou vozes das virgens, que todas as noites cantavam louvores ao Senhor, e quis ficar perto delas. Ele teve que passar pelo lugar onde guardavam-se todos os utensílios da cozinha. Ali, possuído pelo demônio e cego pelos desejos luxuriosos, ele começou a agarrar e cobrir de beijos os caldeirões e outros utensílios de cozinha, acreditando, como quis o Senhor, estar pegando as virgens. Ele se entregou assim a sua luxúria até seu esgotamento. No dia seguinte, ele juntou-se a seus empregados que o esperavam fora; ao verem-no, acreditaram ser uma aparição diabólica, de tão sujo que estava, coberto de gordura e de fumaça, e suas roupas rasgadas, como mulambos. Todos fugiram com medo. Vendo-os se afungentarem, Dulcitus ficou espantado de ser repulsado assim, pois ele não tinha consciência de seu estado. Como todos aqueles que o encontravam na rua, riam dele, ficou com vontade de ir diretamente ao imperador queixar-se que por onde ia, caçoavam

dele. Ele chegou no palácio, onde várias pessoas esperavam as audiências da manhã. Ali, a desordem foi extrema; vaiavam-no, batiam-lhe com pedaços de pau, rejeitavam-no em toda parte, gritando: “Fora, espécie de porco sujo! estás nos empestando!” Cuspia-no o rosto, e a multidão toda estava aos risos; nunca se teve notícias de um homem mais apavorado. Ele pensou que estava delirando, pois o diabo o tinha cegado ao ponto de não conseguir dar-se conta de seu estado. Coberto de opróbrio, voltou pra casa. Sua tarefa foi confiada a um outro juiz. Este fez comparecer diante dele as três virgens santas e quis forçá-las a adorar os ídolos. Como elas se recusavam, ele ordenou que colocassem-nas nuas e chicoteassem-nas; porém todos os esforços para despi-las permanecia se em vão, pois seus vestidos aderiam tão bem aos seus corpos que não puderam tirá-los. Foram assim jogadas em uma fogueira ardente, mas isso não as fez nenhum mal. Então pediram a Deus a permissão de serem chamadas até ele, e morreram na glória do Senhor; mas para mostrar que era de sua total vontade, o fogo não tocou em suas roupas, nem muito menos em seus cabelos. Quando a fogueira foi apagada, encontraram seus corpos intactos; elas tinham as mãos juntas e o rosto tão fresco como se dormissem. A bem-aventurada Anastácia encarregou-se de seus santos restos e os enterrou.

XV. A RESPEITO DA BEM-AVENTURADA TEODOTA.

“Anastácia tinha uma outra companheira chamada Teodota, mãe de três filhos. Como ela recusava casar-se com o conde Leucadius e que não queria sacrificar os ídolos, fizeram-na sofrer vários suplícios. Pensando obter mais facilmente sua submissão pelo amor materno, torturaram um de seus filhos diante dela, mas a força de sua fé ultrapassava os laços carnis; ela reconfortava seu filho dizendo: “Meu filho, não tema tais tormentos, pois eles te valerão a glória eterna” Enquanto aquela mulher estava

na prisão, um dos filhos do Demonho quis violentar sua pureza, mas, de repente, seu nariz começou a sangrar. Ele gritou, enquanto que um rapaz ao lado dela, havia dado um soco no nariz. Ela foi torturada novamente e acabou morrendo com seus três filhos. Eles renderam a Deus suas santas almas, glorificando o Senhor. Foi a gloriosa Anastácia que os enterrou.

“Essa bem-aventura Anastácia havia ajudado tanto aos mártires por suas visitas que ela mesma foi presa em uma prisão, não podendo mais reconfortar os santos de Deus. Ela estava privada de água e de alimentação, mas Deus não quis ver morrer de fome aquela que tanto reconfortou e alimentou seus bem-aventurados eleitos. Ele enviou-lhe então em uma nuvem de luz a alma de sua bem-aventurada companheira Teodota pôs a mesa diante dela e trouxe-lhe uma porção de pratos finos. Ela ficou com Anastácia durante os trinta dias em que esta esteve privada de alimento. Pensava-se que ela estaria morta de fome, mas a reencontraram bem viva; ela foi então levada diante do prefeito que estava louco de raiva. Como numerosas pessoas tinham se convertido, depois daquele milagre, ele a embarcou em um navio junto a vários criminosos que haviam sido condenados a morte. Quando estavam em alto mar os marinheiros cumpriram as ordens, abrindo uma fenda no casco e subiram em um outro barco. A bem-aventurada Teodota apareceu então aos condenados e os conduziu um dia e uma noite sobre o mar com tanta certeza como se estivessem sobre terra firme. Ela levou-os até a ilha de Palmária, onde numerosos bispos e santos homens tinham sido exilados. Foram acolhidos com alegria e glorificaram ao Senhor. Aqueles que foram salvos com Anastácia se converteram e foram batizados. O imperador ficou sabendo e mandou buscar todos; eram mais de trezentos - homens, mulheres e crianças - que ele fez morrer nos suplícios. Depois de ter brigado muito tempo com o imperador e sofrido muitos tormentos, a bem-aventurada Anastácia recebeu a coroa do martírio.”

XVI. A RESPEITO DA NOBRE E SANTA NATALI

Natali era a nobre esposa de Adriano, general do exército do imperador Maximiniano Hércules. Ele se converteu secretamente ao cristianismo, em um momento em que muitos cristãos eram supliciados. Ela soube que seu marido Adriano, por quem ela pedia sem cessa ao Senhor, tinha se convertido repentinamente ao assistir aos suplícios dos mártires, e que tinha glorificado o nome de Jesus Cristo. O imperador recebeu isso com uma cólera enorme, e o jogou em uma alcova bem estreita. A bem-aventurada mulher, alegrando-se com a conversão de seu marido, foi logo imediatamente reconfortá-lo na prisão, e pedir-lhe que fosse perseverante na fé que havia escolhido; ela beijou as correntes que ele carregava, chorando de alegria e ternura. Ela o exortava a não lamentar-se das alegrias terrenas, que só duram alguns instantes, mas guardar sempre presente no espírito a grande glória que o esperava. Esta santa mulher ficou durante muito tempo perto dele, consolando-o, ele e os outros mártires, e pedindo a Deus para que fosse recebido entre eles. Mas, ela recomendava particularmente aos outros mártires que encorajassem seu marido, já que ela temia que sua fé recente se desfizesse sob os rigores dos tormentos. Ela vinha vê-lo todos os dias e o exortava sem cessa à coragem com suas belas palavras. E quando o imperador proibiu a entrada das prisões às mulheres, em razão das visitas que elas faziam aos santos mártires, ela fantasiou-se de homem. Quando chegou o dia do último suplício de Adriano, ela estava lá, cuidando e beijando suas feridas ensanguentadas. Chorando de piedade, implorou que pedisse a Deus por ela. Assim morreu o bem-aventurado Adriano. Ela o enterrou muito devotamente, e como haviam-lhe cortado uma mão, ela a guardou muito preciosamente, envolvida como uma santa relíquia.

“Depois da morte de seu marido, quiseram forçar aquela santa mulher a se casar,

pois ela era de nobre linhagem, bela e rica; ela continuou suas orações, pedindo a Deus que concedesse tirá-la do poder daqueles que queriam forçá-la. Seu marido apareceu-lhe em um sonho para reconfortá-la e disse para ir a Constantinópolis enterrar os corpos de numerosos mártires que se encontravam por lá. Assim o fez. Ela estava a serviço de Deus há um certo tempo, rendendo visita aos santos mártires em suas prisões, quando seu marido apareceu-lhe uma segunda vez, dizendo-lhe: “Minha irmã, minha amiga, tu que és serva de Jesus-Cristo, venha ficar ao meu lado na glória eterna, pois Nosso - Senhor te chama. “Acordou -se e logo morreu.”

XVII. SOBRE A SANTA AFRA, PROSTITUTA QUE SE CONVERTEU A DEUS.

“Afra era uma prostituta convertida à fé de Jesus-Cristo. Ela foi acusada por um juiz que disse-lhe: “A desonra de teu corpo nao te é suficiente! Ainda tens, herege, que pecar adorando a um deus estrangeiro! Sacrifique-se a nossos deuses, a fim que eles te perdoem.” Afra respondeu-lhe: “Sacrificarei a meu Deus, Jesus-Cristo, que desceu dos céus para salvar so pecadores. E seu Evangelho lembra que uma pecadora lavou-lhe os pés com suas lágrimas e recebeu o perdão. Ele nunca desprezou as prostitutas, nem os infames censores, e ele aceitava os pecadores na sua mesa.” O juiz disse-lhe: “Se não sacrificares ao nossos deuses, teus clientes não virão mais e não receberás mais o dinheiro deles.” Ela respondeu-lhe então:

“Nunca mais receberei dons desonrados, e aqueles que recebi desonestamente, pedi que os pobres aceitassem e que pedissem por mim.” Como ela recusava ser sacrificada aos deuses, o juiz condenou Afra a ser queimada viva. Quando ela foi jogada às chamas dizia ainda: “Senhor Jesus, conceda receber-me, pobre pecadora, sacrificada em teu santo nome; tu que te oferecetes em um único sacrifício por toda a espécie humana; tu, justo, que foi colocado na cruz pelos injustos; bom, para os malvados;

santo, para os condenados; doce, para os amargos; puro e sem mancha, para os pecadores! Ofereço-te o sacrifício de meu corpo a ti que vive e reina com o Pai e o Santo-Espírito por séculos eternos.” Assim morreu a bem-aventurada Afra, em favor de quem Deus concebeu numerosos milagres depois de sua morte.”

XVIII. JUSTIÇA EVOCA VÁRIAS MULHERES NOBRES QUE SERVIRAM E HOSPEDARAM OS APÓSTOLOS OU OUTROS SANTOS.

Que devo dizer-te mais, bela amiga Cristina? Poderei contar-te, sem cessar, ainda muitos outros exemplos semelhantes. Mas, como disseste agora há pouco que estavas tão surpreendida com o fato de muitos autores condenarem as mulheres com tanto rigor, posso afirmar-te que apesar disso que lestes dos autores pagãos, acredito que encontrarás poucos ataques contra as mulheres nas lendas santas e nas histórias de Jesus-Cristo e de seus apóstolos, e mesmo naquelas de outros santos, como podes ver. Assim poderás encontrar a maravilhosa constância e virtude que a graça de Deus acordou às mulheres. Oh! que grandes benefícios, que caridade exemplar que desempenhavam com cuidado e solícitude aos servos de Deus. Tanta hospitalidade e outros serviços, isso não pesa na balança? E se alguns homens loucos quiseram acusá-las de volúveis, ninguém poderá negar que, de acordo com nossa fé, tais obras representam as escadas que conduzem ao céu. Pode-se citar o exemplo de Drusiana, uma santa viúva que hospedou São João Evangelista, o serviu e cuidou de suas refeições. Aconteceu que o dito São João voltou de seu exílio, recebido com alegria por todos os habitantes da cidade, no momento em que enterravam Drusiana, pois ela havia morrido de saudade, de tanto esperá-lo. Os vizinhos disseram-lhe: “João, eis aqui Drusiana, tua boa hospedeira; que morreu de saudade, com tua ausência. Ela não te servirá mais”. Então São João lhe disse “Drusiana, levanta-te, vá pra casa e prepare minha refeição.” E ela ressucitou.

“*Item*, uma virtuosa e nobre mulher da cidade de Limoges, chamada Suzana, foi a primeira a hospedar santo Martial, que havia sido enviado por São Pedro para converter o país. E essa mulher fez muito bem.

“*Item*, a excelente Maximila arriscou sua vida para tirar santo André da cruz e o enterrar.

“*Item*, a santa virgem Eugênia seguiu São Mateus Evangelista e o serviu. Na sua morte, ela mandou construir uma igreja e dedicou a ele.

“*Item*, uma outra excelente mulher que sentiu uma amizade tão santa por São Paulo que o seguia para todos os lugares, com um zelo incomparável.

“*Item*, no tempo dos apóstolos, havia uma nobre rainha, chamada Helena - não era a mãe de Constantino, mas uma outra Helena, rainha de Adiabene -, que chegou a Jerusalem, onde havia uma tamanha escassez de alimentos por causa da carestia. Mesmo ela tendo vindo à cidade pregar e converter o povo, quando soube que os santos de Nosso Senhor estavam morrendo de fome, mandou comprar uma quantidade de comida suficiente para todo o período de fome.

“*Item*, quando por ordem de Nero, levaram São Paulo para ser decapitado, uma excelente mulher chamada Plautilha veio ao seu encontro, chorando com lágrimas quentes; era ela quem custumeiramente cuidava dele. São Paulo pediu-lhe o véu que ela usava na cabeça e ela deu-lhe. Então os malvados que encontravam-se ali, riam-se dela, dizendo que tinha sido uma grande perda, pois o véu era muito bonito. São Paulo serviu-se para tapar os olhos. Depois da sua morte, os anjos devolveram a Plautilha, todo maculado de sangue. Ela o conservou como uma preciosa relíqua. São Paulo apareceu-lhe e disse-lhe que em recompensa do que ela havia procurado na terra, ele pederia por ela no céu. Poderei contar-te um grande numero de casos semelhantes.

“Basilice foi uma mulher nobre e muito caridosa. Era a esposa de São Júlio, e todos

os dois acordaram-se, na noite mesmo de suas núpcias, em entregarem-se à castidade. Não dá para imaginar a santa vida dessa virgem, nem o número de mulheres e de virgens que foram salvas e levadas à virtude graças aos seus santos conselhos. Breve, sua caridade foi tal que Nosso-Senhor acordou-lhe a graça notável de falar-lhe na hora de sua morte.

Não sei mais o que dizer-te, Cristina. Poderei citar-te um número infinito de mulheres de diversas condições: virgens, viúvas ou casadas, em que a potência divina manifestou-se por uma força, uma constância extraordinárias. Mas, que isso seja suficiente para ti, pois parece-me que cumpri corretamente minha tarefa de dar o acabamento na parte superior de tua Cidade, e a povoando com mulheres excelentes, como te havia prometido. As últimas servirão então de portas e grades para a nossa Cidade. E mesmo se não cito -pois seria muito difícil de fazê-lo- todas as santas que existiram, que existem e que existirão, todas poderão encontrar um lugar nesta Cidade das Damas, sobre a qual poderia se dizer: “*Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei*”¹⁵⁵! Eis então tua Cidade perfeita, fortificada e bem segura como te havia prometido. Agora te digo adeus, que a paz do Senhor esteja constantemente contigo!

XIX. FIM DO LIVRO. CRISTINA FALA ÀS DAMAS.

Que Deus seja louvado, minhas veneráveis Damas! Pois, nossa cidade está aqui construída e perfeita, na qual, com grande honra, todas vocês, que amam a glória, a virtude e a notoriedade, poderão hospedar-se; pois ela foi fundada e construída para todas as mulheres honradas - as do passado, do presente e as do futuro. Minhas caríssimas damas, é natural que o coração humano se alegre quando ele sai vitorioso de alguma agressão e que tenha conseguido confundir seus inimigos. A partir de agora,

¹⁵⁵ Referência à obra *Cidade de Deus* de Santo Agostinho.

minhas damas, terai do que se alegrar, de modo honesto, sem ofender Deus, ao ver terminada essa Cidade que poderá ser, se a conservardes bem, não só um refúgio para vós todas, senhoras de virtude, mas uma fortaleza para vos defender dos ataques de vossos inimigos. Podereis ver que o material de que ela foi feita é todo de virtude, e tão reluzente que todas vós podereis mirar-vos, sobretudo nos altos telhados do edifício, quer dizer, nessa última parte, assim como o que vos chama a atenção nas outras partes. Minhas caras damas, não fazeis mal uso dessa nova herança, como fazem aqueles arrogantes que se enchem de orgulho quando suas riquezas se multiplicam e prosperam. Mas, segui o exemplo de vossa Rainha, a Virgem soberana, que quando soube da suprema honra que iria ter ao tornar-se a Mãe do filho de Deus, tornou-se ainda mais humilde, se auto-proclamando serva do Senhor. Assim, minhas damas, como é verdadeiro de que mais as pessoas abundam em virtude, mais elas são humildes e dóceis, que esta Cidade vos incentive a viver honradamente na virtude e na modestia.

E vós, senhoras casadas, não indignai-vos de serem assim submissas, pois nem sempre é do interesse das pessoas serem livres. É o que testemunha o que disse o anjo de Deus a Esdras: que aqueles que abusaram de seu livre arbítrio, caíram em pecado, desprezaram Nosso Senhor e desrespeitaram os justos, levando-os à destruição. Que aquelas que tiverem maridos calmos, bons e sábios, e que as amem de verdade, agradeçam ao Senhor de tal benefício, que não é pequeno, mas o maior bem que elas poderiam receber nesta terra; que estejam pronto a servi-los, amá-los e cuidar deles, com toda lealdade nos corações, como devem, vivendo em paz e pedindo a Deus que os proteja. E as que tiverem maridos nem bons, nem maus, mesmo assim devem louvar a Deus de não terem tido dos piores, e fazerem todo esforço possível para amenizar suas perversidades e viverem em paz, de acordo com suas condições. E aquelas que tiveram maridos perversos, traidores, e malvados devem fazer todo o possível para suportá-los,

tirá-los de sua felonía, conduzí-los, se conseguirem, a uma vida razoável e tranqüila. E, se apesar de todos seus esforços, o marido se obstinar no mal, sua alma será recompensada por essa corajosa paciência, e todos a louvarão e tomarão sua defesa.

“Assim, minhas Damas, sejais humildes e pacientes, e a graça de Deus crescerá em vós, e sereis louvadas nos reinos dos céus, pois como disse Santo Gregório, a paciência é a porta de entrada do Paraíso e o caminho que leva a Jesus-Cristo. Que nenhuma de vós, deixai-vos impressionar com opiniões frívoles e sem fundamento- na inveja, na teimosia, em uma linguagem soberba ou em atos ultrajantes -. Pois, são coisas que perturbam os espíritos e fazem perder a razão, e maneiras particularmente inconveniente e inadequada em uma senhora.

“E entre vós, jovens virgens, sede puras, simples e discretas. Tomai cuidado, pois os malvados já estenderam suas redes. Que vossos olhos fiquem baixos, e poucas palavras em vossas bocas; que o pudor inspire todos vossos atos. Armai-vos de virtude e de coragem contra todas as armadilhas dos sedutores e fugi de suas companhias.

“E, vós, viúvas, que vossas roupas, vossa maneira de vos comportar e vossas palavras sede honestas. Sede devotas em vossos atos como em vossos costumes. Moderai vossas necessidades, armai-vos de paciência, precisareis disso! Sede fortes e resolvidas face às tribulações e às dificuldades materiais. Permanecei humildes de caráter, de aspecto e de palavras, e caridosas em vossos atos.

Enfim, todas vós, senhoras, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas essas calúnias são mentiras. Assim, poderei dizer com o Psalmista: “A culpa dos maus cairá sobre suas cabeças! Tende

repulsa aos hipócritas bajuladores que procuram tomar-vos com seus discursos envolventes e por todas as armadilhas inimagináveis vosso bem mais precioso, quer dizer vossa honra e a excelência de vossa reputação! Oh! Fugi, senhoras, fugi da louca paixão que eles exaltam a vosso lado! Fugi dela! Pelo amor de Deus, fugi! Nada de bom pode acontecer; pelo contrário, tende certeza de que mesmo se a brincadeira parece divertida, sempre se voltará a vosso prejuízo. Não vos deixei persuadir-vos do contrário, pois é mera verdade. Lembrai-vos, caras amigas, como esses homens acusam-vos de fragilidade, de leviandade e de inconstância, o que não os impede de utilizar as armadilhas mais sofisticadas e se esforçarem, com mil maneiras para seduzir-vos, a pegar-vos como fazem com tantos bichos em suas redes! Fugi, senhoras, fugi! Evitai essas amizades, pois sob o riso pode se esconder o veneno mais amargo, e que levam a morte. Dignai-vos, minhas venerabilíssimas damas, de procurar a virtude e fugir dos vícios, para que cresçam e multipliquem-se as habitantes de nossa Cidade. Quanto a mim, vossa serva, não me esquecei em vossas preces, a fim de que Deus conceda-me a graça de viver e de perseverar aqui na terra em seu santo serviço, e que na minha morte ele perdôe meus grandes pecados e me conceda a glória eterna. Que a sua graça esteja convosco. Amém.

AQUI TERMINA A TERCEIRA E ÚLTIMA PARTE DO LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS.

CONCLUSÃO

Durante esse percurso de buscas e encontros, de falas, conselhos, orientações, um discurso feminino foi-se tecendo através de vários fios que ora se entrelaçavam, ora se alinhavavam nessa atividade manual e intelectual de enredar a tapeçaria textual, peça confeccionada com ajuda das cinco damas apresentadas ao longo dos capítulos. Os ensinamentos dessas Dama Christine, Dama História, Dama Literatura, Dama Sofia e Dama Linguagem compuseram a primeira parte desse trabalho que acaba de se concretizar.

Depois de confeccionada a peça, coube a mim a elaboração de um bordado sobre o nosso labor. Resolvi então aproveitar os espaços entre as fibras para construir um ornato em alto-relevo: trata-se de uma representação da obra *La Cité des Dames*, oferecida na segunda parte do trabalho. Nessa parte, pôde-se observar que através dessa obra, Christine de Pizan busca representar a apreensão da realidade como produto da imaginação, uma *res ficta* (“coisa imaginada”) onde, pelo intermediário de seu discurso, a escritora medieval transporta seus sonhos - e por extensão, os ideais de todo um grupo social feminino-, de uma realidade concreta para uma realidade imaginária, assim como seu inverso : da ficção de uma cidade imaginária à possibilidade concreta de elaboração de uma obra literária de expressão feminina naqueles últimos anos da Idade Média. Tal fato me faz lembrar-as palavras de Mannheim (1956: 146):

Il arrive très souvent que l'utopie dominante prend naissance d'abord comme la chimère d'un individu unique et que c'est plus tard seulement qu'elle s'incorpore aux buts politiques d'un groupe plus étendu qui, à chaque stade successif, peut-être sociologiquement déterminé avec plus d'exactitude. En pareils cas, on a coutume de parler d'un précurseur et de son rôle comme pionnier et d'attribuer cet exploit de l'individu, sociologiquement, au groupe auquel il a transmis sa vision et aux intérêts duquel ses idées ont servi de moyen terme.

Nesse período de transição entre a Idade Média e o Renascimento, Christine foi destinada a ser a defensora das mulheres, a pioneira deste grupo de pensadoras da questão feminina, e mais ainda, grupo de interventoras do processo de conscientização da mulher. “*Il en va ainsi de bien des choses qu l’on accepte pendant longtemps mais que l’on finit, un jour, par discuter et réfuter.*”, explica dama Retidão a Christine, referindo-se aos séculos de silêncio das mulheres (*La Cité*, p.209)

E para conseguir romper com esse silêncio, foram necessários, de um lado, o afastamento de Christine do pensamento “*ad pessimum*”, constituindo a corrente fria, que favorece atitudes reacionárias, como o imaginário escatológico, dominante na Idade Média; e de um outro lado, seu distanciamento de um otimismo automático, não-utópico, que também pode engendrar a atitude de cegueira, de vendar os olhos na passividade e tolerância.

Para o otimismo utópico de Christine de Pizan, se nada já está perdido, nada também já está ganho. Essa atitude de indeterminação, que é todavia determinável pelo trabalho e a ação concretamente mediatizada, é denominada por Bloch de “*optimisme militant*”. A presença de um exclusivo universo feminino na idealização, construção e povoamento da cidade, a valorização das virtudes e traços característicos da mulher, a suspensão do fluir do tempo e do espaço único, reunindo mulheres guerreiras do passado, presente e futuro em um mesmo lugar, em suma, a presença de todos esses elementos imaginários nessa narrativa medieval funciona como crítica social, agressão ao *status quo*, negação dos valores misóginos da época e, sobretudo como a Utopia feminina do século XV. A utopia feminina de Christine de Pizan aproxima-se do que as feministas contemporâneas poderiam definir como uma literatura denunciando a alienação, o silêncio das mulheres no mundo patriarcal. Não é desconsiderável, portanto, a proposta de A. Bammer, de destronar o texto de Thomas Moore, a *Utopia*

(originador do termo e de um gênero literário), e substituí-lo pelo *Livre de la Cité des Dames*, como sendo o primeiro texto na história do pensamento utópico, uma vez que ele rompe com a tradição tanto pelo conteúdo, quanto pela sua forma¹⁵⁶.

No entanto, tomando-se outro caminho, pode-se pensar, ao invés de um destronamento da obra de Moore, em um espaço para outra modalidade utópica, considerando *La Cité des Dames* como o resgate da memória feminina. Nesse caso, não seria necessária a destituição da soberania da *Utopia*, de Thomas Moore, pois, a obra de Christine de Pizan, elaborada mais de um século antes, faria parte de outro viés do pensamento utópico, através da introdução de um elemento novo à modalidade: a questão de gênero. Elemento não levantado na obra germinante do modelo utópico, a *República* de Platão, nem nas propostas posteriores a partir de Thomas Moore, e elemento de gênero, discutido na *Cité des Dames* é inovador e a ele deve-se o maior mérito da escritora. Como afirma Iguary, « *parler n'est jamais neutre* »: uma utopia feminina não poderia ser a mesma da utopia elaborada dentro de um projeto androcêntrico.

A busca por esse tornar-se público, essa difusão da obra de Christine de Pizan através da tradução da *Cité des Dames*, se faz como um desejo de partilha dessa primeira história das mulheres, e primeira obra feminina construída a partir da modalidade literária da utopia, mas que ultrapassa o campo literário e insere-se na realidade, na medida em que sua obra utópica em defender e valorizar as mulheres foi concretizada pelo testemunho material dos seus manuscritos. Christine alcança, assim, seis séculos após a realização da sua obra prima, mais um triunfo, a sua nona tradução.

¹⁵⁶ “Its [*Le Livre de la Cité des Dames*] break with and challenge to prevailing ways of thinking about women, history, and the myriad possibilities of both, are an exemplary instance of [...] a thinking aimed at effecting change within the world of extra-tetual reality by breaking with tradition within the space of the text” (BAMMER, A ngelika. *Feminism and Utopianism in the 1970s*. New York, London: Routledge, 1991. Apud: BOURGET, Carine. “L’Islam dans Loin de Médine d’Assia Djebar” In: CAUVILLE, J., ZUPANCIC, M. (dirs.) *Réécriture des mythes: l’utopie au féminin*. Amsterdam-Atlanta, GA: Rodopi, 1997. p.85.)

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BIOGRAFIA DE CHRISTINE DE PIZAN

PINET, Marie-Josèphe. *Christine de Pisan 1364-1430: étude biographique et littéraire*. Paris: Champion, 1927, réimp. Genève: Slatkine, 1974.

WILLARD, CHARITY Cannon. *Christine de Pizan: Her life and works*. New York: Persea, 1984.

EDIÇÕES E TRADUÇÕES DE OBRAS DE CHRISTINE DE PIZAN

CRUZEIRO, Maria Manuela (ed.). *O Espelho de Cristina*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987. [Tradução portuguesa do *Livre des trois vertus*]

PIZAN, Christine de. *La Cité des Dames*. Texte traduit et présenté par Thérèse Moreau et Eric Hicks. 4^a.ed. Paris: Stock, 2000.

_____. *Le Livre de la Mutation de Fortune*. 4 vol. Ed. Suzanne Solente. Paris: Picard, 1959-1966. Tome I.

_____. *La ciutat de les dames*. Introduccio i traduccio de Mercé Otero i Vidal. Barcelona: Edicions de l'Eixample, 1990.

_____. *Le livre de l'advison Christine*. Edition critique par Christine Reno et Liliane Dulac. Paris: Honoré Champion, 2001

_____. *Le livre du corps de Police*. Éd. Robert H. Lucas. Genève : Droz, 1967.

_____. *Le livre des trois vertus*. Édition et notes par Charity Cannon Willard. Texte éabli en collaboration avec Eric Hicks. Paris : Honoré Champion, 1989.

_____. *Sur le chemin de longue étude*. Traduction, présentation et notes par Andrea Tarnourski. Paris : LGF, 2000.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

CARAFFI, P.(éd.). *Christine de Pizan :Una città per sé*. Roma : Carocci editore, 2003.

CLARK-EVANS, Ch. "Christine de Pizan's feminist strategies: the defense of the african and asian ladies in tha 'Book of the city of the ladies". In: *Une femme de lettres au Moyen Âge: études autour de Christine de Pizan*. Orléans: Paradigme: 1995. p. 177-193.

DESMOND, Marilyn(ed.) *Christine de Pizan and the categories of difference*. Minnepolis/London : University of Minnesote Press, 1998.

DE RENTIIS, D., ZIMMERMANN, M. (éd.) *The city of scholars. New approaches to Christine de Pizan*. New York : De Gruyter, 1994.

HIKS, Éric (org.) *Au Champs Des Escriptions - Actes Du 3e Colloque International De La Societe Des Amis De Christine De Pizan*. Paris: Champion, 2000

KENNEDY, A., STEEL, J. "L'esprit et l'épée ou la résistance au féminin": Christine de Pizan, Jeanne D'Arc et Edith Thomas. In: *Une femme de lettres au Moyen Âge: Études autour de Christine de Pizan*. Orléans: Paradigme: 1995, p. 495-508.

KENNEDY, Anjus J, BROWN-GRANT, Rosalind.(ed.). *Contexts and continuities: proceedings of the IVth International Colloquium on Christine de Pizan* (Glasgow 21-27 July 2000), published in honour of Liliane Dulac. Glasgow : University of Glasgow Press, 2002

McLEOD, Glenda K., *The reception of Christine de Pizan from the Fifteenth through the Nineteenth centuries*. N.Y.: Edwin Mellen Press, 1991.

MOREAU, Thérèse. « Promenade en Féminie : Christine de Pizan, un imaginaire au féminin. » In : *Nouvelles questions féministes. Féminisme et littérature*, vol.22 n°2, 2003, p.14-27.

PAGOT, Simone. "Du bon usage de la compilation et du discours didactique: analyse du thème "guerre et paix" chez Christine de Pizan". *Revue de Lettres Romane*. Montpellier, 1985.

RIBEMONT, Bernard. (org.) *Sur le chemin de longue étude*. Actes du colloque d'Orléans- juillet 1995; Paris: Champion, 1998

RIGAUD, Rose. *Les idées féministes de Christine de Pisan*, thèse Neuchâtel, 1911.

ZIMMERMANN, Margarete. « Christine de Pizan et les féminismes autours de 1900 »In.: RIBEMONT, Bernard. (org.) *Sur le chemin de longue étude*. Actes du colloque d'Orléans- juillet 1995 ; Paris : Campion, 1998, p. 183-204.

BIBLIOGRAFIA SOBRE GÊNERO

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRANDÃO, Junito de S. *Helena: o eterno feminino*. RJ: Vozes, 1989.

CAUVILLE, Joëlle, ZUPANCIC, Metka. (dirs.) *Réécriture des mythes : l'utopie au féminin*. Amsterdam-Atlanda, GA : Rodopi, 1997.

CIXOUS, Hélène. *le Rire de la méduse, Simone de Beauvoir et la lutte des femmes*, *L'Arc* 61, p. 39-54.

DECAUX, Alain. *Histoire des françaises; le combat*. Paris : Perrin, 1998.

DIDIER, Béatrice. *L'écriture-femme*. 3ed. Paris: Puf, 1999.

DULAC, L. RIBÉMONT, B. *Une femme de lettres au Moyen Âge: études autour de Christine de Pizan*. Orléans: Paradigme: 1995.

GARCIA, Irma, *Promenade femmilière: recherches sur l'écriture féminine*. Paris: Éditions des Femmes, 2 vol., 1981.

HAYSUKOWSKI-AHMED, Maroussia, "le Dénoncé/énoncé de la langue au féminin ou le rapport de la femme au langage" in: *Féminité, subversion, écriture*, les Éditions du remue-ménage, 1983, p. 53-69.

HOUEBINE, Anne-Marie, "les Femmes dans la langue" In: *Femmes et institutions littéraires, Cahiers de Recherches S.T.D.*, Paris VII, 1984, p. 11-18.

IRIGARAY, Luce. *Parler n'est jamais neutre*. Paris: Éditions de Minuit, 1985.

IRIGARAY, Luce. *Ce sexe qui n'en est pas un*. Paris: Éditions de Minuit, 1977.

KLEIN-LATAUD, Christiane, "Le Nourricriture ou l'écriture d'Hélène Cixous, de Chantal Chawaf et d'Annie Leclerc". in *Féminité, subversion, écriture*, les Éditions du remue-ménage, 1983, p. 93-106.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*, Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LEMAIRE, Ria. "Repensando a história literária". In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

LÉON, Vicki. *Mulheres audaciosas da Idade Média*. Tradução de Marita Fornos de Magalhães. RJ: Rosa dos Tempos, 1998.

MAKWARD, Christine, *Corps écrit, corps vécu: de Chantal Chawaf et quelques autres*, in *Féminité, subversion, écriture*, les Éditions du remue-ménage, 1983, p. 127-137.

OBERTI, Alejandra. O labirinto da diversidade. *Folha Feminista*. N.o. 15. São Paulo : SOF, p.01-03, 2000.

PAUPERT, Anne. *Le Moyen Age et la femme: voix poétiques, utopiques et amoureuses*. Paris: Robert Laffont, coll. Bouquins, 2000.

PERNOUD, Régine. *La femme au temps des cathédrales*. Paris: Stock, 1980.

RACINE, Nicole, TREBITSCH, Michel.(dir.). *Intellectuelles: du genre en Histoire des intellectuels*. Bruxelles: Editions Complexe, 2004

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990 Apud. : HOLLANDA, Heloisa Buarque.(org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro : Rocco, 1994

WILWERTH, Evelyne, *Visages de la littérature féminine*. Bruxelles: Pierre Mardaga éditeur, 1987.

WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. London & New York: Harcourt, 1989.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ARIÈS, P. DUBY, G.(dir.) *Histoire de la vie privée*. 2. De l'Europe féodale à la Renaissance. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento; o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo : Brasiliense, 1990.

_____. « A morte do autor ».In. : *O rumor da língua*. Lisboa : Edições 70, 1984, p.49.

_____. *Aula*. São Paulo : Cultrix, 1998.

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Lisboa : Edições 70, 1976.

BEC, Pierre. *Chants d'amour des femmes-troubadours*, Paris: Stock / Moyen Age, textes et traductions.

BOCCACCIO, Giovanni. *Contos do Decameron*. São Paulo: Scrinium, 1996.

BENJAMIN, Walter. "Le narrateur. Réflexions à propos de l'oeuvre de Nicolas Leskov". *Écrits français*. Introduction et notices de Jean-Maurice Mooyer. Paris: Gallimard, 1991. p 249-298.

BLETON-RUGET, Annie, PACAUT, Marcel, RUBELLIN, Michel. *Regards croisés sur l'oeuvre de Georges Duby: femmes et féodalité*. Lyon, France: Presses universitaires de Lyon, 2000.

BLOCH, Ernst. *Le Principe Espérance*. Tome I. Traduit de l'allemand par Françoise Wuilmrt. Paris: Gallimard, 1976. Titre original: *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1959.

BRUNEL, Pierre. *Dictionnaire des Mythes littéraires*. Paris : Éditions de Rocher, 1988.

Carmina Burana: canções de Beuern. Présentation de SPINA, introduction et traduction de Van WOENSEL. Sao Paulo: Ars Poetica, 1994.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1959.

Chanson des trouvères. ROSEMBERG, Samuel et al. (Org). Paris: Librairie Générale Française, 1995.

CÍCERO, Marco Túlio. Da República. Livro VI. Tradução de Amador Cisneiros. São Paulo: Editora Abril, 1973. (Coleção Os Pensadores).p.185-188

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2001

DARCOS, Xavier et al. *Le Moyen Âge et le XVIe siècle en littérature*. Paris: Hachette,1987.

DELEUZE, G., GUATARRI F. *Kafka; por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELUMEAU, Jean. “Os agentes do Sata: III. A mulher” In.: *Historia do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado, trad. Das notas Heloia Jahn. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1989, PP. 310 - 349.

DESHUSSES, P., karlson, L. & P. THORNANDER (Orgs). *Dix siècles de littérature française: du Moyen Age au XVIII siècle*. Paris: Bordas, 1984.

DESROCHE, Henri. « Humanismes et utopies » in : POIRER, Jean (dir.). *Histoire des mœurs* III. vol.1. Paris: Gallimard, 1991, p.78-128.

Dictionnaire des lettres françaises: le Moyen Âge. Édition revue et mise à jour par Michel Zink et Geneviève Hasenohr. Paris: Pochothèque, 1992.

Dicctionnaire de philosophie politique, sob a direção de Philippe Raynaud et Stéphane Rials. Paris: Presses Universitaires de France, 1996

DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DUBY, D. , PERROT, M (org.). *Histoire des femmes en Occident II. Le Moyen Âge*. Sous la direction de Christiane Klapisch-Zuber. Paris: Perrin, 2002..

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média; nascimento do Ocidente*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense,1994.

_____. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FREUD. S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da cultura: a Idade Média*. Tradução de Berta Mendes, Antonino de Sousa, Alberto Candeias e Fernando de Abranches Ferrão(dir.). Lisboa: Vega/estante editora, 1954.

HURBON, Laënnec. *Ernst Bloch: Utopie et Espérance*. Paris: Éditions du Cerf, 1974.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. de Jaime Bruma. São Paulo: Cultrix, 1994.

LE GOFF, Jacques(org.). *L'homme médiéval*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

_____. *História e memória*. 4.^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. 3.ed. Tradução de Maria Julia Goldewasser. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. “L’utopie médiévale: le pays de Cocagne”. In.: *Revue Européenne des Sciences Sociales*, 27, 1989 (Lumières, utopies, revolutions. Hommages à Bronislaw Baczko), pp. 271-286.

MAINGUENEAU, D. *Génèse du discours*. Bruxelles : Pierre Mandaga éditeur, 1984.

MAINGENEAU, Dominique. *Eléments de Linguistique pour le texte littéraire*. 3^o.éd. Paris: Dunod, 1993.

MANNHEIM, Karl. *Idéologie et Utopie*. Trad. Pauline Rollet. Paris: librairie Marcel Rivière et Cie, 1956

MÜNSTER, Arno. *Ernest Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

NUNES, José Joaquim. *Crestomatia arcaica*. 3^a ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1943.

_____. *Cantigas d’ amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Canto do livro brasileiro, 1973.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PICOT, Guillaume. *La poésie lyrique au Moyen Âge*. Paris: Larousse, 1965.

PIDAL, Ramón Menéndez. *Poesía juglaresca y juglares*. Argentina: Espasa- Calpe Argentina, 1942.

PLATON. *République*. Trad. R. Baccou. Paris: Flammarion, 1966.

POUND, Ezra. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultix, 1973.

QUILLET, Jeannine. *D’une cité l’autre: problèmes de philosophie médiévale*. Paris: Honoré Champion éditeur, 2001.

RÉVUE DE LANGUES ROMANES, 92, 2, 1998.

ROUVILLOIS, F. *L'utopie*. Paris : Flammarion, 1998

SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca; estudo, antologia crítica, glossário*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Grifo; São Paulo: EDUSP, 1972.

VAN HAMELA, G (éd.). *Les Lamentations de Matheolus; textes français et latins des lamentations*. Paris: Émile Bouillon éditeur, 1892.

VAUCHEZ, André. *Les laïcs au Moyen Âge ; pratiques et expériences religieuses*. Paris : Éditions du Cerf, 1987.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*; trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.